



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA FERNANDA SERRANO SARTORI

**POR UM RESGATE DO ESPAÇO PÚBLICO: UM OLHAR PARA A PAISAGEM DA
REGIÃO CENTRAL DE BAURU/SP**

**BAURU
2021**

MARIA FERNANDA SERRANO SARTORI

**POR UM RESGATE DO ESPAÇO PÚBLICO: UM OLHAR PARA A PAISAGEM DA
REGIÃO CENTRAL DE BAURU/SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Norma Regina Truppel Constantino

BAURU
2021

Sartori, Maria Fernanda Serrano.

Por um resgate do espaço público: Um olhar para a paisagem da região central de Bauru/SP / Maria Fernanda Serrano Sartori, 2021.
200 f.

Orientadora: Norma Regina Truppel Constantino

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2021

1. Percepção Urbana. 2. Paisagem Urbana. 3. Espaço Público. 4. Região Central de Bauru. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARIA FERNANDA SERRANO SARTORI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 28 dias do mês de setembro do ano de 2021, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MARIA FERNANDA SERRANO SARTORI, intitulada **POR UM RESGATE DO ESPAÇO PÚBLICO: UM OLHAR PARA A PAISAGEM DA REGIÃO CENTRAL DE BAURU/SP**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof.ª Dr.ª NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo / FAAC/UNESP/Bauru, Prof.ª Dr.ª MARTA ENOKIBARA (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo / FAAC/UNESP/Bauru, Prof. Dr. EVANDRO ZIGGIATTI MONTEIRO (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade / FEC/UNICAMP. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Prof.ª Dr.ª NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Norma Regina Truppel Constantino, por ter me acolhido e auxiliado nessa etapa da minha formação, pela orientação sempre paciente e muito perspicaz, colaborando de forma empática e sensível, o que deixou o processo de desenvolvimento deste trabalho muito mais leve e prazeroso.

À professora Dra. Marta Enokibara e ao professor Dr. Evandro Ziggiatti Monteiro, por terem aceitado participar da minha banca de qualificação e por terem contribuído de forma imprescindível para o amadurecimento e finalização deste trabalho, com apontamentos muito inteligentes e pertinentes.

Aos docentes e apoio técnico do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Departamento de Arquitetura, Artes e Comunicação, sempre solícitos e comprometidos a oferecer a assistência necessária.

Aos funcionários da Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Bauru, pela ajuda na busca de mapas e cadernos dos Planos Diretores, e também aos funcionários do Jornal da Cidade de Bauru, que me acompanharam com paciência durante as muitas visitas feitas ao Acervo.

Aos que trouxeram esclarecimentos enriquecedores à essa pesquisa por meio de suas entrevistas: a professora Ms. Maria Helena Carvalho Rigitano, que disponibilizou seu tempo e experiência para trazer esclarecimentos e sua visão sobre a região central de Bauru; a Natasha Lamônica, arquiteta da prefeitura de Bauru, que trouxe contribuições esclarecedoras quanto a ações do poder público municipal em relação a área central; e o professor Dr. Nilson Ghirardello, atual secretário de planejamento de Bauru, que além de ter contribuído com suas aulas no programa de pós graduação, também ofereceu um panorama sobre planos futuros para o centro. Da mesma forma, gostaria de agradecer ao Fabio Biancardi por suas explicações sobre o mercado imobiliário de Bauru, as quais foram muito úteis para esse trabalho, e também à Cleide e ao Ismael Biancardi, sempre muito atenciosos comigo e com a minha pesquisa, contribuindo com depoimentos sobre o centro e com imagens presentes no trabalho.

Aos que gentilmente contribuíram com discursos para a metodologia do “Discurso do Sujeito Coletivo”, através de suas memórias e percepções e por confiarem nesta pesquisa.

Aos colegas que fizeram parte do programa de pós-graduação, em especial à Mariana, com quem compartilhei dúvidas e anseios de cada etapa do mestrado, além dos colegas do Grupo de Estudos da Paisagem, que forneceram análises muito ricas sobre os diversos textos estudados, colaborando muito com essa pesquisa.

À Juliana, Keithy, Raíssa, Clara e Mariel, que sempre me escutam e ajudam em tudo há tantos anos, sou muito sortuda por tê-las comigo! Também à Ana Carolina Trindade que foi essencial para minha reconexão com a vida acadêmica, me ajudando desde o meu primeiro artigo.

Aos meus pais, Sílvia e Enidécio, e minha à irmã Letícia, que nunca hesitam em me apoiar, são responsáveis por minha formação e comemoram cada conquista comigo. Ao Rodrigo, pelo amor, incentivo, ajudas no Excel e por deixar tudo mais leve. À minha avó Celina, que sempre torceu de forma muito sincera e amiga para que eu atingisse todos os meus objetivos, incluindo este trabalho.

Por fim, agradeço à Deus por todas as oportunidades maravilhosas que tenho e por cuidar de cada detalhe da minha vida.

RESUMO

A partir do reconhecimento das mudanças que as cidades em geral apresentam no decorrer da história, observam-se, através dessa constante transformação, alterações não só na paisagem urbana como na maneira que um lugar é percebido e utilizado por seus habitantes. Além disso, a valorização dos espaços de consumo e de habitação fechados e o uso menos frequente do espaço público também impactam diretamente a paisagem urbana. Por darem suporte à vida em comum, a falta de cuidado e uso das áreas públicas influenciam a dinâmica das cidades e a convivência entre os cidadãos, uma vez que também são os principais locais de reprodução da vida coletiva e social. Essa situação afeta a sensação de pertencimento e a memória coletiva da população, a qual deixa de estabelecer experiências sensoriais com o espaço público, dificultando sua conservação ou reproposição cultural. Pelo fato dessa realidade também ser observada em cidades de médio porte, o presente trabalho busca analisar os motivos e as dinâmicas urbanas que levaram a população do município de Bauru, interior de São Paulo, a vivenciar menos a região central da cidade, utilizando os seguintes procedimentos para o levantamento de informações: leituras bibliográficas, abrangendo temas conceituais e históricos, incluindo a mutabilidade das cidades e sua percepção pela população, assim como aprofundamento na questão da paisagem como forma de estudo de um lugar; entrevistas com técnicos da prefeitura; aplicação da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo para avaliação de opiniões da população sobre a região central; além de desenvolvimento de uma deriva pelo centro de Bauru, para descobertas de singularidades no espaço. Com a finalidade de encontrar maneiras de reaproximar os cidadãos e valorizar as áreas públicas e comuns do centro da cidade, os resultados são analisados criticamente, a fim de apontar formas de possibilitar a criação de experiências sensíveis de comprometimento e apreciação da cidade, além de embasar futuros planos e projetos urbanos.

Palavras-chave: Percepção urbana; Paisagem urbana; Espaço público; Região Central de Bauru-SP.

ABSTRACT

From the recognition of changes that cities in general and their regions present throughout history, through this constant transformation, alterations are observed not only in the urban landscape but also in the way that a place is perceived and used by its inhabitants. In addition, the appreciation of closed consumption and housing spaces and the less frequent use of public space also directly impact the urban landscape. As they support common life, the lack of care and use of public areas influences the dynamics of cities and the coexistence between citizens, since they are also the main places for the reproduction of collective and social life. This situation affects the feeling of belonging and the collective memory of the population, which no establish sensory experiences with the public space, hindering its conservation or cultural reposition. Because this reality is also observed in medium-sized cities, this present study seeks to understand the reasons and urban dynamics that led the population of Bauru, in the interior of São Paulo State, to experience less the central region of the city. The proposal is to use the following procedures for collecting information: bibliographic readings, covering conceptual and historical themes, including the mutability of cities and their perception by the population, as well as deepening the question of landscape as a way of studying a place, interviews with technicians from the city hall, application of the Collective Subject Discourse methodology to assess the population's opinions about the central region, in addition to the development of a drift through the center of Bauru, to discover singularities in space. In order to find ways to reconnect city dwellers and enhance the public and common areas of the city center, the results will be analyzed critically, in order to find ways to enable the creation of sensitive experiences of commitment and appreciation of the city, in addition to support future urban projects.

Keywords: Urban perception; Urban landscape; Public space; Central area of Bauru-SP.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Indicação do centro da cidade de Bauru	16
Figura 02 - Bauru, 1893 (a esquerda) e Bauru, 1910 (a direita)	48
Figura 03 – Algumas estruturas da ferrovia presentes até hoje em Bauru: Segunda Estação ferroviária (NOB) inaugurada em 1939	48
Figura 04 - Algumas estruturas da ferrovia presentes até hoje em Bauru: Vagões de trens sem uso.....	48
Figura 05 - Mapa região central de Bauru com principais pontos citados no texto.....	49
Figura 06 - Rua Primeiro de Agosto – Década de 1920.....	50
Figura 07 - Rua Primeiro de Agosto – Tradicional fábrica e loja de moveis “Domingos Biancardi” – Década de 1930.....	51
Figura 08 - Rua Batista de Carvalho entre as décadas de 1910 e 1920.....	52
Figura 09 - Rua Batista de Carvalho na década de 1950.....	52
Figura 10 - Inauguração do Bauru Shopping Center.....	54
Figura 11 - Reforma Rua Batista de Carvalho (1991).....	54
Figura 12 - Calçadão da Batista e seus arcos (2020).....	55
Figura 13 - Praça Rui Barbosa (1926).....	56
Figura 14 – Praça Rui Barbosa após a reforma.....	56
Figura 15 - Área central de Bauru com destaque para Rua Araújo Leite anos 20 e 2000.....	57
Figura 16 - Área central de Bauru com destaque para Rua Primeiro de Agosto décadas 50-80	58
Figura 17 - Área central de Bauru com destaque para Rua Batista de Carvalhos décadas 20-90	58
Figura 18 - Mapa de Bauru e legenda.....	60
Figura 19 - Rua Batista de Carvalho, retratando evento festivo nessa via nos anos 50, com a presença da população. Atualmente é uma rua pouco frequentada após o horário comercial.....	63
Figuras 20 e 21 - Cine Bauru e sua demolição.....	63
Figuras 22 e 23 - Cine Vila Rica e sua demolição.....	63
Figura 24 - Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade Bauru, setembro de 2000.....	70
Figura 25 - Anúncio nos Classificados do Jornal da Cidade Bauru, março de 2000.....	71
Figura 26 - Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de setembro de 2005	71
Figura 27 - Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de setembro de 2005.....	72

Figura 28 - Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de março de 2015.....	73
Figura 29 - Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de março de 2020	74
Figura 30 - Anúncios para venda de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade Bauru, setembro de 2020	75
Figura 31 - Edifício garagem presente na região central de Bauru	78
Figuras 32 e 33 - Imagem 3D do projeto vencedor do concurso para revitalização do calçadão da Rua Batista de Carvalho realizado em 2020	80
Figuras 34 e 35 - Imagem 3D do projeto vencedor do concurso para revitalização do calçadão da Rua Batista de Carvalho realizado em 2020	81
Figura 36 – Área de Estudo	84
Figura 37 - Derivas no centro da cidade de Bauru	88
Figura 38 - Fotografias decorrentes de visita a região central no dia 30/08/2020.....	89
Figura 39 - Fotografias decorrentes de visita a região central no dia 31/08/2020.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Variação de valores de aluguel de imóveis residenciais no centro da cidade de Bauru	67
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Variação de valores de aluguel de imóveis residenciais de 1 a 2 dormitórios no centro da cidade de Bauru	69
Gráfico 02 – Variação de valores de aluguel de imóveis residenciais de 3 a 4 dormitórios no centro da cidade de Bauru	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
FONTES DE PESQUISA.....	21
A METODOLOGIA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	25
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	27
CAPÍTULO 1 - UM OLHAR PAISAGÍSTICO PARA AS “CAMADAS” DA CIDADE: SUBSÍDIOS PARA A ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS	30
1.1. Temporalidade, memória e identidade como atribuidores de sentido às transformações urbanas	32
1.2. Um olhar paisagístico para as transformações urbanas	35
1.3. Ruptura no processo cultural de construção da paisagem	38
1.4. Transformações urbanas em regiões centrais	42
CAPÍTULO 2 – TRANSFORMAÇÕES NO CENTRO DA CIDADE DE BAURU	47
2.1. Aspectos históricos do centro da cidade de Bauru	47
2.2. Dinâmica Urbana de Bauru em relação à região central: Subsídios para análise.....	61
2.3. Transformações no mercado imobiliário do centro da cidade de Bauru	65
2.4. Atuação do poder público diante das transformações no centro da cidade de Bauru...75	75
CAPÍTULO 3 – A PERCEPÇÃO URBANA DO CENTRO DA CIDADE DE BAURU	83
3.1. O centro da cidade de Bauru através da experiência da Deriva	84
3.2. O centro da cidade de Bauru pelos olhos da população.....	91
3.2.1. A elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo	91
3.2.2. DSC – GRUPO A – Pessoas que nunca residiram no centro da cidade de Bauru.....	96
3.2.3. DSC – GRUPO B - pessoas que já residiram no centro da cidade de Bauru	

	14
mas não residem mais.....	100
3.2.4. DSC – GRUPO C – Atuais residentes do centro da cidade de Bauru.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICES.....	121

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é construído a partir da constatação das cidades como espaços inconclusos, fruto de incessantes processos de transformação urbana, podendo-se promover, dentre outras inúmeras possibilidades, a migração de determinadas funções entre diferentes áreas da cidade, a verticalização de edifícios, novos espaços para moradia e consumo (como shoppings centers, *open malls* e condomínios murados), além de espraiamento do tecido urbano, gerando paisagens fragmentadas e espaços vagos no território. Nesse sentido, Lynch (1997) confirma que não existe um resultado final para a cidade, mas somente uma contínua sucessão de fases.

No entanto, assim como a organização e as edificações de um espaço urbano se modificam, o sentido atribuído por aqueles que as vivenciam no decorrer da sua história também se altera. Segundo Jodelet (2002), essa análise do espaço construído acontece a partir de um filtro de ideias, crenças, valores e sentimentos, cujo caráter social está vinculado à sensação de pertencimento.

A relação do sujeito individual ou coletivo com seu espaço de vida passa por construções de sentido e de significado que se baseiam não somente na experiência direta [...], mas também no valor simbólico conferido ao ambiente construído pela cultura, pelas relações sociais, pelo jogo de poder [...]. (JODELET, 2002, p. 34)

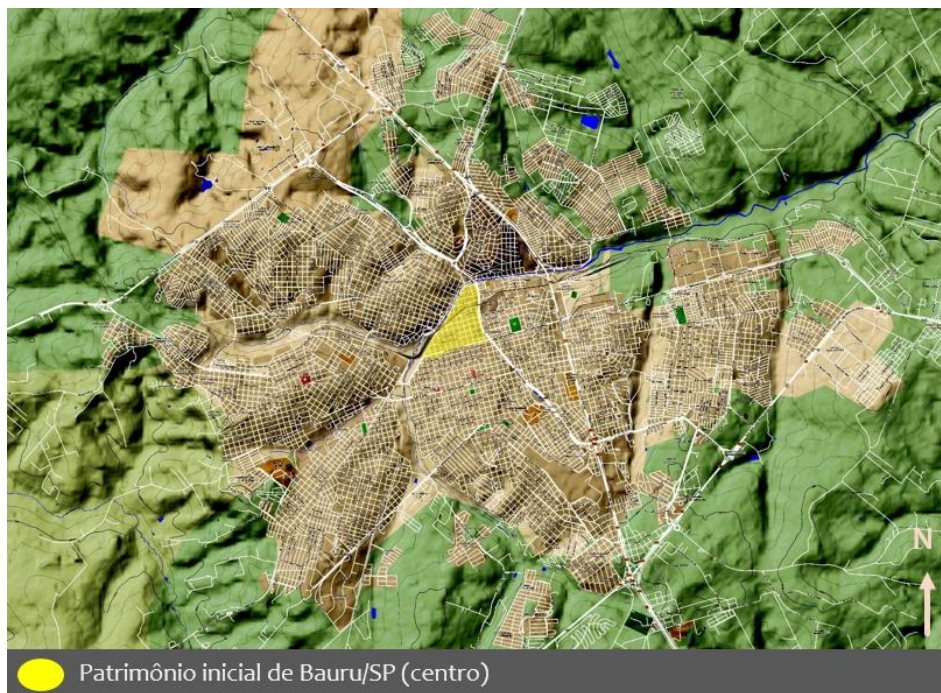
É sob essa ótica que se pode constatar que a forma como as alterações urbanas são percebidas por seus habitantes relaciona-se com o abandono ou valorização de certas áreas ou tipos de espaço. Logo, é também nesse contexto que se pode observar espaços públicos, que muitas vezes já foram importantes para uma cidade, em deterioração ou abandono.

Nessa perspectiva, diante da lógica das transformações das paisagens urbanas, Kaimoti (2009) aponta que as cidades médias passam por uma redefinição de suas estruturas internas em função das novas dinâmicas territoriais. Há uma reestruturação que decorre da constituição de novos centros e novas centralidades, acompanhando a lógica da produção e do consumo e da apropriação do espaço urbano (KAIMOTI, 2009, p.19). Assim, o município de Bauru, cidade de médio porte do Estado de São Paulo, com uma população estimada em 343.937 habitantes

segundo o censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE¹ e uma área de 673,49 km, foi escolhido como estudo de caso para o presente trabalho.

Mais especificamente, a região central bauruense, indicada na Figura 01, também núcleo inicial do município, e seus espaços cada vez menos vivenciados pela população após muitas transformações na dinâmica, evolução e organização da cidade representaram o gatilho para o início da pesquisa. Para Besse (2006) tal motivação pode ser interpretada como o ponto sensível do trabalho, aquele que incita ao sentido, o lugar da sensibilidade atingida (BESSE, 2006). O mesmo autor indica que para que se possa pensar, falar ou escrever sobre uma zona sensível, é preciso analisá-la.

Figura 01 – Indicação do centro da cidade de Bauru



Fonte: intervenção da autora sobre base gráfica do *Google Maps*, 2021.

Tal análise revela-se complexa pois envolve uma interação constante entre sedimentação histórica, práticas, tradições, entre natureza e espaço construído, elementos interdependentes na compreensão de um espaço em constante mutação como o das cidades. É nesse contexto que aparece a possibilidade de se estudar a área a partir de uma visão paisagística,

¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Portal IBGE Cidades. **Censo 2010**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru/panorama>>. Acesso em: 08/10/2018.

percebendo as transformações urbanas não como elementos fragmentados, mas aproximando os diversos aspectos - históricos, sociais, formais - presentes na sua conformação e transformação (ROSSI, 2016). Para Besse (2018), a paisagem traz a passagem do tempo pois carrega as marcas, traços, impressões de eventos, construções, decisões passadas, das quais transmite o legado. É construída pelo homem e compreende a reunião de objetos pertencentes a várias escalas de apreensão, objetos que tanto revelam os significados inerentes à vida cotidiana dos lugares (LEITE, 1998, p.3). Então, a paisagem é o que constitui as relações, é o espaço das metamorfoses e o meio vivo das composições instáveis das quais somos parte (BESSE, 2018).

No caso da pesquisa em pauta, o espaço de transformações a ser estudado - a região central de Bauru - revela a gênese do município a partir do café e do transporte sobre trilhos, uma vez que a cidade representou um importante entroncamento das ferrovias Noroeste, Sorocabana e Paulista no início do século XX.

As ferrovias, mais que tudo, trarão à cidade acessibilidade fácil, transformando a pequena urbe no maior entroncamento férreo do interior do país em apenas cinco anos, de 1905 a 1910. A acessibilidade do lugar, o fato de estar situada em região central do Estado e também ser entrada para nova e vasta zona em expansão, concederam à Bauru primazia em relação a outras cidades da região. Tais fatos, somados à condição natural do solo arenoso de baixa produtividade para as atividades agrícolas, conduziram a economia local com certa naturalidade ao comércio e serviços. (...), (GHIRARDELLO, 2020, p. 195)

Esse contexto representou desenvolvimento para o centro da cidade de Bauru, a qual foi uma região notória em todos os sentidos, por ser o local onde se concentravam as moradias, o comércio, a prestação de serviços, além de ter sido palco de confraternizações e espaços de lazer. Assim, no início do século 20, seria difícil imaginar o processo de decadência que entraria o transporte sobre os trilhos, motivado pela concessão privada da ferrovia, voltada apenas ao transporte de cargas em 1996. Além disso, o declínio das atividades e, conseqüentemente, da utilização dos centros tradicionais, associado a processos de dispersão urbana, acarretaram no surgimento de novas regiões residenciais, o que também colaborou para o deslocamento de equipamentos de comércio e serviços para outras partes da cidade.

As mais diversas transformações que se sucedem nas cidades e em suas regiões podem ser representadas como “camadas” da história de um local, representando as diversas fases e processos que culminam no resultado atual de uma urbe

A partir da difusão e do espraiamento do município através de outras regiões, é possível notar que tais fragmentos urbanos apresentam problemas de conexão com seu entorno e com os demais bairros da cidade. Esses fenômenos têm trazido à tona, por sua vez, o enfraquecimento do centro principal como local de aglutinação das atividades comuns e manifestações socioculturais da cidade como um todo. São provocados, assim, questionamentos, no sentido de se entender como essas grandes e frequentes alterações podem se aliar ao reconhecimento e à ressignificação desses espaços na cidade e de que forma influenciam na imagem do lugar, no seu uso e na interação entre as pessoas.

Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa é discutir o significado do centro da cidade para os moradores de Bauru, município de médio porte do interior de São Paulo, assim como a forma com que as transformações da região impactam a paisagem urbana e a percepção dos habitantes sobre a área.

Com isso, os objetivos específicos do trabalho são:

- Estudar dinâmicas que ocorreram no decorrer da evolução do município de Bauru e que tiveram impacto direto na região central e na sua realidade atual, assim como fazer levantamentos acerca de planos e projetos da administração pública para a área central;
- Dar voz à população e analisar a imagem do centro da cidade através dos discursos da população bauruense.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida basicamente em três etapas:

- 1) Aprofundamento histórico, conceitual e bibliográfico
- 2) Coleta e sistematização de dados
- 3) Análise crítica das informações obtidas.

A primeira etapa foi desenvolvida com o intuito de entender o processo histórico e de transformação urbana dos principais espaços públicos do centro da cidade de Bauru, com foco no desenvolvimento da área central como importante ponto de comércio, o qual sofre direto impacto das novas centralidades que surgiram no município, com destaque também para os novos espaços interiorizados comerciais e habitacionais. Também nessa etapa, buscou-se o aprofundamento dos diversos conceitos teóricos acerca da paisagem, a fim de se analisar as mudanças nas dinâmicas da cidade através de uma visão paisagística. Nesse contexto, foram importantes as leituras a respeito da memória, da temporalidade e da identidade, cujo entrelaçamento possibilitou as bases para a compreensão de um espaço pelas pessoas que o habitam e tem direto impacto no uso e na imagem da região em pauta.

Já a segunda etapa compreendeu a coleta de dados relativos à percepção urbana a respeito da região central bauruense através de três vertentes: a opinião da população bauruense, a experiência da autora após uma “deriva” na área e a opinião do poder público e de elaboradores de Planos Diretores do município.

Assim, nessa etapa, primeiramente houve o desenvolvimento do Discurso do Sujeito Coletivo com base em respostas de três grupos a perguntas relativas ao centro: pessoas que nunca residiram na região, pessoas que já residiram no local, mas não residem mais, além de atuais moradores da área. Posteriormente, ainda na segunda etapa, uma “deriva” foi realizada no centro de Bauru, com o intuito de encontrar novas camadas, estruturas e dinâmicas ocultas na paisagem, a fim de colaborar com uma forma de ressignificar a região, apontando formas de possibilitar a criação de experiências sensíveis de comprometimento e apreciação da cidade,

além de embasar futuros projetos urbanos. Além disso, nessa etapa ainda foram desenvolvidas entrevistas com técnicos da prefeitura para compreender de que forma a legislação e aspectos legais vieram a influenciar ou contribuir com a situação atual da área da cidade em pauta, além de buscar informações sobre os Planos Diretores da cidade e sobre projetos da administração municipal para a região central. Somado a isso, com foco no mercado imobiliário da região, foi desenvolvida uma entrevista com o proprietário de uma imobiliária em Bauru e um levantamento de dados foi realizado no arquivo do Jornal da Cidade de Bauru, a fim de verificar a oscilação nos valores dos imóveis da região central diante das inúmeras alterações que ocorreram na área nas décadas de 1990 a 2020. Assim, buscou-se valores para locação e venda de imóveis no centro da cidade, divulgados na sessão de Classificados do jornal, de 1989 até o ano de 2020.

Finalmente, na terceira etapa, foi realizada a sistematização e análise dos resultados, levando em consideração os conceitos teóricos estudados no processo, a legislação e a história do lugar. Utilizando-se desses procedimentos metodológicos, buscou-se contemplar e responder aos objetivos do trabalho.

Tomando como base as pesquisas conceituais e históricas, a análise dos resultados se deu a partir da comparação entre paisagens e agentes sociais em distintas épocas de Bauru, reconhecendo as diferenças em relação ao uso do centro da cidade pela população, considerando também a opinião dos habitantes.

Investigando os processos que levaram ao desuso do centro e as alterações paisagísticas em função dessa dinâmica, ao final dessa pesquisa espera-se que tais alterações sejam compreendidas, a fim de explicar a migração populacional da região central e a valorização de espaços fechados de consumo e de habitação localizados em regiões afastadas do centro, como na zona sul da cidade.

Além disso, o estudo busca agregar visões para o futuro da área e complementar pesquisas já realizadas sobre o tema. Deseja-se também discutir um conjunto de soluções eficientes para a questão da desvalorização dos espaços públicos da região central e aplicáveis a cidades de médio porte como Bauru, além de apontar maneiras de restabelecer a função do encontro e da

convivência no centro, para que memórias afetivas voltem a ser criadas e para que a população venha a ser interventora ativa da paisagem dessa região e, conseqüentemente, da cidade.

FONTES DE PESQUISA

Os processos históricos e evolutivos de uma urbe contribuem para o estado atual da mesma. No caso de Bauru, não há maneira de introduzir aspectos de sua evolução urbana sem fazer menção ao café e à expansão ferroviária. Le Goff (1990) comenta que se chegou a acreditar que os fatos históricos podiam ser considerados perdidos se não fossem registrados em documentos, guardados ou escritos. Assim, existe interesse no aprofundamento de leituras de fontes secundárias como livros, trabalhos acadêmicos e artigos relacionados ao nascimento e desenvolvimento da cidade, para que se entenda sua dinâmica e atores. Alguns autores que dão suporte a essa bibliografia histórica são: Ghirardello (1992 e 2020), Falcão e Rafacho (2006), Pelegrina e Zanlochi (1991), Landim (2004), Rossi (2016) e Matos (1974).

No tocante às fontes bibliográficas referentes ao objetivo principal do trabalho, pode-se dizer que o levantamento bibliográfico e a conseqüente leitura e aprofundamento em livros, dissertações e artigos referentes à história de Bauru a partir de autores citados acima é uma maneira importante de se levantar dados e compreender a dinâmica da cidade. No entanto, é inegável que em uma pesquisa histórica é necessária uma crítica documental dos textos, documentos e imagens analisadas, envolvendo o grau de confiabilidade de tais fontes, quem os produziu e o contexto em que foram desenvolvidos. Dessa forma, extrair o passado em sua completude a partir de um documento escrito pode ser uma tarefa delicada e apresentar lacunas.

Nesse sentido, precisa-se encontrar uma maneira de interpretar os textos lidos e o espaço transformado, no caso, a região central de Bauru. Assim, a paisagem como forma de análise aparece como um complemento no desenvolvimento do trabalho. Besse (2014) aparece como um autor imprescindível ao estudo, considerando a complexidade inevitável no estudo das paisagens ao propor cinco entradas possíveis para a abordagem das problemáticas paisagísticas: a paisagem poderia ser tratada como representação cultural, como território

produzido pelas sociedades ao longo da História, como um complexo sistêmico que articula elementos naturais e culturais, como espaço de experiências sensíveis e subjetivas, e como um contexto de projeto (BESSE, 2014). Percebe-se, então, que o estudo da paisagem é uma tarefa delicada, fruto de avaliações de aspectos físicos, culturais, econômicos e sociais, não estando ligado à história do município de forma exclusiva, uma vez que a dinâmica de Bauru é sujeita às mudanças, assim como sua relação não está atrelada ao passado apenas.

Dessa forma, ainda para responder ao objetivo principal do trabalho, haverá o levantamento de bibliografia teórica relacionada ao conceito da paisagem. Essa abordagem foi escolhida por pressupor que a região central de Bauru, estudo de caso dessa pesquisa, não será vista como objeto isolado, mas sim como parte de um contexto mais abrangente, como acontece em estudos paisagísticos, podendo se tornar uma diretriz para aprofundamento bibliográfico. Além disso, a partir de teóricos paisagísticos, visa-se criar uma “linha evolutiva” da paisagem da região de estudo e da dinâmica da cidade. Dessa forma, as fontes secundárias que servirão de base para a pesquisa contam com os conceitos paisagísticos abordados por Besse (2006, 2014 e 2018), Lynch (1997), Ingold (2000), Assunto (2011), Serrão (2011; 2013), entre outros, assim como artigos de Leite (1992 e 1998) e de Reker e Pastore (2013).

Somado a isso, uma fonte primária de levantamento de dados para atingir o objetivo principal será a aplicação do método do Discurso do Sujeito Coletivo, que consiste num conjunto de instrumentos destinados a recuperar e dar voz às Representações Sociais (RS), configurando um plano simbólico pelo qual a sociedade é constituída e permitindo a comunicação entre seus membros, conferindo-lhe coesão (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Um modo legítimo (não por certo o único) de conceber as representações sociais consiste em entendê-las como a expressão do que pensa ou acha determinada população sobre determinado tema. Esse pensar, por sua vez, pode se manifestar, dentre outros modos, através do conjunto de discursos verbais emitidos por pessoas dessa população. Essas pessoas são inquiridas individualmente sobre o tema, por pesquisadores que participam de projetos de pesquisa destinados, no todo ou em parte, a conhecer, de modo sistemático, essas representações. (LEFEVRE & LEFEVRE, p.30, 2005).

As perguntas relativas ao centro da cidade de Bauru deverão ser respondidas tanto por pessoas que moram na região central, quanto por quem já habitou a região, mas atualmente reside em

outra área, além de pessoas que nunca lá residiram. Através dos instrumentos de análise dessa metodologia, poderá se chegar a “Discursos Coletivos” de cada um desses grupos, possibilitando interpretações acerca do centro urbano. Nessa perspectiva, as perguntas procurarão abranger as seguintes questões: opinião sobre o centro da cidade, envolvendo qualidades e defeitos dessa região, motivo para ir ou não à área, facilidade/dificuldade de acesso, além das sensações causadas pelos espaços públicos do centro. Assim, essa fonte tem o intuito de entender a relação dos cidadãos com a região central da cidade, além de compreender questões ligadas à percepção urbana, à memória, identidade e sensação de pertencimento, que estão intimamente ligadas ao uso de um determinado lugar. O papel dos habitantes, então, se faz muito importante para uma análise mais clara da situação, o que pode ser evidenciado pelas palavras de Pesavento (2007):

Inspirados nas leis e nos preceitos das ciências, à luz das mais recentes teorias e conceitos aplicáveis ao fenômeno urbano, a exibir números, fatos e classificações, tais discursos têm sua contrapartida nos ditos ‘saberes populares’, fruto de crenças ancestrais e tradições, expressando outras maneiras de enxergar o espaço urbano, seus habitantes e suas práticas sociais. Nessa medida, o povo também identifica, julga, classifica e qualifica espaços, personagens e ações, vaticinando destinos e promovendo também, por seu lado, movimentos de aceitação e repulsa. (PESAVENTO, 2007, p.19)

Além disso, sob a ótica da percepção urbana, a caminhada, como forma de imersão na paisagem, apresenta-se como uma alternativa metodológica para a compreensão da cidade e de sua conexão com os cidadãos. Trata-se da “deriva”, prática proposta por Guy Debord, participante do movimento Internacional Situacionista (IS), que se baseia principalmente na observação e na experiência da cidade existente. Dessa forma, sem nenhum roteiro prévio, orientando-se pelas solicitações e encontros decorrentes do ato de caminhar sem rumo na região central, tal prática foi desenvolvida no local de estudo, a fim de se conseguir registros para reconhecer e expressar os comportamentos afetivos com a área, percebidos durante o processo, expondo-os através de mapas e fotos.

Assim, também fica explicitada a necessidade de suporte teórico através de fontes secundárias em relação à percepção urbana, cujos conceitos podem se relacionar com a paisagem como forma de estudo, uma vez que ajudam a analisar a situação atual da área estudada, além de

auxiliar na análise dos discursos da população. Alguns autores que constam na revisão bibliográfica são: Pallasmaa (2011), Tuan (1980), Jodelet (2002), Merleau-Ponty (1999), Del Rio (2002) e Careri (2014).

Da mesma forma, os conceitos ligados ao espaço público, outra palavra chave do trabalho, têm muito valor para a pesquisa por se tratarem dos espaços da região central que estão em pauta, sendo que a revisão bibliográfica se baseia em: Jacobs (1998), Leite (1998), Solà Morales (2002), entre outros. Como bibliografia complementar à percepção do espaço urbano em meio às transformações na cidade contemporânea, autores como Villaça (1998), Koolhaas (1995), Augé (2002), Guattari (1996), Simmel (1998) e Caldeira (2000) aparecem com análises que compõem um contexto onde uma série de transformações culturais podem ser percebidas também nos modos de organização e produção do território, na criação de novos mecanismos de segregação social e na forma como os indivíduos percebem e gerenciam o tempo e o espaço de maneira geral.

Já para alcançar os objetivos secundários, busca-se avaliar os planos e projetos da administração pública para a área central. Dessa forma, uma fonte direta de informações serão as entrevistas com técnicos da prefeitura para que seja compreendido de que forma a legislação e aspectos legais podem se relacionar ou contribuir com a situação atual da área da cidade em pauta. Nesse contexto, Pesavento (2007) considera que a oralidade implica outra forma de dizer a cidade, para além da palavra escrita. Assim, a entrevista será estruturada, a fim de se obter respostas mais claras para as questões da pesquisa além de buscar informações sobre os Planos Diretores da cidade e sobre projetos da administração municipal para a região central. As entrevistas com a arquiteta Maria Helena Rigitano, a qual trabalhou na prefeitura de Bauru e coordenou o desenvolvimento do Plano Diretor Participativo de 2008, Natasha Lamonica, arquiteta da prefeitura, e Nilson Ghirardello, atual Secretário de Planejamento de Bauru, trouxeram grande contribuição a pesquisa, expondo um panorama de intenções, passadas e atuais para a área.

Também para responder aos objetivos secundários do trabalho, foi realizado um estudo dos Planos Diretores, especificamente sobre aspectos da área central de Bauru, que foram e são

vigentes na cidade atualmente, sendo fontes primárias de informação. Por essa análise, existe a intenção de encontrar pistas sobre os agentes sociais que podem ter exercido influência na situação atual da cidade. Entre os agentes que fazem e refazem a cidade a partir de estratégias, encontram-se os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, os proprietários das grandes indústrias, os grupos sociais excluídos e o Estado (CORRÊA, 1995), justificando o estudo dos mesmos e sua atuação no espaço urbano.

A METODOLOGIA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Dar voz à população a fim de compreender a imagem do centro da cidade de Bauru é uma importante premissa do trabalho. Nesse sentido, a importância da oralidade como forma de dizer a cidade se justifica por representar uma história oral, recuperada através de depoimentos e relatos, retrazendo uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência (PESAVENTO, 2007). Além disso, “contar um lugar” através da fala também revela uma experiência e uma opinião através da captação de informações de um ambiente, que outras pessoas menos hábeis nas tarefas de percepção podem não ter notado ou levado em consideração, assim aquele que “conta a cidade”, dirige a atenção de seus ouvintes pelos mesmos caminhos que os dele (INGOLD, 2020).

Dessa forma, por dessa ótica, surge a possibilidade de se estudar um lugar a partir de um conjunto de discursos sobre um dado tema e, assim, o Discurso do Sujeito Coletivo aparece como forma de analisar a oralidade que também representa a visão dos habitantes sobre um determinado lugar, visando dar luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005). Pode-se dizer que “o Discurso do Sujeito Coletivo é, em suma, uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade *falar* diretamente” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005, p.16).

[...] a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, busca justamente dar conta da discursividade, característica própria e indissociável do pensamento coletivo, buscando preservá-lo em todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração das perguntas, passando pela coleta e pelo processamento dos dados até culminar com a apresentação dos resultados. (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005, p.11).

Para Amaro (2017, p.30) “o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um novo método desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) para as pesquisas de atribuição de sentido que tenham como material de base depoimentos ou outros suportes de material verbal”. Assim, possibilita-se a análise de depoimentos com profundidade (qualitativo), chegando-se a resultados generalizáveis, mas também com profundidade (quantitativos) (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012), “não separando as duas metodologias, mas unindo-as em uma metodologia qualiquantitativa que expressa dimensões distintas de um mesmo fenômeno estudado” (AMARO, 2017, p.30).

Além disso, para sugerir uma pessoa coletiva falando como se fosse um sujeito individual de discurso e representando uma técnica de processamento de dados para obter um pensamento coletivo, emprega-se a primeira pessoa do singular, a “fala direta”, a “primeira pessoa coletiva do singular”, a fim de expressar o pensamento das representações sociais, que são o social vivido individualmente, o que resulta na fala direta do pensamento coletivo (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O primeiro capítulo tem como objetivo fornecer algumas bases teóricas para as transformações urbanas, que impactam diretamente a paisagem e a percepção de um lugar por aqueles que o habitam. Nesse sentido, apresenta-se o estudo das diversas fases que compõe a história de uma cidade a partir de “camadas”, com conceitos apresentados por Bonesio (2013), Albano e Werneck (1986), Milton Santos (2012) e Pesavento (2004 e 2007). A experiência corporal no espaço, também aparece como um dos fatores para a formação da imagem que uma cidade possui perante seus habitantes, conforme argumentos de Pallasmaa (2011), Tuan (1980) e Merleau-Ponty (1999). É nesse sentido, que a leitura e interpretação da ocupação do território se faz necessária, expondo conceitos de Lynch (1997), Rocha (2001) e Leite (1998).

Em um segundo momento, a partir dessa introdução conceitual, expõe-se as bases para a interpretação da mutabilidade urbana a partir da temporalidade, da memória e da identidade, como forma de analisar também as diversas fases de uma cidade. Assim o tópico “Temporalidade, memória e identidade como atribuidores de sentido às transformações urbanas” busca oferecer algumas visões da relação entre espaço urbano e tempo a partir dos trabalhos de Leite (1998), Jodelet (2002), Pesavento (2007) e Santos (1997). Algumas bases teóricas de Pesavento (2004 e 2007) são novamente expostas a fim de evidenciar o papel da memória nas alterações de um espaço construído, relacionando-o à história também. Le Goff (1990), Aldo Rossi (1995) e novamente Jodelet (2002) contribuem para essa discussão. Essa última autora também correlaciona a memória com a identidade, cujo conceito busca ser explorado por Brandão (2008), Lynch (1997) e Leite (1998).

Temporalidade, memória e identidade, então, buscam produzir o suporte necessário para o estudo de um lugar a partir da paisagem. Dessa forma, no tópico “Um olhar paisagístico para as transformações urbanas” objetiva-se por definir esse conceito através da base teórica de Ingold (2000), Leite (1998), Reker e Pastore (2013) e principalmente Jean Marc Besse (2014), apresentando suas “portas da paisagem”. Além disso, busca-se relacionar a paisagem com a

interatividade e a sociabilidade que decorrem das atividades que acontecem em um lugar, a partir do uso do mesmo, apresentando o conceito de *tasksapes* de Ingold (2000).

O fato de certas regiões do espaço urbano serem menos vivenciadas por seus habitantes pode relacionar-se, nessa perspectiva, com uma “ruptura no processo cultural de construção da paisagem”, título do terceiro tópico do capítulo, que também busca analisar possíveis motivos para essa realidade a partir de algumas análises acerca de transformações nas cidades contemporâneas fornecidas por autores como Koolhaas (1995), Augé (2002), Guattari (1996), Simmel (1998) e Caldeira (2000). No entanto, também se procura focar em transformações em diferentes regiões centrais, buscando apresentar as dinâmicas próprias dessas áreas em cidades brasileiras e algumas de suas consequências para as estruturas urbanas no geral, com embasamento em autores como Gonçalves (2017), Vasconcelos Filho (2016), Oliveira Junior (2008) e Sposito (1991).

No segundo capítulo, busca-se apresentar o objeto de estudo do trabalho considerando os aspectos históricos da região central do município de Bauru, local que está diretamente relacionado ao núcleo inicial da cidade. Nesse sentido, são mostradas algumas dinâmicas que aconteceram no decorrer da evolução do município e que tiveram impacto direto na região central e em sua realidade atual. Para tanto, trabalhos como os de Ghirardello (1992 e 2020), Falcão e Rafacho (2006), Pelegrina e Zanlochi (1991), Landim (2004), Rossi (2016) e Matos (1974) oferecem grande contribuição.

No tópico “Dinâmica urbana de Bauru em relação a região central: Subsídios para análise”, busca-se relacionar a história da cidade com os referenciais teóricos apresentados no primeiro capítulo, assim como apresentar algumas novas análises a partir de autores como Villaça (1998).

Nesse capítulo, também se busca entender a dinâmica do mercado imobiliário da região e de que forma isso pode ter impactado a questão da moradia no centro da cidade de Bauru, através de entrevista com um consultor de imóveis bauruense e de levantamento de valores imobiliários divulgados nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru no decorrer dos anos. Para a pesquisa, foi fundamental complementar as informações sobre as ações da Prefeitura Municipal.

Para isso, os Planos Diretores Municipais de Bauru são abordados nesse contexto, enfocando principalmente o do ano de 1996 e o mais recente, de 2008. Torna-se importante investigar, nesse conjunto de documentos legislativos, quais as diretrizes e menções relativas à região central. No sentido de complementar essa análise, uma entrevista com a coordenadora do Plano Diretor mais recente (2008) e também com outra arquiteta da prefeitura municipal pode revelar algumas avaliações e intenções para a área, no sentido de revitalizá-lo.

O terceiro capítulo tem como motivação a apresentação da percepção urbana em relação a área estudada, o centro da cidade de Bauru. Assim, o primeiro tópico, “O centro da cidade Bauru através da experiência da deriva” tem a intenção de representar o objeto de estudo por uma visão da autora através de uma caminhada na região, disponibilizando todos os sentidos para estar em contato com a área, deixando-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros a que ele corresponde (DEBORD, 1958). Então, através de derivas na região, fruto do choque com o local, busca-se apresentar resultados dessa experiência a fim de contribuir com a análise da situação atual do centro de Bauru. Já no tópico, “O centro da cidade de Bauru pelos olhos da população”, os Discursos do Sujeito Coletivo são apresentados a partir da metodologia proposta pelos autores Lefevre & Lefevre (2005 e 2012), a fim de expor os pensamentos e opiniões dos grupos entrevistados e analisá-los. Assim, espera-se que os levantamentos realizados possam subsidiar discussões sobre formas de preservação e produzir reflexões sobre a ativação do centro da cidade de Bauru.

CAPÍTULO 1

UM OLHAR PAISAGÍSTICO PARA AS “CAMADAS” DA CIDADE: SUBSÍDIOS PARA A ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS

É inegável que a dinâmica mais constante das cidades é a sua própria inconstância. Os processos de transformação e mutabilidade do espaço urbano são impregnados de passado e representam uma delicada e complexa estratificação de remodelações e até mesmo destruições (BONESIO, 2013). Assim, de acordo com Albano e Werneck (1986, p.40), “a cidade é sempre contemporânea e embora seu espaço contenha um passado cristalizado, seu tempo é o presente”. Nesse sentido, para o geógrafo Milton Santos, esse resquício de tempos primórdios no dinamismo das cidades pode ser chamado de rugosidade, que, de acordo com suas palavras, representa “ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos”. (SANTOS, 2012, p. 140). Já para Pesavento (2007), o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam, possibilitando enxergar o passado de outras cidades contido na cidade do presente. Seguindo essa lógica, a autora propõe o entendimento da urbe a partir do processo racional de um palimpsesto, definido como pergaminhos dos quais havia se apagado a primeira escrita para reaproveitá-los em um outro texto, devido à sua escassez nos séculos VII a IX, deixando vestígios nas escritas posteriores (PESAVENTO, 2004). Trata-se de um mecanismo de superposição, ou mesmo fusão, do novo e do velho, que as paisagens históricas conhecem (BESSE, 2018).

Assim, cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Nesse curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares. (PESAVENTO, 2007, p.17).

No entanto, esse processo não se observa apenas nos aspectos físicos, podendo também ser percebido e influenciado pela apreensão sensorial do espaço urbano por parte de seus habitantes e frequentadores. Isso acontece porque há um diálogo constante entre o corpo e o ambiente a partir dos sentidos, sendo essa experiência sensorial a forma com que se organiza e experimenta o mundo, criando memórias e identidades (PALLASMAA, 2011). Nesse sentido, Tuan (1980) sugere que através da experiência urbana, pautada na dialética entre corpo e espaço construído, emergem elos afetivos entre pessoas e meio ambiente. Também nesse contexto, Merleau-Ponty (1999) observa que o corpo é preponderante em nossa imersão no mundo, na relação com os objetos ou com as outras pessoas, indicando que é o movimento do próprio corpo que define mutuamente sua posição relativamente aos objetos do espaço e deles em relação ao corpo. Assim, as imagens são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio, no entanto a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores (LYNCH, 1997, p. 16).

[...] O próprio observador deveria desempenhar um papel activo na percepção do mundo e participar criativamente no desenvolvimento da sua imagem. Ele deveria ser capaz de transformar essa imagem, adequando-a a necessidades em transformação. Um ambiente estruturado em pormenores exactos e definidos pode inibir novos modelos de atividade. Uma paisagem cuja tocha encerra uma lenda pode tornar difícil a criação de novas lendas. Embora esta opinião possa não parecer uma impressão crítica ao nosso caos citadino contemporâneo, aponta para o facto de que o que procuramos não é uma ordem definida, mas aberta, capaz de um desenvolvimento posterior contínuo. (LYNCH, 1997, p.16)

Nesse sentido, tais afirmações também estão relacionadas ao conceito de legibilidade e de visibilidade de Lynch (1997), que considera que um meio ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana (LYNCH, 1997). É necessário, assim, que os frequentadores e habitantes reconheçam e entendam os signos, que são mensagens inseridas em um texto não-verbal a espera de uma interpretação, geradas por uma cidade ou por uma área dela, como uma praça ou monumento (ROCHA, 2001). Por essa lógica, Leite (1998) escreve que é a transformação da visibilidade que nos cerca em um sistema de referências culturais que permite a conservação e reconstrução de um lugar ou a manutenção da sua memória de origem. A mesma autora afirma que a maneira de transmitir às futuras gerações sentido e profundidade à ocupação do território

é a partir do uso do mesmo, decorrente da interpretação de significados nele presentes (LEITE, 1998).

Logo, o fato das pessoas não frequentarem ou utilizarem as áreas públicas ou certas regiões das cidades afeta as suas experiências sensoriais, as quais produzem associações e memórias afetivas, interferindo diretamente na manutenção e existência desses lugares, além de revelarem uma falha na interpretação e atribuição de sentido às transformações ocorridas nas cidades.

Nesse contexto, alguns autores oferecem bases para a interpretação da mutabilidade urbana a partir da temporalidade, da memória e da identidade, por acreditarem que são conceitos indissociáveis para a análise das sobreposições de camadas decorrentes das dinâmicas urbanas.

1.1. Temporalidade, memória e identidade como atribuidores de sentido às transformações urbanas

Segundo Leite (1998), o tempo e a sua relação com espaço urbano representam um sistema de referências que comandam o modo de pensar um lugar e as relações sociais. Nessa perspectiva, Jodelet (2002) escreve que a temporalidade está inscrita na ideia de desenvolvimento, implicando um sentido de durabilidade, pautada na preocupação por encontrar meios para que as pessoas, os agentes sociais e as instituições se associem no esforço de promover um progresso não destrutivo e não alienante. Já para Pesavento (2007), em termos de cidade, o tempo contado se dá sempre a partir de um espaço construído, e não é possível pensar um sem o outro. Da mesma forma, Santos (1997) considera a cidade como o fenômeno mais representativo da união entre tempo e espaço. Assim, a cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade, por expor um tempo materializado em uma superfície dada (PESAVENTO, 2007).

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam. (PESAVENTO, 2007, p. 16)

Ao se considerar o espaço urbano como território apropriado e transformado pelo homem e como espaço construído que se reveste de forma, função e significado, fica evidenciado que, em se tratando de cidade, as dimensões do espaço e do tempo se apresentam como um desafio. Nesse sentido, tal complexidade pode ser ilustrada pelo fato do tempo alterar as formas de um espaço construído, seja pela destruição das mais antigas edificações, entendidas como superadas, ou pela adaptação e composição com novas formas, onde fachadas modernas ocultam velhas estruturas, seja ainda pela atividade, regeneradora ou destrutiva, de uma preocupação de preservação, que entende tais elementos do espaço construído como patrimônio (PESAVENTO, 2004). Dessa forma, para olhar para esse espaço transformado, destruído, desgastado e renovado pelo tempo, faz-se necessário buscar, na cidade, a sua história e memória, pois, segundo Pesavento (2007), quando se trata de representar a memória — ou a história — de uma cidade, a experiência do tempo é indissociável da sua representação no espaço.

A narrativa do passado só será objeto de compreensão e rememoração se ele ensinar a montar e desmontar o puzzle em chaves de sentido, traduzindo o outro tempo para os homens do presente. Caso contrário, sinais do passado não serão traços do antigo, vestígios que incorporam uma temporalidade histórica, mas só velhas materialidades, diferentes ou anacrônicas com relação ao presente, tal com as práticas e significados de uma outra época serão apenas pitorescas ou, no máximo, interessantes [...]. (PESAVENTO, 2004, p.28)

De acordo com Le Goff (1990, p.476) “a memória não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder, na medida em que, pela dominação da recordação e da tradição, o grupo se afirma e se reconhece”. Sob essa perspectiva, para Jodelet (2002) a significação do espaço é marcada pela cultura e pela história e as significações subjetivas que lhe emprestam seus ocupantes tem a ver com a biografia e a história de seu grupo, assim como a questão da memória é pertinente pois une de forma dialética o passado, o presente e o futuro, estabelecendo formas de vida sem ruptura brutal e conferindo significado aos espaços onde se vive. Logo, uma estrutura física viva e íntegra, capaz de produzir uma imagem clara,

desempenha também um papel social, podendo fornecer a matéria-prima para os símbolos e memórias coletivas da comunicação entre grupos (LYNCH, 1997). Assim, para Aldo Rossi (1995), os fatos urbanos² e suas memórias possuem natureza coletiva, pois pertencem à cidade, logo à coletividade (ROSSI, 1995, p. 162).

[...] gostaria de dizer que a própria cidade é a memória coletiva dos povos; com memória está ligada a fatos e a lugares, a cidade é o “locus” da memória coletiva. Essa relação entre o “locus” e os cidadãos torna-se, pois, a imagem predominante, a arquitetura, a paisagem; e como os fatos fazem parte da memória, novos fatos crescem juntos na cidade. Nesse sentido, de todo positivo, as grandes ideias percorrem a história da cidade e a conformam. (ROSSI, 1995, p.198)

Nesse contexto, segundo Jodelet (2002), também pode-se reconhecer a importância da memória na elaboração da identidade e das identificações urbanas. Para a autora, “o interesse pela memória é correlato a consciência da linguagem da identidade, por meio das quais se exprimem as entidades urbanas, em ligação com a sua inscrição nos territórios e a afirmação da cidadania” (JODELET, 2002, p.37).

A problemática da cidade consiste em saber em que condições a cidade pode aparecer como um lugar que possa ser definido por seu caráter identificador, um lugar que permita que os habitantes se reconheçam e se definam por meio dele, que, por seu caráter histórico, possibilite que os habitantes reencontrem os vestígios de antigas implantações, seus sinais de filiação. (JODELET. 2002, p.33)

A percepção da identidade parte da própria noção de identidade urbana e, de acordo com Brandão (2008), é transmitida pela educação e pela comunicação, não reconhecendo o caráter de um lugar como sendo constante, mas como sendo coerente consigo próprio. Individualmente, a identidade é percebida pelo sentimento de pertencimento, “através de uma coerência entre narrativas e experiência pessoal (individual ou social) do lugar” (BRANDÃO, 2008, p.14). Tal sentimento só pode ser conquistado a partir do uso de um lugar, assim, como consequência, o conceito de identidade comporta sempre uma referência de interatividade (BRANDÃO, 2008). Logo, é possível definir a identidade como uma questão de projeto e uso, “de código e interpretação”, assim como um elemento imprescindível para que um espaço seja compreendido

² De acordo com o Rossi (1995), fatos urbanos são elementos singulares e únicos das cidades, os quais a compõe - como igrejas, casas particulares, monumentos, praças, etc. O autor divide estes fatos em área-residência e elementos primários, ou seja, esfera particular e esfera privada.

e vivenciado, assegurando a transmissão de práticas e valores sociais às futuras gerações (LEITE, 1998).

1.2. Um olhar paisagístico para as transformações urbanas

Pode-se considerar que o entrelaçamento entre temporalidade, memória e identidade produz as bases necessárias para a compreensão das diversas camadas de um espaço urbano em constante mudança, aproximando os seus aspectos históricos, sociais e formais e estabelecendo necessariamente uma relação de interdependência entre eles. É também nessa perspectiva que se apresenta a possibilidade de se estudar um lugar a partir de uma visão paisagística.

Dessa forma, estudar a paisagem envolve uma maior complexidade, visto que, segundo Leite (1982, p. 45), “nunca pode ser definida por um único elemento, e que esses elementos não são constantes, estão sempre em processo de mutações, assim como as experiências humanas no espaço também se encontram em permanente evolução”. Nesse processo multifacetado, assim como um palimpsesto, a paisagem é constituída como um registro duradouro - e testemunho - das vidas e obras das gerações passadas que habitavam dentro dela e, ao fazê-lo, deixaram lá algo de si mesmos (INGOLD, 2000).

Desde que se admita que a paisagem é uma mistura de arte (caracterizada pela escolha) e ciência (caracterizada por fatos objetivos), é possível compreender que suas modificações, a renovação das formas antigas ou a criação de novas formas que atendam a novos estilos de vida, são dependentes das conquistas em cada um desses campos, dependentes do valor que é atribuído a eles em cada momento. (LEITE, 1992, p. 46)

Nesse sentido, para Reker e Pastore (2013) os espaços (urbanos e outros) devem ser tomados nas suas várias dimensões de significados (nos seus aspectos morfológicos, geológicos, climáticos, hidrológicos, estéticos, etc.) e de práticas (as tradições, o cotidiano, os usos passados, atuais e expectáveis do lugar, quem o frequenta e seus anseios, que outras possibilidades o lugar comporta). Logo, fica explicitado que “a paisagem não pode ser definida

apenas como “aquilo que se vê” – uma cena – ou apenas como os elementos físicos de um recorte espacial” (ROSSI, 2016, p.27).

Nessa linha de pensamento, Jean Marc Besse (2014) fornece um olhar para a paisagem mobilizando diferentes referências intelectuais em função da disciplina que a examina. Arquitetos, sociólogos, antropólogos, geógrafos, ecólogos, literatos ou filósofos abordam o tema da paisagem de acordo com suas diferentes referências intelectuais, o que revela uma polissemia do conceito (GRINOVER, 2018).

Besse (2014) também atribuiu cinco “entradas” (portas) temáticas para estudar o conceito de paisagem. A primeira refere-se à paisagem como “uma representação cultural e social”, tratando-a como uma realidade mental, atrelada à percepção. Também inclui todo o campo artístico de modelos pictóricos nos quais a paisagem tornou-se inclusive um gênero de pintura no século 17, onde ela foi “enquadrada” estabelecendo um ponto de vista da qual era observada. De modo mais abrangente, cabe aqui a ideia de representação cultural, onde a paisagem é a construção social de um lugar atribuindo-lhe valor econômico, histórico, religioso (GRINOVER, 2018). A segunda porta trata a paisagem como “um território fabricado e habitado”, considerando sua dimensão material, não apenas discursiva. Segundo esta abordagem, a paisagem pode ser definida como um território produzido e praticado pelas sociedades humanas por motivos econômicos, políticos e culturais. Leite (1998) também se apoia nessa ideia ao considerar a paisagem construída pelo homem como uma união da vida cotidiana do lugar com a intenção envolvida na construção do território e na transformação cultural da natureza em paisagem (LEITE, 1998). Dessa forma, constata-se que a organização da paisagem revela uma forma de organização da sociedade. Já na terceira entrada da paisagem, pode-se considerá-la como “meio ambiente material e vivo das sociedades humanas”, ou seja, como um conjunto sistêmico que articula elementos naturais, culturais e sociais, assim, a paisagem não é somente a vista, a imagem ou pensamento, ela é o mundo vivido, fabricado e habitado por sociedades em constante mudança. Nessa vertente, as relações entre paisagem e natureza constituem o ponto focal das disciplinas ambientais ligadas ao conceito de paisagem. (GRINOVER, 2018). Para a quarta porta, a paisagem é tida como “uma experiência fenomenológica”, revelando a

importância da experiência, do campo sensível da relação com o ambiente e representando o uso, o encontro entre o homem e o lugar, que gera impressões e percepções, além de atribuir a paisagem um conjunto de ideias e memórias que unem as pessoas. Além disso, como forma possível de análise final, Besse (2014) apresenta a paisagem “como projeto”, onde a convoca para imaginar soluções para o encontro, para a relação entre cidade e natureza. Para Grinover (2018), o projeto estabelece uma relação com algo que já está ali, e ambigualmente, imagina o real, efetivamente fabricando o que já está presente e que não se vê. Para essa abordagem, a paisagem tem valor enquanto obra, representando uma duração, ou seja, a qualificação da paisagem.

Constata-se que a interpretação da paisagem aparece como uma tarefa profunda e sensível, por considerar tantos elementos que a representam. A paisagem, então, “afirma esse papel central das experiências sensoriais na produção das identidades territoriais” (BESSE, 2014, p. 247). Dessa maneira, para Besse (2018), no contexto da paisagem, essas passagens e trocas entre os seres humanos e os espaços físicos compõem o mundo terrestre. É a partir dessa mistura que as paisagens são criadas e é a partir da tutilidade³, um estado de disponibilidade física e intelectual, que são acolhidos a vitalidade e o significado apropriado de um lugar (BESSE, 2018).

Nesse contexto das vivências no espaço urbano, Tim Ingold (2000) apresenta um conceito complementar ao da paisagem, denominando-o como *taskscapes*⁴. Trata-se da paisagem que se apresenta ao executar as atividades do cotidiano, uma prática da paisagem (INGOLD, 2000).

³ “C’est sur le plan de une physique sensible qu’il faut accepter de se placer pour observer et décrire les implications réciproques entre les humains et les éléments matériels qui composent leur monde terrestre. Ce sont ces passages, ces échanges, et ces mélanges, qui “font paysage”, directement et sans méditation symbolique.(...) tous ces éléments sont des événements d’espace et de temps et sont rencontrés dans une quasi tactilité par celle ou celui qui observent le paysage avec attention, dans un état de disponibilité corporelle et intellectuelle qui leur permet de communiquer sans médiation avec ces éléments et d’en accueillir la vitalité et la signification propre” (BESSE, 2018, p.49)

⁴ “One of the great mistakes of recent anthropology (...) has been to insist upon a separation between the domains of technical and social activity, a separation that has blinded us to the fact that one of the outstanding features of human technical practices lies in their embeddedness in the current of sociality. It is to the entire ensemble of tasks, in their mutual interlocking, that I refer by the concept of *taskscape*. Just as the landscape is an array of related features, so – by analogy – the *taskscape* is an array of related activities. And as with the landscape, it is qualitative and heterogeneous: we can ask of a *taskscape*, as of a landscape, what it is like, but not how much of it there is. In short, the *taskscape* is to labour what the landscape is to land, and indeed what an ensemble of use-values is to value in general.” (INGOLD, 2000, p.195)

Para o autor, o *taskscape* apoia-se nas bases da sociabilidade, pois ao desempenharem suas tarefas rotineiras, as pessoas também atendem aos demais indivíduos da sociedade e do espaço em que vivem. Além disso, “a realização de uma experiência existencial, cujo reflexo se faz pelo sentimento que o lugar provocou, se dá basicamente nas atividades desenvolvidas no cotidiano de cada indivíduo, sozinho ou em grupo” (KAIMOTI, 2009, p. 11). Assim, para Besse (2018), a paisagem é uma ação de nós mesmos a partir do contato que temos com as coisas, os seres e os espaços - uma experiência de nossos fazeres. Perceber a paisagem, então, é um ato de memória e pressupõe orientação para que seja qualificada (ou requalificada), reconhecida como lugar e organizada em um contexto (LEITE, 1998), o que só é possível através do uso.

Pode-se considerar, então, que um lugar só ganha significado a partir das atividades que lá ocorrem, pois representam uma combinação entre os objetivos e intenções para o espaço com as relações sociais desenvolvidas (BESSE, 2018), assim como a paisagem aparece como maneira possível de revelar “as camadas” da cidade e de perceber as transformações urbanas não como “objetos isolados”, mas sim como parte de um contexto mais abrangente.

1.3. Ruptura no processo cultural de construção da paisagem

A interpretação das dinâmicas das cidades e de suas paisagens nem sempre representa uma tarefa fácil. A imagem da cidade, fruto da interação entre os habitantes e lugar, muitas vezes torna-se ilegível para seus frequentadores ou quem lá vive frente às ininterruptas mudanças que o espaço urbano sofre no decorrer da sua história. Leite (1998) atribui a dificuldade de “leitura” e de atribuição de sentido a um lugar à um rompimento no processo cultural de construção da paisagem:

A incapacidade de entender e reproduzir um contexto é, portanto, uma ruptura no processo cultural de construção da paisagem, que faz desaparecer a atenção ao circundante, ponto de partida para o registro de sensações que, posteriormente, serão interpretadas, traduzidas e deslocadas, criando novos lugares e assegurando a transmissão, às futuras gerações, de práticas e valores sociais. (LEITE, 1998, p.5)

Pode-se dizer que a impossibilidade de se reconhecer a paisagem construída e seus elementos na vida cotidiana de uma cidade afeta as referências culturais que permitem a construção e reconstrução do lugar, colaborando, então, para a falta de significado e, conseqüentemente, de cuidado e uso do espaço público. Como consequência, as transformações nas cidades contemporâneas pela expansão urbana e pelo surgimento de novas centralidades residenciais, de comércio e serviços, dentre outras possibilidades, podem resultar no abandono ou na valorização de certas áreas ou tipos de espaço e influenciar diretamente a percepção e imagem desses lugares por seus habitantes, a partir de alterações na paisagem.

No entanto, para Besse (2018), a falta de atenção e consideração por certos lugares ou regiões, representados pelas paisagens, e o relacionamento que mantemos (ou não) com eles ainda é a expressão das vontades de seus habitantes, uma vez que são as sociedades humanas que transformam suas paisagens (BESSE, 2018). Berque (2013) também sustenta essa ideia ao afirmar que as sociedades interpretam seus ambientes em função da organização que lhes impõem e, reciprocamente, elas os organizam em função da interpretação que fazem deles, do sentido que os lugares possuem para seus usuários.

Então, a ausência de um “prazer paisagístico” (BESSE, 2018) em relação a um local ou área pode representar também uma ausência de identidade nas transformações ocorridas em espaços da cidade, uma vez que a identidade depende da continuidade do uso, do ‘afeiçoamento’ dos usuários a um lugar e reciprocamente, a boa adaptação do espaço ao uso (BRANDÃO, 2008).

A partir dessa ótica, ao se verificar a ausência da identidade em novos espaços urbanos, pode-se chegar à *genericidade*, ligada ao conceito de *Cidade Genérica* (KOOLHAS, 1995), também ligada aos fenômenos decorrentes dos processos de internacionalização da economia e da cultura, sobretudo em cidades maiores e conectadas com a rede global.

A serenidade da Cidade Genérica se realiza pela “evacuação” da esfera pública, [...].O plano urbano somente acomoda os movimentos necessários, fundamentalmente aqueles dos automóveis. A autoestrada é uma versão evoluída das ruas e das praças, e ocupam espaços sempre maiores; o projeto deles, aparentemente voltados a eficiência do movimento dos autos, na realidade é

surpreendentemente sensual, uma instância funcional que entra na esfera do espaço uniforme. (KOOLHAS, 1995, p.1240)

Koolhas (1995, p. 1240) ainda afirma que se tratam de cidades sem história, um lugar de sensações fracas e frouxas, escassas e distanciadas. Tais características levam à construção de espaços urbanos que apresentam um crescente número de prédios desconectados da malha urbana e da cidade preexistente, focados na lógica do consumo, como shoppings centers ou grandes lojas de departamento, além de áreas urbanas muradas representando uma nova realidade de moradia – a dos condomínios fechados -que podem ser considerados espaços do “não-lugar”, onde não se cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude (AUGÉ, 2002, p.95), visto que, em sua maioria, são materializados muito mais através de processos de assimilação de tendências globais do que de uma ligação íntima ao território e às condições humanas e culturais a que poderiam estar vinculados.

Esse modelo demonstra a prevalência do individualismo na concepção e nas escolhas dos novos espaços da cidade, em detrimento de um “senso comunitário”. Augé (2002) confirma essa situação ao analisar que os “não-lugares” previamente citados “não operam nenhuma síntese, não integram nada, só autorizam, no tempo de um percurso, a coexistência de individualidades distintas, semelhantes e indiferentes umas às outras” (AUGÉ, 2002, p.101). Além disso, essa indiferença e a crescente preferência pelos espaços fechados de moradia e consumo podem estar ligadas ao medo do outro, mostrando que os espaços interiorizados podem representar a resposta para uma sociedade que se sente insegura no espaço público, morada do coletivo. Careri (2014) reforça essa ideia ao comentar sobre o medo que as pessoas têm de encontrar o outro, de estar em contato com a diversidade. Nesse contexto, Simmel (1998) também comenta sobre um processo ativo de negação do outro, que causa “aversão”, “estranheza” e “repulsão”, sentimentos que podem se converter em “ódio e luta no momento de um contato mais próximo”, definindo-o como “atitude blasé” (SIMMEL, 1998).

Na verdade, se é que não estou enganado, o aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais frequentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado. [...] A antipatia nos protege de ambos esses perigos típicos da metrópole, a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada. Uma antipatia latente e o estágio

preparatório do antagonismo prático efetuam as distâncias e aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido. [...] O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação na realidade é apenas uma de suas formas elementares de socialização (SIMMEL, 1998, p.18)

Essa lógica do amedrontamento e as atitudes referentes à repulsa de contato com o outro e sua diferente realidade aproximam-se do conceito de “enclaves fortificados” de Caldeira (2000), ambientes socialmente homogêneos, frequentados por pessoas do mesmo grupo social, longe das interações indesejadas, do perigo e imprevisibilidade das ruas (CALDEIRA, 2000, p. 258-9).

O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que chamo de ‘enclaves fortificados’. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. Esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, os ‘marginalizados’, os sem-teto (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Para Augé (2002), a supramodernidade é a produtora dessa nova modalidade de espaço no tempo e impõe, na verdade, as consciências individuais, novíssimas experiências e vivências de solidão, diretamente ligadas ao surgimento e a proliferação de não-lugares (AUGÉ, 2002, p.86). Nesse sentido, Jodelet (2002) também analisa a supramodernidade como a experiência de aceleração da história, do fechamento do espaço e da individualização no interior do espaço. Assim, a cidade que favorece o individualismo e a abstração coletiva dificulta a criação de laços sociais e estabelecimento de relações simbólicas com os outros (JODELET, 2002, p.33).

Além disso, uma hipótese para a falta de entendimento de espaços urbanos e, conseqüentemente a diminuição de uso de algumas áreas (principalmente públicas), pode ser o fato da administração municipal tratar o espaço público como uma operação padrão e burocrática, sem considerar as características culturais e simbólicas da área nem o cotidiano das pessoas que lá frequentam ou habitam, resultando em um espaço de difícil de ser compreendido.

A disseminação de regulamentos, leis de zoneamento, códigos de obras, destinados a assegurar o controle sobre a produção desse tipo de espaço público, criminalizam qualquer intervenção dos moradores sobre seus lugares, até cancelar todas as suas habilidades, memórias e iniciativas no sentido de marcá-lo, reduzindo a vida quotidiana ao privado, pela excessiva ordenação do público. (LEITE, 1998, p.12)

Tal controle e ordenamento podem ser representados pela técnica, a qual “comanda a nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno” (SANTOS, 1997, p.20).

[...].O crescente distanciamento entre espaço e vida ocorreu por meio de um planejamento que pode excluir o caráter imprevisível próprio das manifestações subjetivas. No contexto urbano, onde habita uma parcela considerável da população mundial, observa-se que o espaço é vivido de modo cada vez mais conflitivo e desagregador, à medida que se reduz seu caráter público. (EWALD; GONÇALVES; BRAVO, 2008, p.759).

A cidade, então, pode ser considerada como um espaço alienado das existências individuais e dissociado das próprias subjetividades por servir apenas como meio de circulação. (EWALD; GONÇALVES; BRAVO, 2008).

Nessa perspectiva, Koolhaas (1995), no contexto da cidade genérica, afirma que para planejar e completar a urbe há muita burocracia e muitos empreendedores investindo inimagináveis fluxos de energia e de dinheiro. Pode-se atestar, então, que a cidade carece de uma arquitetura que produza uma intervenção que conteste os modelos vigentes, para ativação do contexto local, buscando sua ressingularização (GUATTARI, 1996). Trata-se da necessidade de construir uma paisagem que possa ser entendida, que não seja necessariamente emblemática ou que se componha a partir da unificação e padronização dos espaços da cidade.

Contra a fobia moderna do contato com o mundo e com os outros, a paisagem afirmaria esse papel central das experiências sensoriais na produção das identidades territoriais (BESSE, 2014). Dessa forma, para Besse (2014), mais precisamente a paisagem seria da ordem da experiência polissensorial em oposição ao planejamento padrão e às empresas “anestésicas” que caracterizam o mundo moderno e contemporâneo, revelando a importância de um olhar paisagístico para as transformações urbanas.

1.4. Transformações urbanas em regiões centrais

No contexto de mudanças paisagísticas exposto e dentre as alterações que podem ocorrer nos mais diversos espaços da cidade, há uma que se destaca: as transformações urbanas em

regiões centrais. Nesse sentido, Koolhas (1995) indica a complexidade que o centro da cidade apresenta, principalmente no contexto da dinâmica urbana pois, paradoxalmente, deve ser ao mesmo tempo o mais velho e o mais novo, o mais estável e o mais dinâmico; o mais intenso e constante processo de adaptação.

De acordo com Castells (1983, p. 273), o centro representa, por um lado, “a espacialização do processo de divisão técnica e social do trabalho [...]. Por outro lado, podemos defini-lo como especialização geográfica de um certo tipo de unidades de consumo e de serviços”. No entanto, o centro não se define para sempre como um local fixo na estrutura urbana (CASTELLS, 1983).

Gonçalves (2017, p.38) destaca, porém, que “as variações nos modelos clássicos de desenvolvimento de cidades e as dinâmicas urbanas recentes tornam ainda mais difícil a definição do conceito de centro, na contemporaneidade, até mesmo quanto à delimitação de seu espaço geográfico”. Isso acontece pois esse conceito preserva uma característica singular, relacionada à origem da cidade, à diversidade funcional ou à sua carga simbólica como local mais democrático da aglomeração, onde são menores as diferenças sociais ou étnicas. Apresenta também uma característica plural, uma vez que com o processo de metropolização sua posição privilegiada torna-se relativa, passando a concorrer com as demais centralidades presentes na cidade (CASTILHO, 2008).

Para Gonçalves (2017), a trajetória dos centros urbanos ao redor do mundo foi marcada, até o presente, por três fases principais. Na primeira, o centro era o espaço mais valorizado no contexto urbano, na segunda ocorreu seu abandono pelo Estado, pelo mercado e pelas classes dominantes, além do conseqüente esvaziamento ou popularização social da área; já a terceira, conhecida como Volta ao Centro, é caracterizada por intervenções urbanas e pelo enobrecimento social (GONÇALVES, 2017).

No caso do Brasil, “até a década de 1950 o centro era, na maioria das cidades, local de residência, trabalho, consumo e lazer das classes médias e altas, que começaram a abandoná-lo nesse período, dando início a todas as transformações pelas quais esse espaço tem passado” (GONÇALVES, 2017, p.42). Já a partir da década de 1960, seguindo a lógica de desconcentração urbana, “começaram a surgir sub-regiões voltadas ao oferecimento de

comércio e serviços para as classes de alta renda, ocorrendo a transferência de atividades dos centros tradicionais para esses locais” (GONÇALVES, 2017, p.42). Como motivos para essa dinâmica, Silva (2004) destaca que as características dos edifícios existentes nos centros não mais atendiam as novas necessidades do setor de serviços mais sofisticado, a baixa acessibilidade para o automóvel nas regiões centrais, por conta da ocupação intensiva do espaço público pelos transeuntes e pelo comércio informal, a escassez de garagens ou espaços para estacionamento de automóveis, ou ainda a baixa oferta de terrenos no centro. Também motivaram essa migração, a busca pela valorização fundiária de outras áreas da cidade, o descaso com o patrimônio histórico e a readequação da centralidade para a escala metropolitana (CASTILHO, 2008). Foram criadas, então, novas centralidades na escala intra-urbana, expressando muitas vezes a saturação dos centros tradicionais para as necessidades impelidas pelas novas formas contemporâneas de reprodução e acumulação do capital, além da imposição de (novos) tempos hegemônicos (OLIVEIRA JUNIOR, 2008)

Nesta direção, depreende-se que não há uma mera mudança na localização das atividades que se encontravam no centro principal ou uma dispersão dessas atividades por outras áreas da cidade, mas uma lógica locacional profícua à dinâmica econômica de determinadas atividades que expressam uma “concentração descentralizada” frente ao centro principal, expressando uma redefinição da centralidade intra-urbana, que se torna múltipla e plural, resultante “do que muda com relação ao que permanece, no plano territorial e no plano das representações que se constroem sobre o espaço urbano e suas áreas centrais” (SPOSITO, 2001, p. 238).

Tal deslocamento espacial da centralidade já acontecia, em algumas cidades, antes dos anos 1970, porém em áreas contíguas aos centros tradicionais, entretanto, a partir dessa década, houve o distanciamento geográfico em relação ao centro histórico ou mesmo expandido, tornando evidente que o abandono do centro pelas elites e pelo poder público ocasionou sua deterioração espacial e não o contrário (GONÇALVES, 2017). Além disso, observa-se que as novas centralidades expressam também o intuito de fragmentar a cidade em lugares cada vez mais definidos pelas estratégias dos agentes imobiliários, através da mediação do mercado capitalista (OLIVEIRA JUNIOR, 2008).

Dessa forma, pode-se dizer que “vários são os elementos que possibilitam a fragmentação do espaço urbano, entre eles a produção de enclaves, que seriam os limites das áreas de influência das novas centralidades que se formam” (RIBEIRO, 2003, p.5). Sendo assim, constata-se uma ruptura com a cidade centralizadora em um único ponto, que permite a convivência entre as diferentes camadas da população, passando para uma cidade que se mostra poli(multi)nucleada (RIBEIRO, 2003).

Esse processo de fragmentação já alcançou níveis mais complexos nas áreas metropolitanas, devido ao crescimento muito mais acelerado e também pelo fato da própria extensão ter contribuído de forma decisiva para a formação de enclaves. No entanto, a partir dos anos 1970, as cidades de médio porte também iniciaram essa dinâmica pois o desenvolvimento dos meios de transportes (coletivos e individuais) possibilitou que seus moradores buscassem lugares mais distantes do centro urbano para constituir residência, surgindo a formação de novas centralidades urbanas (RIBEIRO, 2003).

Nesse sentido, Oliveira Junior (2008, p. 218) aponta que a redefinição da centralidade nas cidades médias revela “a não funcionalidade e/ou incapacidade dos centros tradicionais em receber e “atender” às necessidades contemporâneas da reprodução e acumulação do capital”.

Para o autor:

[...] são os novos papéis determinados às cidades médias no processo de mundialização do capital que impelem nestas cidades a necessidade de criar novas áreas centrais, tornando as cidades médias atrativas à localização de novos artefatos ou equipamentos comerciais e de serviços pautados em novos fluxos, materiais e imateriais, de capital e mercadorias que reproduzem novos signos, idéias, valores, contradições, discursos, dentre outros. (OLIVEIRA JUNIOR, 2008, p. 218)

Então, as cidades médias apresentam-se como espaços privilegiados pois, além de situarem-se em localizações relevantes, possuem requisitos importantes quanto às redes de transporte e comunicação e exercem uma centralidade em nível interurbano sobre determinada contiguidade territorial, atraindo, portanto, consumidores, o que faz com que estes novos investimentos sejam rentáveis economicamente, além de reforçarem os novos espaços territorialmente descentralizados na rede urbana (OLIVEIRA JUNIOR, 2008).

No entanto, para Vasconcelos Filho (2016), a constatação do processo de descentralização que muitos veem e entendem como perda de importância do centro e da Área Central, pode também ser vista como uma reprodução de sua influência na cidade em sua totalidade, embora sob uma nova roupagem.

A importância desse setor da cidade permanece, ultrapassa o tempo, reconfigura-se, projeta-se sobre novas formas, funções, simbolismos, valores, estruturas, criando-se, portanto, novas imagens, novos estilos, novas maneiras de viver e conceber o urbano, mas tudo partiu do centro. (VASCONCELOS FILHO, 2016, p. 77)

Assim, faz-se necessário considerar que as rupturas ocorridas no processo de estruturação urbana compreendem uma articulação temporal e dialética entre o velho e a imposição do novo, tanto como conteúdo social quanto como processo espacial (OLIVEIRA JUNIOR, 2008), e esse processo de “estruturação das cidades tem que passar necessariamente pelo entendimento do papel do centro” (SPOSITO, 1991, p. 5). Nesse contexto, a leitura dos processos relacionados às transformações no centro da cidade e em novas áreas de expansão, a partir de um olhar paisagístico, revela-se fundamental para compreender as relações entre as novas morfologias, próprias da cidade contemporânea, e da prevalência dos espaços privados em detrimento dos públicos.

CAPÍTULO 2

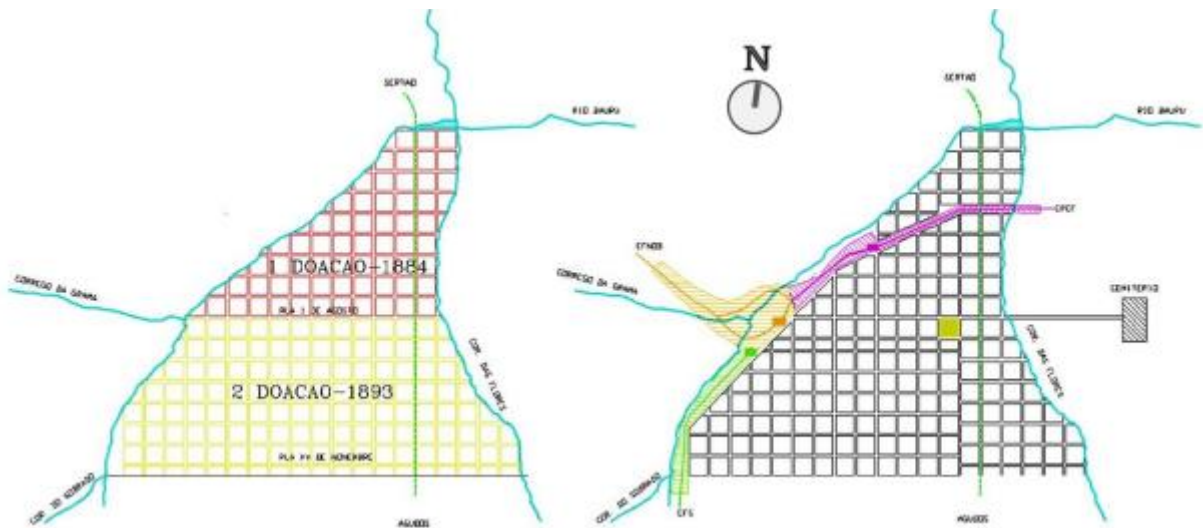
TRANSFORMAÇÕES NO CENTRO DA CIDADE DE BAURU

2.1. Aspectos históricos do centro da cidade de Bauru

A gênese da cidade de Bauru se deu a partir do café e da expansão ferroviária. Segundo Falcão e Rafacho (2006), esses elementos ainda estão presentes no prédio da estação ferroviária central, nos caminhos de ferro que serpenteiam pelos fundos de vale, na configuração da malha viária, ortogonal rígida (reproduzida até hoje) e na conformação dos cheios e vazios do tecido. Estando ligada à “marcha para o oeste”, a expansão da ocupação do território paulista apoiada na cafeicultura voltada à exportação ocorreu entre fins do século 19 e meados do século 20. Confiando na potencialidade da região, que receberia as estradas de ferro, pessoas se deslocaram para estas terras e iniciaram a formação de grandes fazendas como as do coronel Azarias Ferreira Leite e seu tio Baptista de Araújo Leite (GHIRARDELLO,1992). Assim, a presença das estradas de ferro Sorocabana, Noroeste e Paulista, no período de 1905 a 1911, trouxe a Bauru grande importância econômica.

Biernath (2016) aponta que em 1905, são iniciadas as construções da Noroeste em Bauru, na época uma vila com pouco mais de 600 habitantes, cuja área inicial (atual região central) pode ser observada na figura 02, e que já contava com a pequena estação da Sorocabana. Após a chegada da Noroeste, ainda é inaugurada a estação da Cia. Paulista. Nesse contexto, segundo Matos (1974), a chegada dos trilhos é quase sempre um marco na história de uma cidade pois com a estrada de ferro vem todo aparelhamento que ela exige como armazém, oficinas, escritórios, ponto de cruzamento de trens ou local de baldeação. Nesse sentido, essa importante “camada” da história bauruense ainda pode ser percebida na atualidade uma vez que as estruturas físicas que remetem ao auge da ferrovia ainda estão presentes na paisagem do município, como pode ser visto nas figuras 03 e 04, apesar do processo de decadência do transporte por trilhos no Estado de São Paulo e no Brasil ter colaborado para o desuso dessas estruturas e até mesmo o seu abandono.

Figura 02 – Bauru, 1893 (a esquerda) e Bauru, 1910 (a direita).



Fonte: Caderno de Dados do Plano Diretor, 1996.

Figura 03 – Algumas estruturas da ferrovia presentes até hoje em Bauru: Segunda Estação ferroviária (NOB) inaugurada em 1939



Fonte: Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”. Acesso em: mai, 2019.

Figura 04–Vagões de trens sem uso na esplanada ferroviária

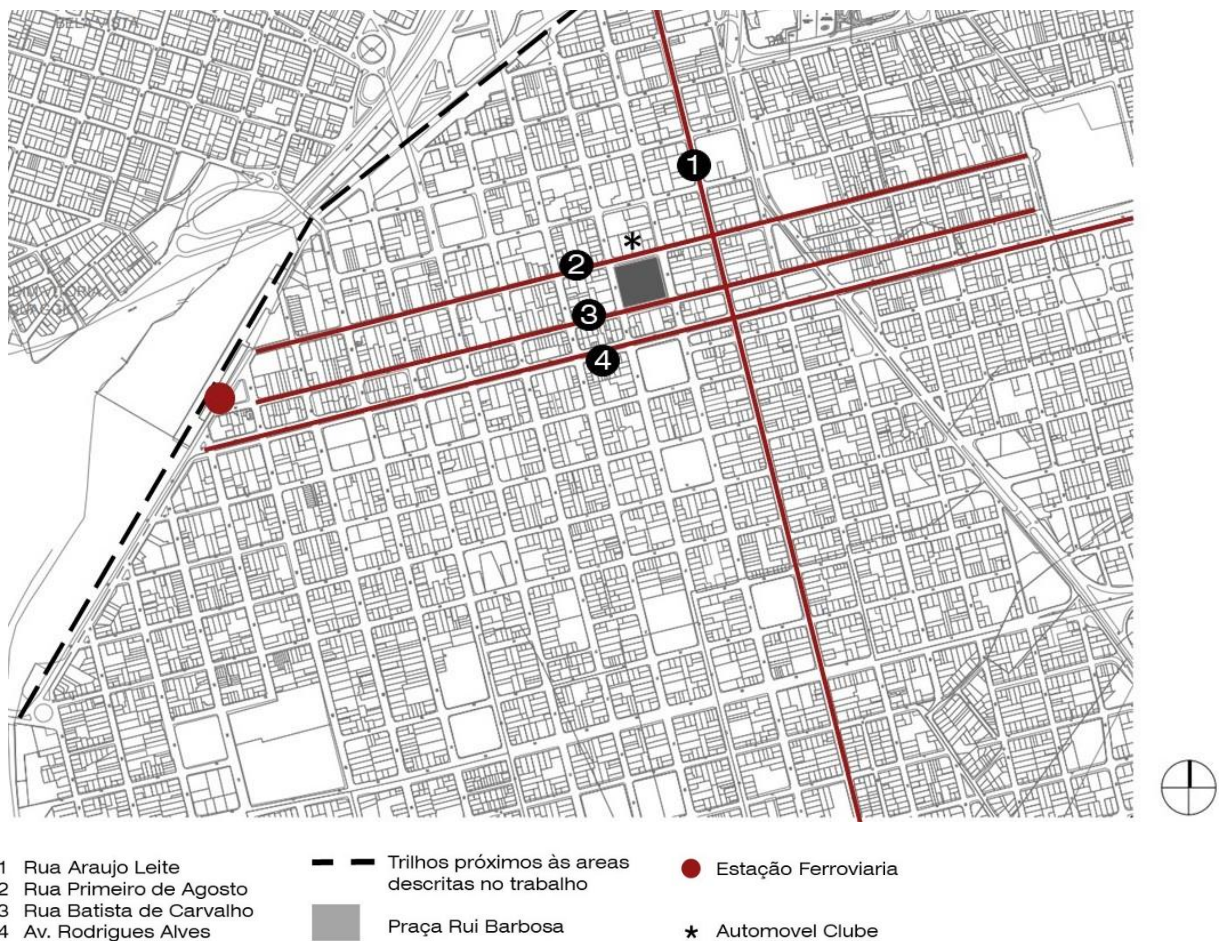


Fonte: Página do Facebook “Sobre os trilhos da história”. Acesso em: mai, 2019.

Boni e Salcedo (2017) apontam que o encontro das três ferrovias colocava a cidade em contato direto com outras diversas regiões, transformando Bauru em um polo regional, instalando e favorecendo as bases para o comércio e a prestação de serviços.

No município em ascensão, as primeiras construções foram edificadas junto à estrada que ligava os sertões a Fortaleza e Lençóis, depois chamada rua Araújo Leite. Ghirardello (2020) descreve que essa via era, provavelmente, o local dos negócios e que até os meados da primeira década do século XX, foi o eixo comercial da jovem cidade, que aguardava ansiosamente a chegada dos trilhos. No entanto, uma marca da transformação do centro da cidade de Bauru está relacionada à alteração de importância ou hierarquia das ruas da região. Na região central bauruense, as vias principais tinham características próprias e pode-se dizer que havia gradação de uso que passava pela topografia e pelas correlações morais (GHIRARDELLO, 2020). A figura 05 mostra alguma das importantes vias do centro da cidade a serem comentadas.

Figura 05 – Mapa região central de Bauru com principais pontos citados no texto



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica obtida junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru.

Embora a rua Araújo Leite ainda seja uma via importante nos tempos atuais por promover a ligação entre a zona sul e o centro (ROSSI, 2016), Ghirardello (2020) aponta que ferrovia significou a decadência dessa via para os negócios, uma vez que os trilhos da Sorocabana e a estação foram implantados no lado oeste do município, fortalecendo o eixo leste-oeste, em detrimento do eixo norte-sul, representado pela rua Araújo Leite.

Com a vinda da Sorocabana, implantada no extremo oeste do Patrimônio, se define uma nova zona de crescimento urbano, reforçado logo após, pela proximidade da estação da Noroeste. O eixo comercial norte-sul da Rua Araújo Leite inevitavelmente se desloca para o leste-oeste. Dirigiu-se, primeiramente, para a Rua Batista de Carvalho, expandiu-se para a Rua Primeiro de Agosto e, até certo modo, para a Avenida Rodrigues Alves, em um quadrilátero, não absolutamente preciso, que vai da estação da NOB até a Rua Antônio Alves. [...]. (GHIRARDELLO, 2020, p.194)

Pode-se dizer que nos anos 20, a maior movimentação de pessoas se dava na Rua 1º de Agosto, ilustrada pelas figuras 06 e 07, mas o atrofiamiento do centro comercial antigo nessa rua fez com passasse a ser habitada por camadas mais humildes, acomodando apenas hotéis, já que as mais destacadas casas de negócio acabaram por transferir-se para a Rua Batista de Carvalho (GHIRARDELLO, 1992), também local onde foram instaladas as residências da elite dos anos 30 aos anos 40 (PELEGRINA; ZANLOCHI, 1991). Pode-se constatar que o núcleo inicial do município, atual centro da cidade de Bauru, então, era uma região importante em todos os sentidos, por ser o local onde se concentravam as moradias, o comércio e a prestação de serviços.

Figura 06 – Rua Primeiro de Agosto – Década de 1920



Fonte: Acervo Família Biancardi. 2021.

Figura 07 – Rua Primeiro de Agosto – Tradicional fábrica e loja de moveis “Domingos Biancardi” –
Década de 1930



Fonte: Acervo Família Biancardi. 2021.

O auge da área central continuou nos anos 50, quando a Batista de Carvalho, ilustrada pelas imagens 08 e 09, se consolidou como forte centro de compras, sendo que as lojas eram abrigadas no pavimento térreo, enquanto os proprietários e familiares viviam no segundo pavimento, podendo-se destacar a vida cultural dessa rua e do centro em geral, palco de festas em suas vias ou no salão do Automóvel Clube, além de ter abrigado pelo menos cinco cinemas, dos oito que o município teve.

A Rua Batista de Carvalho disporá do grande comércio, fato que persiste até nossos dias com o calçadão. A Rua Primeiro de Agosto será mais voltada ao lazer, com bares, restaurantes, hotéis, bancos e os principais cinemas como o pioneiro Bijou Theatre, de 1922. Depois veio o Cine Bauru, inaugurado em 1938, em belo prédio art déco projetado pelo arquiteto João Caciolla, o Cine São Paulo e o Cine Capri, sendo o setor tratado como a “Cinelândia” de Bauru. Era via de negócios e também de diversão e que, de certa forma, prenunciava e antecedia as ruas paralelas e abaixo, destinadas aos cabarés e a prostituição. (GHIRARDELLO, 2020, p. 194)

Figura 08 – Rua Batista de Carvalho entre as décadas de 1910 e 1920



Fonte: Acervo Família Biancardi. 2021.

Figura 09 – Rua Batista de Carvalho na década de 1950



Fonte: Acervo Família Biancardi. 2021.

Pode-se notar, no entanto, que, até meados do século XX, aproximadamente, Bauru já registrava indícios de dispersão urbana, porém muito mais associada ao crescimento de bairros habitacionais de classes populares, na porção norte do território. A expansão para a zona sul ocorria, em geral, na continuidade da malha urbana consolidada, já que não havia nenhum impedimento natural ou construído para isso, como ocorria a leste, norte e oeste, devido à presença de cursos d'água e dos trilhos de trem, segundo Ghirardello (1992). O mesmo autor aponta que desde 1930 já havia se iniciado esse processo de dispersão, uma vez que as redes de infraestrutura e outros serviços urbanos trouxeram valorização para o centro da cidade, o

que levou a população menos favorecida a buscar regiões em que o preço da terra era menor, localizadas fora da área central e com menos infraestrutura, como a Vila Falcão, ocupada pelos ferroviários, e, posteriormente, a Vila Antártica, formada a partir da instalação da indústria que deu nome ao bairro.

Além disso, foi também nos anos 50 que se iniciou a “implantação de uma série de loteamentos que consolidariam a região sul da cidade como local de moradia das classes sociais mais altas” (ROSSI, 2016, p.72). Outro fator que contribuiu para uma migração da população para regiões mais residenciais foi a popularização do automóvel nos anos 1960. Nesse sentido, deu-se início a um esvaziamento habitacional das camadas de alta renda do centro da cidade em direção ao sul, acentuado, nos anos 80, pela expansão da área comercial ao longo dos corredores de tráfego, que ligam a área central aos bairros residenciais em direção à zona sul, com destaque para a Avenida Getúlio Vargas, assim como os negócios foram redirecionados para os Altos da Cidade (GHIRARDELLO, 2020), além da inauguração do Bauru Shopping no final dos anos 80, ilustrada pela figura 10. Segundo Ghirardello (2020), para muitos bauruenses o novo shopping center representava a entrada da cidade na "modernidade", devido ao simbolismo de um centro de compras nesses moldes e pelo fato de “aproximar” Bauru à capital (GHIRARDELLO, 2020, p. 219).

A partir da inauguração em 1989 e do sucesso do Bauru Shopping, o comércio central passou a considerar o empreendimento grave ameaça, em que pese muitas das lojas da Batista também estarem ali estabelecidas com suas filiais. A chegada do shopping colocou o centro, sempre muito empreendedor e dinâmico, pela primeira vez, a reboque das inovações. Entretanto, a crise nas vendas de rua foi motivada por uma série de fatores, e não apenas um, muito embora o novo centro de compras tenha se tornado, naquele momento, alvo mais fácil. (GHIRARDELLO, 2020, p. 221)

Falcão e Rafacho (2006) comentam que após solicitação dos comerciantes do centro, o poder público foi chamado a intervir diante do deslocamento urbano para a região sul e, nesse sentido, “a resposta da Prefeitura, com o apoio dos comerciantes da zona central e Sindicato do Comércio foi a execução de um calçadão na Batista de Carvalho, inaugurado em agosto de 1992” (GHIRARDELLO, 2020, p.221), cuja obra é mostrada na figura 11. Nessa perspectiva, os quarteirões de 1 a 7 dessa via receberam arcos e novo mobiliário, transformando-se em um dos primeiros Calçadões para pedestres no interior do Estado de São Paulo em 1992 (BONI;

SALCEDO, 2017). Ghirardello (2020) aponta que “os arcos acabaram por ser a marca registrada do calçadão de Bauru e elemento que o identifica e o personaliza, tornando-o reconhecível de pronto se comparado a outras tantas ruas de pedestres do país, sempre tão semelhantes” (GHIRARDELLO, 2020, p. 222), podendo-se observar tais elementos na figura 12. No entanto, para o mesmo autor, faltaram diretrizes que abordassem o centro e seus problemas como conjunto nessa revitalização.

Figura 10– Inauguração do Bauru Shopping Center



Fonte: Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”. Acesso em: mai, 2019.

Figura 11 – Reforma Rua Batista de Carvalho (1991)



Fonte: Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”. Acesso em: mai, 2019.

Figura 12 – Calçadão da Batista e seus arcos (2020)



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Bauru. Acesso em: jan, 2021.

Também nesse contexto, a reforma da praça Rui Barbosa, em 1991, contou com corte de árvores e desmanche do lago que lá existia, os quais eram fruto da implantação de um primeiro projeto de reforma, dentro da linha projetual do paisagismo romântico, em 1914, quando o uso da praça deixou de ser apenas religioso e passou a ser contemplativo (FALCÃO E RAFACHO, 2006). De seu conjunto original, restou apenas o antigo e constrangido coreto perdido em meio a extensas áreas de pavimentação, ampliadas pelo fechamento da Rua Batista de Carvalho, vegetação rala e um novo e imenso lago com chafariz. Falcão e Rafacho (2006) apontam a inadequação do novo projeto uma vez que “a supressão de diversas espécies arbóreas transformou o micro-clima do local, subtraindo-lhe uma importante qualidade, principalmente considerando que o centro urbano caracteriza-se como ilha de calor” (FALCÃO E RAFACHO, 2006, p. 315). Além disso, Ghirardello (2020) afirma que a memória afetiva de toda uma comunidade e seu passado foram desconsiderados, substituídos sem qualquer justificativa mais razoável, por um desenho contemporâneo. Tal transformação é ilustrada pelas imagens 13 e 14.

Figura 13 – Praça Rui Barbosa (1926)



Fonte: Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”. Acesso em: jul, 2019.

Figura 14 – Praça Rui Barbosa após a reforma

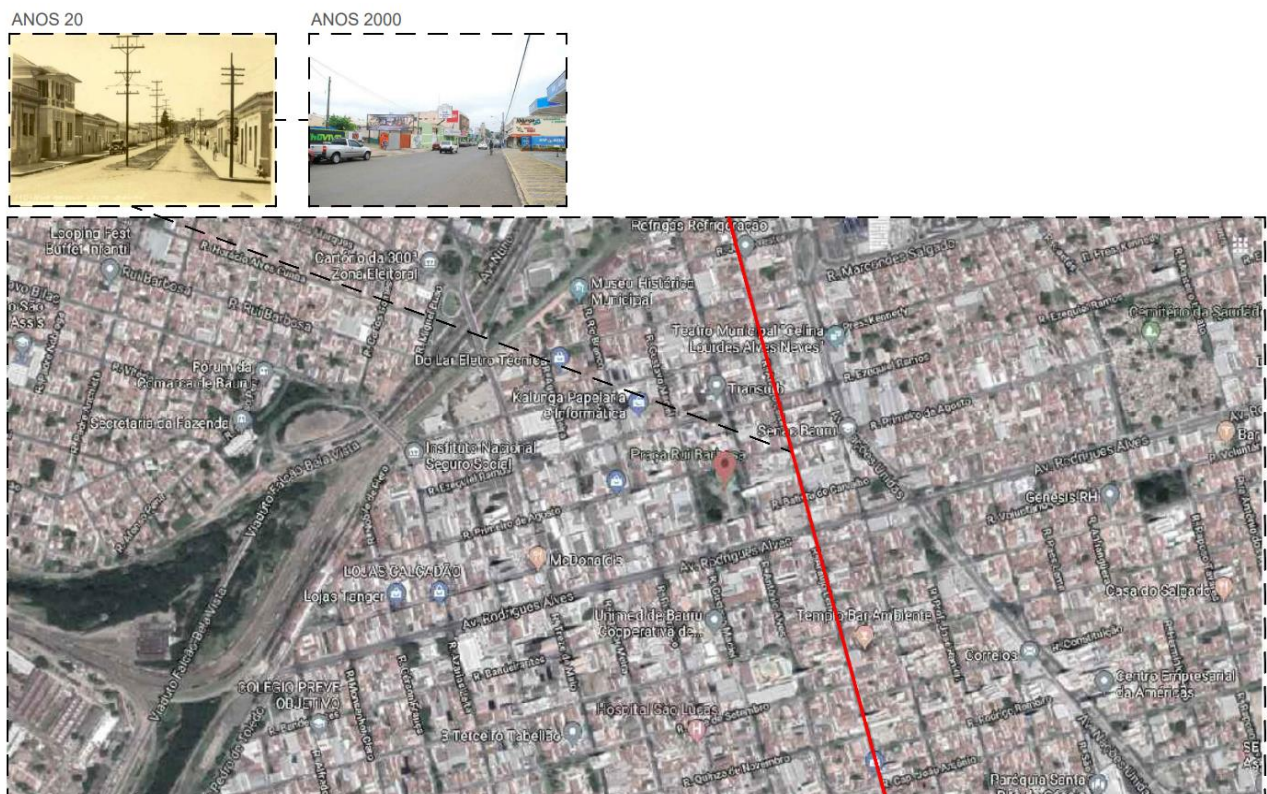


Fonte: RAFACHO, A. 2006

Como agente complementar, a concessão privada da ferrovia, que se voltou apenas ao transporte de cargas em 1996, trouxe abandono para suas edificações principais além de diminuir a relevância das atividades do centro da cidade. Atualmente, a área central do município não representa o *locus* do investimento privado para a habitação multifamiliar, incitando a monofuncionalidade atual, baseada nas atividades de comércio, o que colabora para ruas desertas fora do horário comercial, criando e acentuando a sensação de insegurança. As

principais vias do centro, tais como as já citadas Avenida Rodrigues, Rua Batista de Carvalho, Primeiro de Agosto e transversais apresentam construções antigas (e não históricas), demonstrando o baixo grau de renovação urbana na região (GHIRARDELLO, 2020). Assim, com o intuito de ilustrar algumas dessas transformações e vestígios ou camadas da história no centro da cidade, as figuras 15, 16 e 17 mostram mapas com a localização de algumas das principais vias citadas no texto com imagens de tempos diversos.

Figura 15 – Área central de Bauru com destaque para Rua Araújo Leite anos 20 e 2000.



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica do aplicativo Google Earth e imagens da Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”, acesso em mai. 2019.

Figura 16 – Área central de Bauru com destaque para Rua Primeiro de Agosto décadas 50-80



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica do aplicativo Google Earth e imagens da Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”, acesso em mai. 2019.

Figura 17 – Área central de Bauru com destaque para Rua Batista de Carvalhos décadas 20-90



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica do aplicativo Google Earth e imagens da Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”, acesso em mai. 2019.

Somado a todos esses fatores, outro fenômeno que contribuiu para o processo de esvaziamento do centro da cidade foi o surgimento de condomínios horizontais fechados especialmente na região sul no final do século 20. Observa-se, nessa área, uma paisagem composta de muros, completamente desconectada do espaço público. Pelo fato de geralmente se concentrarem fora do perímetro urbano pré-existente, representam uma expansão não apenas residencial, mas também contribuem para o surgimento de novas áreas comerciais e de serviços próximas aos espaços de moradia de padrão médio e alto, para atender às suas necessidades (LANDIM, 2004). Para Landim (2004), esse fenômeno contribui para a ocorrência de outro – o processo de esvaziamento do centro da cidade.

A cidade torna-se, então, um conjunto mais complexo, não podendo mais ser explicada pela dicotomia “centro rico x periferia pobre” (ROSSI, 2016, p. 84), revelando novas centralidades, muitas vezes desconectadas do centro onde a cidade se originou e abrigando atividades que já foram ou ainda são presentes na região central.

Pode-se constatar também a valorização de espaços fechados não só de habitação, mas também de consumo nessas novas localidades. Essa afirmação pode ser ilustrada pelo fato do município contar, desde 2012, com mais um shopping center, dessa vez na região da Vila Antártica, cuja implantação não se preocupou em integrar o entorno composto por leitos férreos, tão marcantes na história da cidade ou com o passado industrial da área. Além disso, tratando-se da constituição de um novo “subcentro” na zona sul, bem como da articulação dos residenciais fechados com novos espaços de trabalho e consumo, em detrimento daqueles existentes no centro tradicional da cidade, podendo também ser destacada a implantação recente de um centro de compras localizado entre alguns loteamentos fechados. Considerado um “shopping a céu aberto”, atende principalmente aos moradores dos residenciais próximos, no que diz respeito a demanda por restaurantes, bares, cafés e algumas lojas ligadas ao setor da moda. Dessa forma, o mapa representado pela figura 18 ilustra algumas regiões, vias e espaços da cidade comentados no texto.

Figura 18 – Mapa de Bauru



- 1 Bauru Shopping
- 2 Boulevard Shopping
- 3 "Shopping a céu aberto" – Villagio Mall

— Trilhos próximos às áreas descritas no trabalho

■ Centro da cidade

■ Alguns condomínios fechados da zona sul

— Av. Duque de Caxias

— Av. Nações Unidas

● Estação Ferroviária

■ Vila Antartica

■ Vila Falcão

— Av. Getulio Vargas

Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica obtida junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru.

2.2. Dinâmica Urbana de Bauru em relação à região central: Subsídios para análise

No início do século 20, seria difícil imaginar o processo de decadência que entraria o transporte sobre os trilhos no estado de São Paulo e no Brasil. A região central bauruense, próxima à estação ferroviária, cheia de vida e possibilidades, teve sua realidade completamente alterada. O declínio do transporte sobre trilhos, aliado às novas centralidades e ao espraiamento do tecido urbano, trouxe obsolescência aos leitos férreos, os quais não foram considerados na paisagem urbana em frequente mudança, tornando-se terrenos vagos e sem uso planejado. Solà Morales (2002) faz menção a esses espaços, descrevendo-os como espaços externos, que se encontram fora das estruturas produtivas, onde é possível constatar que a cidade já não se encontra. São, assim, lugares obsoletos onde apenas certos valores residuais parecem se manter, apesar da completo desafeto por parte das atividades urbanas: *terrain vagues* (SOLÀ MORALES, 2002). Tal denominação seria adequada também a algumas ruas do centro da cidade, com seus centros de consumo deteriorando-se e sendo cada vez menos habitadas. A homogeneidade das atividades, ligadas ao comércio e aos serviços, colabora para ruas desertas fora do horário comercial, criando e acentuando a sensação de insegurança. Assim, a falta de vida a noite é fator preocupante para região, pois, como aponta Jane Jacobs (1998), uma rua movimentada consegue garantir a segurança, ao contrário de uma rua deserta uma vez que devem existir “olhos para a rua”, os olhos daqueles que podem ser chamados de proprietários naturais da rua, uma vigilância natural do espaço.

Também pode-se destacar que deslocamento de atividades antes concernentes ao centro da cidade não resultou apenas em novos bairros para moradia, mas também gerou novos centros de comércio e serviço pelo município em função das novas áreas residenciais. Falcão e Rafacho (2006) justificam tal situação ao escreverem que “a lógica que determina a dinâmica territorial pela ocupação de novas áreas é, na maior parte das vezes, orientada pelo mercado imobiliário e pela geração de novas formas de valorização do capital” (FALCÃO E RAFACHO, 2006, p. 313)

O centro se desloca, pelo movimento de estabelecimentos comerciais e de serviço (shoppings, escolas das crianças, médicos, bufês, restaurantes, dentistas, salões de beleza, clubes, etc.) que vão caminhando em sincronia com o aparecimento de

novos bairros residenciais. A nova configuração, estrutura-se sobre o sistema viário que privilegia o sistema individual de transporte, otimizando o tempo de deslocamento, fator principal para a organização desses novos setores urbanos (FALCÃO E RAFACHO, 2006, p.313-4).

Villaça (1998) aponta que essa situação começou primeiramente nas cidades maiores, a partir das décadas de 1950 e 1960, como consequência do abandono das áreas centrais pelas camadas de alta renda. O autor indica que, nas cidades brasileiras, o que ocorre é a formação de “subcentros” voltados para os que possuem maior renda, localizados próximos das áreas de expansão urbana habitacional desses grupos, porém se caracterizando como zonas comerciais e de serviços pouco diversificadas, comparando-se com o centro principal da cidade.

A década de 1960 marcou, em todas as nossas metrópoles e mesmo em cidades médias, o início do desenvolvimento de grandes ‘sub-regiões urbanas’ de comércio e serviços voltados para as camadas de alta renda; para essas sub-regiões transferiram-se lojas, consultórios, cinemas, restaurantes, bancos, profissionais liberais, estabelecimentos de diversão, etc. que atendiam àquelas camadas e que se localizavam no centro principal. Tais sub-regiões passaram a ser conhecidas como ‘Centro Novo’ [...] (VILLAÇA, 1998, p. 277)

Tal realidade também se refletiu em espaços culturais, como é caso das festividades que ocorriam no centro, nas vias da área central da cidade, como mostra a figura 19, ou no salão do Automóvel Clube, localizado a frente da praça Rui Barbosa, assim como dos cinemas antes presentes nas ruas da região. Atualmente, eles só podem ser encontrados em espaços fechados de consumo espalhados pela cidade, não havendo nenhum cinema de rua, aberto ao espaço público. Alguns prédios dos antigos cinemas conseguiram ser readaptados para lojas de comércio, porém outros foram demolidos, exterminando completamente a possibilidade ressignificação desses edifícios, deixando espaço para novos empreendimentos favoráveis ao setor imobiliário e apagando memórias da região central, cada vez menos vivenciada pela população bauruense. O último a encerrar as atividades, em 2008, foi o Cine Bauru da Rua Treze de Maio, o qual foi inaugurado em 1938, porém na rua Primeiro de Agosto. Esse processo de demolição de cinemas da região central pode ser evidenciado pelas imagens 20, 21, 22 e 23.

Figura 19 –Rua Batista de Carvalho, retratando evento festivo nessa via nos anos 50, com a presença da população. Atualmente é uma rua pouco frequentada após o horário comercial.



Fonte: Página do Facebook “A Bauru que Não Vivi”, acesso em mai. 2019 e RAIA JR, 2015.

Figura 20 e 21 – Cine Bauru e sua demolição



Fonte: Site Jornal da Cidade de Bauru (JCNet), acesso em jan. 2021 e mai. 2019, respectivamente

Figura 22 e 23 – Cine Vila Rica e sua demolição



Fonte: Site Salas de Cinema de SP, acesso jan. 2021 e Site Jornal da Cidade de Bauru (JCNet), acesso em mai. 2019, respectivamente

Por essa ótica do deslocamento das principais atividades que inicialmente aconteciam no centro comercial e núcleo inicial do município de Bauru para outras áreas da cidade, pode-se confirmar que a paisagem urbana é objeto de vários processos de regeneração, decorrentes de transformações diversas (BRANDÃO, 2008). Ghirardello (2020) aponta que mesmo as obras e reformas da região central, como a da rua Batista de Carvalho e da Praça Rui Barbosa, que supostamente tinham o intuito de atrair as pessoas de volta para a região central, serviram de aval e incentivo para a destruição ou mutilação de diversas construções privadas centrais de interesse histórico. No entanto, segundo Brandão (2008), nem sempre essas obras são bem apropriadas pelos seus destinatários porque não integram, ou integram pouco valor prático articulado com os valores simbólicos, porque os significados não são percebidos como relevantes ou porque ficaram aquém dos objetivos. Assim, a conservação e a restauração concretas, efetivas, exigem a conjunção de uma forte motivação de ordem afetiva (CHOAY, 2001, p.94). Como consequência, observa-se também os habitantes da cidade cada vez mais afastados do centro, situação que pode revelar uma dificuldade na apreensão de elementos relacionados à memória e ao significado da região por parte da população bauruense, sendo que essa conexão está diretamente ligada à sensação de pertencimento e à identidade.

Constata-se que para que uma cidade seja vivenciada, é necessário que seja definida por um caráter identificador, que permita que seus habitantes se reconheçam e se definam por meio dele, assim como é preciso que o caráter histórico possibilite que os habitantes reencontrem os vestígios de antigas implantações, seus sinais de filiações (JODELET, 2002). Reitera-se, então, a importância da identidade nesse processo, por estar baseada na utilização de experiências do cotidiano, historicamente acumuladas no imaginário social (LEITE, 1998). A identidade, logo, falta ao centro da cidade de Bauru pois está ligada ao conceito de interatividade que cada vez menos ocorre nos espaços da região central, além de depender da continuidade do uso, retomando a ideia de 'afeiçoamento' defendida por Brandão (2008). Dessa forma, a região em pauta aproxima-se do conceito de deserto construído de Leite (1998), sinônimo de lugar cuja compreensão é impossível pois não resulta do processo cultural de qualificação da paisagem, e

afasta-se do conceito das “taskscares” de Ingold (2020), baseado na vivência cotidiana da paisagem pautada na sociabilidade.

Percebe-se, então, uma dificuldade em conciliar as alterações urbanas decorrentes do inevitável processo de transformação da paisagem com a ressignificação dos espaços preexistentes na cidade, como os da área central, dificultando a apreensão de elementos relacionados à memória e significado, e conseqüentemente o uso da região por parte da população bauruense.

2.3. Transformações no mercado imobiliário do centro da cidade de Bauru

Todas as mudanças expostas afetam imprescindivelmente o mercado imobiliário da região central e da cidade como um todo. Uma vez que a real fonte de valorização da propriedade está atrelada “à localização ocupada em relação à cidade como um todo e às características do entorno” (GONÇALVES, 2017, p.29), os imóveis do centro da cidade tiveram seus valores alterados nas últimas décadas. Como já mencionado, percebeu-se que a região passou a ser menos habitada e ter a maioria dos seus imóveis voltados para atividades comerciais após o início do processo de dispersão urbana. A alteração da imagem do centro para os bauruenses também pode ter intensificado essa dinâmica, já que “as vantagens locacionais e o preço do solo urbano influenciam assim a distribuição da população no território, seja pelo maior ou menor acesso aos serviços urbanos, seja pelo status social da vizinhança” (GONÇALVES, 2017, p.29).

Nesse sentido, o proprietário de uma imobiliária em Bauru⁵ aponta que os imóveis residenciais no centro costumavam ter valores de locação similares aos da região sul da cidade. Nos tempos atuais, no entanto, principalmente após a instalação do Calçadão da Batista, o valor para aluguel desses imóveis caiu pela metade. Pode-se destacar também algumas dificuldades para se morar no centro nos dias de hoje, como a ausência de condomínio instituído nos prédios, além de pouco controle de acesso e vigilância. Somado a isso, grande parte dos edifícios não possuem elevador nem garagem, segundo o consultor de imóveis. Assim, houve uma

⁵ Ver em Apêndices, entrevista com o consultor imobiliário bauruense Fabio Biancardi.

deterioração do tipo de moradia no centro comercial da cidade e, em função disso, os preços caíram porque os proprietários não têm interesse em investir nesses edifícios e também por conta da dificuldade de se instituir um condomínio. Nesse sentido, pode-se apontar uma deficiência de infraestrutura para residências, então os únicos interessados em ocupar esse tipo de imóveis na região central seriam os estudantes, devido à facilidade de transporte e alimentação, de acordo com Fabio Biancardi, o qual também aponta que a maioria das residências no centro da cidade tiveram seu uso transformado, tornando-se imóveis destinados ao comércio, escritórios corporativos, escolas, autarquias e secretarias, demonstrando que a região ainda tem boa procura por imóveis para fins comerciais. Assim, segundo Bernardino e Lacerda (2015, p.62), "está-se, pois, diante de um mercado com elevado grau de elasticidade da oferta e "pautado na 'negação', na 'desconstrução' do centro histórico enquanto lugar de moradia".

Com o objetivo de ilustrar a situação exposta, realizou-se uma consulta ao acervo do Jornal da Cidade de Bauru, a fim de se levantar os valores de locação de imóveis residenciais na região, encontrados nas páginas de Classificados. Assim, considerando a inauguração do Calçadão da Batista como marco incentivador do caráter comercial da área, foram encontrados preços relativos ao cenário imobiliário três anos antes desse evento (ano de 1989), ao ano de sua inauguração (1992) e o cenário três anos depois (1995). Posteriormente, buscou-se colher informações a cada cinco anos, até o ano de desenvolvimento da pesquisa (2020). Os dados desse levantamento podem ser observados na tabela e nos gráficos abaixo.

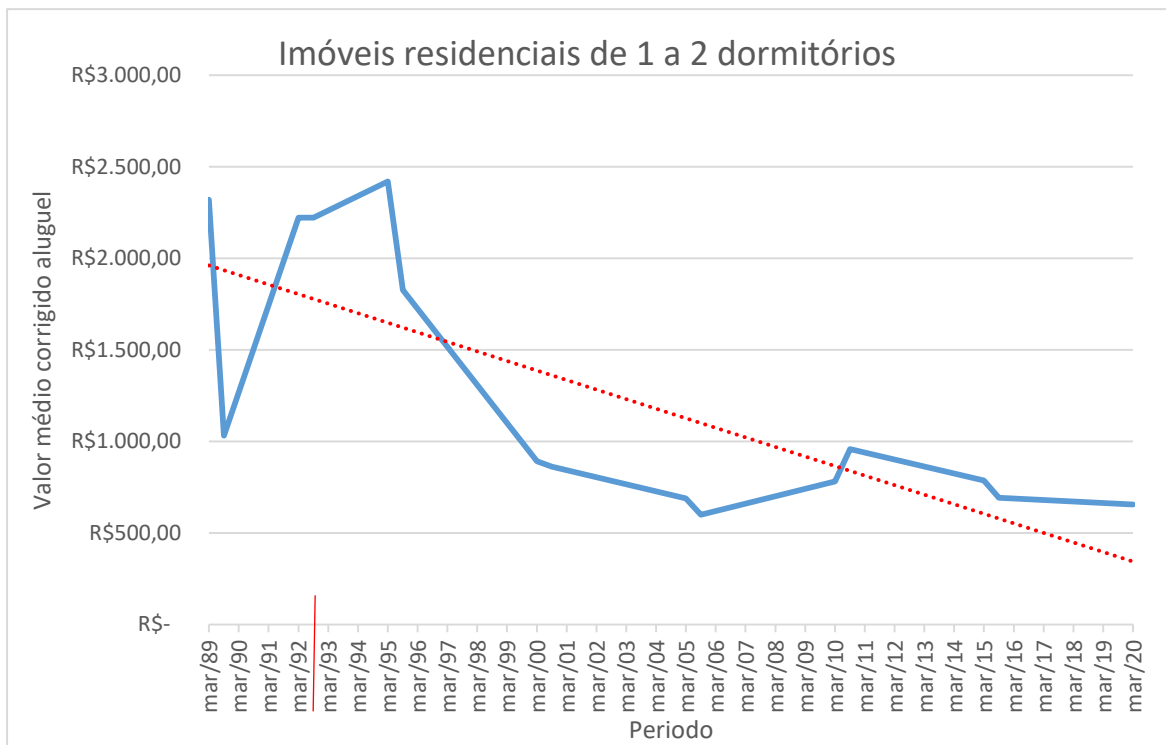
Tabela 01 – Variação de valores de aluguel de imóveis residenciais no centro da cidade de Bauru

PERÍODO	IMÓVEIS RESIDENCIAIS DE 1 A 2 DORMITÓRIOS	IMÓVEIS RESIDENCIAIS DE 3 A 4 DORMITÓRIOS
mar/89	Media de valor da época: NCz\$ 300,00	
	Media de valor atual: R\$ 2.320,28	
set/89	Media de valor da época: NCz\$ 400,00	Media de valor da época: NCz\$ 3000,00
	Media de valor atual: R\$ 1031,79	Media de valor atual: R\$ 7738,40
mar/92	Media de valor da época: Cr\$ 200mil	Media de valor da época: Cr\$ 600mil
	Media de valor atual: R\$ 2222,00	Media de valor atual: R\$ 6666,00
set/92		
mar/95	Media de valor da época: R\$ 475,00	Media de valor da época: R\$ 1000,00
	Media de valor atual: R\$ 2.419,96	Media de valor atual: R\$ 5094,66
set/95	Media de valor da época: R\$ 405,00	Media de valor da época: R\$ 675,00
	Media de valor atual: R\$ 1827,71	Media de valor atual: R\$ 3.046,18
mar/00	Media de valor da época: R\$ 268,00	Media de valor da época: R\$ 666,00
	Media de valor atual: R\$ 890,87	Media de valor da época: R\$ 2213,88
set/00	Media de valor da época: R\$ 269,00	Media de valor da época: R\$ 492,00
	Media de valor atual: R\$ 861,04	Media de valor atual: R\$ 1.574,84
mar/05	Media de valor da época: R\$ 314,00	Media de valor da época: R\$ 400,00
	Media de valor atual: R\$ 688,30	Media de valor atual: R\$ 876,82
set/05	Media de valor da época: R\$ 280,00	Media de valor da época: R\$ 410,00
	Media de valor atual: R\$ 599,44	Media de valor atual: R\$ 877,76
mar/10	Media de valor da época: R\$ 449,54	Media de valor da época: R\$ 1025,00

	Media de valor atual: R\$ 780,59	Media de valor atual: R\$ 1.779,82
set/10	Media de valor da época: R\$ 560,00	Media de valor da época: R\$ 662,50
	Media de valor atual: R\$ 957,28	Media de valor atual: R\$ 1.132,50
mar/15	Media de valor da época: R\$ 615,00	Media de valor da época: R\$ 1.473,00
	Media de valor atual: R\$ 786,46	Media de valor atual: R\$ 1883,67
set/15	Media de valor da época: R\$ 566,00	
	Media de valor atual: R\$ 692,78	
mar/20	Media de valor da época: R\$ 655,00	Media de valor da época: R\$ 1100,00
	Media de valor atual: R\$ 655,00	Media de valor atual: R\$ 1100,00
set/20	Media de valor da época: R\$ 600,00	
	Media de valor atual: R\$ 600,00	

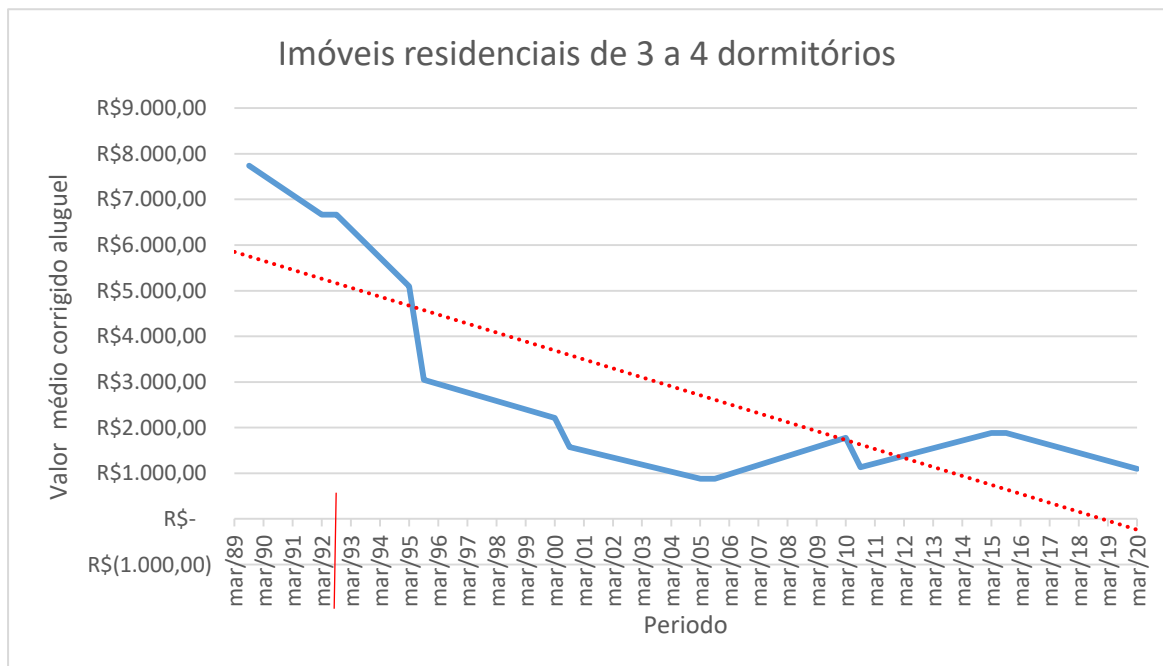
Fonte: elaborado pela autora, a partir de valores de locação de imóveis encontrados no acervo do Jornal da Cidade de Bauru, na sessão de Classificados, com valores corrigidos pelo site da Fundação de Economia e Estatística.

Gráfico 01 – Variação de valores de aluguel de imóveis residenciais de 1 a 2 dormitórios no centro da cidade de Bauru



Fonte: elaborado pela autora, a partir de valores de locação de imóveis encontrados no acervo do Jornal da Cidade de Bauru, na sessão de Classificados, com valores corrigidos pelo site da Fundação de Economia e Estatística.

Gráfico 02 – Variação de valores de aluguel de imóveis residenciais de 3 a 4 dormitórios no centro da cidade de Bauru



Fonte: elaborado pela autora, a partir de valores de locação de imóveis encontrados no acervo do Jornal da Cidade de Bauru, na sessão de Classificados, com valores corrigidos pelo site da Fundação de Economia e Estatística.

Faz-se importante pontuar que os valores expostos para cada mês/ano consultados foram resultado de uma média de todos os preços de locação residencial encontrados para os respectivos períodos. Os valores encontrados para o ano de 1989 encontravam-se na moeda Cruzado Novo e os referentes ao ano de 1992, em Cruzeiros, padrões monetários vigentes em períodos anteriores, os quais foram convertidos para o Real, moeda atual brasileira. Os demais preços encontrados já se encontravam em Reais, no entanto, para que fosse possível compará-los com valores atuais, todos foram atualizados pelo índice de inflação IPCA⁶, através da ferramenta de atualização de valores do site da Fundação de Economia e Estatística⁷.

Também através desse levantamento, foi possível confirmar algumas das informações obtidas através da entrevista com o consultor imobiliário bauruense. Uma delas foi que os valores para se morar no centro da cidade são, de fato, menores do que aqueles encontrados para se residir na zona sul, representada por bairros como Jardim Estoril e Jardim América, e nos condomínios fechados presentes nessa região, o que pode ser ilustrado pelas imagens abaixo.

Figura 24 – Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade Bauru, setembro de 2000



Fonte: acervo do Jornal da Cidade de Bauru, sessão de Classificados

⁶ Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) - O IPCA é um índice de inflação medido nas regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Vitória e Porto Alegre, Brasília e municípios de Goiânia e Campo Grande. Abrange as famílias com rendimentos mensais compreendidos entre 1 e 40 salários-mínimos, qualquer que seja a fonte de rendimentos, e residentes nas áreas urbanas das regiões. Sua série histórica inicia em fevereiro de 1980. Fonte: Site da Fundação de Economia e Estatística. Disponível em: < <https://arquivofee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>>. Acesso em: 1 ago, 2021.

⁷ Ferramenta online disponível em: < <https://arquivofee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>>. Acesso em: 1 ago, 2021.

Figura 25 – Anúncio nos Classificados do Jornal da Cidade Bauru, março de 2000

3226-4080	Kaza
Casas 03 quartos	
Alto Paraíso	\$250
Bela Vista	\$650
Universitária	\$3500
Cardia	\$270
Centro	\$1100
Centro	\$350
Estoril	\$2000
Falcão (fds.)	\$220
Getúlio Vargas	2500
Jd. América	\$1.200
Jd. Ferraz	\$180
Jd. Solange	\$250
Vi. Nipônica	\$220
Vi. Souto	\$280
Creci: 46.900	
	816251

Fonte: acervo do Jornal da Cidade de Bauru, sessão de Classificados

Figura 26 – Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de setembro de 2005

RESIDÊNCIAS - LOCAÇÃO				
JD. BRASIL \$1100, 3 dorm. c/ ae s/ 2 apto + dp, edic, 1 vaga. Próximo a Nações!	V. PACÍFICO! \$880, c/ 4d s/ 3 c/ ae e 1 ap. 3sls + dp, 1dorm/wc/serv, churrasq, port/eletr, 7 vgs.	JD. ESTORIL \$800, 3 dorm. s/ 1 ap c/ ae, 3 salas + dp, dorm. empreg. /wc, vgs	ÁREA CENTRAL OT. RESIDÊNCIA, terreno 1.200m² + casa c/ 3 dorm + dp, 4 vgs por \$650. Confira!	AV. CASTELO BRANCO \$600, 2 ótimas casas de 3 dorm. cada, por apenas \$600. Confira!
FALCÃO Ótima Localização, \$600, 3d c/ ae s/ 1 ap + dp, edic, 2vgs!	TERRA BRANCA (próx. Hípica) \$580, 3 dorm. s/ 1 ap + dp, 2 vgs. Noval	BELA VISTA (toda reformada), \$530, 3 dorm. s/ 1 ap c/ ae + dp, 2 vagas.	ALTO PARAISO SOBRADINHO , \$450, 3 dorm. s/ 1ap + dp, 2 vgs.	BELA VISTA \$450, CASA c/ 2d + dp, 4 vgs + SALÃO c/ 80m². Próx. Moraes Pacheco!
BELA VISTA \$450, c/ 2d, sl, copa/coz, apto nos fdos, amplo quintal, próximo Rodovia.	SÃO GERALDO \$450, nova 2 dorm s/ 1 ap + dp, 2 vagas, port. eletrôn.	BELA VISTA \$400, 3 dorm s/ 2 c/ ae e 1 ap + dp, 2 vagas.	VL. FALCÃO \$400, 2 dorm. s/ 1 c/ ae + dp, churrasq, próximo ITE!	JD. CAROLINA \$380, 3 dorm s/ 1 ap + dp, 1 vaga.
TERRA BRANCA \$380, 3 dorm. s/ 1 ap + dp, port/eletr, interf, 2 vagas	JD. CAROLINA \$350, 2 dorm. + dp, 2 vagas. (casa fechada, nova e segura!).	VL. INDUSTRIAL \$350, 3 dorm s/ 1 ap + dp, vagas!	CENTRO (7 de Setembro) \$330, 3 dorm + dp. Confira	BAURU XXII \$300, 2 dorm s/ 1 c/ ae, sl c/ ae, coz/gab + dp, vgs.
N. ESPERANÇA \$290, 2 dorm + dp, 1 vg. Próximo a Av. Pinheiro Machado!	VILA CARDIA \$280, 2 dorm, sl, coz, wc e a/serv. Próximo Baurucar.	STª LUZIA \$280, 2 dorm + dp, 3 vagas. Próximo Andorinhas.	GEISEL \$280, 2 dorm + dp, vagas, amplo quintal!	JD. FERRAZ EDÍCULA uma graça! \$270, 1d, sl, coz, wc, a/serv, vagas.
VL. DUTRA 2 casas, frente, \$250, c/ 3d + dp, vgs e fds (nova) \$280 c/ 2d + dp, vgs.	JD. CAROLINA \$250, 2 dorm, sl, coz, wc e área serviço	PQ. JULIO NOBREGA Edícula com 2 d + dp, quintal, 4 vagas por \$250.	MARY DOTA \$180, 2 dorm + dp, vagas.	BAURU 2000 \$180, 2 dorm + dp, 3 vagas.

Fonte: acervo do Jornal da Cidade de Bauru, sessão de Classificados, com intervenção da autora

Figura 27– Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de setembro de 2005

987018

CORRETA

Residências

Kit Centro	\$170
Nova Bauru 2d	\$180
Jd. Vitória 2d	\$250
Independênc. 2d	230
N. Esperança 2d	300
Centro 1d	\$320
Industrial 3d	\$350
Ipiranga 3d	\$350
Terra Branca 3d	450
Centro 3d	\$450
Paraíso 3d/ste	\$450
J. América 3d/st	\$600
JG França 3d/st ae	600
PVA 3d/ ste/ ae	\$650
Jd. Brasil 3d/ste	\$700
Sobrado Altos 2d	750
Jd Cruz Sul 3d ae	750
Higienópolis 3d/st	800
Jd. América 3d/ ae/ pisc.	\$1200
V. Mariana	\$1300

Temos outras opções
Plantão 3224-3825 /
3234-7554 / 9783-
7897 / 9716-7550.
C. 16507.

987019

Fonte: acervo do Jornal da Cidade de Bauru, sessão de Classificados, com intervenção da autora

Figura 28 – Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de março de 2015

BOLSA
imobiliária
CRECI: 11.904-J
www.imobiliariabolsa.com.br

RESIDÊNCIAS

Santa Edwiraes 2d.	\$580
Centro 2d.	\$900
P. Paulista 2d.	\$900
Falcão 2d.	\$900
P. Viaduto 2d.	\$900
Santa Clara 3d.	\$950
Altos da cidade 2d.	\$980
Falcão 2d.	\$1200
Alto paraíso 3d.	\$1200
Carolina 2d.	\$1200
Bela Vista 3d.	\$1400
Higienópolis 3d.	\$1500
Centro 3d.	\$1500
Primavera 3d.	\$1700
Vila cardia 3d.	\$1700
Panorama 3d.	\$1800
Higienópolis 3d.	\$2000
Altos da cidade 3d.	\$2400
Igapó 3d.	\$2500
Ranieri green 3d.	\$2800
Jardim planalto 3d.	\$3000
Centro 4d.	\$3500
Jardim panorama 3d.	\$4000
Lago sul 4d.	\$4500
Villagio 4d.	\$5000
Estoril I 4d.	\$5500

Rua Gustavo Maciel nº 17-56
Tel. 3234-3344
www.imobiliariabolsa.com.br

Fonte: acervo do Jornal da Cidade de Bauru, sessão de Classificados, com intervenção da autora

Além disso, encontrou-se anúncios que indicavam a ausência de garagem em imóveis (principalmente edifícios) da região central, fator que diminui as vantagens de se morar no centro atualmente. Essa situação pode ser ilustrada pela Figura 29, na qual também é possível observar que os valores para locação de imóveis residências em condomínios fechados de

Bauru, como Lago Sul, Chácara Odete, Jardim Shangrilá, Jardins do Sul, Villagio I e Villagio IIIII possuem valores superiores para locação quando comparados com os imóveis do centro e da cidade no geral.

Figura 29 – Anúncio de locação de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade de Bauru de março de 2020.

CASA 2 DORM	
\$2.700,	Panorama
\$1.600,	VI Cardia
\$1.500,	Jd Celina
\$1.300,	Falcão
\$1.200,	Vania Maria
\$900,	Centro
\$850,	Godoy
\$800,	Jd Gaivota
\$750,	Bom Som
\$600,	Centro s/ Garagem
3234-3344 Creci 11.904J	
CASA 3 DORM	
\$8.000,	Lago Sul
\$7.500,	Chacara Odete
\$7.000,	Shangrila
\$7.000,	Villagio 3
\$6.500,	VI Universitaria
\$4.500,	Villagio 1
\$4.000,	Ranieri Green
\$3.500,	Villagio 3
\$2.800,	Jds do Sul
\$2.700,	Niponica
\$2.500,	Coralina
\$2.300,	Ranieri Blue
\$2.000,	VI Souto
\$1.300,	Higienopolis
\$1.300,	Independencia
\$1.200,	VI Mesquita
\$850,	Gasparini
3234-3344 Creci 11.904J	

Fonte: acervo do Jornal da Cidade de Bauru, sessão de Classificados, com intervenção da autora

Foi possível identificar que essa valorização da zona sul e dos loteamentos fechados presentes nessa região ou próximos dela em relação ao centro da cidade também acontecem para valores de compra de imóveis residenciais, como pode se observar na Figura 30. Nessa imagem, os condomínios fechados são representados pelos residenciais Tivolli II e Villa Lobos. Uma justificativa para esse cenário pode ser que “quanto maior a importância do centro principal em relação a outras centralidades presentes na cidade, maior o valor de uso dos terrenos nele

localizados e também a diferença no preço do solo urbano em comparação a outras áreas” (GONÇALVES, 2017, p.29), assim a diminuição de preços do mercado imobiliário para a região central pode representar o enfraquecimento da influência da mesma perante as novas dinâmicas da cidade.

Figura 30 – Anúncios para venda de imóveis nos Classificados do Jornal da Cidade Bauru, setembro de 2020.



Fonte: acervo do Jornal da Cidade de Bauru, sessão de Classificados

2.4. A atuação do poder público diante das transformações no centro da cidade de Bauru

Diante das transformações na região central bauruense, é interessante observar de que forma o poder público e seus planos tiveram influência no diagnóstico atual da área.

Em um sentido mais amplo, dados obtidos pelo IBGE no censo demográfico de 2010 apontam que o município de Bauru possui 122.550 residências, sendo que 8.009 delas são classificadas como “particulares não ocupadas” e 67 são consideradas “coletivas sem moradores”⁸. No centro da cidade em específico, o mapa de domicílios vagos ou de uso ocasional do IBGE indica que uma porcentagem de 6 a 20% das moradias estão ociosas.

Nesse contexto, o Plano Diretor Participativo de 2008, o mais recente, reconhece o processo de esvaziamento residencial na área central de Bauru, a existência de imóveis não utilizados e subutilizados, áreas degradadas ao longo da orla ferroviária, segmentação do sistema viário pela ferrovia, além da imagem negativa da área perante a população (BAURU, 2008, art. 25).

Nesse sentido, as diretrizes gerais para desenvolvimento equilibrado da Zona Central,

⁸ Informações obtidas no site do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1310#resultado>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

consideram a requalificação das áreas públicas, melhoria do sistema viário, da iluminação, da arborização e do mobiliário urbano, incentivos à moradia e comércio noturno, incentivos à recuperação e valorização de prédios tombados e de interesse histórico-cultural, incentivo à ocupação dos imóveis ao longo da orla ferroviária, incentivo à instalação de serviços públicos; a utilização de operação urbana consorciada ou consórcio municipal, além da utilização da transferência do direito de construir (BAURU, 2008, art.25, inciso I).

A arquiteta Maria Helena Rigitano⁹, coordenadora do plano, aponta que já havia desde 1996 uma tendência, causando uma preocupação com o esvaziamento do centro, pois observava-se a migração do comércio mais nobre para zona sul da cidade. Tal afirmação pode ser ilustrada pelo fato de se haver proposto, desde o Plano Diretor de 1996, programas de revitalização do comércio da área central, a fim de evitar sua deterioração através de investimentos em melhorias urbanas e recuperação ambiental (BAURU, 1996, art. 97, inciso I). Além disso, também era possível observar que os investimentos residenciais das empreendedoras também eram concentrados em bairros da região sul ou em volta ao Bauru Shopping. No entanto, para a arquiteta seria interessante que houvesse um incentivo maior de investimentos na área central, como benefícios fiscais, observando que a legislação atual apresenta certos impedimentos.

A questão habitacional é inegavelmente importante para a área, de forma que, nas diretrizes específicas para o centro consta o desenvolvimento de programas habitacionais e estímulos às atividades comerciais, de serviços e institucionais com funcionamento noturno por meio de incentivos fiscais a serem regulamentados em legislação específica (BAURU, 2008, art.123, inciso III). Tal proposta é incentivada pelo fato da região se esvaziar após o horário comercial, passando uma forte sensação de insegurança. A coordenadora do Plano Diretor aponta, entretanto, que a imagem da área e o discurso em relação ao centro trazem pouco incentivo para moradia, de forma que, segundo a arquiteta, a região necessita de uma campanha de marketing, a fim de enfatizar que o centro merece investimentos, que tem infraestrutura instalada e que poderia ser melhor aproveitada, incentivando o investimento de empresários na área

⁹ Ver em Apêndices, entrevista com a coordenadora dos Planos Diretores de 1996 e 2008 para a cidade de Bauru, arquiteta Maria Helena Rigitano.

central no lugar de buscarem áreas distantes, que exige o prolongamento de infraestrutura e instalação de novos serviços públicos. Também nesse sentido, a arquiteta pontua que a prefeitura muitas vezes loca edifícios na zona sul para instalar secretarias e serviços, atraindo público para essa região enquanto que na região central há grande número de prédios ociosos. A questão dos edifícios vazios também foi explorada nas diretrizes para região central no Plano de 2008, de forma que uma delas pontua a aplicação do instrumento da edificação/utilização compulsória nos edifícios que não cumprem a sua função social (BAURU, 2008, art.123, inciso XI). Maria Helena Rigitano, no entanto, indica que existem prédios residenciais antigos que estão ociosos por questão de herança, inventário ou complicações na propriedade. Além disso, como muitas vezes os prédios notificados necessitam de investimentos na infraestrutura, muitos proprietários que não possuem recursos acabam optando por manter os imóveis ociosos. Um exemplo desse cenário é o “Bauru Park”, ilustrado pela Figura 31, lançado em 1992 com a proposta de ser um estacionamento vertical localizado no cruzamento entre as ruas Bandeirantes e Treze de Maio, o qual nunca foi inaugurado e, apesar de alguns estudos para abrigar novas funções, compreendendo salas comerciais ou apartamentos¹⁰, permanece sem uso, mas impondo-se na paisagem da região.

¹⁰ Informações obtidas em matéria do Jornal da Cidade do dia 18 de maio de 2011 (“Prédio garagem poderá ser office-center” – p. 5). Disponível em: < https://www.jcnet.com.br/noticias/economia__negocios/2011/05/326155-predio-garagem-podera-ser-office-center.html>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Figura 31 – Edifício garagem presente na região central de Bauru



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Ainda podem ser destacadas outras diretrizes para o centro da cidade presentes no Plano Diretor Participativo de 2008 como investimentos em iluminação, repavimentação, sinalização, lazer, limpeza, arborização urbana e disposição adequada de resíduos sólidos; elaboração de um projeto de mobiliário urbano, que contemple, entre outros, a instalação de abrigos de ônibus, lixeiras e jardineiras; fiscalização do sistema rotativo de forma a garantir a rotatividade das vagas de estacionamento, controle da instalação de atividades geradoras de tráfego, priorização do transporte coletivo, padronização das calçadas prevendo acessibilidade para portadores de necessidades especiais, tais como piso tátil e rampas, implementação de projetos de infraestrutura em drenagem visando reduzir ou minimizar problemas de inundações; oferecer outras opções de acesso à área central, mesmo que exclusivo para pedestres e

ciclistas; programas de incentivo a preservação de bens tombados pelo CODEPAC¹¹ e controle das edificações do entorno, em especial os lindeiros; parcerias visando à recuperação dos edifícios localizados nas adjacências da malha ferroviária; fiscalização dos estabelecimentos geradores de ruído; elaborar regulamentação de publicidade nas áreas públicas e fachadas: das edificações visando o controle da poluição visual e segurança dos pedestres; instituir um programa de recuperação/modernização da Avenida Rodrigues Alves, principalmente no trecho compreendido entre a Avenida Nações Unidas e Avenida Pedro de Toledo, bem como da Praça Rui Barbosa, a principal do centro da Cidade, dentre outras (BAURU, 2008, art.123, incisos I a XVI).

No entanto, observa-se que o fato de haver diretrizes nos Planos Diretores não representa garantia de que as políticas públicas irão segui-las ou priorizá-las, porque com a mudança de administração, as prioridades mudam, conforme aponta Maria Helena Rigitano. Assim, as diretrizes propostas nos últimos Planos Diretores ainda são muito atuais, uma vez que nada de efetivo foi realizado nesse período para que se incentivasse os investimentos na área central.

Nesse sentido, a arquiteta da Secretaria de Planejamento de Bauru, Natasha Lamonica Moinhos¹², também indica que praticamente nenhuma ação prevista no Plano Diretor de 2008 foi colocada em prática no centro da cidade, com exceção de uma licitação de projeto para o prédio da estação ferroviária, a qual será refeita, e do recape de avenidas, que ainda será executado. A arquiteta também faz menção a um concurso público com ideias para revitalização do calçadão da Rua Batista de Carvalho em suas sete quadras, o qual foi realizado em 2020. O projeto vencedor, cujas propostas são ilustradas pelas Figuras 32, 33, 34 e 35, no entanto, não foi executado por limitação de valor para a obra.

¹¹ Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru.

¹² Ver em Apêndices, entrevista com a arquiteta da prefeitura Natasha Lamonica Moinhos.

Figura 32 – Imagem 3D do projeto vencedor do concurso para revitalização do calçadão da Rua Batista de Carvalho realizado em 2020



Fonte: Arquivo de Julia Gasparini, 2020.

Figura 33 – Imagem 3D do projeto vencedor do concurso para revitalização do calçadão da Rua Batista de Carvalho realizado em 2020



Fonte: Arquivo de Julia Gasparini, 2020.

Figura 34 – Imagem 3D do projeto vencedor do concurso para revitalização do calçadão da Rua Batista de Carvalho realizado em 2020



Fonte: Arquivo de Julia Gasparini, 2020.

Figura 35 – Imagem 3D do projeto vencedor do concurso para revitalização do calçadão da Rua Batista de Carvalho realizado em 2020



Fonte: Arquivo de Julia Gasparini, 2020.

Também no sentido de trazer vida à região central, em 2018, o projeto “Centro como Res Pública”¹³ foi elaborado pelo Grupo de Pesquisas em Sistemas Territoriais e Urbanos (Grupo Situ) e coordenado pelo professor Adalberto da Silva Retto Júnior, especializado em urbanismo, a partir de solicitação da Prefeitura de Bauru. O plano propõe a implantação de moradias para estudantes universitários e visa levar até 3 mil deles para residir na região central de Bauru. A proposta inclui pesquisa, levantamento de campo para identificar ociosidade, característica dos imóveis e classificação dos mesmos, além da proposta de realização de dois workshops, um deles para repensar formas de habitar a região com o repovoamento através de parceria e utilização do aluguel social como forma de suprir o déficit habitacional da universidade (Unesp) e o outro com foco em patrimônio industrial ferroviário e identidade. A secretaria municipal de Planejamento no cargo no ano de 2018, Letícia Kirchner, sinalizou que estudaria maneiras de viabilizar o projeto, no entanto não houveram mais notícias indicando a continuidade ou execução do plano proposto.

Contribuindo para um panorama de propostas e intenções mais atuais para região central, o arquiteto Nilson Ghirardello¹⁴, atual secretário municipal de Planejamento de Bauru, aponta que, para o novo Plano Diretor que está sendo discutido, estuda-se o aumento da quantidade de moradias no centro da cidade, voltadas principalmente para habitação de classe média e classe média baixa. O arquiteto aponta que os incentivos para essas habitações na área central serão baseados na possibilidade de edifícios sem recuo, sem área de estacionamento ou com área de estacionamento reduzida, de forma a priorizar o transporte coletivo e diminuir o valor das unidades habitacionais na área central, região que também já possui uma boa infraestrutura urbana instalada, como água, esgoto e telefonia. Segundo o secretário, a partir do incentivo à habitação na área central, vislumbra-se que ocorram atividades em todas as horas do dia, em particular no horário noturno.

¹³ Informações obtidas em matéria do Jornal da Cidade do dia 12 de março de 2018 (“Projeto visa levar estudantes para “dar vida” à região central”). Disponível em: <<https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2018/03/519868-projeto-visa-levar-estudantes-para--dar-vida--a-regiao-central.html>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

¹⁴ Ver em Apêndices, entrevista com o arquiteto e secretário municipal de Planejamento de Bauru, Nilson Ghirardello.

CAPÍTULO 3

A PERCEPÇÃO URBANA DO CENTRO DA CIDADE DE BAURU

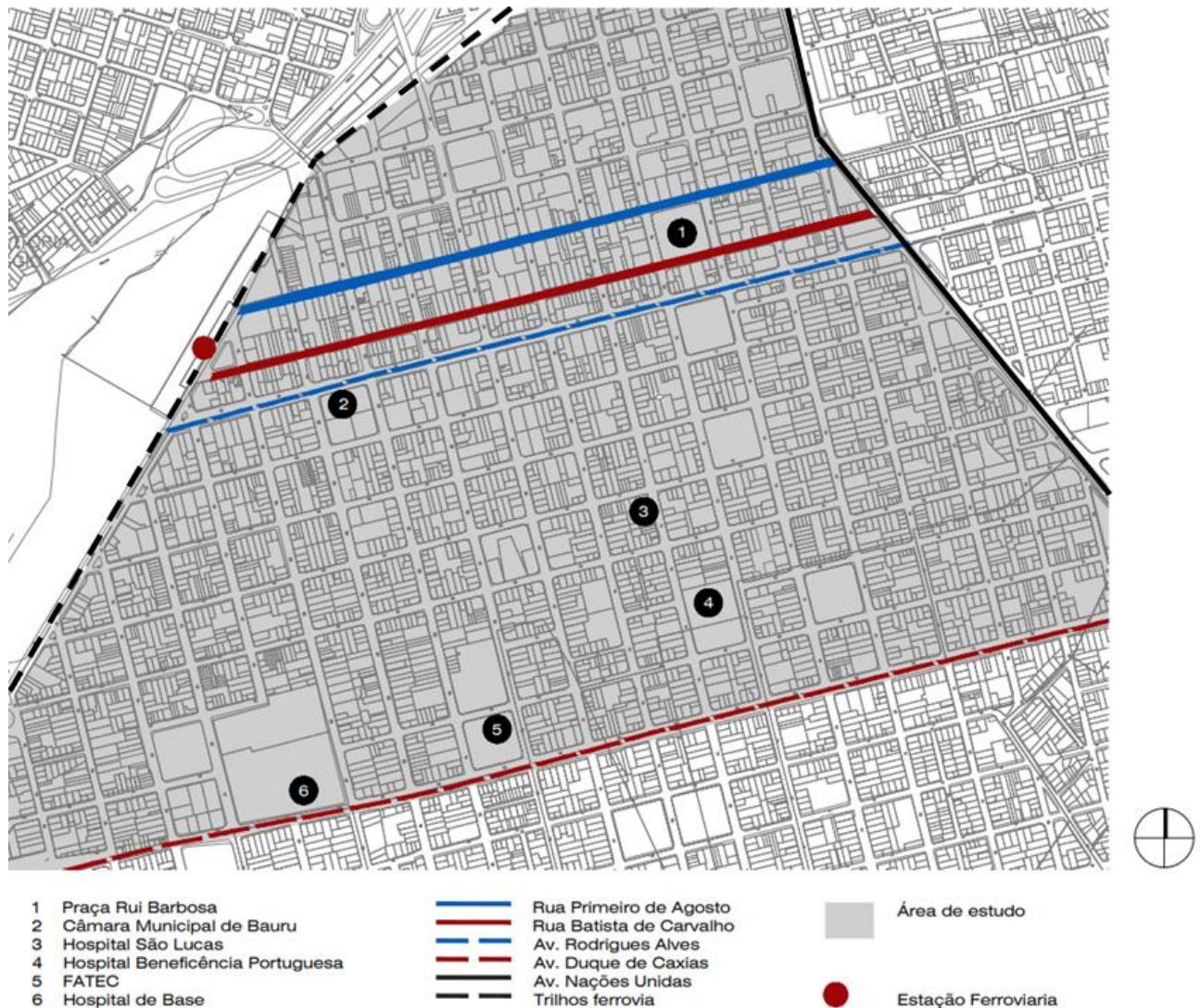
Apesar da construção histórica das transformações ocorridas no centro da cidade de Bauru, demonstradas previamente, e dos projetos e planos pensados para a região, observou-se que a população, muitas vezes, está alheia a essas propostas. Assim, os motivos que os levam a vivenciar ou não um espaço pode estar ligado a imagem que têm dele, demonstrando a relevância de se discutir qualitativamente o papel da área central.

Independentemente da região se enquadrar na “Zona Predominantemente Comercial” e na “Zona Estritamente Comercial” do município de acordo com o Mapa de Uso de Solo da Prefeitura Municipal¹⁵, a área de estudo do trabalho, delimitada pela Avenida Duque de Caxias ao sul, pela Avenida Pedro de Toledo e pelos trilhos da ferrovia a oeste e pela Avenida Nações Unidas a leste, segundo o mapa de macrozoneamento do Plano Diretor de 2008, abriga outras atividades, como serviços de saúde, educação e a Câmara Municipal, conforme se pode observar na Figura 36. Além disso, apesar de menos pessoas residirem na região em comparação com décadas passadas, o que foi confirmado pelo diagnóstico do Plano Diretor de 2008, ainda existem moradores na área, os quais vivenciam a dinâmica do dia-a-dia da região de forma mais próxima.

Dessa forma, um contato mais tátil com a região e o questionamento do papel do centro para a população de Bauru aparecem como uma forma de possibilitar a criação de experiências sensíveis de comprometimento e apreciação da área. Tal aproximação com a região foi desenvolvida por meio da Deriva e do desenvolvimento do “Discurso do Sujeito Coletivo”, de forma a entender quais são as impressões da população em relação ao centro e as justificativas para vivenciá-lo ou não.

¹⁵ Disponível em:< <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1KeRwDvxkeKGXfRh2vcjrtHjVr4GWIaV-&ll=-22.33411020920119%2C-49.04531019727774&z=12>>. Acesso em: 23 ago, 2021.

Figura 36 – Área de estudo



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica obtida junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru

3.1. O centro da cidade de Bauru através da experiência da Deriva

A região central de Bauru apresenta espaços, apesar de históricos e ligados ao nascimento da cidade, pouco vivenciados pela população. A estação ferroviária, os trilhos e as ruas os que circundam parecem ter se tornado espaços residuais na cidade. Para Cabral (2019), o reconhecimento desses espaços enquanto ente específico do urbano, ente de característica residual, e a integração desses espaços às práticas cotidianas permitem que se ateste a infinidade de possibilidades entreabertas, pois são espaços eminentemente habitados. O autor

também sugere que para reconhecer os espaços irresolutos da cidade é preciso disponibilizar todos os sentidos e colocar-se corporalmente em contato com tais espaços para que eles possam ser reconhecidos (CABRAL, 2019). Da mesma forma, Jacques (2003) afirma que somente com a participação, a experiência e a vivência efetiva, os espaços públicos podem deixar de ser cenários para se transformarem em palcos - de trocas, conflitos e encontros.

Assim, Besse (2014), no contexto da paisagem, aponta o caminhar como ato diretamente relacionado ao reconhecimento e a crítica do real, de forma que “a caminhada, de fato, requalifica o espaço, no próprio sentido do termo: ela lhe dá novas qualidades, novas intensidades” (BESSE, 2014, p.55). Logo, “o andar permite a sensibilidade pela qual nos relacionamos com o mundo” (CABRAL, 2019, p.175). Ao contrário dos mapas como os apresentados em Planos Diretores, por exemplo, nos quais o espaço é dado como um quadro a priori da experiência, no percurso, vai-se descobrindo aos poucos, vai se formulando e reformulando a medida da progressão dos itinerários (BESSE, 2014).

Para aprofundar a compreensão do "espaço da paisagem", Besse (2014, p.184) utiliza a lógica hodológica do espaço.

[...] a hodologia foi um termo introduzido por John Brinckerhoff Jackson em 1984, o qual apresentou a hodologia como a ciência dos caminhos, das estradas e das viagens. Os caminhos são considerados como uma forma estruturante para a paisagem, um meio de organizar o território sem ser uma questão apenas técnica, mas também social e política. (PICHININ-HOPPE, 2019, p.24)

Nesse sentido, ressaltando que o Movimento Internacional Situacionista se apoiava, sobretudo, na observação e na experiência da cidade existente, Jacques (2003) aponta que os situacionistas buscavam combater a passividade e a alienação das pessoas e, para tanto, criaram a Psicogeografia, um novo estudo do meio urbano voltado à geografia afetiva das cidades, e a Deriva, uma técnica pautada no caminhar que buscava a apreensão e apropriação desse relevo afetivo. Pode-se considerar que a deriva, então, seria o exercício prático da psicogeografia, buscando desenvolver na prática a ideia de construção de situações (JACQUES, 2003).

Por essa ótica, a deriva como procedimento metodológico aparece como uma alternativa para o reconhecimento urbano, além da história. Essa prática, proposta por Guy Debord, participante do movimento Internacional Situacionista (IS), apoia-se principalmente na observação e na experiência da cidade existente. Para Debord (1958), uma definição para a deriva seria a renúncia de motivos para deslocar-se (seja por relações, trabalho ou entretenimento), para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros a que ele corresponde (Debord, 1958). Tal prática, segundo Careri (2014), possibilita os estranhamentos perante a cidade e a possibilidade de se encontrar novas camadas, estruturas e dinâmicas ocultas nas paisagens. Dessa forma, também haveria a possibilidade de se encontrar o próprio território e quem o habita, para que se possa encontrar as pessoas, os lugares mais adaptados e as situações em que um projeto possa crescer, modificar-se e converter-se em um território comum (CARERI, 2014). Logo, a partir desse procedimento metodológico, fruto da relação tátil com o lugar, haveria a chance de conciliação com a paisagem, conceito tão inerente às transformações urbanas, e a criação de imagens da cidade que façam mais sentido aos habitantes.

É nesse contexto que uma deriva foi realizada no centro de Bauru em 30/08/2020, durante uma tarde de domingo. Após caminhar pela região fora do horário comercial, pode-se afirmar que o som mais recorrente é o ruído do caminhar solitário, que apenas é interrompido quando a visão expõe a interação com os “outros”, muitas vezes representados por sem-teto, usuários de drogas e marginais, comprovando que os espaços residuais são eminentemente habitados. Mesmo os segundos pavimentos das lojas, antes moradia dos donos dos estabelecimentos comerciais, parecem estar vazios, assim como as ruas onde estão implantados, trazendo uma sensação constante de insegurança e solidão para a visita à área. Além disso, pode-se dizer que as antigas construções ligadas a ferrovia são as que mais impressionam por revelarem o desafeto por parte das atividades urbanas, relacionando-se às *terrain vagues* mencionados por Solà Morales (2002). A região que foi sinônimo de desenvolvimento econômico e que abrigou as elites do passado, atualmente apresenta contrastes históricos e discontinuidades.

A fim de comparar a situação, realizou-se uma nova visita a área, no dia 31/08/2020, dessa vez durante o horário comercial. Ambos os caminhos percorridos aparecem ilustrados na figura 37.

É importante apontar que ambas as visitas foram feitas em horários similares, para que se pudesse entender o fluxo de pessoas na área e o desenvolvimento de atividades. No entanto, faz-se imprescindível salientar que a pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia do COVID19, e, sendo assim, durante os dias em que a região foi visitada, o comércio encontrava-se na Fase Amarela do Plano São Paulo de flexibilização para retomada das atividades comerciais há aproximadamente um mês. Nessa fase, autorizava-se a abertura do comércio mediante permissão de entrada de até 40% da capacidade de público das lojas e horário reduzido de funcionamento¹⁶.

Ainda assim, nessa segunda visita, foi possível notar mais pessoas nas ruas, tanto utilizando os espaços públicos da região quanto passando pela área para realizar seu trajeto até outra localidade, uma vez que muitos ônibus circulam no centro. No entanto, ficou-se explicitado que, mesmo em condições atípicas na rotina comercial do centro por conta de tempos pandêmicos, o comércio aberto foi o grande diferencial quanto à quantidade de pessoas vivenciando a área, indicando que a região voltaria a ficar vazia após o expediente das lojas.

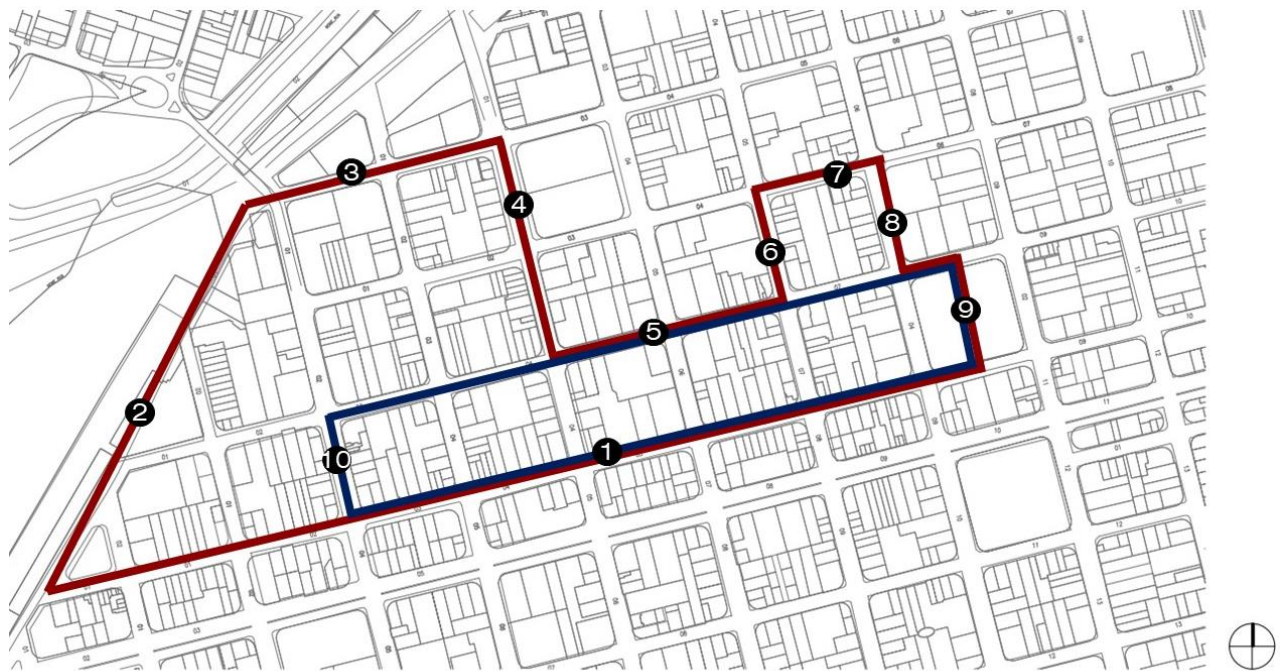
Pode-se relacionar tal fato à teoria de Choay (2001), segundo a qual o patrimônio histórico parece ter perdido sua função construtiva para representar o papel de um espelho no qual as sociedades humanas contemplam passivamente sua própria imagem, sendo levadas ao culto de uma identidade genérica, que reduz a experiência corporal do mundo físico e o contato humano, possível motivo de desconexão dos habitantes com a região representante da origem do município de Bauru.

Nesse sentido, a experiência corporal estabeleceu conexões com os agentes sociais locais e proporcionaram um panorama mais esclarecedor sobre a condição atual da região estudada. Cabe ressaltar que os resultados destas experiências de reconhecimento urbano não podem ser lidos como conclusivos, mas como um processo de conhecimento construído sobre e pelo

¹⁶ Informações obtidas em matéria do site G1 do dia 24 de agosto de 2020 (“Na fase amarela, Bauru publica novo decreto e amplia horário de funcionamento do comércio”). Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2020/08/24/na-fase-amarela-bauru-publica-novo-decreto-e-amplia-horario-de-funcionamento-do-comercio.ghtml>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

trajeto em um território. As fotografias tiradas da região aparecem nas montagens representadas pelas figuras 40 e 41, não apresentando aspectos técnicos, mas demonstrando imagens captadas aleatoriamente por câmera de celular, a fim de revelar situações que chamaram a atenção durante o percurso.

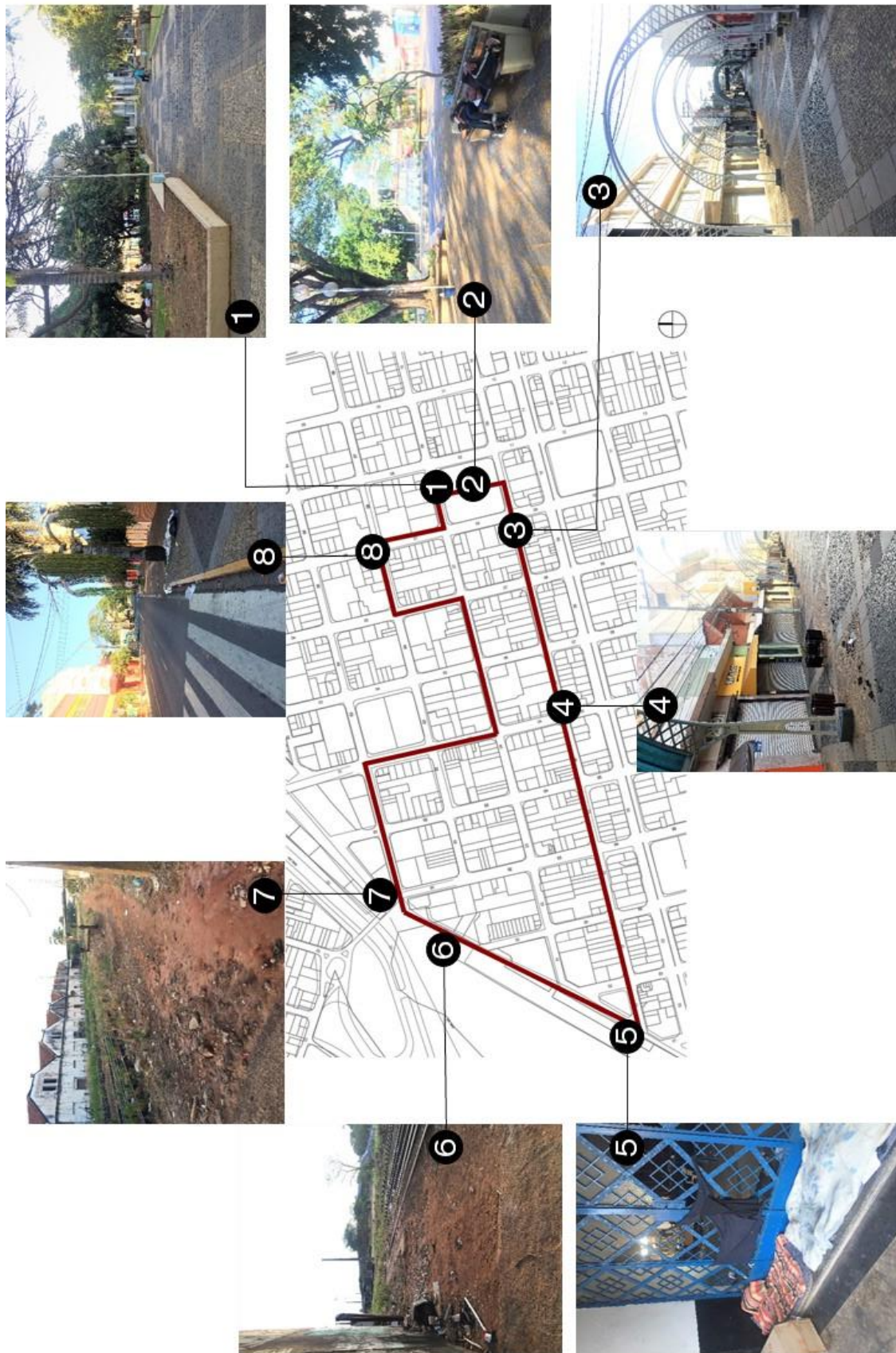
Figura 37 - Derivas no centro da cidade de Bauru



- | | | |
|---------------------------|----------------------|-------------------|
| 1 Rua Batista de Carvalho | 6 Rua Rio Branco | — Primeira Deriva |
| 2 Praça Machado de Mello | 7 Rua Ezequiel Ramos | — Segunda Deriva |
| 3 Rua Pres. Kennedy | 8 Rua Gustavo Maciel | |
| 4 Rua Treze de Maio | 9 Praça Rui Barbosa | |
| 5 Rua Primeiro de Agosto | 10 Rua Azarias Leite | |

Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica obtida junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru

Figura 38 - Fotografias decorrentes de visita a região central no dia 30/08/2020



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica obtida junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru e imagens da autora, 2020.

Figura 39 - Fotografias decorrentes de visita a região central no dia 31/08/2020



Fonte: Intervenção da autora sobre base gráfica obtida junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Bauru e imagens da autora, 2020.

Na primeira deriva, a qual ocorreu em um domingo, pode-se perceber que a região não estava recebendo muitas atividades. A praça Rui Barbosa estava praticamente vazia, abrigando apenas alguns moradores de rua que dormiam em seus bancos. O Calçadão da Batista encontrava-se completamente vazio e pouco cuidado. Da mesma forma, na Estação Ferroviária havia muitos moradores de rua e o local estava bastante sujo. Também nessa caminhada, foi possível encontrar leitos férreos descuidados e sem uso, logo ao lado da estação de trem. Mesmo em vias importantes e movimentadas do centro não havia trânsito de pessoas ou mesmo de automóveis.

Na segunda deriva, no dia seguinte, uma segunda-feira, apesar do contexto da pandemia, havia mais pessoas frequentando a área e executando suas atividades do dia a dia: muitos esperavam o ônibus, caminhavam, senhores jogavam cartas na Praça Rui Barbosa e a rua Batista de Carvalho estava relativamente cheia apesar das lojas não poderem receber sua capacidade total de público naquele dia por conta da já referida Fase Amarela do Plano São Paulo.

3.2. O centro da cidade de Bauru pelos olhos da população

3.2.1. A elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo

O início desse processo se dá partir da coleta de opinião como resposta a uma pergunta aberta, que viabiliza a emissão de um depoimento (AMARO, 2017). Assim “os respondentes são convidados a expor livremente seu pensamento sobre o tema pesquisado” revelando então, a importância da escolha dos sujeitos para a pesquisa, pois “o DSC pretende ao final obter todo o espectro de opiniões sobre os problemas pesquisados na população pesquisada” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p.49).

Outra questão relevante sobre a metodologia refere-se à quantidade de sujeitos para pesquisa de opinião. Lefevre & Lefevre (2012) apontam que “o DSC torna possível quantificar as opiniões sem desnaturar a sua qualidade imanente de discurso e depoimento” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p.45). Os autores também indicam que há três situações distintas quanto a amostragem de população para o desenvolvimento do DSC, sendo que na primeira delas, tem-se um universo

limitado, onde é possível o conhecimento de todos que o compõe e, nesse caso, o pesquisador pode compor pessoalmente a sua amostra, escolhendo todos os indivíduos a serem pesquisados, por ter conhecimento e acesso aos sujeitos da pesquisa (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005). Já na segunda situação, o pesquisador tem conhecimento aprofundado das características do universo a ser pesquisado, mas como se trata de um campo extenso, uma investigação qualitativa integral, incluindo toda a população seria muito onerosa e trabalhosa, assim “o pesquisador pode proceder a uma escolha intencional dos sujeitos a serem pesquisados” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005, p.38). A terceira situação se trata de um “universo muito extenso a ser pesquisado e o pesquisador não conhece ou conhece superficialmente os sujeitos a serem pesquisados” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005, p.38), o que dificulta uma escolha intencional dos sujeitos, no entanto deve-se escolher uma amostra representativa na medida do possível (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005).

Percebe-se, então, que não há uma regra fixa para a quantidade de depoimentos a serem colhidos, no entanto “a seleção dos sujeitos deve necessariamente possibilitar que as diferentes opiniões existentes surjam no universo das entrevistas” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p.42). No presente trabalho, o universo de pesquisa pode ser considerado muito amplo, uma vez que se busca obter a visão dos habitantes de Bauru de uma forma geral sobre a região do centro da cidade. Portanto, para atender tal propósito, fez-se necessário dividir os sujeitos a serem entrevistados em três grupos, sendo eles: Grupo A, representando pessoas que nunca residiram no centro da cidade, Grupo B, englobando aqueles que já residiram no centro da cidade, mas que atualmente não vivem mais lá e, finalmente, Grupo C, representando os que residem no centro atualmente. Essa divisão tem o intuito de levantar resultados considerando diferentes proximidades com o centro, a fim de se chegar a opiniões que reflitam particularidades que envolvem a imagem do centro e seu uso (ou ausência dele) por aqueles que tem um contato mais próximo ou mais distante com a região, considerando suas experiências urbanas e, conseqüentemente, a percepção da área. Assim, pretende-se, além de obter todo o espectro de opiniões possíveis sobre os problemas, qualificar uma ideia e, ao mesmo tempo, analisar o seu grau de compartilhamento entre os indivíduos pesquisados (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Um auxílio para a seleção do público a responder as questões foi a técnica de amostragem chamada “bola de neve” (snowball sampling), a qual se caracteriza por utilizar cadeias de referências. É construída, primeiramente, a partir da identificação de informantes-chaves, nomeados como sementes, através dos quais se localizam pessoas com o perfil necessário para participar da pesquisa, dentro de uma população geral. Após a entrevista feita com essas primeiras pessoas, solicita-se que elas indiquem novos contatos, a partir de suas próprias redes de convivência, e assim sucessivamente (VINUTO, 2014, p. 203). A utilização da “snowball sampling” aproxima o pesquisador de grupos de difícil acesso, sendo útil para tratar de questões mais delicadas e de âmbito privado, além de ter sido importante na descoberta de moradores do centro da cidade, uma vez que a região tem foco no setor de comércio e serviços, mas não residencial.

No tocante ao roteiro de perguntas, Lefevre & Lefevre (2005) indicam que antes de se formular uma questão, deve-se definir os objetivos que pretende atingir, assim como se deve evitar questões que levem o entrevistado a produzir representações cognitivas quando o pesquisador procura acessar representações comportamentais. Também não se devem ser feitas perguntas cujo único objetivo é produzir reações emocionais, da mesma forma que não se devem ser formuladas perguntas que não levem à produção de um discurso, inadequadas à população-alvo ou que levem à incompreensão do enunciado (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005). Nesse sentido, Lefevre & Lefevre (2005) apontam como “perguntas ideais” aquelas que levam o entrevistado à produção de um discurso, respondem com exatidão aquilo que o pesquisador está pesquisando, levam o entrevistado a responder o que acha e não o que o pesquisador tem em mente, são apropriadas e perfeitamente compreensíveis pelo sujeito entrevistado e foram pré-testadas em sujeitos equivalentes ao da pesquisa proposta.

Na pesquisa em pauta, os aspectos a serem investigados¹⁷ pelas perguntas são referentes às alterações na paisagem e na percepção urbana, como as transformações na região central de Bauru são percebidas pelos habitantes e qual a imagem do centro, primeiro bairro da cidade e

¹⁷ Ver em Apêndices, Formulário de entrevista para participantes do Discurso do Sujeito Coletivo.

local de prestígios em tempos primórdios, na atualidade. Além disso, busca-se entender questões relacionadas à mudança no uso da região central, uma vez que o centro, antes residência das elites e de grande parte da população, incluindo comerciantes, hoje tem seu uso mais pautado nas atividades de comércio e serviços e, nesse contexto, busca-se entender porque as pessoas não moram mais no centro, se existe algum fator que, se implementado, as fariam morar no centro novamente ou as fariam frequentá-lo mais. Também se objetiva saber se a população tem consciência de que fatores ou agentes sociais (planos diretores, especulação imobiliária, poder público) são responsáveis pela atual situação do centro da cidade (e da valorização de outros bairros em decorrência do espraiamento urbano).

Foram produzidos dois tipos de formulários de entrevista diferentes, um para os participantes dos Grupos A e B (referente a quem não mora no centro atualmente) e outro para participantes do Grupo C (atuais moradores da área). A fim de resgatar a opinião individual livre de qualquer tipo de interferência e o afloramento do discurso espontâneo, a forma de coleta de depoimentos escolhida foi a entrevista individual dos participantes. Apesar de algumas entrevistas terem acontecido de maneira presencial (16%), a grande maioria foi realizada com respostas gravadas em áudio através do aplicativo do “WhatsApp” (84%), pois o uso do aplicativo de comunicação não representa prejuízos para os depoimentos por recorrer-se a esse recurso apenas em casos de participantes já habituados a utilizá-lo para comunicação (AMARO, 2017). No entanto, a preferência pelo aplicativo como meio de resposta para as questões aconteceu principalmente como forma de preservar a saúde dos entrevistados, uma vez que essa metodologia foi desenvolvida e aplicada na presente pesquisa no ano de 2020, durante a pandemia do COVID-19, quando o distanciamento social era necessário.

Lefevre & Lefevre (2012) também sugerem o uso do “software QLQT On-line”, no entanto tal recurso não foi utilizado uma vez que possui limitações. Segundo os autores, “pesquisas que tenham como objetivo respostas mais sinceras e espontâneas perdem muito na descrição de vivências e experiências quando o entrevistado as responde por escrito”, além de haver “mais dificuldade em obter depoimentos escritos do que verbais” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p. 66-

67). Pode-se pontuar também limitações no tocante às “populações que não têm acesso, não sabem usar internet ou não são alfabetizadas” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p.67).

Para a tabulação dos dados, Lefevre & Lefevre (2005) instruem que as entrevistas, após coletadas e gravadas, devem ser transcritas. No primeiro passo, as perguntas foram analisadas isoladamente através da resposta de cada sujeito entrevistado. Já no segundo passo, foram “identificadas e sublinhadas, em cada uma das respostas, com uma cor determinada ou utilizando outro recurso gráfico, as expressões chave das ideias centrais” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005). Os autores apontam que, quando houver, deve-se destacar utilizando outro recurso gráfico, as ancoragens. Para tanto, criou-se o Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD 1)¹⁸, composto por uma tabela com as seguintes colunas: “expressões-chave” (onde foi redigida cada resposta dos participantes para a análise a partir de recursos gráficos), “ideias centrais” e “ancoragens”. (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005). No terceiro passo, as “ideias centrais” e “ancoragens” foram colocadas em suas caselas correspondentes, considerando que “a diferença entre a ideia central e a ancoragem é que a mesma expressão-chave remete tanto ao seu sentido mais direto, representado pela ideia central, quanto à teoria, à ideologia, ou à crença subjacente, representada pela ancoragem” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005, p.52). No quarto passo, as “ideias centrais” e “ancoragens” foram “etiquetadas”, após identificá-las e agrupá-las, com letras (A, B, C, etc.). Assim, foi criada “uma ideia central ou ancoragem-síntese” que expressa “todas as ideias centrais e ancoragens de mesmo sentido”, correspondendo a quinta etapa (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005).

Para a construção de um DSC para cada grupamento identificado no passo anterior, representado com letras (A, B, C, etc.), foi utilizado o IAD 2 (Instrumento de Análise de Discurso 2)¹⁹, “sendo assim, copiaram-se todas as expressões chaves do mesmo grupamento, por exemplo, representado pela letra “A” do IAD1, para a coluna “expressões chaves” do IAD2, construindo-se o DSC propriamente dito” (AMARO, 2017, p.35). Lefevre & Lefevre (2005) indicam que se deve haver uma esquematização clássica do tipo começo, meio e fim, ou do

¹⁸ Ver em Apêndices, IAD1 para cada caso e pergunta.

¹⁹ Ver em Apêndices, IAD2 para cada caso e pergunta.

mais geral para o menos geral e para o mais particular, proporcionando coesão e eliminando particularismos de sexo, idade, eventos particulares, etc.

Finalmente, a apresentação dos resultados foi feita a partir de um quadro-síntese²⁰ com as ideias centrais sugeridas e DSC final para a análise de cada questão. Além disso, breves interpretações dos discursos obtidos foram feitas.

De acordo com a visão de Besse (2014), considerando suas “portas”²¹, pode-se definir a paisagem como a soma das experiências, dos hábitos e das práticas que um grupo desenvolve, além de um espaço de experiências sensíveis, palco do encontro concreto entre o homem e o lugar, chegando-se às suas impressões e percepções (BESSE, 2014). Dessa forma, o DSC se mostrou como um método eficiente por, através de discursos e opiniões, auxiliar no entendimento da paisagem da região central, evidenciando a organização do espaço e, conseqüentemente, a organização da sociedade.

3.2.2. DSC – GRUPO A – Pessoas que nunca residiram no centro da cidade de Bauru

QUESTÃO 01: <i>Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?</i>	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
O centro poderia ter sido mais conservado	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque poderia ter sido muito mais bem conservado... Ter sido e ainda ser, né?! A história do município é pouquíssimo explorada... E ele está muito abandonado, né?! As estruturas ficaram paradas no passado e ninguém nunca cuidou. O centro geralmente é onde a cidade inicia, então tem aquele aspecto mais antigo, né?! Mas é ultrapassado, poluído, com barulho, sei lá Não acho bonito não. Parece um lugar sujo. Poderia ser um ambiente mais agradável que fizesse a gente reviver alguns períodos históricos da cidade, mas o que a gente vê é que de todos os esses prédios, muitos deles são deteriorados, pouco conservados. Ainda acho desagradável por conta do abandono do próprio poder público, que você tem locais abandonados, tanto prédios públicos quanto particulares, onde eles foram invadidos por moradores de rua, por usuários de drogas, é... E você tem prédios históricos ali sendo mal utilizados ou sem utilização, praticamente em situação completa de abandono, vide um prédio da ferrovia, alguns prédios de hotéis da época que ficavam ali na Rodrigues, até coisas mais atuais, né?! Falta, assim, um investimento... E você tem um centro meio que abandonado...

²⁰ Ver quadros-síntese no DSC de cada grupo.

²¹ Ver item 1.2.

Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
Lugar muito quente	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque é um lugar muito quente, e, talvez porque quase não tenha árvores, né? Não é um lugar muito arborizado. Eu acho muito calor...Muita gente...
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
O centro da cidade de Bauru se resume em comercio	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque se resume em comércio, não tem outro atrativo, eu acredito... E eu tenho uma sensação que centro geralmente durante o dia é ok, muito movimento e tudo, mas durante a noite é um local que eu evito passar porque geralmente é mais ermo, não é muito seguro.... Então não vejo um centro vivo, um centro que poderia ter bares funcionando a noite, poderia ter vida noturna.
Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
É um lugar bom	O centro da cidade de Bauru é agradável porque é um lugar bom, que permanece com as origens, não mudou muito... Embora algumas ruas "tenha" mais andarilhos, sujeira, não é um lugar tão perigoso... Você consegue ir e fazer suas coisas, eu gosto.

QUESTÃO 02: <i>Você moraria no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?</i>	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
O centro da cidade é pouco arborizado e quente	Não moraria no centro da cidade de Bauru porque eu gosto de lugares mais arborizados, um pouco mais em contato com a natureza e eu sinto que o centro da cidade, ele não tem nenhum pouco esse lado, né?! É cheio de prédios, é realmente um lugar quente.... Sinto que é muito concretado.
Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
A estrutura física dos imóveis do centro não agrada	Não moraria no centro da cidade de Bauru porque penso que os prédios por lá, as casas, devam ser menores, então prefiro morar afastado e ter mais espaço. Além disso, quando penso no centro, eu penso em casas antigas e prédios antigos, e se não são antigos, eles já foram construídos com o foco no comércio.
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
O centro da cidade não é um lugar seguro	Não moraria no centro da cidade de Bauru porque ficou um lugar que a noite é muito ermo, né?! Então fica um lugar onde habitam os moradores de rua, alguns viciados que ficam pedindo esmola, então da essa impressão de ser um lugar perigoso. Também aos finais de semana fica totalmente desabitado ali, né?! Com pouca circulação de pessoas, acaba concentrando moradores de rua, né?! Criminalidade sempre crescente, sempre acontecendo, né?! Isso aumenta muito mais a insegurança do local, então eu não moraria. Não é um ambiente tão agradável pra se morar, é... não é tão seguro, né?! Acho que a região acabou ficando um pouco de lado e não vejo um lugar com um futuro próspero.

Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
Eu prefiro um lugar mais calmo para morar	Não moraria no centro da cidade de Bauru porque eu acho assim um lugar muito cheio, lotado, com trânsito... Aí fica difícil, né?! Tem um grande fluxo de trânsito e de pessoas, né?! Eu prefiro um lugar mais calmo para morar. Não é um lugar tranquilo, sempre tem problema, desordem... Então prefiro morar afastado e ter mais tranquilidade.
Ideia Central -5	Discurso do Sujeito Coletivo -5
Não escolheria o centro como primeira opção para moradia	Não escolheria lá como primeira opção. Então, eu não moraria no centro da cidade de Bauru sendo que eu tenho opção de morar em outras áreas...Em grandes centros, em cidades um pouco maiores, eu optaria por morar em bairros. Enfim, não teria nenhum problema em morar no centro, mas eu gosto aqui da minha regiãozinha.
Ideia Central -6	Discurso do Sujeito Coletivo -6
Perto de tudo e fácil acesso	Eu moraria no centro da cidade de Bauru porque é um lugar legal pra morar, gostoso, tudo pertinho... É possível ter acesso fácil a comércio, bancos, mercados. Enfim, é perto de tudo, a localização é rápida.

QUESTÃO 03: O que te leva a ir ao centro da cidade de Bauru atualmente?	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
O centro da cidade é a última opção	Muito raramente eu vou até o centro da cidade. Eu só vou realmente se eu precisar fazer compras em algum local, por exemplo ali na Batista, ou em algum outro estabelecimento ali no centro da cidade ou quando preciso de alguma coisa que não tem "aqui pra cima"... mas acredito que hoje, em 2020, é muito possível você encontrar coisas que não estão no centro, então acabo resolvendo coisas perto de casa, no bairro que eu moro ou na região que eu costumo trabalhar assim, porque o centro, pelo menos pra mim, é a última opção...Quando eu tenho que ir no centro, eu prefiro pedir por aplicativo, eu prefiro pedir algo pelo Whatsapp e que as pessoas me entreguem, porque não tem nada que me leve até lá. Se infelizmente eu tiver que ir pra lá, eu vou, mas não é fácil andar, a rua é muito estreita, tudo muito mal planejado, estacionamento ruim... É... Muito ruim, muito ruim... Não gosto de passar pelo centro... É chato, sabe? Eu penso, as vezes adio uma ida ao centro pra deixar pra quando eu precisar realmente ir mesmo. Não gosto. Se eu pudesse, eu não iria, não passava nem perto.

Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio	Hoje em dia o que me leva a ir ao centro é mais essa questão do comercio, coisas que você só encontra lá... No calçadão, têm lojas que só tem lá... por exemplo, beco de armarinho ou lojas grandes e mais tradicionais como a Pernambucanas...Às vezes minha mãe quer ir no Beco, comprar “uns pano” dela lá que não tem “aqui em cima”, daí eu “desço” pra ela. Então, no momento, o que me leva a ir ao centro é quando eu preciso ir até alguma loja mais especifica ali no centro da cidade que ainda foram pra outras partes da cidade, próximo a minha casa. Quando que eu fui pro centro da cidade de Bauru, por exemplo?! Quando eu precisava ir na Batista de Carvalho porque eu precisava ver uma geladeira e eu queria ver se tinha algo a pronta entrega, então não optei pelo site, tanto que eu acabei comprando lá mesmo. Seria mais pelas lojas que tem lá... Só isso.... Porque pra passear, nem pensar!
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços	O local onde eu realizo exames e consultas médicas está localizado no centro da cidade e quando eu preciso de alguns serviços que estão localizados por lá, como por exemplo, a rodoviária, o Poupa Tempo. O cartório que eu costumo ir também está localizado no centro da cidade, então seriam essas as atividades que me levam até o centro. Também salão de beleza, assistência técnica de algum aparelho que tinha lá... e banco, talvez! Algum banco especifico que fica no centro... Para pagar contas.
Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
O que leva ao centro são pessoas que moram lá	Minha vó mora no centro, então quando eu vou visitar, eu vou na casa dela... O que leva ao centro são pessoas que moram lá.

A partir das ideias centrais evidenciadas nos DSC das pessoas que nunca moraram no centro da cidade, pode-se dizer que a região em pauta é considerada desagradável para alguns por ser mal conservada, sem conforto térmico e seu uso se resume em atividades comerciais, revelando uma possível ausência de um caráter identificador da área, que atrairia os habitantes. As reformas feitas no centro e o baixo número de árvores plantadas não consideraram as características climáticas da cidade, assim como a monofuncionalidade da região, baseada quase estritamente no comércio, deixaram a área menos interessante. No entanto, ainda existem aqueles que veem a área com bons olhos e consideram-na um local agradável.

Quanto aos fatores que não os motivam a morar no centro, levanta-se novamente a questão do local ser muito quente e pouco arborizado. Além disso, cita-se a estrutura física dos imóveis, pois supõe que os espaços de habitação devam ser menores e antigos, o que os leva à preferência de morar em bairros mais residenciais e afastados do centro. Também se faz menção à questão da segurança da área, pois apesar de não residirem na região, constata-se uma baixa circulação de pessoas fora do horário comercial e acreditam que o centro “foi deixado de lado” pelo poder público. Somado a esses fatores, o trânsito e o grande fluxo de pessoas que circula na área quando o comércio está aberto os levaram a buscar outras regiões, mais “tranquilas”, para morar. Entretanto, deve-se destacar que a localização do centro é atrativa e considerada “fácil” e “rápida” para alguns dos entrevistados.

Já quanto aos fatores que os motivam a visitar o centro da cidade de Bauru, pode-se elencar as lojas do comércio, assim como atividades ligadas à prestação de serviços, confirmando o caráter da região. Alguns, no entanto, apontam que o centro é a última opção para atividades e necessidades do seu dia-a-dia e que preferem não frequentar a área. Porém, existem também aqueles que vão à região para visitar pessoas que lá residem.

3.2.3. DSC – GRUPO B – Pessoas que já residiram no centro da cidade de Bauru mas não residem mais

QUESTÃO 01: <i>Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?</i>	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
O centro passa uma sensação de insegurança	O centro da cidade de Bauru é desagradável por conta da falta de segurança... Eu acho que é um lugar até perigoso, então hoje não é um local bacana. Talvez por esse motivo e pela intensa presença de barracas de camelôs, o espaço não convida à permanência. Além disso, a Batista de Carvalho e seu calçadão atraem as pessoas no horário comercial, mas após as 18 horas fica deserta e insegura... O charme da rua a noite não existe mais porque tudo se fecha em função da segurança. Então, no final do dia é bem ermo, com alguns andarilhos... A região está abandonado em relação a segurança, tá?!

Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
O centro está degradado	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque a gente vê que parece um centro abandonado, né?! Muitos prédios abandonados, muitas coisas mal cuidadas, não tem um lazer atrativo para a população... Só o comercio basicamente, mas fora isso você não tem um museu, um parque ou qualquer coisa que torne aquele lugar agradável de se estar... Me dá uma tristeza profunda de ver uma cidade morta. Seu entorno também está degradado, com muitas lojas fechadas... E a limpeza que não existe, né?! Que é uma cidade bem suja por sinal. Está um pouco atrasado assim em nível de imóveis também... O centro de Bauru hoje em dia é um lugar feio, ele precisa de mudanças, precisa de novidades, né?! Precisa de novos ares, né?! Acompanhar o progresso.
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
Região pouco arborizada, barulhenta e quente	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque no final de semana é bem movimentado e barulhento para se morar. Eu acho que não é muito arborizado, então eu acho muito quente.... Fala em ir pra Batista e eu já imagino aquele lugar quente, muito calor, muita gente, muito abafado. Eu, por exemplo, fiquei muito tempo pegando ônibus ali na Rodrigues Alves, era extremamente desagradável porque não tinha uma sombra, não era confortável de ficar, né?! Então alguns aspectos eu acho que ficam desagradáveis justamente por causa disso, né?! Ruído! Eu sofria muito com a questão do ruído onde eu morava, era umas três, quatro quadras da Rodrigues aproximadamente, entre a Rodrigues e a Duque, então seis horas da manhã já tinha barulho de ônibus, transito, de madrugada as vezes passavam buzinando, era uma esquina que tinha semáforo, então alguns aspectos nesse sentido eu acho desagradável. Né?! O ruído, transito, congestionamento...
Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
Muitos estabelecimentos fecharam ou deslocaram-se da região	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque a impressão hoje é de uma tristeza por ter se tornado pouco parecida com o que foi. A famosa rua Batista de Carvalho foi a que mais nos traz nostalgia porque era uma rua com bonitas lojas e hoje não há mais nada, está quase tudo fechado. Outro é que, em parte, o que se precisa, compras e lojas, você tem quase tudo na zona sul da cidade e com mais conforto, mais comodidade, mais próximo de casa. Então acabamos por optar por fazer aqui e não ir até o centro. Eu gostava de tomar um café na Batista, mas agora não tem mais o FransCafê.... Somente a pastelaria da esquina da Rio Branco. Quando eu me mudei para Bauru, em 1990, a Batista era muito movimentada, com excelentes lojas. Atualmente algumas daquelas lojas deslocaram-se para os shoppings e ficamos confinados a eles.... Então as lojas perderam aquele glamour que tinham pra nós.
Ideia Central -5	Discurso do Sujeito Coletivo -5
O comércio do centro da cidade é agradável	O centro da cidade de Bauru é agradável porque eu gosto de fazer minhas compras lá... Apesar dele não ser o mesmo de antigamente, ainda ele é muito agradável. No centro, eu gosto de todas as lojas... Riachuelo.... Na feira de domingo.... Também gosto.

Ideia Central -6	Discurso do Sujeito Coletivo -6
O centro é uma região tranquila de se caminhar e acessível	O centro de Bauru é agradável porque são as ruas largas, então eu gostava muito de andar a pé naquela região, né?! Acho que era muito mais fácil, então se eu tinha alguma coisa próxima para fazer ali, eu sempre buscava fazer a pé e eu gostava muito de andar por aquela parte pra ficar vendo algumas casas antigas, as transformações que aquele local sofreu com o tempo, né?! Então eu achava bem agradável nesse sentido... Era uma região tranquila de caminhar. Acessível, né?! Você precisa de alguma coisa, é fácil de você encontrar.
Ideia Central -7	Discurso do Sujeito Coletivo -7
O centro é uma região segura	O centro de Bauru é agradável porque é uma região segura... Nunca tive problema com questão de segurança, diferente do que o pessoal comenta. Sempre cheguei no período noturno, né?! Por conta dos meus horários.... Nunca tive problema.

QUESTÃO 02: Você moraria no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
O centro traz boas recordações, mas não consideram habitá-lo mais	Atualmente não moraria mais no centro. Mas eu gostava muito! Meus filhos iam a pé para o Colégio São José, para o inglês, para a natação. Eu aproveitava o intervalo do almoço para fazer alguma compra no centro. Íamos ao clube, às sorveterias, papelaria, padaria, ginástica, missa na Catedral... tudo a pé. Era muito fácil e agradável. Tudo que precisávamos era encontrado lá naquele espaço, desde a manicure a uma quitanda de frutas e legumes, a padaria, a loja de sapatos... E eram lojas de pessoas conhecidas.... As pessoas nos conheciam, era uma grande e imensa família naquele centro. A praça era belíssima, havia outras praças próximas, no entorno. Tenho boas recordações, meus bisavós moravam na Rodrigues Alves, naquelas casas que ficam em cima de lojas e a gente sempre reunia a família inteira... Tive mais parentes que moraram lá, então tenho boas recordações do centro da cidade, tanto das casas como das lojas, dos passeios. Então, até que eu gostaria de morar no centro da cidade, mas se voltasse a ter tudo aquilo que eu tive na minha juventude... Mas, infelizmente, hoje é impraticável se morar no centro da cidade. É muito triste.

Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
O centro da cidade é inseguro	Eu não moraria mais no centro, porque acho que a noite é inseguro e deserto... Não tem segurança nenhuma de voltar pra sua casa e não ser assaltada no meio do caminho, né?! Infelizmente, as questões de segurança e o custo que elas geram para os comerciantes, para os estabelecimentos, para os bancos, transformaram em um espaço agora perigoso e triste, principalmente à noite.... É uma área que só tem movimento durante o horário de comercio e a noite fica muito abandonado, né?! Então não é um lugar que passa segurança pra se transitar a noite, a partir ai de sete e meia da noite... se tornava um lugar deserto e um pouco perigoso de ir até a porta de casa, ficar por ali, entrar e sair, porque é bem abandonado... O ambiente, acho meio perigoso... A Rodrigues Alves, o Calçadão a noite. Minha amiga mora lá em um prédio e ela disse que é bem perigoso de sair. Ficou muito comercial o centro da cidade, a noite ficou um lugar deserto, muito escuro, então eu não moraria não.
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
O centro da cidade tem trânsito e barulho	Eu não moraria mais no centro por conta barulho, principalmente, muito carro passando o tempo inteiro, muita gente... É... Hoje em dia já prefiro um lugar mais tranquilo, com menos pessoas, menos carros, mais coisa verde, mais silencio, então já não moraria mais lá. Pra chegar na região central, a gente precisa pegar vias extremamente com transito, então isso acabava que eu perdia muito tempo do meu dia no transito, em congestionamento, pra conseguir me deslocar das minhas atividades principais. Além disso, durante o dia acaba, como é um lugar de comercio concentrado, sendo muito barulhento, muito movimentado.... Muito transito também pra entrar e sair do imóvel. Então, com o transito, o barulho.... Fica bem difícil.
Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
O centro da cidade tem prédios bons	Eu ainda moraria no centro da cidade. Eu morei ali na Quinze de Novembro e ali eu voltaria a morar sim, porque era gostoso, porque tem prédios bons ainda, é... eles são grandes, de cômodos grandes.
Ideia Central -5	Discurso do Sujeito Coletivo -5
O centro da cidade é menos barulhento e movimentado que outros bairros	Eu moraria no centro da cidade sim, como já morei, tá?! Hoje está menos barulhento do que muitos outros bairros. O maior barulho hoje é referente a ônibus circular, mas não está tão barulhento como outros bairros que já estão piores que o centro em termos de movimento.

QUESTÃO 03: O que te leva a ir ao centro da cidade de Bauru atualmente?	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio	O que me leva a ir ao centro são as compras, né?! O comércio é muito bom, o Calçadão também, então muitas lojas, né?! É um lugar que tem um comércio muito forte, é um comércio forte da região, então leva a gente a frequentá-lo por isso aí... Comércio popular, que eu gosto de comprar... Comprar coisas na parte de costura, tecidos... Gosto de passear também na Riachuelo, na Tanger... Mas mais tecidos mesmo... "Shoppinho"... Também ir em loja de artesanato, que eu gosto muito da loja que tem lá, e uma loja ou outra de coisas pra casa, de utilidades assim, mas de resto, sinceramente, eu não vou mais lá. Quando preciso, gosto de fazer compras na Batista, no início da manhã, quando ainda tem pouco movimento.
Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
O que leva ao centro são produtos específicos relacionados ao comércio que não são encontrados na região onde vivem ou frequentam	Hoje, eu vou ao centro da cidade raramente e apenas quando eu preciso por algum comércio, alguma coisa que eu preciso comprar, alguma coisa que eu vá consumir e que eu não encontro em outros comércios da cidade e eu acabo me deslocando até o centro... é... por pura obrigação... só vou em extrema necessidade mesmo, por algum produto que eu preciso consumir... Uma loja definida a algum produto que você precise, né?! Alguma casa que tenha algum material que você necessite... Que só tem lá, que a gente está acostumado, que são especializados em determinados artigos e que você não tem uma similar na zona sul ou mais próximo da minha casa, ou no shopping, por exemplo... Como camelô ou alguma loja específica que não tenha na região sul, daí eu vou no centro da cidade.
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
Nada leva ao centro da cidade atualmente	Bom, atualmente, nada me leva ao centro da cidade, porque tudo nós temos nos Altos da Cidade e nos shoppings que existem aqui. Então, as lojas não têm nada mais que ofereça pra gente... Além disso, hoje em dia é muito raro porque a gente acha tudo pela internet, então acabo não indo no centro da cidade pra nada na verdade, né?! Agora com todas essas facilidades, a gente raramente vai numa Batista de Carvalho, por exemplo, que antes era o ícone de Bauru pra fazer compras, era um passeio agradável, que hoje infelizmente não é mais. Então, eu não vou muito ao centro...
Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
O que leva ao centro são atividades culturais	No centro da cidade, eu vou em alguns eventos, por exemplo, na Casa Ponce Paz, que fica na Rua Antônio Alves, esquina com a Rua Ezequiel Ramos. Lá sempre temos eventos artísticos e eu vou bastante lá, inclusive durante o dia em reuniões com o pessoal que lá trabalha, da Casa de Cultura. É... E eventualmente vamos também à catedral quando há algum casamento, alguma missa especial, mas é muito raro.
Ideia Central -5	Discurso do Sujeito Coletivo -5
O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços	O que me leva a ir ao centro são os bancos que ainda continuam... Banco do Brasil, Banco Santander, que era o antigo Banco do Estado de São Paulo, o Banespa e o Banco Real, que está lá ainda hoje e que virou Santander também. Então, precisa ter a necessidade de ser alguma coisa aí nesses bancos.

Pelas ideias centrais presentes nos DSC de antigos moradores do centro da cidade de Bauru que não residem mais na região, é possível constatar que a área é considerada desagradável por conta da sensação de insegurança, uma vez que há um esvaziamento após o horário comercial. Também consideram a região pouco arborizada, barulhenta e quente. Somado a isso, outro fator que contribui para essa imagem negativa é o fato de muitos estabelecimentos comerciais terem fechado ou se deslocado para outras áreas da cidade, o que traz uma sensação de tristeza e nostalgia, já que revela que o centro está pouco parecido com aquilo que já foi e que suas lojas perderam o glamour. Além disso, também pode-se destacar que, apesar de muitos terem boas recordações da área central, consideram impraticável habitá-la atualmente em função das transformações ocorridas na região. Outro motivo para não desejarem residir na área está relacionado à insegurança, pois o centro fica deserto, perigoso e triste, principalmente à noite. Somado a isso, pelo fato de terem que percorrer vias com muito trânsito para chegar à região, preferem não morar lá, além do fato de considerarem-na uma área barulhenta durante o dia. Alguns entrevistados afirmam, inclusive, que nada os leva ao centro da cidade atualmente, já que conseguem ter acesso aos produtos, antes vendidos na área, em outras regiões da cidade ou na internet.

Entretanto, focando no lado positivo da região, há aqueles que a consideram agradável por conta do comércio e pelo fato de ser uma área tranquila para se caminhar, com ruas largas e acessibilidade. Além disso, alguns entrevistados, contrastando com outros do grupo, afirmam que o centro da cidade é uma região agradável por ser segura, uma vez que nunca tiveram problema com essa questão enquanto residiam na área. Nesse sentido, alguns indicam que residiriam novamente no centro devido à oferta de imóveis bons e apartamentos amplos, além de afirmarem que a região é menos barulhenta e movimentada que outras áreas da cidade. Alguns motivos que os levam ao centro da cidade nos tempos atuais são atividades relacionadas à prestação de serviços, como bancos, comércio e procura por produtos específicos que não encontram na região onde vivem, além de atividades culturais.

3.2.4. DSC – GRUPO C – Atuais residentes do centro da cidade de Bauru

QUESTÃO 01: <i>Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?</i>	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
Encontro tudo que preciso no centro da cidade	O centro da cidade é agradável porque eu encontro tudo que eu preciso... Perto de tudo... O que me atrai muito e o que deixa satisfeito de morar no centro é que, assim, tudo a menos de um quarteirão você consegue encontrar, é... desde uma agulha até, sei lá, um móvel ou qualquer outra coisa que você precisa, você acaba encontrando. Uma coisa que faltava era um mercado, mas desde que abriu o Confiança nas Nações e o Confiança no centro, acabou agregando assim um pouco mais e facilitou pra gente não ter que se deslocar até um outro mercado em outra área da cidade... É agradável pelas inúmeras lojas que tem, tudo tá perto, um monte de bancos. Eu ainda gosto de morar aqui porque facilita muito o transporte, é próximo de vários lugares, temos aí quatro ou cinco mercados próximos daqui, que me facilita bastante, é perto do meu trabalho também. Assim, eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Morar no centro é ótimo, eu considero como ótimo morar no centro... Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil.
Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
Estou acostumada(o) com o centro da cidade	O centro da cidade é agradável porque eu já estou acostumada... Eu conheço muita gente próxima, já sei quase tudo assim que eu vou buscar, então já é fácil pra mim, não preciso ficar quebrando muito minha cabeça. Assim, eu gosto de morar aqui, porque com eu te falei, eu nasci no centro e nasci em uma casa pequenininha e depois meu pai comprou a casa que a gente está até hoje, que eu mudei pra cá com seis meses. Então, eu consegui, assim, passar por vários momentos aqui nessa rua, conhecendo aí o bairro.
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
O centro da cidade é muito movimentado	O centro da cidade de Bauru é desagradável pela quantidade de pessoas indo e vindo por causa de ônibus, por causa de trabalho, é... Até mesmo pessoas que estão indo comprar alguma coisa, então, assim, é uma grande quantidade de pessoas assim. Além disso, a minha impressão sobre o centro da cidade de Bauru é o seguinte.... Eu acho assim, tem muito camelô, horrível pra passar, a gente fica apertado, o espaço fica pequeno, os camelôs nem mais desmontam as barracas, eles deixam as barracas de um dia para o outro. Eu respeito, eu sei que eles têm que trabalhar, que eles estão pagando taxa para prefeitura e tudo, mas o pedestre não consegue andar na calçada tranquilamente porque estão sentados e atrapalhando. A minha impressão por morar no centro de Bauru é que eu acho um lugar muito agitado, né?! Como eu moro perto das Nações, é bem agitado.

Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
O centro da cidade é barulhento	O centro da cidade de Bauru é desagradável pelo barulho... É... no centro não tem silêncio, né?! Depois das 22h as pessoas acham que por ser centro da cidade não tem moradores, não tem pessoas que moram por aqui e é desagradável nesse ponto mesmo, pelo barulho que tem aqui, é muita poluição sonora e é isso. Então, acaba incomodando um pouco pra quem mora ali e as vezes está querendo descansar, por conta do barulho, né?! Principalmente das avenidas, porque eu moro perto de um cruzamento, então existe um barulho... sempre tem carros passando... Assim, atualmente, estou achando muito barulho. Está me deixando a desejar.
Ideia Central -5	Discurso do Sujeito Coletivo -5
O centro da cidade é inseguro	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque há muita violência. Assim, tem essa questão aí da segurança, que não está bom. A gente percebe aqui no centro, principalmente à noite, um perigo constante, né?! Muitos noias na rua, né?! Droga, prostituição, a gente vê bastante aqui porque as Nações Unidas ficam na esquina da minha casa. Então, assim, essa parte realmente é bem complicada, né?! A segurança, a polícia, ela não tá muito presente aqui no centro não pelo que a gente percebe, tá bom?! Grande quantidade de morador de rua e alguns usuários de droga, que tem sempre pedindo dinheiro, ou mesmo você vê umas cenas de pessoas usando drogas nas praças ou até mesmo no centro né?! Daí isso não é muito agradável. Ainda que, pelas estáticas, o centro da cidade não é a de maior criminalidade, mas tem essa imagem de insegurança, né?! Porque como ela fica muito ociosa, muito vazia a noite, passa essa imagem de que é uma área insegura.
Ideia Central -6	Discurso do Sujeito Coletivo -6
O centro da cidade não é bonito	O centro da cidade de Bauru é desagradável porque penso que poderia ser mais bem cuidado, né?! Mais revitalizado, mais bonito. O centro de Bauru também não é arborizado... Eu acho que deveria ter mais árvores, eu acho que deveria ter “bebedor” na rua, nas calçadas... E...A minha impressão é que o centro da cidade é muito feio. Essa é minha opinião. Além disso, Bauru tem algumas características em função do sítio em que foi implantada e do traçado original em quadriculas, que tem as ruas bem regulares e até amplas, mas com pouquíssima arborização nas vias e praças públicas, muitas delas inclusive ocupadas por igrejas e órgãos públicos, que é o caso da atual Câmara Municipal, antiga cadeia, delegacia, correio, né?! Então isso passa uma imagem de monotonia e muita aridez, especialmente na cidade, que tem um clima muito quente. A produção arquitetônica também não é relevante, né?! Não temos grandes edifícios de destaque, exceto alguns edifícios da ferrovia que tem um grande potencial, inclusive todo pátio ferroviário, a linha férrea tem um grande potencial de desenvolver projetos, né?! Que valorizem a área central, só que esses edifícios atualmente estão muito ociosos, desocupados, vazios, muitos deles depredados, então reforça uma imagem de insegurança que o centro tem, principalmente pela ociosidade noturna

Ideia Central -7	Discurso do Sujeito Coletivo -7
O centro da cidade é aberto e arejado	O centro da cidade é agradável por ser um centro mais aberto, comparado com outras cidades do porte de Bauru ... No nosso caso, eu acho que o fato do centro ser um pouco mais aberto, mais arejado, também me traz uma sensação mais agradável, tá?!

QUESTÃO 02: Você gosta de morar no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
Região acessível e perto de tudo	Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil. Banco, lojas, tudo que você precisar tem aqui no centro... Mercado, padaria... É... Então é isso, pela comodidade de ter tudo assim, perto de você. Tem o Shopping aqui perto... Sempre tem lugares que a gente pode visitar e eu acho isso bem legal. É fácil o acesso, né?! Eu gosto porque é tudo fácil, eu já fui criada no centro, já conheço tudo, vou a pé em tudo... muitas coisas que dá pra fazer caminhando, fazer a pé, não precisa de carro, então eu gosto. Além disso, todas as atividades de ensino e de lazer podem ser feitas muito próximas de casa. Assim, eu tenho satisfação de morar aqui no centro pelas facilidades que tem e também, assim, é muito fácil de você se dirigir pra vários bairros praticamente. Então você pode ir pra qualquer bairro daqui da minha casa que não é tão longe.
Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
Proximidade de familiares	Eu gosto de morar no centro porque é próximo da minha sogra e também muito próximo da minha mãe, que me deram muito apoio quando eu tive as crianças... Tive três filhos, então me ajudaram muito nessa parte de apoio, né?! Enfim, eu moro porque minha mãe gosta.
Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
Faltam espaços livres de lazer	Eu não gosto de morar no centro porque eu sempre senti muita falta de espaços livres, né?! De praças, de playgrounds, que daí eu tinha que me deslocar até mais pra zona sul, lá no Bosque da Comunidade, onde a gente levava as crianças para brincar na areia, brincar no parquinho ou fazer caminhada, então isso eu sinto bastante falta aqui na área central.
Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
Região segura	Eu gosto de morar no centro porque considero um lugar seguro para morar.
Ideia Central -5	Discurso do Sujeito Coletivo -5
Região barulhenta e agitada	Eu não gosto de morar no centro por causa do barulho. Na época natalina, fica aberto o comércio até tarde, até os camelos desmontarem as barracas, fazem barulho, depois montam muito cedo e o barulho é constante, tá?! Então pretendo vender a minha casa... Ir para um lugar mais calmo.

Ideia Central -6	Discurso do Sujeito Coletivo -6
Região insegura	Eu não gosto de morar no centro por conta dessa questão aí da segurança, que não é muito boa, né?! A gente vê aí muitas questões, a noite principalmente, que não dá pra você ficar na calçada... Se você for, assim, até em lugar perto daqui, em lugares próximos, por exemplo o Boulevard aqui... Eu moro a cinco quadras do Boulevard, do shopping, bem pertinho, só que pra voltar à noite, por exemplo, não dá. Se a gente for a tarde a pé é tranquilo, só que a noite assim não dá, tem que ir de carro mesmo ou se você está sem carro, você acaba voltando pra casa com motorista de aplicativo porque é bem perigoso mesmo.

<i>QUESTÃO 03: Você sente necessidade de buscar outras regiões da cidade para atender as atividades do seu dia-a-dia? Pode dizer quais?</i>	
Ideia Central -1	Discurso do Sujeito Coletivo -1
O que leva a outras regiões são produtos ligados ao comércio	Eu busco outras regiões da cidade com relação a compras... Eu sempre procurei privilegiar o comércio da área central, mas com o passar dos anos, esse tipo de comércio foi esvaziando aqui do centro e se deslocando para a zona sul. Então, comércio de roupas mais finas, calçados, presentes, móveis, é... e mesmo mercado, eu acabo usando bastante a zona sul, eu tenho que me deslocar porque aqui a região central não oferece muitas dessas opções... eu prefiro ir em outro mercado do que o que tem aqui no centro... comprar mercadorias que aqui em volta eu não encontro, as vezes não tem, né? Às vezes eu acabo indo em supermercados de bairros diferentes, no Altos da Cidade, as vezes ali no Jardim Contorno, que eu gosto bastante de ir no Confiança ali... Padaria também as vezes eu quero algo diferenciado, então também eu acabo indo para uma padaria que seja um pouco mais distante. Tem uma feira noturna ali perto da Getúlio Vargas, na Fuas de Mattos Sabino, que fica ali no Jardim América, né?! E eu preciso comprar algumas coisas assim, que vende em feira... Eu gosto... Alguns legumes mais fresquinhos, ovo... E eu vou lá agora... É um pouquinho longe, mas vale a pena. Também tem vez que eu preciso ir em farmácias de fórmulas, que aqui perto não tem.
Ideia Central -2	Discurso do Sujeito Coletivo -2
O que leva a outras regiões são atividades ligadas a prestação de serviços	Eu busco outras regiões da cidade com relação à médicos, que são bem longe pra gente. Então, tem sim a necessidade as vezes de ir em um consultório médico... Às vezes você tem, por exemplo, um médico no Altos da Cidade e você tem a necessidade de ir até lá, quer dizer, tá fora do centro e aí você tem que ir nesse local. Além disso, academia, por exemplo, eu vou em outra região, não aqui no centro... É... Salão de beleza... É... Essas partes mesmo.

Ideia Central -3	Discurso do Sujeito Coletivo -3
O que leva a outras regiões são atividades ligadas ao lazer	O que me faz deslocar um pouco do centro é mesmo pra sair com amigos, lazer, restaurante, bar, que a gente não encontra muito no centro da cidade, né?! Comida boa, lugar agradável, calmo, isso não tem no centro, então, assim, o centro mesmo é um lugar que facilita assim na vida, mas em questão de lazer e, sei lá, coisas de qualidade, a gente acaba tendo que se deslocar do centro para outras áreas da cidade mesmo. Assim, uma coisa que eu sinto muita falta é de atividade noturna, né?! Então, se a gente quer comer fora, tomar uma cerveja, comer um petisco, a gente não tem esse tipo de opção aqui na zona central, a gente tem que se deslocar realmente... Um restaurante, um barzinho, que eu gosto bastante de frequentar, e aí acabo indo mesmo para outros bairros, né?
Ideia Central -4	Discurso do Sujeito Coletivo -4
Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade	Não, eu não preciso me deslocar para outras regiões da cidade. Eu acho tudo aqui no centro mesmo, então eu já nem vou procurar em outros lugares porque eu consigo encontrar tudo aqui. Então, necessidade de outras coisas fora do centro, eu não sinto, né?! Mais ainda agora que abriu o supermercado, que era o que a gente estava mais acostumado a fazer compras, então abriu agora aqui no centro... Então tudo que a gente precisa tem por aqui... É perto de tudo. Então, não busco e não acho que quem não mora aqui precisa buscar o centro também ... Não é algo que eu necessito, que eu preciso realmente. Aqui tem tudo...

A partir das ideias centrais evidenciadas nos DSC de atuais residentes do centro de Bauru, pode-se destacar que a região central é considerada agradável por encontrarem tudo que necessitam na área, a qual também possui facilidade de transporte e é próxima de outras regiões da cidade. Além disso, alguns relatam que já estão acostumados com o centro, por conhecerem as pessoas que lá habitam e pela facilidade de encontrar aquilo que precisam. Também destacam como ponto agradável o fato do centro de Bauru ser aberto e arejado quando comparado com o de outras cidades. Também pode-se constatar que os moradores gostam de viver na área pela sua localização, pela proximidade de familiares que ali moram e pelo fato de considerarem a região segura. Pelo fato da área atendê-los de forma completa, alguns entrevistados relatam que não sentem necessidade de procurar outras regiões pois afirmam que encontram tudo que precisam no centro da cidade de Bauru.

Por outro lado, para alguns entrevistados a região é considerada desagradável por ser muito movimentada, com grande circulação de pessoas, comércio ambulante e ruas apertadas em função dessa dinâmica, além de ser barulhento. Além disso, pode-se dizer que, ainda que

pelas estatísticas não apresente os maiores índices de criminalidade, o centro passa uma sensação de insegurança por ficar vazio e ocioso no período da noite. A região também transmite uma imagem desagradável para os moradores da área porque poderia ser mais bem cuidada e arborizada, por passar uma impressão de monotonia e aridez, além de não possuir uma produção arquitetônica relevante. Quanto à residir no centro, alguns entrevistados indicam que não gostam de habitar a região por considerarem insegura, barulhenta e agitada, além da ausência de espaços livres de lazer. Somado a isso, entre os motivos que os levam a procurar outras regiões da cidade destaca-se o comércio, a busca por produtos mais diferenciados, além da necessidade de frequentar consultórios médicos, salão de beleza ou academia. Outra razão que os leva a buscar outros bairros são as atividades voltadas ao lazer, como restaurantes e bares, principalmente pela falta de atividade noturna da região central.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível constatar que as cidades vivem mudanças frequentes, as quais possuem ligação com o passado do lugar, podendo ser consideradas como “camadas” de um espaço urbano, entendido como um palimpsesto (PESAVENTO, 2004). Essas transformações, porém, apenas são passíveis de compreensão por parte de seus habitantes se forem pautadas no contexto da temporalidade, da memória e, conseqüentemente, da identidade, as quais aparecem como elementos importantes na construção do sentido urbano, por exprimirem as entidades da cidade, em ligação com a sua inscrição nos territórios e a afirmação da cidadania (JODELET, 2002). A análise dessas mudanças no espaço urbano se faz possível por meio do estudo da paisagem, que está ligada à uma história dos olhares lançados pelos seres humanos no mundo e à comunicação através de símbolos que um local possui (BESSE, 2018). Faz-se necessário, então, que a urbe seja vivenciada através da experiência direta da população nos espaços da cidade, a fim de se criar identidade, a qual produz formas de sociabilidade e apropriação (JODELET, 2002).

Nesse contexto, as transformações em áreas centrais ganham destaque pois, apesar de sua importância em relação à origem das cidades, passaram a concorrer com as demais centralidades presentes no espaço urbano. Villaça (1998), indica um processo de polinucleação em cidades brasileiras, em que há o surgimento de centros diversificados, com mesma capacidade de aglutinação que os centros principais (VILLAÇA, 1998), cuja influência acaba se enfraquecendo.

Visto que tal dinâmica se iniciou em cidades de médio porte brasileiras a partir dos anos 1970 (RIBEIRO, 2003), a região central de Bauru aparece como estudo de caso por representar um local que sofreu alterações no decorrer do tempo, principalmente com a perda de importância da ferrovia como meio de transporte na região e no Brasil, e também através de transformações em seu território, com o surgimento de novas centralidades como consequência do espraiamento da cidade, as quais acabaram por cumprir funções que eram anteriormente designadas ao centro da cidade. Atualmente a região abriga majoritariamente atividades ligadas ao comércio e serviços, o que torna a área praticamente deserta fora do

horário comercial e menos vivenciada por seus habitantes, situação que pode indicar uma ruptura no processo cultural de construção da paisagem, caracterizada por uma ausência de transformação do que se vê em um sistema invisível de referências culturais que permitem a construção e reconstrução de um lugar (LEITE, 1998), contribuindo para falta de significado, e conseqüentemente de cuidado, e uso dos espaços da região.

A alteração da imagem do centro para os bauruenses também pode estar relacionada às transformações no mercado imobiliário da área. Assim, no centro, região que abrigava as elites da cidade, atualmente se observa uma deterioração do tipo de moradia e, em função disso, uma queda de valor dos imóveis residenciais, dos quais a maioria acabou tendo seu uso transformado para fins comerciais. Os últimos Planos Diretores elaborados para a cidade reconhecem o processo de esvaziamento residencial na área central de Bauru, mas apesar de alguns projetos terem sido pensados para a região, nada de efetivo foi realizado para que se incentivasse os investimentos na área central e sua revitalização, colaborando para sua situação atual.

Assim, a leitura dos processos relacionados a transformações no centro da cidade e em novas áreas de expansão a partir de um olhar paisagístico revela-se fundamental para compreender as relações entre as novas morfologias, próprias da cidade contemporânea e da prevalência dos espaços privados em detrimento dos públicos, e outros aspectos da vida urbana, como os padrões de distribuição social no território e aspectos culturais. É possível perceber que a migração das habitações das classes médias e altas para novas regiões do território, sobretudo na forma de empreendimentos residenciais fechados, seguindo a lógica do enclave, e tendo o automóvel individual como principal modalidade de transporte, além do surgimento de novos bairros, tem conseqüências sobre outras esferas, que vão além do campo do desenho urbano, e estão fortemente relacionadas às transformações na forma como se percebe a paisagem urbana.

Se a identidade dos espaços é uma questão de projeto e uso (LEITE, 1998), e se é a legibilidade e a visibilidade dos lugares que os tornam seguros e possibilitadores de uma profunda experiência humana de pertencimento (LYNCH, 1997), as transformações recentes

mostram justamente o contrário. A cidade contemporânea vem perdendo essa noção de pertencimento a um espaço comum.

Além disso, um caminhar pelo centro a fim de imergir no contexto preexistente estabeleceu uma série de sinergias com os agentes sociais locais e proporcionou um panorama mais esclarecedor sobre a condição atual da região estudada, confirmando algumas ideias pré-estabelecidas sobre o local: monofuncionalidade da área, poucos habitantes e baixo fluxo de pessoas circulando na área nos finais de semana e após o horário comercial.

Nesse sentido, a partir dos resultados alcançados pelo Discurso do Sujeito Coletivo pode-se notar uma certa tendência de se evitar o contato com o centro da cidade por parte de entrevistados que nunca residiram na região, seja através de atividades do dia-a-dia como por opção de moradia. No tocante aos discursos de antigos moradores da área que não mais residem lá, ficou evidenciada uma identidade e um sentimento de nostalgia frente às transformações da região. Além disso, apesar de alguns dos entrevistados desse grupo indicarem que voltariam a morar no centro, a maioria dos discursos aponta para o contrário. Da mesma forma, alguns antigos moradores ainda frequentam a área para atividades relacionadas à prestação de serviços, comércio e cultura, no entanto outros não tem mais contato com a região, afirmando que nada os leva ao centro atualmente. Já no caso dos discursos de atuais residentes da região central de Bauru, observa-se que alguns gostam de viver na área pela sua localização, por ser perto de tudo que necessitam e por estarem habituados à área. Os moradores que não gostam de viver na região atribuem isso à sensação de insegurança, ao movimento e ao barulho (principalmente em função do comércio e do trânsito), além de considerarem o centro pouco arborizado e pouco cuidado – fatores citados não só por esse grupo, mas por todos os outros, confirmando a imagem da área. É relevante pontuar que uma forte razão para procurarem outras regiões da cidade é a ausência de atividades de lazer, principalmente no período noturno, após o horário de fechamento do comércio. Dessa maneira, acredita-se que as opiniões e discursos apresentados oferecem um panorama valioso sobre a região central de Bauru pelos olhos da população, podendo colaborar com novas diretrizes para a área.

Nesse contexto, a percepção dos habitantes revela-se imprescindível para a valorização ou mesmo para a manutenção de uma área da cidade, uma vez que espaço urbano é para aqueles que o habitam, sendo muito mais que números, gráficos e estatísticas. Assim, para que a importância que um espaço teve para outras gerações seja mantida viva, não é necessário imortalizar um lugar, e sim preservar a sua memória, para que, mesmo que adaptado ou substituído por outro elemento, a importância que aquele espaço teve dê lugar a novas memórias, as quais só serão possíveis de serem criadas a partir de vivências e de espaços vivenciados. Para tanto, aos moradores da cidade deve ser dado o papel principal, para que identifiquem as falhas e demandas que a região central (ou qualquer outro espaço da cidade) possui, assim como seus potenciais, observados através das experiências na urbe.

No entanto, a situação atual da área de estudo revela que o poder público não ouve a população, uma vez que poderia tomar atitudes mais de acordo com as opiniões expostas pelos usuários da área central. Segundo os habitantes bauruenses, o centro seria mais vivenciado se fossem plantadas mais árvores, o que colaboraria também com o clima excessivamente quente do local, além do investimento em atividades culturais, de lazer e serviços como bares e restaurantes, o que favoreceria a vivência na área, assim como poderia diminuir a sensação de insegurança, intimamente ligada à monofuncionalidade do centro, focado principalmente no comércio.

Faz-se necessária também a reflexão sobre as políticas públicas e dinâmicas atuantes na cidade, e sobre as consequências das transformações urbanas para o centro da cidade, a partir de decisões políticas que possam assegurar a prática de um planejamento consciente, que não dê as costas para a região central, mas que procure maneiras de valorizá-la.

Assim, ficou evidenciado que requalificar a paisagem através do estabelecimento de espaços que remetem pertencimento e sentido aos cidadãos contemporâneos tornou-se um grande desafio. No entanto, se as transformações forem pautadas na memória, na identidade e na experiência dos habitantes, aumentam-se as chances de propostas mais

conectadas com a área e, conseqüentemente, de uma paisagem compreendida e composta por espaços praticados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, C.; WERNECK, N. **Anotações sobre o espaço da vida cotidiana**. Espaço & Debates, ano 6, n.17, São Paulo, Nobel, 1986. p.33-43.

AMARO, E. K. P. **Vivências de bioconstrução: um caminho para a leitura da paisagem**. Bauru, 2017. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, 2017.

ASSUNTO, R. Paisagem - Território - Ambiente. In: SERRÃO, Adriana Verissimo Serrão (coord.). **Filosofia da Paisagem: uma antologia**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p. 126-9.

AUGÉ, M. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus/Travessia do Século, 2002.

BESSE, J. M. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

_____. **Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar**. In: GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014. DOI: 10.11606/ISSN.2179-0892.geousp.2014.84455. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/84455>. Acesso em: 4 out. 2020.

_____. **La nécessité du paysage**. Marseille: Parentheses, 2018.

BERNARDINO, I. L.; LACERDA, N. Centros históricos brasileiros: tensões entre a obsolescência imobiliária e a construção de novas espacialidades. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 17, n. 1, pp. 61-74. 2015. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/publicacao/arquivos/20160517100357>. Acesso: 2 Fev. 2018.

BERQUE, A. **Paisagem, meio, história**. In: BERQUE, Augustin. Cinco propostas para uma teoria da paisagem. Trad. Vladimir Bartolini. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013b, p.31-42.

BIERNATH, K. G.; CONSTANTINO, N. R. T. ESPAÇOS LIVRES DA CEFNOB EM BAURU: CONFIGURAÇÃO URBANA E IDENTIDADE DO LUGAR. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, [S.l.], v. 4, n. 23, set. 2016. ISSN 2318-8472. Disponível em: <https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/1310>. Acesso em: 21 Out. 2019.

BONESIO, L. **Interpretar os lugares**. Tradução de Pedro Sargento. In: SERRÃO, A. V. (Coord.). Filosofia da paisagem. Uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 465-474.

BONI, D. M. S.; SALCEDO, R. F. B. Ruas para Pedestres em Centros Urbanos Consolidados: Análise dialógica. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, [S.l.], v. 5, n. 30, mai. 2017. ISSN 2318-8472. Disponível em: <http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/1544>. Acesso em: 24 Set. 2018.

BRANDÃO, P. **A identidade dos lugares e a sua representação colectiva. Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público**. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. ISBN 978-972-8569-43-3. 2008.

CABRAL, A. S. C. **Paisagens baldias: a natureza manifesta nas brechas da cidade**. [S.l: s.n.], Curitiba: Appris. 2019.

CARERI, F. Walkscapes ten years after. URBS. **Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, v. 4, n. 1, p. 207-213, 2014. Disponível em: <http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/careri>. Acesso em: 13 Nov. 2019.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e terra, 1983.

CASTILHO, A. L. H. de. **Consensos e dissensos no Centro de São Paulo: significado, delimitação, apropriação e intervenção**. 244p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

CHOAY, F. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade. 2001.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

DEBORD, G. **Teoria da Deriva**. 1958. Disponível em: <http://ptbr.protopia.wikia.com/wiki/Teoria_da_Deriva>. Acesso em: 13 Nov, 2019.

EWALD, A. P.; GONÇALVES, R. R.; BRAVO, C. F. **O espaço enquanto lugar da subjetividade**. Revista Mal-estar e Subjetividade. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 755-777, setembro 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482008000300009&lnpt&nrm=iso>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

FALCÃO, E.; RAFACHO, A. M. **Perda de patrimônio paisagístico: Praça Rui Barbosa, Bauru-SP**. Paisagem e Ambiente, n. 22, p. 309-317, 4 dez. 2006

GHIRARDELLO, N. **Aspectos do direcionamento urbano da cidade de Bauru**. São Carlos, 1992. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, 1992.

_____. **Bauru em temas urbanos**. Tupã: ANAP, 2020.

GONÇALVES, V. P. **Dinâmicas urbanas e o morar contemporâneo em áreas centrais: o caso de Campinas-SP**. 2017. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322352>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

GRINOVER, M. Narrativa e paisagem. Relato de viagem ao sertão de Guimarães Rosa. **Arquitextos**, São Paulo, ano 18, n. 213.03, Vitruvius, fev. 2018. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.213/6898>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GUATTARI, F. **A Restauração da Paisagem Urbana**. Revista do IPHAN, no. 24, pp. 293-300, 1996

INGOLD, T. The temporality of the landscape. In: INGOLD, T. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. Londres: Routledge, Taylor & Francis Group, 2000b. p. 189-208.

JACOBS, J. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. São Paulo: Edusp, 1998.

JACQUES, P. B. (Organização e Apresentação). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista**. Tradução Estela dos Santos Abreu. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JODELET, D. A cidade e a memória. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A. (Org.). **Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002

KAIMOTI, N. L. A. **Paisagens vivenciadas: apropriações públicas dos Fundos de Vale e sistema de espaços livres**. Estudo de caso no Município de Bauru-SP. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, 2009.

KOOLHAAS, R. *Cidade Generica*. In: KOOLHAAS, R.; MAU, B; SIGLER, J. **S, M, L, XL**. Nova York: The Monacelli Press, 1995, p. 1238-1264.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. 2.ed. Caxias do Sul - RS: Educus, 2005.

_____. **Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012

LEITE, M. A. F. P. **A Paisagem, A Natureza E A Natureza Das Atitudes Do Homem**. Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, n. 4, p. 45-66, 1992.

_____. **Projeto e uso dos espaços públicos, o código e a interpretação**. In: OLIVEIRA, A.C.; FETRINE, Y. *Visualidade, urbanidade, intertextualidade*. São Paulo: Hacker, 1998. p.65-75.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PELEGRINA, G. R; ZANLOCHI, T. S. **Ferrovia e Urbanização: o caso de Bauru**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1991.

PESAVENTO, S. J. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto**. *Esboços: histórias em contextos globais*, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. pp. 25-30, jan. 2004. ISSN 2175-7976. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>. Acesso em: 06 out. 2020.

_____. **Cidades visíveis, cidades possíveis, cidades imaginárias**. In: *Revista Brasileira de História*, vol.27, n.23. Associação Nacional de História, 2007. p. 11-23.

PICHININ-HOPPE, M.C.O. **A rua: percepção na paisagem urbana**. Bauru, 2019. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, 2019.

OLIVEIRA JUNIOR, G. A. de, **Redefinição da centralidade urbana em cidades medias**. In: *Sociedade & Natureza*, 20(1), p. 205-220, 2008. ISSN: 0103-1570. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/articulo.oa?id=321327192014>. Acesso em: 01 jun. 2021.

REKER, M.; PASTORE, J. B. **Uma intervenção paisagística no espaço urbano**. In: SERRÃO, A. V. (coord.). *Filosofia e arquitetura da paisagem: intervenções*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p.199-211.

RIBEIRO, W. S. **A formação do centro principal de Londrina e o estudo da centralidade urbana**. *Revista Geografia – Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina*, V 12, Nº 2, 2003.

ROCHA, L. B. **Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: Alternativas para analisar o espaço geográfico**. V.4/5, p. 67-79, 2001.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROSSI, M. **Paisagens e muros: um olhar sobre a urbanização fechada na zona sul de Bauru**. Bauru, 2016. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, 2016.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SERRÃO, A.V. (coord.). **Filosofia e arquitetura da paisagem: intervenções**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

SILVA, L. O. As tendências da gestão urbana contemporânea e a promoção do desenvolvimento local. In: EMURB (Empresa Municipal de Urbanização). **Caminhos para o centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo**. São Paulo: 2004.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Geografia**, São Paulo, n. 10, 1991.

_____. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001.

SIMMEL, G. **O dinheiro na cultura moderna**. In: SOUZA, J; ÖELZE, B. Simmel e a modernidade. Brasília: UnB, 1998.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980

VASCONCELOS FILHO, J. M. de. A importância da área central e suas contribuições para a compreensão e análise da cidade: Em discussão o processo de segregação socioespacial. **Revista GeoSertões**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 74-89, jun. 2016. ISSN 2525-5703. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/31/21>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas, Campinas, n. 22, p. 201-218, 2014. Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2144/1637>. Acesso: 15 ago. 2019.

ENTREVISTA²²**CONSULTOR IMOBILIÁRIO FABIO BIANCARDI**

Pergunta: Existe a percepção de que a quantidade de pessoas que habitam o centro da cidade vem diminuindo. Pode informar se essa constatação é verdadeira e oferecer um panorama do mercado imobiliário na região central de Bauru, assim como suas alterações ao longo da história da cidade?

Muito bem, funciona assim... Não é que está difícil morar no centro ou as pessoas não querem morar no centro, pelo contrário, os estudantes tem muito interesse em morar no centro da cidade devido a facilidade de locomoção, ônibus, alimentação. Porém, depois que foi instituído o Calçadão da Batista de Carvalho, da quadra 1 a quadra 7, depois da praça, os imóveis que eram de moradia residencial na Batista e que são, nos prédios, os andares superiores as lojas térreas, porque no Calçadão, o que tem um valor muito alto comercial são as lojas que estão no térreo, no piso do Calçadão. Os andares para cima não são utilizados, a maioria, por sinal, estão abandonados devido à idade dos prédios, dificuldade de acesso e a noite lá fica um local um pouco perigoso, também devido aos "noias", enfim... fecha tudo nos comércios, então como você tem a rua bloqueada, as pessoas só podem passar a pé, fica um pouco perigoso você morar em apartamento na Batista.

O lugar que mais tem apartamento no centro, é na Batista de Carvalho e na Primeiro de Agosto. As casas já saem mais distantes... elas estão no centro, porem já não estão no centro comercial. Mas, para você ter uma ideia, um apartamento de três dormitórios na Batista de Carvalho, quando para residência, na época normal, antes de se tornar Calçadão, equivaleria hoje a um aluguel como é aqui na zona sul... mil e quinhentos, dois mil, dois mil e quinhentos reais. Lá tem de um, dois, três e quatro dormitórios, antigos, bem antigos, apartamentos da década de 1950, 1960 e 1970. Hoje, se for alugar um apartamento desses,

²² Entrevista realizada em 01/04/2021 utilizando o aplicativo Whatsapp e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

primeiro que não tem condomínio, outra dificuldade, não tem controle de acesso, não tem vigilância, você tem que entrar com a sua própria chave, a maioria não tem elevador e se tem, não funciona.... Hoje, um apartamento desses você aluga por oitocentos reais, setecentos reais.... Isso é o que tem disponível lá hoje e bastantes estão vazios, como te falei. Então, não é que as pessoas não querem mais morar no centro, é que o centro ficou muito antigo, ficou com uma deficiência de infraestrutura muito grande para residência, então os únicos interessados em ocupar esse tipo de imóveis são estudantes, que não estão nem ai, sem compromisso pois vão ficar só durante um tempo da vida e depois vão embora, mas famílias, realmente tem pouquíssimas na Batista, na Primeiro de Agosto, na Rodrigues Alves... Eles estão em edifícios mais pra cima, na Rua Bandeirantes, Cussy Junior... eles estão subindo em direção a Duque de Caxias, que é no centro, mas ainda é um pouco mais residencial e ai é um preço de mercado normal.

Vamos dizer, então, que houve uma deterioração do tipo de moradia no centro comercial da cidade e, em função disso, os preços caíram porque os proprietários não têm interesse em investir nesses edifícios porque não conseguem nem instituir um condomínio. Ficaria um preço absurdo, inviável, não tem garagem... uma outra deficiência muito grande... Você não tem como entrar com o carro. Se você mora na Batista ou na Primeiro de Agosto, você precisa alugar uma vaga em um estacionamento, que custa hoje em torno de cento e cinquenta reais por mês. Então, isso foi o que aconteceu com o nosso centro antigo, como falamos... Foi migrando para o Altos da Cidade, que seria o espaço compreendido entre a Duque de Caxias e a Rodrigues Alves, a zonal sul, que é da Duque de Caxias até a Praça Portugal, que logicamente é a região mais procurada, e depois em direção a USP, em torno da faculdade, que é o Jardim Panorama e a Vila Universitária e indo para os condomínios, Jardim América, Jardim Europa, que também são muito procurados... Avenida Nossa Senhora de Fatima, tem edifícios bons e está perto de tudo. Assim, isso continua esticando em direção à zona sul e agora a “bola da vez” são os condomínios da zona sul, são os Villagios, o Villagio Mall, nas proximidades da Getúlio Vargas.

Essa é a realidade nossa em termos de moradia, então, na verdade eu acho que o preço se mantém estável. Você mora bem hoje em um apartamento de cem metros quadrados por

até três mil reais... dois mil e quinhentos, três mil, mais condomínio, ne?! E é o que custava no centro da cidade, porem hoje isso depreciou mais de cinquenta por cento, sessenta por cento, mas é devido a deterioração do centro antigo da cidade.

As residências no centro da cidade também mudaram a destinação... a maioria deixou de ser residência e se tornou comercio, escritório corporativo, escolas, autarquias, secretarias. Isso eu tenho bastante aqui na imobiliária e é isso que eu faço.... Eu transformo imóvel residencial em comercial. E nessa questão, até hoje está super bem procurado, continuam tendo muito interesse. Todo mundo que vem de fora, a intenção é, em primeiro lugar, procurar o centro de Bauru e a referência nossa é esse pedaço onde está a Batista de Carvalho, da quadra 1 a quadra 7... Ainda é uma grande referência comercial. Mas como residência... por exemplo, se você andar para o lado oposto, sentido zona norte, que seria Bela Vista, Vila Falcão, você já tem apartamentos bons lá, edifícios para você morar por mil, mil e duzentos, mil e quinhentos reais e você está próximo ao centro, só que são prédios modernos, então o pessoal prefere, ao invés de ficar no centro, andar um pouquinho mais e já ficando em bairros novamente. Uma referência do centro é a Bela Vista, onde tem a Rede Globo, ou o começo da Vila Falcão até o Confiança... Tudo isso são em bairros que são vizinhos lindeiros a antiga ferrovia, que nasce na antiga Noroeste. Então, a linha férrea divide a nossa cidade entre bairro zona sul e bairro zona norte, zona leste e oeste, que já vão para os núcleos habitacionais. Para você ter uma ideia, hoje nós temos casas no Mary Dota por mil e oitocentos até dois mil reais e é super distante, né?!

ENTREVISTA²³**COORDENADORA DO PLANO DIRETOR DE 2008 - MARIA HELENA RIGITANO**

Pergunta 01: Por diretrizes para o centro no Plano Diretor de 2008, como propostas para revitalizações das principais avenidas, reformas e encontrar funções para prédios desocupados e edifícios da ferrovia, pode-se perceber que a transformação da região, de bairro de prestígio e residência das elites a atual área de concentração de comércio popular, já era percebida pelo poder público. Você acha que as preocupações do Plano Diretor de 2008 com o centro da cidade ainda se fazem atuais? Por que você acha que não foi implantado? O que “travou” o “Programa de Revitalização na Área Central, com a criação de incentivos para habitação e incentivos fiscais para a readequação de imóveis desocupados para finalidade residencial e requalificação dos prédios residenciais existentes”?

A questão é bem complexa porque a gente já tem essa preocupação desde um evento que fizemos na década de 90 aqui em Bauru, chamamos até a Regina Meyer... A gente já tinha essa preocupação pois já verificávamos a tendência do comércio mais nobre principalmente era subir pra zona sul e todos os investimentos residenciais das empreendedoras também eram todos concentrados na zona sul, em volta ao shopping, na Nossa Senhora de Fátima. Então, a gente já via essa tendência e a preocupação com o esvaziamento do centro. Então, essa é uma preocupação bem anterior ao Plano Diretor de 2008. No Plano de 1996, também a gente já faz alguma coisa, mas era um plano com diretrizes mais genéricas. E no Plano de 2008, a gente tentou enfatizar isso. Só que o fato de estar no Plano Diretor não garante que as políticas públicas vão segui-lo ou vão priorizar, porque com a mudança de administração, as vezes as prioridades mudam e a gente perde um pouco esse controle.

Na verdade, o que seria bem interessante na prática para que houvesse um incentivo maior de investimentos na área central, seria algum benefício fiscal, mas isso é complicado pela legislação atual. Você não pode fazer renúncia fiscal sem ter uma compensação, então só

²³ Entrevista realizada em 11/06/2021 utilizando o aplicativo Whatsapp e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

para te dar um exemplo paralelo, em 2003, 2004, nós fizemos a legislação de incentivo fiscal para a reforma das fachadas. Era para ser um projeto piloto, só na Rodrigues, rua Batista, Primeiro de Agosto, chegando até a Ezequiel, não me lembro, e as transversais. A gente fez um polígono, onde a gente dava incentivo fiscal para as reformas de fachada e o que a pessoa gastasse na reforma da fachada comprovadamente, levando as notas fiscais todas e recibos, a gente analisava o projeto dentro de um padrão e abatia o imposto territorial e predial daquele imóvel. Teve uma grande adesão, a gente teve mais de quatrocentas empresas que aderiram a esse programa e a gente teve que fazer uma justificativa jurídica para poder fazer esse benefício fiscal, alegando que com as reformas, com a compra de material, com a prestação de serviço que isso ia alavancar, a gente teria de novo esse imposto. Então, assim, tudo que a gente faz de benefício fiscal, a legislação exige que tenha uma compensação. Então, você imagina fazer uma legislação para que uma construtora que vá fazer um edifício residencial na área central não pague algum tipo de imposto, não pague ISS?! Você tem que, de alguma forma, compensar essa isenção fiscal, então não é muito simples mesmo.

E a gente não vê um discurso dos políticos, dos vereadores, do prefeito, agora da prefeita, tentando incentivar esse investimento na área central. Não existe um discurso corrente, então um benefício fiscal tem problemas na sua aplicação e existe muito preconceito em relação a nossa área central. Dizem que ela é degradada, perigosa, então as pessoas não querem investir, dizem que não tem demanda. Mas não tem demanda porque não tem oferta. Então, é um discurso meio complicado de romper.

As diretrizes, então, ainda são muito atuais porque nada de efetivo foi feito nesse período, que realmente incentivasse os investimentos na área central, então ele continua bem atual.

Pergunta 02: Também nas diretrizes para o centro no Plano Diretor de 2008, constam estímulos ao desenvolvimento de programas habitacionais para a área. Você acredita que ainda nos tempos atuais, essa poderia ser uma saída para alguns dos problemas da região como a sensação de insegurança?

Com certeza. É o que a gente sempre fala, né?! Se não tem moradia, o centro se esvazia depois do horário comercial, então passa essa sensação de insegurança. Eu já comentei que eu moro no centro, na Bandeirantes quase esquina com a Rio Branco. Se você comparar com outras regiões da cidade, é até uma região bem mais tranquila, mas pelo fato de você não ver ninguém na rua, assim como você não vê na zona sul se você sair por lá, você também não vai ver ninguém transitando na rua a tarde e à noite, fora algumas caminhadas na Getúlio ou alguma coisa assim. Então, a gente vive um período de muita insegurança em qualquer região da cidade e, pelo fato de não ter moradia, não ter comércio aberto a noite, não ter essa movimentação que tem em alguns outros setores da cidade, passa essa sensação de insegurança. Então, precisa de um incentivo, além do incentivo fiscal que eu já falei sobre a dificuldade de implementar, mas uma mudança de discurso de que a região central é uma região perigosa. Se houvesse algum outro tipo de incentivo, como alguma campanha de marketing, mostrando que a região central não é insegura, que a região central merece investimento, que tem infraestrutura instalada e que poderia ser melhor aproveitada. Talvez uma campanha que não necessariamente desse incentivos fiscais, por conta de dificuldade de implementação, mas que mostrasse a necessidade de maiores investimentos no centro, que tem demanda para isso porque tem comerciários, população mais idosa, estudantes por conta dos meios de transporte concentrados aqui na Rodrigues Alves e que funciona como um grande terminal aberto de ônibus. Então, essa facilidade de transporte, a proximidade de comércios e outros serviços seria interessante. E mesmo se o próprio poder público investisse mais nos seus equipamentos, se instalasse os seus equipamentos, suas secretarias, os seus serviços na área central, mas não é isso que a gente vê. Quando a prefeitura aluga um prédio para colocar qualquer serviço público, porque a gente não em mais edifícios públicos próprios para instalar todas as secretarias e serviços que a gente oferece, acabam locando prédios na zona sul. Então, acaba atraindo um público para a zona sul. Se fosse investido mais em locação ou aquisição de edifícios que estão ociosos na área central, isso incentivaria, pois ao lado dos serviços públicos, poderia se abrir lanchonetes ou algum outro tipo de apoio porque teria um público para consumo. Então, teria que ter uma

outra mentalidade. Eu não vejo por parte dos políticos alguma atuação efetiva para mudar essa imagem.

Eu acho que teria que ser alguma campanha de marketing mesmo, não que gaste milhões, mas que as pessoas começassem a mudar esse discurso... os políticos, os vereadores... que envolvesse uma campanha um pouco maior, mostrando para os empresários que tem um grande potencial na área central. Então, ao invés de investir em áreas distantes, que exige prolongamento de infraestrutura, instalação de novos serviços públicos, aproveitaríamos o que a gente já tem instalado aqui na área central.

Pergunta 03: No Plano Diretor de 2008 consta a diretriz para comercio: ampliação do conceito de gestão do Calçadão para as ruas transversais entre a Rua Primeiro de Agosto e a Avenida Rodrigues Alves e as praças Machado de Melo e Rui Barbosa. Qual seria esse modelo? E você considera que a implementação de uma rua de pedestres no centro foi uma medida que deu certo?

Na época foi um pouco polemica porque o fechamento do transito acaba que a noite você não tem fluxo de pessoas.... Isso aí acaba inibindo até. Então, tinha até uma discussão em cima do Nilson Ghirardello, que é o atual secretário de planejamento, pois no TFG que ele fez, ele desenvolvia um calçadão que fechava em parte a rua, permanecia uma via central, que até poderia ser bloqueada aos sábados, por exemplo, onde o volume de pedestres é bem maior do que nos outros dias da semana, mas poderia abrir a noite. Então, ele tinha uma proposta de calçadão um pouquinho diferente do que foi implementado em 1991.

A questão é que essa discussão não foi muito ampliada. Foi determinado pelo prefeito da época que fosse fechado e ponto final, então tinha isso também... A gente obedecia a ordens, então essa discussão não foi muito ampliada e, de qualquer maneira, da maneira que estava, com transito aberto, era completamente inviável. Tanto que aos finais de semana, a prefeitura trazia uma tubulação de concreto, de galeria de aguas pluviais, para bloquear as ruas porque as calcadas realmente não eram suficientes para receber todo o fluxo de pedestres. Então, realmente o fechamento da muito mais conforto ao pedestre, mas da

maneira que ele foi construído, não permite que fora do horário comercial transite os veículos por conta que o traçado dela não tem essa previsão. Poderia, numa futura formulação, pensar em um desenho de piso que ao final da tarde, com o fechamento do comércio, se abrisse para o trânsito e algumas vitrines pudessem ficar fechadas, se bem que por questão de segurança ninguém mais faz isso pois nem na zona sul as vitrines ficam abertas, mas algum outro tipo de incentivo para que lanchonetes, bares que ainda estão localizados na área central, permanecessem abertos porque teria um fluxo um pouco mais constante de pessoas e de veículos por ali.

Na verdade, o Plano foi aprovado em 2008, mas ele foi elaborado em 2005 e 2006. Nos encaminhamos para a câmara em 2006. Então, eu acho que nessa oportunidade, de 2006, ainda tinha um sistema de manutenção do calçadão que agora não tem mais, que era uma "Associação dos lojistas do Calçadão". Então, os comerciantes do calçadão contribuíam para essa associação, eles bancavam a segurança e manutenção das jardineiras, do piso... Algumas coisas a prefeitura que arcava, por exemplo, iluminação, mas as floreiras e tudo isso aí tinha também um apoio da prefeitura, mas se precisasse comprar mudas novas, se alguma jardineira quebrasse, eles tinham mais agilidade na reposição desses equipamentos, além de ter a segurança paga pela associação. Então, era bem seguro, mais do que hoje, e bem mais limpo, pois a manutenção era bem mais efetiva, mais eficiente.

Eu acho que quando a gente fez o texto, a gente propunha que essa associação ampliasse para as transversais, para a Rua Primeiro de Agosto, mas no final, ela foi extinta. Faz dez anos que eu estou fora, então eu não sei se essa associação voltou a atuar, mas o que eu soube é que ela tinha sido extinta.

Essa administração, na época que eu acompanhava mais de perto, que foi quando a gente fez a legislação do Calçadão, em 2004 e 2005, ela era muito eficiente. Foi essa associação inclusive que fez reuniões com os comerciantes para a gente convence-los sobre a legislação e como ia funcionar. Eu convidei uma ex-aluna, recém formada, para fazer o projeto de alguma loja que ela escolhesse e ela acabou conversando com o proprietário de um conjuntinho de lojas do quarteirão 1 do Calçadão e ofereceu para fazer o projeto deles gratuitamente, então ela fez o projeto, o orçamento de quanto ficaria a obra. Nessa reunião

com os comerciantes, nós apresentamos esse projeto, como estava e como ficaria, quanto aquilo custaria, quanto ele pagava de IPTU e quanto que a gente iria abater com essa reforma. Então esse primeiro comerciante aderiu imediatamente e ele foi o primeiro comerciante a fazer reforma, aí ele foi capa do Jornal da Cidade, foi entrevistado e acabou que as primeiras lojas a fazerem as reformas do Calçadão, das fachadas, foram no quarteirão 1, porque depois o vizinho dele fez também, o da frente fez, o outro fez... e aí foi ampliando.

É claro que a ex-aluna cobrou os outros projetos que ela foi pegando, mas não só ela... vários arquitetos participaram porque a gente tinha necessariamente que ter um projeto com responsável técnico. Então vários arquitetos foram contratados, as vezes engenheiros, ou outro escritório, mas tinha que ter um responsável técnico que assumisse a questão do projeto, que tivesse dentro da legislação, que era a retirada total daqueles equipamentos metálicos e plásticos, havia um tamanho de letreiro, uma padronização e também um orçamento... Tinha que ter um responsável técnico por aquele orçamento que estava sendo apresentado. Então, isso deu uma qualidade muito boa para as reformas... não foram feitas de qualquer jeito. Por menos investimento que tinha, existia uma escolha da cor, tinha um certo cuidado que o arquiteto tem e não simplesmente o comerciante tirar a fachada e pintar de qualquer cor.

Algo que a gente gostaria que tivesse continuado é que tivesse expandido isso para toda a região central e depois para toda a cidade, mas o que a gente viu foi que parou naquele primeiro polígono.

Mas teve toda essa motivação, pois a gente ia atrás do proprietário ou do comerciante para fazer a reforma e tentava ajudar com patrocínio... pelo menos para os primeiros a gente conseguiu esse patrocínio, depois o negócio andou sozinho.

Pergunta 04: Alguns edifícios do centro ainda permanecem sem função mesmo após a indicação de aplicação do instrumento da edificação/utilização compulsória nos edifícios que não cumprem a sua função social, como o edifício garagem. Quais os edifícios ociosos que você considera que poderiam abrigar novas funções?

Você citou o principal deles... o edifício garagem virou um problema, porque o proprietário atual, eu não sei se ainda é o mesmo, tem um prédio de garagem que nunca vai funcionar porque teve problemas de projeto e não dá para instalar o elevador para funcionar a garagem. Hoje nem justifica mais um prédio de garagens, porque como o comércio central deu uma esvaziada, não tem toda aquela procura por vagas, então se você passar pela região central, você encontra uma vaga quase que tranquilamente. Está se discutindo, inclusive, a extinção da zona azul... Eu já ouvi vereador falando que não faz mais sentido ter zona azul, porque zona azul é para ter rotatividade das vagas. De qualquer maneira, esse é um problema.

Já vi empreendedores iniciarem um estudo, pedir o projeto na prefeitura, para fazer um estudo de transformar o edifício garagem em apartamentos para estudantes, lofts... Alguma coisa teria que ser estudada para ele. Mas tem um problema que é o pé direito, que não tem dois metros e oitenta, que seria o ideal, mas eu acho que no mínimo dois e sessenta ele tem, o que seria permissível para apartamentos.

Tem outros prédios residenciais antigos que também por questão de herança, inventário, complicações na propriedade, que também estão ociosos. Nos marcamos alguns no Plano Diretor, mas não adianta só marcar, tem que ter uma continuidade... O proprietário tem que ser notificado, justificar por que não está utilizando o prédio, de repente tem um problema estrutural, o que eu não acho que é o caso, mas esses prédios antigos residenciais exigem investimento na parte elétrica, na parte hidráulica, muitas vezes, então eu acredito que problemas estruturais não tenham, mas que investimentos na infraestrutura são necessários, mas as vezes os herdeiros, o espólio, não tem recurso para isso, então larga lá fechado. A legislação fala que se você notificar e o proprietário não cumprir, tem o esquema de aumento de IPTU, mas a prefeitura assume essa responsabilidade também, então acaba ficando tudo do jeito que está.

Eu lembro que a gente notificou um grande barracão que tinha ali próximo da estação, mas eu não sei dizer se hoje está sendo utilizado. Vários outros poderiam ter sido notificados na época a gente tomou um pouco de cuidado de não assustar muito... era uma legislação que a gente estava começando a implementar, então mesmo as glebas ociosas a gente

demarcou algumas no Plano Diretor e essas, mesmo antes da notificação, pelo fato de estar no Plano Diretor ou então por haver uma demanda muito grande de investimentos imobiliários por conta do “Minha Casa, Minha Vida”, esse projeto da prefeitura nem teve continuidade, não houve necessidade pois essas glebas acabaram utilizadas em empreendimentos principalmente desse programa.

Pergunta 05: Como você pensa que se dará o futuro da região central de Bauru?

Não quero desanimar, mas eu não vejo nenhuma ação efetiva. Vamos ver agora com o Nilson, com essa nova administração, porque depende basicamente do interesse e do entendimento do poder público, da Secretaria de Planejamento e do prefeito, porque a secretaria de planejamento sempre enxergou isso como uma coisa fundamental, mas as vezes não era prioridade do prefeito. Então, vamos ver como essa administração está encarando isso.

ENTREVISTA²⁴
ARQUITETA DA SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DE BAURU –
NATASHA LAMONICA

Pergunta 01: No plano diretor de 2008, constavam algumas diretrizes como revitalização das principais avenidas, reformas, encontrar funções para prédios desocupados e da ferrovia, além de estímulos ao desenvolvimento habitacional. Em relação a isso, algumas dessas ou outras medidas foram colocadas em prática? E houve algum avanço em questão de propostas ao centro da cidade de Bauru na reformulação do Plano Diretor?

Praticamente nada foi colocado em prática. Construímos muitas habitações de interesse social nas ZEIS, os predinhos do MCMV, mas isso foi por causa do Governo federal Lula, que despejou de balde muito dinheiro para habitação. Regularizamos 5 ocupações de interesse social: Jardim Vitória 2, Jardim Olímpico 2, Vila Ipiranga 2, Vila do Sucesso e Jaraguá 2. Basicamente isso é o que foi cumprido do plano diretor e que é visível.

Há coisas invisíveis também, como a regulamentação das APAs, das ZICS, IPTU progressivo parcialmente implantado.... A Avenida Nações Norte já estava em construção na época do plano, foi finalizada em 2012, mas não conseguimos implantar o parque dela, tem pouca arborização, pouca iluminação... Implantamos a Avenida José Vicente Aiello, mas parece mais uma vicinal, e foi o governo do estado que deu.

No centro não fizemos nada, fizemos apenas o projeto do prédio da ferrovia que foi licitado, mas ficou tão ruim que agora será feita outra licitação. Fizemos um concurso de ideias para o calçadão, que foi muito frustrante, pois com a limitação de valor para a obra, acaba não dando para fazer nada novo... E não há recurso para esse projeto. Agora será feito o recape da Avenida Rodrigues Alves e Pedro de Toledo.

²⁴ Entrevista realizada em 06/08/2021 utilizando o aplicativo Whatsapp e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalizamos a obra da Avenida Do Barrerinho (Avenida Vitorio Dota), que já estava em execução na época do plano, pintamos a ciclofaixa de lazer na Getúlio e Comendador, pois os novos loteamentos seguem as diretrizes do plano de mobilidade de ter ciclovias.

Não fizemos nada no centro. Infelizmente, tudo custa muito caro e o governo federal “fechou a torneira”. O estado só faz obras para desenvolver a economia como a duplicação da Rondon.

ENTREVISTA²⁵**SECRETARIO DO PLANEJAMENTO DE BAURU – NILSON GHIRARDELLO**

Pergunta 01: Quais os principais planos da administração atual da prefeitura de Bauru para o futuro da região central?

Em relação ao centro da cidade, a prefeita pensa na requalificação do Calçadão, em um projeto de reforma do Calçadão, para deixa-lo mais adequado. De uma forma mais ampla, a gente poderia dizer que estudamos para o novo Plano Diretor que está sendo discutido, o aumento da quantidade de moradias no centro da cidade. A gente vê que desde o Plano Diretor de 2008 está estabelecido, mas a gente percebe que de 2008 até hoje isso não ocorreu de fato. Então, a gente acha que ainda é necessário mais incentivo para que a habitação retorne ao centro da cidade. Principalmente, pode-se pensar em uma habitação de classe média, classe média baixa, para as quais eu acredito que poderia ser usado o centro da cidade. O incentivo está, por exemplo, na possibilidade de edifícios sem recuo no centro, na possibilidade de edifícios sem área de estacionamento ou com área de estacionamento bem mais reduzida para a área central, imaginando que aquelas pessoas que vão morar no centro vão precisar menos do transporte privado, do carro, e isso pode vir a baratear bastante as unidades habitacionais na área central. Então, esses são os planos que a gente tem em relação ao novo Plano Diretor para a área central da cidade.

Pergunta 02: Haveria alguma política pública para a área central não "morrer" depois do fechamento do comércio, além do incentivo à habitação?

Certamente o “não morrer” da área central está diretamente relacionado ao uso para habitação. Então, a ideia do que eu já falei antes é incentivar a habitação na área central

²⁵ Entrevista realizada em 29/06/2021 utilizando o aplicativo Whatsapp e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

para que ocorram atividades em todas as horas do dia, em particular no horário noturno. A ideia é que a gente possa adensar já que existe uma infraestrutura muito boa na área central, sem contar a questão do transporte, mas tem água, esgoto, telefonia e todas as demais infraestruturas urbanas e que a gente possa adensar a área central de moradia. Então, a partir daí a gente consegue vislumbrar que o centro poderia ter uma vida noturna, coisa que hoje não ocorre. Depois das seis horas da tarde, tudo fecha e são poucas as pessoas que moram na área central, então aumentando o número de pessoas morando ali, certamente vai haver uma vida além das seis horas da tarde e no período noturno.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
FORMULÁRIO ENTREVISTA PARTICIPANTES GRUPO A E GRUPO B

Nome:

Ocupação:

Idade:

Gênero:

Escolaridade:

Perguntas:

1. Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?
OBJETIVO: Entender qual a imagem do centro, primeiro bairro da cidade e local de prestígios em tempos primórdios, na atualidade e como as transformações na região central de Bauru são percebidas pelos habitantes (alterações na paisagem e na percepção urbana). Perceber se a população tem consciência de que fatores ou agentes sociais (planos diretores, especulação imobiliária, poder público) são responsáveis pela atual situação do centro da cidade (e da valorização de outros bairros em decorrência do espraiamento urbano).
2. Você moraria no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?
OBJETIVO: Compreender a mudança no uso da região central – O centro, antes residência das elites e de grande parte da população, incluindo comerciantes, hoje tem seu uso mais pautado nas atividades de comércio e serviços. Buscar motivos pelos quais os habitantes não moram mais no centro.
3. O que te leva a ir ao centro da cidade de Bauru atualmente?
OBJETIVO: Descobrir se existe algum fator que, se implementado, faria as pessoas morarem no centro novamente ou faze-las frequentá-lo com mais frequência

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
FORMULÁRIO ENTREVISTA PARTICIPANTES GRUPO C

Nome:

Ocupação:

Idade:

Gênero:

Escolaridade:

Perguntas:

1. Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?
OBJETIVO: Entender qual a imagem do centro, primeiro bairro da cidade e local de prestígios em tempos primórdios, na atualidade e como as transformações na região central de Bauru são percebidas pelos habitantes (alterações na paisagem e na percepção urbana). Perceber se a população tem consciência de que fatores ou agentes sociais (planos diretores, especulação imobiliária, poder público) são responsáveis pela atual situação do centro da cidade (e da valorização de outros bairros em decorrência do espraiamento urbano).
2. Você gosta de morar no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?
OBJETIVO: Compreender a mudança no uso da região central – O centro, antes residência das elites e de grande parte da população, incluindo comerciantes, hoje tem seu uso mais pautado nas atividades de comércio e serviços. Buscar motivos pelos quais muitos habitantes não moram mais no centro e também entender o que faz os atuais residentes da área morarem na região.
3. Você sente necessidade de buscar outras regiões da cidade para atender as atividades do _____ seu _____ dia-a-dia?
OBJETIVO: Descobrir fatores que faltam na região central e que poderiam fazer as pessoas morarem no centro novamente ou fazê-las frequentá-lo com mais frequência se fossem implementados na região.

DSC – GRUPO A - PESSOAS QUE NUNCA RESIDIRAM NO CENTRO DA CIDADE

Questão 1: Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1**IAD 1**

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
<p>1- <i>Jul.</i> - Bom, eu acho que a primeira coisa que vem na minha cabeça é que <u>poderia ter sido muito mais bem conservado</u>, ter sido e ainda ser, né?! Eu não acho que é um local muito agradável porque eu sinto que é um <u>lugar muito quente, e, talvez porque quase não tenha árvores, né? Não é um lugar muito arborizado</u>, principalmente na Batista de Carvalho, por exemplo, então eu acredito que poderia ter sido muito mais bem conservado, existem vários prédios que poderiam ter sido conservados e poderia ser um lugar, assim, com prédios históricos e bonitos, né? Pra que todo mundo pudesse lembrar da história da cidade mesmo, mas infelizmente eu acho que não é, né?! Eu acho que é um <u>lugar bastante sujo, bastante mal cuidado mesmo.</u></p>	<p>(1a ideia) - poderia ter sido mais conservado (A) (2a ideia) - lugar muito quente, e, talvez porque quase não tenha árvores, né? Não é um lugar muito arborizado (B) (3a ideia) - lugar bastante sujo, bastante mal cuidado mesmo (A)</p>	<p>O centro poderia ter sido mais conservado (A)</p>
<p>2- <i>Car.</i> - Bom, hoje em dia eu penso que <u>o centro da cidade de Bauru se resume em comércio</u>. Eu tenho conhecimento que existe um museu ferroviário, mas eu não sei, não tenho informação se ele está aberto ao público, se ele foi reformado ou não, embora seja uma das principais histórias da nossa cidade, e ela é <u>pouquíssimo explorada</u>. Humm.... Então quando me falam do centro da cidade de Bauru, eu penso sempre em lojas, penso lá na rua Batista de Carvalho e nas regiões que ficam em volta dessa rua. Eu acho que é um espaço agradável na medida que eu vou fazer poucas coisas por lá, eu não costumo frequentar essa região, apenas desço para o centro quando eu preciso fazer alguma coisa específica, como ir ao Poupa Tempo também que fica lá naquela região, esses tipos de atividades. Não acho que é um lugar desagradável, não é algo que me incomoda, mas eu acho que <u>poderia ser um local muito mais explorado pela cidade e até por nós bauruenses</u> pelo fato de ser <u>um lugar que não tem um atrativo</u>, eu acredito. E essa talvez seja a grande deficiência do centro da cidade de Bauru.</p>	<p>(1a ideia) - O centro da cidade de Bauru se resume em comercio (C) (2a ideia) - poderia ser um local mais explorado (A) (3a ideia) - um lugar que nao tem um atrativo (C)</p>	

<p>3 - <i>Mar.</i> - Eu acho que hoje em dia o centro é um local desagradável e eu sinto que ele <u>é abandonado</u>. Humm.... <u>As estruturas, tanto do próprio centro como as casas, os imóveis, parece que eles ficaram parados naquele tempo e nunca teve uma restauração, então quando você olha, não é uma coisa agradável de se olhar, é uma coisa antiga que parece que ficou pra trás e ninguém nunca cuidou, não é?!</u> Eu tenha essa impressão porque, por exemplo, se comparar com uma cidade como Itapetininga, ela tem o centro desde o começo do século XX, e o mesmo centro, e eles sempre revitalizam, cuidam demais, então você não tem essa impressão desagradável, você tem a impressão de estar voltando no tempo quando você vai ao centro de Itapetininga, já em Bauru não.</p>	<p>(1a ideia) - Ele é abandonado. As estruturas ficaram paradas no passado e ninguém nunca cuidou. (A)</p>	<p>O centro poderia ter sido mais conservado (A)</p>
<p>4 - <i>Sil.</i> - Desagradável. Antigamente ele era mais agradável, mas agora <u>ele está muito abandonado, né?! Está muito deteriorado, então da essa impressão de abandono</u>. Então, se torna desagradável.</p>	<p>(1a ideia) - Ele é abandonado (A)</p>	<p>O centro poderia ter sido mais conservado (A)</p>
<p>5- <i>Fla.</i> - Eu acho um pouco agradável por ser <u>nostálgico</u>, mas na verdade é <u>sujo e velho</u>. A única coisa que me passa ao agradável é por ser nostálgico, mas <u>é ultrapassado, poluído, com barulho</u>, sei lá <u>Não acho bonito não</u>.</p>	<p>(1a ideia) - é nostálgico, sujo, velho, ultrapassado, poluído, com barulho, não é bonito (A)</p>	
<p>6- <i>Alf.</i>- A primeira impressão acho que é desagradável. Eu penso no centro e eu penso em transito, talvez um pouco de <u>calor, pessoal atravessando a rua com o semáforo de pedestre fechado</u> e multa, zona azul.... As principais coisas que me vem à cabeça são coisas desagradáveis.</p>	<p>(1a ideia) - transito (D) (2a ideia) - calor, muita gente e transito (B)</p>	
<p>7- <i>Rai.</i>- Bom, a impressão que eu tenho sobre o centro da cidade de Bauru, é a mesma impressão que eu tenho sobre o centro de qualquer cidade na realidade, né?! Porque o centro geralmente é onde a cidade inicia, então <u>tem aquele aspecto mais antigo, né?! E eu tenho uma sensação que centro geralmente durante o dia é ok, muito movimento e tudo, mas durante a noite é um local que eu evito passar porque geralmente é mais ermo, não é muito seguro</u>, pelo menos é a impressão que eu tenho, posso estar errada, né?! Mas é essa a impressão que eu costumo ter... Isso não só na cidade de Bauru como em outras cidades também.</p>	<p>(1a ideia) - local com aspecto mais antigo (A) (2a ideia) - movimentado durante o dia e ermo e inseguro a noite (C)</p>	

<p>8. <i>Ros.</i> - É um lugar agradável porque eu acho legal a praça Rui Barbosa, o calçadão.... <u>É um lugar bom.</u></p>	<p>(1a ideia) - é um lugar bom (D)</p>	<p>É um lugar bom (D)</p>
<p>9. <i>Eri.</i> - Para mim, é desagradável porque eu acho muito <u>calor, muita gente</u> e eu só “desço” quando eu preciso comprar alguma coisa que não tem “aqui pra cima”*. Então, para mim é desagradável porque <u>parece um lugar sujo assim... É muita gente junta...</u> É que eu sou fresca mesmo.</p>	<p>(1a ideia) - calor (B) (2a ideia) - parece um lugar sujo (A) (3a ideia) - muita gente (B)</p>	
<p>10- <i>Deb.</i> - Eu acho o centro da cidade um local agradável... É... <u>Permanece com as origens, não mudou muito, embora algumas ruas “tenha” mais andarilhos, sujeira, não é um lugar tão perigoso... Você consegue ir e fazer suas coisas, eu gosto.</u></p>	<p>(1a ideia) - permanece com as origens (D) (2a ideia) - embora haja andarilhos e sujeira, não é um lugar tão perigoso (D)</p>	<p>É um lugar bom (D)</p>
<p>11- <i>Let.</i> -Na minha opinião, o centro da cidade é um local muito mais desagradável do que agradável atualmente, apesar de ter muitas construções, muitos prédios antigos e históricos, o que <u>poderia ser um ambiente mais agradável que fizesse a gente reviver alguns períodos históricos da cidade, o que a gente vê é que de todos os esses prédios, muitos deles são deteriorados, pouco conservados</u> e isso acaba levando a um ambiente muito mais desagradável do que agradável.</p>	<p>(1a ideia) - poderia ser um ambiente mais agradável que fizesse a gente reviver alguns períodos históricos da cidade, há prédios deteriorados, pouco conservados (A)</p>	<p>O centro poderia ter sido mais conservado (A)</p>
<p>12- <i>Ita.</i> - Hoje, na minha opinião, é um local desagradável, né?! Assim, em alguns pontos eu acho bacana, tem alguns prédios que estão bem cuidados, que foram mantidos, né?! Outros atualizados...Mas na maioria, eu vejo que é um <u>ambiente bem degradado, que é um lugar assim bem abandonado, né?! É... As estruturas ali são de décadas atrás, você percebe toda a parte de estrutura publica de poste, iluminação, encanamento, esgoto e tudo mais, você vê que tem diversos problemas. O próprio asfalto da região é bastante comprometido, mas principalmente os prédios. Tem muito prédio antigo mal conservado, abandonado, é... com problema estrutural e bem feio.</u> Ainda acho desagradável por conta do <u>abandono do próprio poder público, que você tem locais abandonados, tanto prédios públicos quanto particulares, onde eles foram invadidos por moradores de rua, por usuários de drogas, é... E você tem prédios históricos ali sendo mal utilizados ou sem utilização, praticamente em situação completa de abandono, vide um prédio da ferrovia, alguns prédios de hotéis da época que ficavam ali na</u></p>	<p>(1a ideia) - ambiente degradado e abandonado, prédios antigos, mal conservados, feios e com problemas estruturais (...) abandono do poder público, (...) falta investimento, (...) centro meio que abandonado (A) (2a ideia) - Não vejo um centro vivo, um centro que poderia ter bares funcionando a noite, poderia ter vida noturna (C)</p>	<p>O centro poderia ter sido mais conservado (A)</p>

Rodrigues, até coisas mais atuais, né?! Como por exemplo, aquele “elefante branco” que é o estacionamento vertical que nunca saiu dali, daquele estado... eu vi aquela obra sendo construída do zero, que foi quando eu cheguei em Bauru e eles tavam fazendo aquilo ali, né?! Eu acompanhei todo o passo a passo da obra e nunca vi aquilo funcionar. É... a própria VIP Gallery que não avançou, ela ficou travada e ta abandonada. Eu passei na frente de uma lanchonete que eu frequentava... Ela já foi varias lanchonetes, dentre elas, acho que o “Bolota” já foi ali também... E era uma lanchonete super bacana, sabe?! Um ambiente super gostoso, né?! Toda azulejadinha, toda bonitinha. Hoje ela tá com a mesma cara assim, exatamente igual ao que ela era naquela época, só que completamente largada, abandonada, destruída, mal cuidada, sabe?! Então, assim, da do de ver algumas coisas, da do de ver alguns prédios. É... em contrapartida, a nossa loja era de frente para uma casa antiquíssima ali na Virgílio Malta, onde funcionou inclusive a “Auriverde”, né?! Acho que a “Auriverde” passou para ser “Jovem Pan”, mas a casa deve ter sido tombada pelo patrimônio histórico de Bauru, não sei como é que funciona isso aí. E a casa tá super bem conservada, é uma casa super antiga mas é muito bonita aquela casa, então dá gosto de ver. Mas acho que falta assim um investimento. As calçadas totalmente irregulares, falta padrão, não tem lixeira, não tem banco, não tem espaço público legal pra você parar e sentar. O único espaço público ali que tem, assim, quase decente seria a Praça Ruy Barbosa, que foi uma revitalização bosta que fizeram, eu acho que não é aproveitada em nada, né?! Você tem uma grande quantidade de pessoas ali, inclusive de pessoa com mas intenções ali, vendendo droga, passando droga, pequenos furtos, né?! E você tem um centro meio que abandonado... Não vejo um centro vivo, um centro que poderia ter bares funcionando a noite, poderia ter vida noturna, como era quando eu mudei para Bauru... O centro era vivo, o centro funcionava a noite, era gostoso de você estar ali... Tinha choperia, tinha bar, tinha espaço para passear, tinha Praça rodando, tinha sorveteria aberta, tinha... é... enfim, era uma coisa viva, né?!

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

A - O centro poderia ter sido mais conservado (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 - Jul. - Poderia ter sido mais conservado (...) lugar bastante sujo, bastante mal cuidado mesmo</p> <p>2- Car. - Eu tenho conhecimento que existe um museu ferroviário, mas eu não sei, não tenho informação se ele está aberto ao público, se ele foi reformado ou não, embora seja uma das principais histórias da nossa cidade, e ela é pouquíssimo explorada</p> <p>3- Mar. - Ele é abandonado. As estruturas ficaram paradas no passado e ninguém nunca cuidou</p> <p>4 - Sil. - Está muito abandonado, né?! Está muito deteriorado, então da essa impressão de abandono</p> <p>5 - Fla. - É nostálgico, sujo, velho, ultrapassado, poluído, com barulho, não é bonito</p> <p>7 - Rai. - O centro geralmente é onde a cidade inicia, então tem aquele aspecto mais antigo, né?!</p> <p>9 - Eri. - Parece um lugar sujo</p> <p>11 - Let. - Poderia ser um ambiente mais agradável que fizesse a gente reviver alguns períodos históricos da cidade, há prédios deteriorados, pouco conservados</p> <p>12 - Ita. - Ambiente degradado e abandonado, prédios antigos, mal conservados, feios e com problemas estruturais (...) abandono do poder público, (...) falta investimento, (...) centro meio que abandonado</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque poderia ter sido muito mais bem conservado... Ter sido e ainda ser, né?! A história do município é pouquíssimo explorada... E ele está muito abandonado, né?! As estruturas ficaram paradas no passado e ninguém nunca cuidou. O centro geralmente é onde a cidade inicia, então tem aquele aspecto mais antigo, né?! Mas é ultrapassado, poluído, com barulho, sei lá Não acho bonito não. Parece um lugar sujo. Poderia ser um ambiente mais agradável que fizesse a gente reviver alguns períodos históricos da cidade, mas o que a gente vê é que de todos os esses prédios, muitos deles são deteriorados, pouco conservados. Ainda acho desagradável por conta do abandono do próprio poder público, que você tem locais abandonados, tanto prédios públicos quanto particulares, onde eles foram invadidos por moradores de rua, por usuários de drogas, é... E você tem prédios históricos ali sendo mal utilizados ou sem utilização, praticamente em situação completa de abandono, vide um prédio da ferrovia, alguns prédios de hotéis da época que ficavam ali na Rodrigues, até coisas mais atuais, né?! Falta, assim, um investimento... E você tem um centro meio que abandonado...</p>

B - Lugar muito quente

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 - Jul. - Lugar muito quente, e, talvez porque quase não tenha árvores, né? Não é um lugar muito arborizado.</p> <p>6 - Alf. - Calor</p> <p>9 - Eri. - Calor (...) muita gente</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque é um lugar muito quente, e, talvez porque quase não tenha árvores, né? Não é um lugar muito arborizado. Eu acho muito calor... Muita gente...</p>

C - O centro da cidade de Bauru se resume em comércio

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2 - Car. - <i>O centro da cidade de Bauru se resume em comercio (...) um lugar que não tem um atrativo</i></p> <p>7 - Rai. - <i>Movimentado durante o dia e ermo e inseguro a noite</i></p> <p>12 - Ita. - <i>Não vejo um centro vivo, um centro que poderia ter bares funcionando a noite, poderia ter vida noturna</i></p>	<p><i>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque se resume em comércio, não tem outro atrativo, eu acredito... E eu tenho uma sensação que centro geralmente durante o dia é ok, muito movimento e tudo, mas durante a noite é um local que eu evito passar porque geralmente é mais ermo, não é muito seguro.... Então não vejo um centro vivo, um centro que poderia ter bares funcionando a noite, poderia ter vida noturna.</i></p>

D - É um lugar bom (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>8 - Ros. - <i>É um lugar bom</i></p> <p>10 - Deb. - <i>Permanece com as origens (...) embora "tenha" andarilhos e sujeira, não é um lugar tão perigoso</i></p>	<p><i>O centro da cidade de Bauru é agradável porque é um lugar bom, que permanece com as origens, não mudou muito... Embora algumas ruas "tenha" mais andarilhos, sujeira, não é um lugar tão perigoso... Você consegue ir e fazer suas coisas, eu gosto.</i></p>

DSC – GRUPO A - PESSOAS QUE NUNCA RESIDIRAM NO CENTRO DA CIDADE

Questão 2: Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1**IAD 1**

Questão 2: Você moraria no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
<p>1- <i>Jul.</i>- Eu acredito que não, justamente porque eu <u>gosto de lugares mais arborizados, um pouco mais em contato com a natureza e eu sinto que o centro da cidade, ele não tem nenhum pouco esse lado, né?! E também sinto que por ser, é, cheio de prédios, é realmente um lugar quente, é, também penso que os prédios por lá, as casas, devam ser menores, e assim, é um lugar que eu sinto que é muito concretado, então não é um lugar que eu moraria.</u></p>	<p>(1a ideia) - eu gosto de lugares mais arborizados, um pouco mais em contato com a natureza e eu sinto que o centro da cidade, ele não tem nenhum pouco esse lado, né?! é cheio de prédios, é realmente um lugar quente, (...) sinto que é muito concretado (A)</p> <p>(2a ideia) - penso que os prédios por lá, as casas, devam ser menores (B)</p>	<p>O centro da cidade é pouco arborizado e quente (A)</p> <p>A estrutura física dos imóveis do centro não agrada (B)</p>
<p>2 - <i>Car.</i> - Eu moraria desde que tivesse uma opção condizente com as minhas necessidades, isso seria algum prédio residencial novo ou então alguma casa residencial nova também, porque <u>quando penso no centro, eu penso em casas antigas e prédios antigos, e se não são antigos eles já foram construídos com o foco no comércio.</u> Então, eu moraria desde que houvesse uma opção interessante, mas talvez nem o movimento, a grande circulação de pessoas fosse o meu problema, mas mais essa questão estrutural mesmo da região, sabe?! Que eu <u>acho que ainda, pelo fato de ser antiga e não ter um olhar específico da cidade para essa região, acho que ela acabou ficando um pouco de lado e não vejo um lugar com um futuro próspero,</u> talvez essa seja a palavra, não sei, mas é isso. Talvez tivesse que ter algumas modificações para que eu morasse lá hoje em dia.</p>	<p>(1a ideia) - quando penso no centro, eu penso em casas antigas e prédios antigos, e se não são antigos eles já foram construídos com o foco no comércio (B)</p> <p>(2a ideia) - acho que ela acabou ficando um pouco de lado e não vejo um lugar com um futuro próspero (C)</p>	<p>A estrutura física dos imóveis do centro não agrada (B)</p>
<p>3- <i>Mar.</i> - Eu jamais moraria no centro da cidade porque <u>ficou um lugar que a noite é muito ermo, né?! Então fica um lugar onde habitam os moradores de rua, alguns viciados que ficam pedindo esmola, então da essa impressão de ser um lugar perigoso,</u> digamos assim.</p>	<p>(1a ideia) - ficou um lugar que a noite é muito ermo, né?! Então fica um lugar onde habitam os moradores de rua, alguns viciados que ficam pedindo esmola, então da essa impressão de ser um lugar perigoso (C)</p>	<p>O centro da cidade não é um lugar seguro (C)</p>

<p>4 - <i>Sil.</i> - Não moraria devido ao <u>grande fluxo de transito e de pessoas, né?! Eu prefiro um lugar mais calmo para morar, então eu não moraria.</u></p>	<p>(1a ideia) - grande fluxo de transito e de pessoas, né?! Eu prefiro um lugar mais calmo para morar (D)</p>	<p>Eu prefiro um lugar mais calmo para morar (D)</p>
<p>5 - <i>Fla.</i> - Não moraria no centro da cidade de Bauru porque eu <u>prefiro morar afastado e ter mais espaço, mais tranquilidade....</u> Morar mais afastado da cidade, nem que eu pague um pouco mais caro por isso ou até mais barato, mas sei lá.... Moraria longe de lá só.</p>	<p>(1a ideia) - prefiro morar afastado e ter mais espaço (B) (2a ideia) - prefiro morar afastado e ter mais tranquilidade (D)</p>	<p>A estrutura física dos imóveis do centro não agrada (B) Eu prefiro um lugar mais calmo para morar (D)</p>
<p>6 - <i>Alf.</i> - Ah, é uma pergunta bem difícil de responder, eu acho.... Porque eu moraria em qualquer lugar, né?! Tudo depende da necessidade e da condição. Se precisar morar, eu moro. Como opção eu talvez <u>não escolheria lá como primeira opção</u> pelo menos por conta dos fatores desagradáveis citados no áudio anterior talvez.</p>	<p>(1a ideia) - não escolheria lá como primeira opção (E)</p>	<p>Não escolheria o centro como primeira opção para moradia (E)</p>
<p>7 - <i>Rai.</i> - <u>Eu não moraria no centro da cidade de Bauru sendo que eu tenho opção de morar em outras áreas</u>, mas, é... já morei no centro da cidade de uma cidade chamada Osorio no Rio Grande do Sul, mas era uma cidade bem pequena, de vinte e cinco mil habitantes mais ou menos, então era diferente... Era um centro da cidade bem agradável assim, então era uma área, uma região, melhor da cidade no caso e eu gostava bastante de morar no centro da cidade... Era perto de tudo, tinha tudo ao meu redor, mas a cidade era pequena. <u>Em grandes centros, em cidades um pouco maiores, eu optaria por morar em bairros.</u></p>	<p>(1a ideia) - Eu não moraria no centro da cidade de Bauru sendo que eu tenho opção de morar em outras áreas (...) Em grandes centros, em cidades um pouco maiores, eu optaria por morar em bairros. (E)</p>	<p>Não escolheria o centro como primeira opção para moradia (E)</p>
<p>8 - <i>Ros.</i> - Sim, moraria porque <u>é um lugar legal pra morar, gostoso, tudo pertinho... mercado, as lojas... Pra pegar ônibus... Onde eu moro é tudo difícil.</u></p>	<p>(1a ideia) - é um lugar legal pra morar, gostoso, tudo pertinho... mercado, as lojas... Pra pegar ônibus.. (F)</p>	<p>Perto de tudo e fácil acesso (F)</p>
<p>9 - <i>Eri.</i> - <u>Não teria nenhum problema em morar no centro, mas eu gosto aqui da minha casinha e da minha regiãozinha também.</u></p>	<p>(1a ideia) - Não teria nenhum problema em morar no centro, mas eu gosto aqui da minha casinha e da minha regiãozinha também. (E)</p>	<p>Não escolheria o centro como primeira opção para moradia (E)</p>
<p>10 - <i>Deb.</i> - Não moraria.... Não moraria não porque eu acho assim um lugar muito cheio, lotado, com transito... Aí fica difícil, né?! Pra se locomover. Prefiro um lugar mais afastado.</p>	<p>(1a ideia) - Não moraria não porque eu acho assim um lugar muito cheio, lotado, com transito... Aí fica difícil, né?! (D)</p>	<p>Eu prefiro um lugar mais calmo para morar (D)</p>
<p>11 - <i>Let.</i> - No momento, levando em consideração toda essa não conservação do centro, é... eu não moraria. Apesar de ser um local que <u>é possível ter acesso fácil a comercio, bancos, mercados, é...</u> Na minha opinião, <u>não é um ambiente tão agradável pra se morar, é... não é tao seguro, né?! Principalmente aos finais de semana, que fica totalmente desabitado ali, né?! Com</u></p>	<p>(1a ideia) - é possível ter acesso fácil a comercio, bancos, mercados (F) (2a ideia) - não é um ambiente tão agradável pra se morar, é... não é tao seguro, né?! Principalmente aos finais de semana, que fica totalmente desabitado ali,</p>	<p>Perto de tudo e fácil acesso (F) O centro da cidade não é um lugar seguro (C)</p>

<p>pouca circulação de pessoas, acaba concentrando moradores de rua, né?! Isso aumenta muito mais a insegurança do local, então eu não moraria.</p>	<p>né?! Com pouca circulação de pessoas, acaba concentrando moradores de rua, né?! Isso aumenta muito mais a insegurança do local, então eu não moraria. (C)</p>	
<p>12 - Ita. - Ah, muito difícil! Eu moro quase no centro... eu moro hoje atrás do Vitoria Régia e eu moro por comodidade, eu moro porque é perto de tudo. É... É próximo, e assim, eu to perto, não to exatamente no centro, mas é região central. Por um lado, justamente por isso, <u>é perto de tudo, a localização é rápida, mas não é um lugar tranquilo, sempre tem problema, desordem...</u> É... Criminalidade sempre crescente, sempre acontecendo, né?! Fora que não é bonito. A região central, assim, pra morar é complicado, não te favorece. E eu também acho que nem deve ser local de moradia... Tem que ter um lugar que é da bagunça e o centro é o lugar da bagunça. Na minha opinião, o centro deveria ser o lugar de tudo que deveria acontecer de bagunça, de barulho, de tudo mais. Ninguém deveria morar no centro.</p>	<p>(1a ideia) - é perto de tudo, a localização é rápida (F) (2a ideia) - não é um lugar tranquilo, sempre tem problema, desordem (D) (3a ideia) - Criminalidade sempre crescente, sempre acontecendo, né?! (C)</p>	<p>Perto de tudo e fácil acesso (F) Eu prefiro um lugar mais calmo para morar (D) O centro da cidade não é um lugar seguro (C)</p>

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

IAD2- A - O centro da cidade é pouco arborizado e quente (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Jul. - <i>Eu gosto de lugares mais arborizados, um pouco mais em contato com a natureza e eu sinto que o centro da cidade, ele não tem nenhum pouco esse lado, né?! é cheio de prédios, é realmente um lugar quente, (...) sinto que é muito concretado</i></p>	<p><i>Não moraria no centro da cidade de Bauru porque eu gosto de lugares mais arborizados, um pouco mais em contato com a natureza e eu sinto que o centro da cidade, ele não tem nenhum pouco esse lado, né?! É cheio de prédios, é realmente um lugar quente... Sinto que é muito concretado.</i></p>

IAD2- B- A estrutura física dos imóveis do centro não agrada (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Jul. - <i>Penso que os prédios por lá, as casas, devam ser menores</i></p> <p>2- Car. - <i>Quando penso no centro, eu penso em casas antigas e prédios antigos, e se não são antigos eles já foram construídos com o foco no comércio</i></p>	<p><i>Não moraria no centro da cidade de Bauru porque penso que os prédios por lá, as casas, devam ser menores, então prefiro morar afastado e ter mais espaço. Além disso, quando penso no centro, eu penso em casas antigas e prédios antigos, e se não são antigos, eles já foram construídos com o foco no comércio.</i></p>

5- Fla. - Prefiro morar afastado e ter mais espaço

IAD2- C - O centro da cidade não é um lugar seguro (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Car. - <i>Acho que ela acabou ficando um pouco de lado e não vejo um lugar com um futuro próspero</i></p> <p>3 - Mar. - <i>ficou um lugar que a noite é muito ermo, né?! Então fica um lugar onde habitam os moradores de rua, alguns viciados que ficam pedindo esmola, então da essa impressão de ser um lugar perigoso</i></p> <p>11 - Let. - <i>não é um ambiente tão agradável pra se morar, é... não é tão seguro, né?! Principalmente aos finais de semana, que fica totalmente desabitado ali, né?! Com pouca circulação de pessoas, acaba concentrando moradores de rua, né?! Isso aumenta muito mais a insegurança do local, então eu não moraria.</i></p> <p>12- Ita. - <i>Criminalidade sempre crescente, sempre acontecendo, né?!</i></p>	<p><i>Não moraria no centro da cidade de Bauru porque ficou um lugar que a noite é muito ermo, né?! Então fica um lugar onde habitam os moradores de rua, alguns viciados que ficam pedindo esmola, então da essa impressão de ser um lugar perigoso. Também aos finais de semana fica totalmente desabitado ali, né?! Com pouca circulação de pessoas, acaba concentrando moradores de rua, né?! Criminalidade sempre crescente, sempre acontecendo, né?! Isso aumenta muito mais a insegurança do local, então eu não moraria. Não é um ambiente tão agradável pra se morar, é... não é tão seguro, né?! Acho que a região acabou ficando um pouco de lado e não vejo um lugar com um futuro próspero.</i></p>

IAD2- D - Eu prefiro um lugar mais calmo para morar (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>4- Sil. - <i>Grande fluxo de transito e de pessoas, né?! Eu prefiro um lugar mais calmo para morar.</i></p> <p>5- Fla. - <i>Prefiro morar afastado e ter mais tranquilidade</i></p> <p>10. Deb. - <i>Não moraria não porque eu acho assim um lugar muito cheio, lotado, com transito... Aí fica difícil, né?!</i></p> <p>12- Ita. - <i>Não é um lugar tranquilo, sempre tem problema, desordem</i></p>	<p><i>Não moraria no centro da cidade de Bauru porque eu acho assim um lugar muito cheio, lotado, com transito... Aí fica difícil, né?! Tem um grande fluxo de transito e de pessoas, né?! Eu prefiro um lugar mais calmo para morar. Não é um lugar tranquilo, sempre tem problema, desordem... Então prefiro morar afastado e ter mais tranquilidade.</i></p>

IAD2- E - Não escolheria o centro como primeira opção para moradia (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>6- Alf. - <i>Não escolheria lá como primeira opção</i></p> <p>7- Rai. - <i>Eu não moraria no centro da cidade de Bauru sendo que eu tenho opção de morar em</i></p>	<p><i>Não escolheria lá como primeira opção. Então, eu não moraria no centro da cidade de Bauru sendo que eu tenho opção de morar em outras áreas... Em grandes centros, em cidades um pouco</i></p>

<p>outras áreas (...) Em grandes centros, em cidades um pouco maiores, eu optaria por morar em bairros</p> <p>9- Eri. - Não teria nenhum problema em morar no centro, mas eu gosto aqui da minha casinha e da minha regiãozinha também.</p>	<p>maiores, eu optaria por morar em bairros. Enfim, não teria nenhum problema em morar no centro, mas eu gosto aqui da minha regiãozinha.</p>
---	---

F - Perto de tudo e fácil acesso (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>8- Ros. - É um lugar legal pra morar, gostoso, tudo pertinho... mercado, as lojas... Pra pegar ônibus...</p> <p>11- Let. - É possível ter acesso fácil a comércio, bancos, mercados</p> <p>12. Ita. - É perto de tudo, a localização é rápida</p>	<p>Eu moraria no centro da cidade de Bauru porque é um lugar legal pra morar, gostoso, tudo pertinho... É possível ter acesso fácil a comércio, bancos, mercados. Enfim, é perto de tudo, a localização é rápida.</p>

DSC – GRUPO A - PESSOAS QUE NUNCA RESIDIRAM NO CENTRO DA CIDADE

Questão 3: O que te leva a ir ao centro da cidade de Bauru atualmente?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
<p>1- Jul. - <u>Muito raramente eu vou até o centro da cidade. Eu só vou realmente se eu precisar fazer compras em algum local, por exemplo ali na Batista, ou em algum outro estabelecimento ali no centro da cidade, mas eu acredito que durante o ano eu deva ir duas vezes ao centro de Bauru, a não ser quando eu vou aos domingos na feira pela manhã, mas seria somente na feira mesmo.</u> Então, é raramente que eu vou centro.</p>	<p>(1a ideia) - Muito raramente eu vou até o centro da cidade. Eu só vou realmente se eu precisar fazer compras em algum local, por exemplo ali na Batista, ou em algum outro estabelecimento ali no centro da cidade (A)</p> <p>(2a ideia) - eu vou aos domingos na feira pela manhã, mas seria somente na feira mesmo. (B)</p>	<p>O centro da cidade é a última opção (A) O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (B)</p>

<p>2- <i>Car.</i> - Bom, hoje em dia eu costume ir ao centro da cidade <u>quando eu preciso comprar alguma coisa especifica que eu sei que lá eu vou encontrar.</u> O local onde eu realizo <u>exames e consultas médicas</u> também está localizado no centro da cidade e quando eu preciso de alguns serviços que estão localizados por lá, como por exemplo, <u>a rodoviária, o Poupa Tempo. O cartório</u> que eu costume ir também está localizado no centro da cidade, então seriam essas as atividades que me levam até o centro.</p>	<p>(1a ideia) - quando eu preciso comprar alguma coisa especifica que eu sei que lá eu vou encontrar (B) (2a ideia) - O local onde eu realizo exames e consultas médicas também está localizado no centro da cidade e quando eu preciso de alguns serviços que estão localizados por lá, como por exemplo, a rodoviária, o Poupa Tempo. O cartório que eu costume ir também está localizado no centro da cidade. (C)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B) O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (C)</p>
<p>3 - <i>Mar.</i> - <u>Hoje em dia o que me leva a ir ao centro é mais essa questão do comercio, coisas que você só encontra lá, por exemplo, beco de armarinho ou lojas grandes e mais tradicionais como a Pernambucanas, mas acredito que hoje, em 2020, é muito possível você encontrar coisas que não estão no centro. O centro, pelo menos pra mim, é a última opção.</u></p>	<p>(1a ideia) - Hoje em dia o que me leva a ir ao centro é mais essa questão do comercio, coisas que você só encontra lá, por exemplo, beco de armarinho ou lojas grandes e mais tradicionais como a Pernambucanas (B) (2a ideia) - acredito que hoje, em 2020, é muito possível você encontrar coisas que não estão no centro. O centro, pelo menos pra mim, é a última opção. (A)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B) O centro da cidade é a última opção (A)</p>
<p>4 - <i>Sil.</i> - <u>Às vezes para pagar contas...</u> Mais para pagar contas e dar uma pesquisa em preços das lojas, mais por isso.</p>	<p>(1a ideia) - pagar contas (C)</p>	<p>O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (C)</p>
<p>5- <i>Fla.</i> - <u>Nada! Nada me leva a ir ao centro da cidade. Quando eu tenho que ir no centro, eu prefiro pedir por aplicativo, eu prefiro pedir algo pelo Whatsapp e que as pessoas me entreguem, porque não tem nada que me leve até lá.</u></p>	<p>(1a ideia) - Nada! Nada me leva a ir ao centro da cidade. Quando eu tenho que ir no centro, eu prefiro pedir por aplicativo, eu prefiro pedir algo pelo Whatsapp e que as pessoas me entreguem, porque não tem nada que me leve até lá. (A)</p>	<p>O centro da cidade é a última opção (A)</p>
<p>6- <i>Alf.</i>- Acho que as últimas vezes que eu tive que ir no centro foi pra <u>comprar alguma coisa que só tinha lá, assistência técnica de algum aparelho que tinha lá, alguma loja que vende algum produto especifico, né?! Eu na verdade não consigo lembrar a última vez que eu fui lá. Faz mais de dois anos.... Não consigo me lembrar... Banco, talvez! Algum banco especifico, mas faz bastante tempo, não me lembro.</u></p>	<p>(1a ideia) - comprar alguma coisa que só tinha lá (...) alguma loja que vende algum produto especifico, né?! (B) (2a ideia) - assistência técnica de algum aparelho que tinha lá (...) Banco, talvez! Algum banco especifico (C)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B) O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (C)</p>

<p>7- <u>Rai.</u>- <u>Difícilmente eu acabo indo para o centro da cidade de Bauru. Acabo resolvendo coisas perto de casa, no bairro que eu moro ou na região que eu costumo trabalhar assim.</u> A minha vida praticamente é sempre no mesmo miolo, se não me engano acho que é a região sul da cidade de Bauru, então acabo resolvendo tudo nessa área mesmo. <u>Eu só vou pro centro da cidade quando eu tenho que resolver alguma coisa muito especifica que só tenha lá. É... Então quando que eu fui pro centro da cidade de Bauru, por exemplo?! Quando eu precisava ir na Batista de Carvalho porque eu precisava ver uma geladeira e eu queria ver se tinha algo a pronta entrega, então não optei pelo site, tanto que eu acabei comprando lá mesmo. Então alguns itens, eu acabo indo, mas é muito difícil... São casos esporádicos mesmo.</u></p>	<p>(1a ideia) - Difícilmente eu acabo indo para o centro da cidade de Bauru. Acabo resolvendo coisas perto de casa, no bairro que eu moro ou na região que eu costumo trabalhar assim (A)</p> <p>(2a ideia) - Eu só vou pro centro da cidade quando eu tenho que resolver alguma coisa muito especifica que só tenha lá. É... Então quando que eu fui pro centro da cidade de Bauru, por exemplo?! Quando eu precisava ir na Batista de Carvalho porque eu precisava ver uma geladeira e eu queria ver se tinha algo a pronta entrega, então não optei pelo site, tanto que eu acabei comprando lá mesmo. (B)</p>	<p>O centro da cidade é a última opção (A) O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B)</p>
<p>8. <u>Ros.</u> - Ah, <u>salão de beleza, as lojas que tem lá... Só isso.... Porque pra passear, nem pensar!</u></p>	<p>(1a ideia) - salão de beleza (C)</p> <p>(2a ideia) - as lojas que tem lá... Só isso.... Porque pra passear, nem pensar! (B)</p>	<p>O que leva ao centro sao atividades ligadas a prestação de serviços (C)</p> <p>O que leva ao centro sao produtos ligados ao comercio (B)</p>
<p>9. <u>Eri.</u> - Eu respondi essa pergunta sem saber na primeira, mas <u>eu só “desço” no centro quando preciso de alguma coisa que não tem “aqui pra cima”*</u>, por exemplo, é... <u>As vezes minha mãe quer ir no Beco, comprar “uns pano” dela lá que não tem “aqui em cima”, daí eu “desço” pra ela, mas fora isso, não vou não.</u></p>	<p>(1a ideia) - eu só “desço” no centro quando preciso de alguma coisa que não tem “aqui pra cima” (...) mas fora isso, não vou não. (A)</p> <p>(2a ideia) - Às vezes minha mãe quer ir no Beco, comprar “uns pano” dela lá que não tem “aqui em cima”, daí eu “desço” pra ela (B)</p>	<p>O centro da cidade é a última opção (A) O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B)</p>
<p>10- <u>Deb.</u> - Ah, <u>tem coisa que só tem lá no centro, né?! Loja.... Eu vou mais no centro pra ir no comercio, né?! No calçadão. Então tem lojas que só tem lá... Minha vó mora no centro, então quando eu vou visitar, eu vou na casa dela... É mais pra essas coisas que eu vou no centro.</u></p>	<p>(1a ideia) - Ah, tem coisa que só tem lá no centro, né?! Loja.... Eu vou mais no centro pra ir no comercio, né?! No calçadão. Então tem lojas que só tem lá. (B)</p> <p>(2a ideia) - Minha vó mora no centro, então quando eu vou visitar, eu vou na casa dela (D)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B) O que leva ao centro são pessoas que moram lá (D)</p>

<p>11- <u>Let.</u> - No momento, o que me leva a ir ao centro é quando eu preciso ir até o comercio, alguma loja mais especifica ali no centro da cidade, que as vezes são lojas que ainda foram pra outras partes da cidade, próximo a minha casa, é... e algumas vezes até ao banco, mas mais ao comercio mesmo.</p>	<p>(1a ideia) - No momento, o que me leva a ir ao centro é quando eu preciso ir até o comercio, alguma loja mais especifica ali no centro da cidade, que as vezes são lojas que ainda foram pra outras partes da cidade, próximo a minha casa (B) (2a ideia) Banco (C)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B) O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (C)</p>
<p>12- <u>Ita.</u>- Hoje basicamente eu vou no centro por pura necessidade, por uma necessidade extrema mesmo, tipo preciso ir num banco que fica no centro, eu preciso ir em uma loja que fica no centro, eu preciso ir em alguma coisa que fica lá, né?! <u>E muita necessidade... Caso eu possa resolver por telefone, por e-mail, por Whatsapp, por sinal de fumaça, entendeu?! Se infelizmente eu tiver que ir pra lá, eu vou, porque não é fácil andar, a rua é muito estreita, tudo muito mal planejado, estacionamento ruim... É... Muito ruim, muito ruim... Não gosto de passar pelo centro, é sempre uma experiência, não vou dizer estressante porque São Paulo é bem mais estressante, mas é chato, sabe?! Eu penso, as vezes adio uma ida ao centro pra deixar pra quando eu precisar realmente ir mesmo. Não gosto. Se eu pudesse eu não iria, não passava nem perto.</u></p>	<p>(1a ideia) - Hoje basicamente eu vou no centro por pura necessidade, por uma necessidade extrema mesmo (...) E muita necessidade... Caso eu possa resolver por telefone, por e-mail, por Whatsapp, por sinal de fumaça, entendeu?! Se infelizmente eu tiver que ir pra lá, eu vou, porque não é fácil andar, a rua é muito estreita, tudo muito mal planejado, estacionamento ruim... É... Muito ruim, muito ruim... Não gosto de passar pelo centro, é sempre uma experiência, não vou dizer estressante porque São Paulo é bem mais estressante, mas é chato, sabe?! Eu penso, as vezes adio uma ida ao centro pra deixar pra quando eu precisar realmente ir mesmo. Não gosto. Se eu pudesse eu não iria, não passava nem perto. (A) (2a ideia) - banco que fica no centro (C) (3a ideia) - loja que fica no centro (B)</p>	<p>O centro da cidade é a última opção (A) O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (C) O que leva ao centro são produtos ligados ao comercio (B)</p>

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

A - O centro da cidade é a última opção (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Jul. - <i>Muito raramente eu vou até o centro da cidade. Eu só vou realmente se eu precisar fazer compras em algum local, por exemplo ali na Batista, ou em algum outro estabelecimento ali no centro da cidade</i></p> <p>3- Mar.- <i>Acredito que hoje, em 2020, é muito possível você encontrar coisas que não estão no centro. O centro, pelo menos pra mim, é a última opção.</i></p> <p>5- Fla. - <i>Nada! Nada me leva a ir ao centro da cidade. Quando eu tenho que ir no centro, eu prefiro pedir por aplicativo, eu prefiro pedir algo pelo Whatsapp e que as pessoas me entreguem, porque não tem nada que me leve até lá.</i></p> <p>7- Rai - <i>Difícilmente eu acabo indo para o centro da cidade de Bauru. Acabo resolvendo coisas perto de casa, no bairro que eu moro ou na região que eu costumo trabalhar assim.</i></p> <p>9- Eri. - <i>Eu só “desço” no centro quando preciso de alguma coisa que não tem “aqui pra cima” (...) mas fora isso, não vou não.</i></p> <p>12- Ita. - <i>Hoje basicamente eu vou no centro por pura necessidade, por uma necessidade extrema mesmo (...) E muita necessidade... Caso eu possa resolver por telefone, por e-mail, por Whatsapp, por sinal de fumaça, entendeu?! Se infelizmente eu tiver que ir pra lá, eu vou, porque não é fácil andar, a rua é muito estreita, tudo muito mal planejado, estacionamento ruim... É... Muito ruim, muito ruim... Não gosto de passar pelo centro, é sempre uma experiência, não vou dizer estressante porque São Paulo é bem mais estressante, mas é chato, sabe?! Eu penso, as vezes adio uma ida ao centro pra deixar pra quando eu precisar realmente ir mesmo. Não gosto. Se eu pudesse, eu não iria, não passava nem perto.</i></p>	<p><i>Muito raramente eu vou até o centro da cidade. Eu só vou realmente se eu precisar fazer compras em algum local, por exemplo ali na Batista, ou em algum outro estabelecimento ali no centro da cidade ou quando preciso de alguma coisa que não tem “aqui pra cima”... mas acredito que hoje, em 2020, é muito possível você encontrar coisas que não estão no centro, então acabo resolvendo coisas perto de casa, no bairro que eu moro ou na região que eu costumo trabalhar assim, porque o centro, pelo menos pra mim, é a última opção...Quando eu tenho que ir no centro, eu prefiro pedir por aplicativo, eu prefiro pedir algo pelo Whatsapp e que as pessoas me entreguem, porque não tem nada que me leve até lá. Se infelizmente eu tiver que ir pra lá, eu vou, mas não é fácil andar, a rua é muito estreita, tudo muito mal planejado, estacionamento ruim... É... Muito ruim, muito ruim... Não gosto de passar pelo centro... É chato, sabe? Eu penso, as vezes adio uma ida ao centro pra deixar pra quando eu precisar realmente ir mesmo. Não gosto. Se eu pudesse, eu não iria, não passava nem perto.</i></p>

B - O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Jul. - <i>Eu vou aos domingos na feira pela manhã, mas seria somente na feira mesmo.</i></p> <p>2 - Car. - <i>Quando eu preciso comprar alguma coisa específica que eu sei que lá eu vou encontrar.</i></p> <p>3- Mar. - <i>Hoje em dia o que me leva a ir ao centro é mais essa questão do comércio, coisas que você só encontra lá, por exemplo, beco de armarinho ou lojas grandes e mais tradicionais como a Pernambucanas.</i></p> <p>6 - Alf. - <i>Comprar alguma coisa que só tinha lá (...) alguma loja que vende algum produto específico, né?!</i></p> <p>7- Rai - <i>Eu só vou pro centro da cidade quando eu tenho que resolver alguma coisa muito específica que só tenha lá. É... Então quando que eu fui pro centro da cidade de Bauru, por exemplo?! Quando eu precisava ir na Batista de Carvalho porque eu precisava ver uma geladeira e eu queria ver se tinha algo a pronta entrega, então não optei pelo site, tanto que eu acabei comprando lá mesmo.</i></p> <p>8 - Ros. - <i>As lojas que tem lá... Só isso.... Porque pra passear, nem pensar!</i></p> <p>9 - Eri. - <i>Às vezes minha mãe quer ir no Beco, comprar “uns pano” dela lá que não tem “aqui em cima”, daí eu “desço” pra ela.</i></p> <p>10- Deb. - <i>Ah, tem coisa que só tem lá no centro, né?! Loja.... Eu vou mais no centro pra ir no comércio, né?! No calçadão. Então tem lojas que só tem lá...</i></p> <p>11- Let. - <i>No momento, o que me leva a ir ao centro é quando eu preciso ir até o comércio, alguma loja mais específica ali no centro da cidade, que as vezes são lojas que ainda foram pra outras partes da cidade, próximo a minha casa.</i></p> <p>12- Ita. - <i>Ir em uma loja que fica no centro.</i></p>	<p><i>Hoje em dia o que me leva a ir ao centro é mais essa questão do comércio, coisas que você só encontra lá... No calçadão, tem lojas que só tem lá... por exemplo, beco de armarinho ou lojas grandes e mais tradicionais como a Pernambucanas... Às vezes minha mãe quer ir no Beco, comprar “uns pano” dela lá que não tem “aqui em cima”, daí eu “desço” pra ela. Então, no momento, o que me leva a ir ao centro é quando eu preciso ir até alguma loja mais específica ali no centro da cidade que ainda foram pra outras partes da cidade, próximo a minha casa. Quando que eu fui pro centro da cidade de Bauru, por exemplo?! Quando eu precisava ir na Batista de Carvalho porque eu precisava ver uma geladeira e eu queria ver se tinha algo a pronta entrega, então não optei pelo site, tanto que eu acabei comprando lá mesmo. Seria mais pelas lojas que tem lá... Só isso.... Porque pra passear, nem pensar!</i></p>

C- O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Car. - O local onde eu realizo exames e consultas médicas também está localizado no centro da cidade e quando eu preciso de alguns serviços que estão localizados por lá, como por exemplo, a rodoviária, o Poupa Tempo. O cartório que eu costumo ir também está localizado no centro da cidade.</p> <p>4 - Sil.- Pagar contas.</p> <p>6- Alf. - Assistência técnica de algum aparelho que tinha lá (...) Banco, talvez! Algum banco específico.</p> <p>8- Ros. - Salão de beleza.</p> <p>11- Let - Banco.</p> <p>12. Ita.- Banco que fica no centro.</p>	<p>O local onde eu realizo exames e consultas médicas está localizado no centro da cidade e quando eu preciso de alguns serviços que estão localizados por lá, como por exemplo, a rodoviária, o Poupa Tempo. O cartório que eu costumo ir também está localizado no centro da cidade, então seriam essas as atividades que me levam até o centro. Também salão de beleza, assistência técnica de algum aparelho que tinha lá... e banco, talvez! Algum banco específico que fica no centro... Para pagar contas.</p>

D - O que leva ao centro são pessoas que moram lá (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>10 - Deb. - Minha vó mora no centro, então quando eu vou visitar, eu vou na casa dela.</p>	<p>Minha vó mora no centro, então quando eu vou visitar, eu vou na casa dela... O que leva ao centro são pessoas que moram lá.</p>

DSC – GRUPO B - PESSOAS QUE JÁ RESIDIRAM NO CENTRO DA CIDADE E HOJE NÃO RESIDEM MAIS

Questão 1: Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
<p>1- <i>Nor.</i> - O centro da cidade de Bauru não apresenta características muito diferenciadas se compararmos com outros centros de cidades do interior paulista. Por exemplo: as praças não são atrativas. As fotos antigas da Praça Rui Barbosa mostram que ela era muito mais interessante, um jardim público. <u>Hoje, talvez devido à sensação de insegurança e a intensa presença de barracas de camelôs, o espaço não convida à permanência.</u> A própria Catedral não é um edifício interessante. <u>A estação ferroviária é um marco arquitetônico e foi um local de grande importância para a cidade, mas hoje seu entorno está degradado, com muitas lojas fechadas.</u> Ainda gosto de visitar o museu ferroviário e entrar na gare, principalmente quando os músicos da orquestra de jovens estão ensaiando no espaço da gare. <u>A Batista de Carvalho e seu calçadão atraem as pessoas no horário comercial. Mas após as 18 horas fica deserta e insegura. Eu gostava de tomar um café na Batista, mas agora não tem mais o FransCafé...somente a pastelaria da esquina da Rio Branco. Quando eu me mudei para Bauru, em 1990, a Batista era muito movimentada, com excelentes lojas. Atualmente algumas daquelas lojas deslocaram-se para os shoppings.</u></p>	<p>(1a ideia) - devido à sensação de insegurança e a intensa presença de barracas de camelôs, o espaço não convida à permanência (A) (2a ideia) - seu entorno está degradado, com muitas lojas fechadas (B) (3a ideia) - A região fica deserta e insegura após o horário comercial (A) (4a ideia) - Atualmente algumas lojas deslocaram-se para os shoppings. (D)</p>	<p>O centro passa uma sensação de insegurança (A) O centro está degradado (B) Muitos estabelecimentos fecharam ou deslocaram-se da região (D)</p>
<p>2- <i>Edl.</i> - <u>É um local, hoje em dia, desagradável por conta da falta de segurança, da limpeza que não existe, né?! Que ela é uma cidade bem suja por sinal.</u> E eu acho que</p>	<p>(1a ideia) - É um local, hoje em dia, desagradável por conta da falta de segurança (A) (2a ideia) - a limpeza que não existe, né?! Que ela é uma cidade bem suja por sinal (B)</p>	<p>O centro passa uma sensação de insegurança (A) O centro está degradado (B)</p>

<p><u>é um lugar até perigoso, então hoje não é um local bacana.</u></p>	<p>(3a ideia) - E eu acho que é um lugar até perigoso, então hoje não é um local bacana (A)</p>	
<p><u>3-Ant. - Eu gosto muito de ir ao centro da cidade porque ele é muito agradável, ele relembra muita coisa boa da minha vida, né?! E o comercio, apesar dele não ser o mesmo de antigamente, ainda ele é muito agradável.</u></p>	<p>(1a ideia) o comércio, apesar dele não ser o mesmo de antigamente, ainda ele é muito agradável. (E)</p>	<p>O comércio do centro da cidade é agradável (E)</p>
<p><u>4- Kar. - Eu consigo ver das duas formas... Depende da região que você pega, do período que você anda, né?! Que você analisa a região.... Eu particularmente gostava muito, era uma região que eu morei acho que por uns dois, três anos aproximadamente, eu achava agradável porque gostava muito de andar a pé naquela região, né?! Acho que era muito mais fácil, então se eu tinha alguma coisa próxima para fazer ali, eu sempre buscava fazer a pé e eu gostava muito de andar por aquela parte pra ficar vendo algumas casas antigas, as transformações que aquele local sofreu com o tempo, né?! Então eu achava bem agradável nesse sentido. Mas por outro lado, eu acho que não é um local acessível. <u>Eu, por exemplo, fiquei muito tempo pegando ônibus ali na Rodrigues Alves, era extremamente desagradável porque não tinha uma sombra, não era confortável de ficar, né?! Então alguns aspectos eu acho que ficam desagradáveis justamente por causa disso, né?! Ruído! Eu sofria muito com a questão do ruído onde eu morava, era umas três, quatro quadras da Rodrigues aproximadamente, entre a Rodrigues e a Duque, então seis horas da manhã já tinha barulho de ônibus, transito, de madrugada as vezes passavam buzinando, era uma esquina que tinha semáforo, então alguns aspectos nesse sentido eu acho desagradável. Né?! O ruído, transito, congestionamento, era afastado das minhas atividades, então isso acabava sendo um problema pra mim, eu perdia muito tempo... é.... não tinha arborização, né?! Mas ao mesmo tempo, era uma região tranquila de caminhar, nunca tive problema com questão</u></u></p>	<p>(1a ideia) - eu achava agradável porque gostava muito de andar a pé naquela região, né?! Acho que era muito mais fácil (...) região tranquila de caminhar (F) (2a ideia) - Ausência de sombra e arvores e presença de ruído (C) (3a ideia) - nunca tive problema com questão de segurança (G) (4a ideia) - região acessível (F)</p>	<p>Região tranquila de se caminhar e acessível (F) Região pouco arborizada, barulhenta e quente (C) Região segura (G) Região acessível (H)</p>

<p><u>de segurança, diferente do que o pessoal comenta. Sempre cheguei no período noturno, né?! Por conta dos meus horários.... Nunca tive problema.</u> Então, eu acho que em alguns aspectos é uma região extremamente agradável, acessível, né?! <u>Você precisa de alguma coisa, é fácil de você encontrar,</u> mas ao mesmo tempo tem pontos que acabam tornando a área desagradável.</p>		
<p><u>5- Rog. - A minha impressão sobre o centro da cidade é que é um lugar sujo e um pouco atrasado assim em nível de imóveis. É... Final do dia é bem ermo, com alguns andarilhos e final de semana bem movimentado e barulhento para se morar.</u></p>	<p>(1a ideia) - lugar sujo e um pouco atrasado assim em nível de imóveis (B) (2a ideia) - Final do dia é bem ermo, com alguns andarilhos (A) (3a ideia) - final de semana bem movimentado e barulhento para se morar (C)</p>	<p>O centro está degradado (B) O centro passa uma sensação de insegurança (A) Região pouco arborizada, barulhenta e quente (C)</p>
<p><u>6 - Cle. - Como já tenho bastante idade, conheci o centro da cidade desde a infância, acompanhei toda as mudanças que lá ocorreram, nos aspectos físicos, urbanísticos e culturais. A impressão hoje é de uma tristeza por ter se tornado pouco parecida com o que foi. A famosa rua Batista de Carvalho foi a que mais nos traz nostalgia porque era uma rua com bonitas lojas e hoje não há mais nada, está quase tudo fechado. O charme da rua a noite não existe mais porque tudo se fecha em função da segurança. Esse eu penso que é o lado mais desagradável do centro da cidade. Outro é que, em parte, o que se precisa, compras e lojas, você tem quase tudo na zona sul da cidade e com mais conforto, mais comodidade, mais próximo de casa. Então acabamos por optar por fazer aqui e não ir até o centro. O problema de estacionamento também não é muito fácil no centro da cidade.</u></p>	<p>(1a ideia) - As lojas estão quase todas fechadas (...) o que se precisa, compras e lojas, você tem quase tudo na zona sul da cidade e com mais conforto, mais comodidade, mais próximo de casa (D) (2a ideia) - O charme da rua a noite não existe mais porque se fecha em função da segurança (A)</p>	<p>Muitos estabelecimentos fecharam ou deslocaram-se da região (D) O centro passa uma sensação de insegurança (A)</p>

<p>7 - <i>Ism.</i> - Bom, pela minha idade, 78 anos lá se vão, é muito triste ver o centro da cidade, onde eu nasci, na Rua Primeiro de Agosto onde hoje é o “Torra Torra”. Naquela época, tudo era em torno da rua Primeiro de Agosto, Rua Batista de Carvalho e Avenida Rodrigues Alves. A Rua Primeiro de Agosto era fabulosa, se iniciava na Estação Ferroviária, onde nós tínhamos a Noroeste, Paulista e Sorocabana. Nossa estação e rodoviária eram ali na Praça Machado de Melo, onde locava a Noroeste, Paulista e Sorocabana e a estação também abrigava os ônibus que iam para São Paulo e para o Paraná. É triste porque hoje tudo isso está praticamente morto, nós tínhamos a grande empresa de atacadista e cerealista que era a Dias Martins, de frente a estação e por ali, então, se iniciava a Rua Primeiro de Agosto e a Batista de Carvalho. A Primeiro de Agosto, ela se misturava entre bares e restaurantes, secos e molhados, e depois vinham os cinemas, que nós tínhamos naquela época o Cine Bandeirantes, tínhamos o Cine São Paulo, tínhamos o Cine Bauru, então, e tinha lá os famosos “points” que eram a Cantina Milu, nós tínhamos o Bar Cristal, tínhamos o Francano, que eram grandes “points” de Bauru e das noites de finais de semana, ali entre a rua Agenor Meira e a rua Gustavo Maciel, logo em seguida está instalada a praça que é o jardim nosso famoso. Então, nos vivíamos ali.... Nós tínhamos de tudo, os bares, restaurantes, lanchonetes, choperias e a Rua Batista, ela sempre foi o ponto chique da cidade, as grandes e famosas lojas de roupas, de tecidos, de várias coisas assim da sociedade bauruense. Pra você ter uma ideia, tirando a rua Primeiro, Batista de Carvalho e Avenida Rodrigues Alves, dali pra cima já eram as residências das famílias tradicionais, que iam até a Rua Quinze de Novembro. Dali pra cima, já era sem movimento nenhum quase, mas tinha a maioria das casas da sociedade Bauruense... Que ali tinha o Bauru Tênis Clube, Automóvel Clube, que é na praça... Então, tudo se</p>	<p>(1a ideia) - Uma cidade morta (B) (2a ideia) Isso se esparramou demais, nós ficamos agora confinados a um shopping, depois tem um segundo, então as lojas perderam aquele glamour (D)</p>	<p>O centro está degradado (B) Muitos estabelecimentos fecharam ou deslocaram-se da região (D)</p>
--	---	--

<p>resumia ali. Então, quando eu transito por aquelas ruas num domingo à tarde, me dá uma tristeza profunda de ver uma cidade morta, quando na época da minha juventude era uma cidade a qualquer hora do dia, da noite, de segunda a domingo.... Então, isso me entristece um pouco. E o centro de Bauru, por exemplo, para mim, a Rua Batista de Carvalho deveria ser hoje a 25 de Março de São Paulo, no entanto, não é. <u>Isso se esparramou demais, nós ficamos agora confinados a um shopping, depois tem um segundo, então as lojas perderam aquele glamour que tinham pra nós.</u> Tivemos ali na Rua Batista a Lusitana, que era um verdadeiro shopping center, isso no auge dos meus 18 anos, que era uma loja de um quarto de quadra que ficava ali entre a Rua Batista de Carvalho e a Praça da Catedral. Então, nós tínhamos tudo, desde a lavoura até os tecidos finos para as mulheres.</p>		
<p>8- <i>Dil.</i> - <u>Eu acho agradável. Eu gosto de fazer minhas compras lá,</u> todo sábado de manhã eu “desço” com a Natalia... Descia né?! Agora com essa pandemia, não tenho ido... Mas tudo que eu quero na parte de costura... É... Eu gosto de ir na “Americanas”... <u>No centro, eu gosto de todas as lojas... Riachuelo... Na feira de domingo... Também gosto.</u></p>	<p>(1a ideia) - Eu gosto de fazer minhas compras lá (E)</p>	<p>O comércio do centro da cidade é agradável (E)</p>
<p>9- <i>Bar.</i> - Pensando hoje, eu com 30 anos.... Não sei.... Eu não acho um lugar agradável pra passear, eu acho muito... Como é que fala?!... <u>Eu acho que não é muito arborizado, então eu acho muito quente. Fala em ir pra Batista e eu já imagino aquele lugar quente, muito calor, muita gente, muito abafado...</u> Então pra mim já não é um local agradável... Já foi, quando eu era criança e não entendia muito bem essas coisas, mas hoje em dia eu já não acho mais agradável... É... Mas quem é de fora eu acredito que goste bastante de passear lá porque né?! Uma avenida grande, né?! Ali a Batista tem todo o Calçadão pra andar, cheio de lojas... Já não acho mais agradável como acha</p>	<p>(1a ideia) - não é muito arborizado, então eu acho muito quente (C)</p>	<p>Região pouco arborizada, barulhenta e quente (C)</p>

<p>antigamente, mas é um marco de Bauru, né?! Faz parte. O pessoal conhece bastante a Batista e gosta.</p>		
<p><u>10- Gio. - A minha impressão sobre o centro da cidade não é uma impressão boa, não acho que é um lugar agradável, que atrai a população a ir passear ou estar por ali, né?! Porque a gente vê que parece um centro abandonado, né?! Muitos prédios abandonados, muitas coisas mal cuidadas, não tem um lazer atrativo para a população... Só o comércio basicamente, mas fora isso você não tem um museu, um parque ou qualquer coisa que torne aquele lugar agradável de se estar.</u> Ele basicamente é um centro comercial, que atrai as pessoas por necessidade e não por lazer.</p>	<p>(1a ideia) não acho que é um lugar agradável, que atrai a população a ir passear ou estar por ali (B)</p>	<p>O centro está degradado (B)</p>
<p><u>11- Sil. - O centro de Bauru hoje em dia é um lugar feio, ele precisa de mudanças, precisa de novidades, né?! Eu morei no centro de Bauru há muito tempo, quando ainda era garoto e era diferente, né?! Mas é um lugar muito bom para se frequentar.... Precisa só de novos ares, né?! Acompanhar o progresso.</u></p>	<p>(1a ideia) O centro de Bauru hoje em dia é um lugar feio, ele precisa de mudanças, precisa de novidades (...) Precisa só de novos ares, né?! Acompanhar o progresso. (B)</p>	<p>O centro está degradado (B)</p>
<p><u>12- Car. - O centro de Bauru é agradável, são ruas largas... é... a iluminação é boa, tá?! A única coisa é que está abandonado em relação a segurança, tá?! E a parte de facilidade de estacionamento.</u></p>	<p>(1a ideia) O centro de Bauru é agradável, são ruas largas (F) (2a ideia) está abandonado em relação a segurança (A)</p>	<p>Região tranquila de se caminhar e acessível (F) O centro passa uma sensação de insegurança (A)</p>

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2**IAD 2**

A - O centro passa uma sensação de insegurança (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Nor. - Hoje, talvez devido à sensação de insegurança e a intensa presença de barracas de camelôs, o espaço não convida à permanência (...) A Batista de Carvalho e seu calçadão atraem as pessoas no horário comercial. Mas após as 18 horas fica deserta e insegura.</p> <p>2- Edl. - É um local, hoje em dia, desagradável por conta da falta de segurança (...) E eu acho que é um lugar até perigoso, então hoje não é um local bacana.</p> <p>5- Rog. - É... Final do dia é bem ermo, com alguns andarilhos.</p> <p>6- Cle. - O charme da rua a noite não existe mais porque tudo se fecha em função da segurança.</p> <p>12- Car. - A única coisa é que está abandonado em relação a segurança, tá?!</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável por conta da falta de segurança.... Eu acho que é um lugar até perigoso, então hoje não é um local bacana. Talvez por esse motivo e pela intensa presença de barracas de camelôs, o espaço não convida à permanência. Além disso, a Batista de Carvalho e seu calçadão atraem as pessoas no horário comercial, mas após as 18 horas fica deserta e insegura... O charme da rua a noite não existe mais porque tudo se fecha em função da segurança. Então, no final do dia é bem ermo, com alguns andarilhos... A região está abandonado em relação a segurança, tá?!</p>

B - O centro está degradado (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Nor. - seu entorno está degradado, com muitas lojas fechadas.</p> <p>2- Edl. - a limpeza que não existe, né?! Que ela é uma cidade bem suja por sinal.</p> <p>5- Rog. - A minha impressão sobre o centro da cidade é que é um lugar sujo e um pouco atrasado assim em nível de imóveis</p> <p>7- Ism. - me dá uma tristeza profunda de ver uma cidade morta.</p> <p>10- Gio. - A minha impressão sobre o centro da cidade não é uma impressão boa, não acho que é um lugar agradável, que atrai a população a ir passear ou estar por ali, né?! Porque a gente vê que parece um centro abandonado, né?! Muitos prédios abandonados, muitas coisas mal cuidadas, não tem um lazer atrativo para a população... Só o comercio basicamente, mas fora isso você não tem um museu, um parque ou qualquer coisa que torne aquele lugar agradável de se estar.</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque a gente vê que parece um centro abandonado, né?! Muitos prédios abandonados, muitas coisas mal cuidadas, não tem um lazer atrativo para a população... Só o comercio basicamente, mas fora isso você não tem um museu, um parque ou qualquer coisa que torne aquele lugar agradável de se estar... Me dá uma tristeza profunda de ver uma cidade morta. Seu entorno também está degradado, com muitas lojas fechadas... E a limpeza que não existe, né?! Que é uma cidade bem suja por sinal. Está um pouco atrasado assim em nível de imóveis também... O centro de Bauru hoje em dia é um lugar feio, ele precisa de mudanças, precisa de novidades, né?! Precisa de novos ares, né?! Acompanhar o progresso.</p>

11- Sil. - O centro de Bauru hoje em dia é um lugar feio, ele precisa de mudanças, precisa de novidades, né?! (...) Precisa só de novos ares, né?! Acompanhar o progresso.

C - Região pouco arborizada, barulhenta e quente (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>4- Kar. - Eu, por exemplo, fiquei muito tempo pegando ônibus ali na Rodrigues Alves, era extremamente desagradável porque não tinha uma sombra, não era confortável de ficar, né?! Então alguns aspectos eu acho que ficam desagradáveis justamente por causa disso, né?! Ruído! Eu sofria muito com a questão do ruído onde eu morava, era umas três, quatro quadras da Rodrigues aproximadamente, entre a Rodrigues e a Duque, então seis horas da manhã já tinha barulho de ônibus, trânsito, de madrugada as vezes passavam buzinando, era uma esquina que tinha semáforo, então alguns aspectos nesse sentido eu acho desagradável. Né?! O ruído, trânsito, congestionamento, era afastado das minhas atividades, então isso acabava sendo um problema pra mim, eu perdia muito tempo... é...não tinha arborização, né?!</p> <p>5- Rog. - final de semana bem movimentado e barulhento para se morar</p> <p>9- Bar. - Eu acho que não é muito arborizado, então eu acho muito quente. Fala em ir pra Batista e eu já imagino aquele lugar quente, muito calor, muita gente, muito abafado.</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque no final de semana é bem movimentado e barulhento para se morar. Eu acho que não é muito arborizado, então eu acho muito quente... Fala em ir pra Batista e eu já imagino aquele lugar quente, muito calor, muita gente, muito abafado. Eu, por exemplo, fiquei muito tempo pegando ônibus ali na Rodrigues Alves, era extremamente desagradável porque não tinha uma sombra, não era confortável de ficar, né?! Então alguns aspectos eu acho que ficam desagradáveis justamente por causa disso, né?! Ruído! Eu sofria muito com a questão do ruído onde eu morava, era umas três, quatro quadras da Rodrigues aproximadamente, entre a Rodrigues e a Duque, então seis horas da manhã já tinha barulho de ônibus, trânsito, de madrugada as vezes passavam buzinando, era uma esquina que tinha semáforo, então alguns aspectos nesse sentido eu acho desagradável. Né?! O ruído, trânsito, congestionamento...</p>

D - Muitos estabelecimentos fecharam ou deslocaram-se da região (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Nor.- Eu gostava de tomar um café na Batista, mas agora não tem mais o FransCafé...somente a pastelaria da esquina da Rio Branco. Quando eu me mudei para Bauru, em 1990, a Batista era muito movimentada, com excelentes lojas. Atualmente algumas daquelas lojas deslocaram-se para os shoppings.</p> <p>6- Cle.- A impressão hoje é de uma tristeza por ter se tornado pouco parecida com o que foi. A famosa rua Batista de Carvalho foi a que mais nos traz nostalgia porque era uma rua com bonitas lojas e hoje não há mais nada, está quase tudo fechado. (...). Outro é que, em parte, o que se precisa, compras e lojas, você tem quase tudo na zona sul da cidade e com mais conforto, mais comodidade, mais próximo de casa. Então acabamos por optar por fazer aqui e não ir até o centro. Eu gostava de tomar um café na Batista, mas agora não tem mais o FransCafé... Somente a pastelaria da esquina da Rio Branco. Quando eu me mudei para Bauru, em 1990, a Batista era muito</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque a impressão hoje é de uma tristeza por ter se tornado pouco parecida com o que foi. A famosa rua Batista de Carvalho foi a que mais nos traz nostalgia porque era uma rua com bonitas lojas e hoje não há mais nada, está quase tudo fechado. Outro é que, em parte, o que se precisa, compras e lojas, você tem quase tudo na zona sul da cidade e com mais conforto, mais comodidade, mais próximo de casa. Então acabamos por optar por fazer aqui e não ir até o centro. Eu gostava de tomar um café na Batista, mas agora não tem mais o FransCafé... Somente a pastelaria da esquina da Rio Branco. Quando eu me mudei para Bauru, em 1990, a Batista era muito</p>

<p><i>mais próximo de casa. Então acabamos por optar por fazer aqui e não ir até o centro.</i></p> <p><i>7- Ism. - Isso se esparramou demais, nós ficamos agora confinados a um shopping, depois tem um segundo, então as lojas perderam aquele glamour que tinham pra nós</i></p>	<p><i>movimentada, com excelentes lojas. Atualmente algumas daquelas lojas deslocaram-se para os shoppings e ficamos confinados a eles.... Então as lojas perderam aquele glamour que tinham pra nós.</i></p>
--	---

E - O comércio do centro da cidade é agradável (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>3- Ant. - o comércio, apesar dele não ser o mesmo de antigamente, ainda ele é muito agradável.</i></p> <p><i>8- Dil. - Eu acho agradável. Eu gosto de fazer minhas compras lá. (...). No centro, eu gosto de todas as lojas... Riachuelo... Na feira de domingo... Também gosto.</i></p>	<p><i>O centro da cidade de Bauru é agradável porque eu gosto de fazer minhas compras lá... Apesar dele não ser o mesmo de antigamente, ainda ele é muito agradável. No centro, eu gosto de todas as lojas... Riachuelo... Na feira de domingo... Também gosto.</i></p>

F - O centro é uma região tranquila de se caminhar e acessível (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>4- Kar. - eu achava agradável porque gostava muito de andar a pé naquela região, né?! Acho que era muito mais fácil, então se eu tinha alguma coisa próxima para fazer ali, eu sempre buscava fazer a pé e eu gostava muito de andar por aquela parte pra ficar vendo algumas casas antigas, as transformações que aquele local sofreu com o tempo, né?! Então eu achava bem agradável nesse sentido. (...). Era uma região tranquila de caminhar (...) acessível, né?! Você precisa de alguma coisa, é fácil de você encontrar.</i></p> <p><i>12. Car. - O centro de Bauru é agradável, são ruas largas.</i></p>	<p><i>O centro de Bauru é agradável porque são as ruas largas, então eu gostava muito de andar a pé naquela região, né?! Acho que era muito mais fácil, então se eu tinha alguma coisa próxima para fazer ali, eu sempre buscava fazer a pé e eu gostava muito de andar por aquela parte pra ficar vendo algumas casas antigas, as transformações que aquele local sofreu com o tempo, né?! Então eu achava bem agradável nesse sentido... Era uma região tranquila de caminhar. Acessível, né?! Você precisa de alguma coisa, é fácil de você encontrar.</i></p>

G - O centro é uma região segura (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>4- Kar. - nunca tive problema com questão de segurança, diferente do que o pessoal comenta. Sempre cheguei no período noturno, né?! Por conta dos meus horários.... Nunca tive problema.</i></p>	<p><i>O centro de Bauru é agradável porque é uma região segura... Nunca tive problema com questão de segurança, diferente do que o pessoal comenta. Sempre cheguei no período noturno, né?! Por conta dos meus horários.... Nunca tive problema.</i></p>

DSC – GRUPO B - PESSOAS QUE JÁ RESIDIRAM NO CENTRO DA CIDADE E HOJE NÃO RESIDEM MAIS

Questão 2: Você moraria no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
<p>1- <i>Nor.</i> - Eu morei em apartamento no centro de Bauru, na rua Bandeirantes, quase esquina da Rio Branco, no período 1990-1996. <u>Gostava muito! Meus filhos iam a pé para o Colégio São José, para o inglês, para a natação. Eu aproveitava o intervalo do almoço para fazer alguma compra no centro. Íamos ao clube, às sorveterias, papelaria, padaria, ginástica, missa na Catedral... tudo a pé. Era muito fácil e agradável. Atualmente não moraria mais no centro, e acho que a noite é inseguro e deserto.</u></p>	<p>(1a ideia) - Gostava muito! Meus filhos iam a pé para o Colégio São José, para o inglês, para a natação. Eu aproveitava o intervalo do almoço para fazer alguma compra no centro. Íamos ao clube, às sorveterias, papelaria, padaria, ginástica, missa na Catedral... tudo a pé. Era muito fácil e agradável. Atualmente não moraria mais no centro (A)</p> <p>(2a ideia) - a noite é inseguro e deserto (B)</p>	<p>O centro traz boas recordações, mas não consideram habitá-lo mais (A) O centro da cidade é inseguro (B)</p>
<p>2- <i>Edl.</i> - Não moraria. Já morei muito tempo, numa época bem diferente de hoje, né?! Mas hoje não moraria por essa <u>falta de segurança</u>, de higiene e tantos outros fatores, né?! <u>O trânsito, o barulho...</u> Então, fica bem difícil, bem complicado para uma pessoa que mora no centro da cidade. Ela tem todas as facilidades de lojas, de supermercados, de farmácias, mas ao mesmo tempo ela <u>não tem segurança nenhuma de voltar pra sua casa e não ser assaltada no meio do caminho, né?!</u></p>	<p>(1a ideia) - falta de segurança (...) não tem segurança nenhuma de voltar pra sua casa e não ser assaltada no meio do caminho, né?! (B)</p> <p>(2a ideia) - O trânsito, o barulho... (C)</p>	<p>O centro da cidade é inseguro (B) O centro da cidade tem trânsito e barulho (C)</p>
<p>3- <i>Ant.</i> - Eu morei ali na Quinze de Novembro e ali eu voltaria a morar sim, porque era gostoso, porque <u>tem prédios bons ainda, é... eles são grandes, de cômodos grandes.</u> Eu ainda moraria no centro da cidade, mas até a Quinze de Novembro.</p>	<p>(1a ideia) - tem prédios bons ainda, é... eles são grandes, de cômodos grandes (D)</p>	<p>O centro da cidade tem prédios bons (D)</p>

<p>4- <i>Kar.</i> - Eu morei no centro da cidade de Bauru, como eu comentei, morei por aproximadamente dois anos. Hoje eu não moraria no centro, por conta das minhas atividades... <u>Pra chegar na região central, a gente precisa pegar vias extremamente com transito, então isso acabava que eu perdia muito tempo do meu dia no transito, em congestionamento, pra conseguir me deslocar das minhas atividades principais</u> que eram Unesp, Unip, né?! Lins, que eu pego ali a Marechal Rondon.... Então, atualmente eu moro próximo da Avenida Nações Unidas, perto do hotel Obeid, justamente em função da dinâmica do meu dia a dia, e isso contribuiu pro meu deslocamento. Então, atualmente eu não moraria no centro, só por conta disso.</p>	<p>(1a ideia) - Pra chegar na região central, a gente precisa pegar vias extremamente com transito, então isso acabava que eu perdia muito tempo do meu dia no transito, em congestionamento, pra conseguir me deslocar das minhas atividades principais (C)</p>	<p>O centro da cidade tem transito e barulho (C)</p>
<p>5- <i>Rog.</i> - <u>Eu não moraria por causa da segurança, por causa do transito também, pra entrar e sair do imóvel.</u> E a segurança e incômodo de terceiros também.</p>	<p>(1a ideia) - Eu não moraria por causa da segurança (B) (2a ideia) - transito, pra entrar e sair do imóvel (C)</p>	<p>O centro da cidade é inseguro (B) O centro da cidade tem transito e barulho (C)</p>
<p>6 - <i>Cle.</i> - Eu não moraria hoje no centro da cidade em nenhuma hipótese, mas <u>morei alguns anos na década de 60, na época que eu também trabalhei no centro e era muito bom e muito agradável. Eu adorava morar lá no centro. Tudo que precisávamos era encontrado lá naquele espaço, desde a manicure a uma quitanda de frutas e legumes, a padaria, a loja de sapatos... E eram lojas de pessoas conhecidas.... As pessoas nos conheciam, era uma grande e imensa família naquele centro. A praça era belíssima, havia outras praças próximas, no entorno. Infelizmente as questões de segurança e o custo que elas geram para os comerciantes, para os estabelecimentos, para os bancos transformaram em um espaço agora perigoso e triste, principalmente à noite.</u></p>	<p>(1a ideia) - morei alguns anos na década de 60, na época que eu também trabalhei no centro e era muito bom e muito agradável. Eu adorava morar lá no centro. Tudo que precisávamos era encontrado lá naquele espaço, desde a manicure a uma quitanda de frutas e legumes, a padaria, a loja de sapatos... E eram lojas de pessoas conhecidas.... As pessoas nos conheciam, era uma grande e imensa família naquele centro. A praça era belíssima, havia outras praças próximas, no entorno (A) (2a ideia) - Infelizmente as questões de segurança e o custo que elas geram para os comerciantes, para os estabelecimentos, para os bancos transformaram em um espaço agora perigoso e triste, principalmente à noite. (B)</p>	<p>O centro traz boas recordações, mas não consideram habitá-lo mais (A) O centro da cidade é inseguro (B)</p>
<p>7 - <i>Ism.</i> - <u>Bom, hoje, infelizmente, até que eu gostaria de morar no centro da cidade, mas se voltasse a ter tudo aquilo que eu tive na minha juventude... Mas, infelizmente, hoje é impraticável se</u></p>	<p>(1a ideia) - até que eu gostaria de morar no centro da cidade, mas se voltasse a ter tudo aquilo que eu tive na minha juventude... Mas, infelizmente, hoje é impraticável se</p>	<p>O centro traz boas recordações, mas não consideram habitá-lo mais (A)</p>

<p>morar no centro da cidade. É muito triste.</p>	<p>morar no centro da cidade. É muito triste. (A)</p>	
<p>8- <i>Dil.</i> - Não, prefiro estar aqui “mais pra cima”, porque <u>eu acho meio escuro a noite, eu gosto de ir de dia, mas a noite não...</u> Não gostaria. Também pelo ambiente, <u>acho meio perigoso...</u> <u>A Rodrigues Alves, o Calçadão a noite. Minha amiga mora lá em um prédio e ela disse que é bem perigoso de sair.</u></p>	<p>(1a ideia) - eu acho meio escuro a noite, eu gosto de ir de dia, mas a noite não... Não gostaria. Também pelo ambiente, acho meio perigoso... A Rodrigues Alves, o Calçadão a noite. Minha amiga mora lá em um prédio e ela disse que é bem perigoso de sair. (B)</p>	<p>O centro da cidade é inseguro (B)</p>
<p>9- <i>Bar.</i> - Hoje em dia eu já não moraria mais na região do centro. Eu morei muito tempo lá, né?! Até eu ir pra faculdade... Então, desde que eu nasci foram 18 anos. Depois meus pais mudaram de lá tem 3 anos, então todo esse tempo eu tive ali por perto. É... Não moraria por alguns motivos. <u>Barulho, principalmente, muito carro passando o tempo inteiro, muita gente...</u> É... Hoje em dia já <u>prefiro um lugar mais tranquilo, com menos pessoas, menos carros, mais coisa verde, mais silencio, então já não moraria mais lá. É... Mas tenho boas recordações, meus bisavós moravam na Rodrigues Alves, naquelas casas que ficam em cima de lojas e a gente sempre reunia a família inteira, que era bem grande, no Natal, aniversários, Pascoa... Todas as festas eram nessas casas lá em cima. Tive mais parentes que moraram lá, então tenho boas recordações do centro da cidade, tanto das casas como das lojas, dos passeios. Mas pra morar, hoje em dia já não moraria lá não.</u></p>	<p>(1a ideia) - muito carro passando o tempo inteiro, muita gente... É... Hoje em dia já prefiro um lugar mais tranquilo, com menos pessoas, menos carros, mais coisa verde, mais silencio, então já não moraria mais lá (C)</p> <p>(2a ideia) - Mas tenho boas recordações, meus bisavós moravam na Rodrigues Alves, naquelas casas que ficam em cima de lojas e a gente sempre reunia a família inteira, que era bem grande, no Natal, aniversários, Pascoa... Todas as festas eram nessas casas lá em cima. Tive mais parentes que moraram lá, então tenho boas recordações do centro da cidade, tanto das casas como das lojas, dos passeios. Mas pra morar, hoje em dia já não moraria lá não. (A)</p>	<p>O centro da cidade tem transito e barulho (C) O centro traz boas recordações, mas não consideram habitá-lo mais (A)</p>
<p>10- <i>Gio.</i> - Eu não moraria no centro da cidade por ser uma área que só tem movimento durante o horário de comercio e a noite fica muito abandonado, né?! Então não é um lugar que passa segurança pra se transitar a noite, a partir ai de sete e meia, horas da noite, e durante o dia acaba, como é um lugar de comercio concentrado, sendo muito barulhento, muito movimentado. Você tem os dois extremos no local, né?! Eu sei porque há 12 anos atrás eu morei por lá alguns anos e é isso que a gente tira: durante o dia muito</p>	<p>(1a ideia) - Eu não moraria no centro da cidade por ser uma área que só tem movimento durante o horário de comercio e a noite fica muito abandonado, né?! Então não é um lugar que passa segurança pra se transitar a noite, a partir ai de sete e meia, horas da noite (...) a noite se tornava um lugar deserto e um pouco perigoso de ir até a porta de casa, ficar por ali, entrar e sair, porque é bem abandonado (B)</p> <p>(2a ideia) - durante o dia muito barulho, muito movimento. (C)</p>	<p>O centro da cidade é inseguro (B) O centro da cidade tem transito e barulho (C)</p>

barulho, muito movimento. Era bom em algumas situações, você ter tudo a mão ali perto, mas a noite se tornava um lugar deserto e um pouco perigoso de ir até a porta de casa, ficar por ali, entrar e sair, porque é bem abandonado.		
11- <i>Sil.</i> - Hoje eu não moraria porque eu acho mais cômodo morar onde eu moro, né?! É... <u>Ficou muito comercial o centro da cidade, a noite ficou um lugar deserto, muito escuro, então eu não moraria não</u> , eu procuraria ficar nas regiões que eu tenho morado e tal. Pra morar eu acho meio complicado hoje o centro de Bauru.	(1a ideia) - Ficou muito comercial o centro da cidade, a noite ficou um lugar deserto, muito escuro, então eu não moraria não (B)	O centro da cidade é inseguro (B)
12- <i>Car.</i> - Eu moraria no centro da cidade sim, como já morei, tá?! <u>Hoje está menos barulhento do que muitos outros bairros. O maior barulho hoje é referente a ônibus circular, mas não está tão barulhento como outros bairros que já estão piores que o centro em termos de movimento.</u>	(1a ideia) - Hoje está menos barulhento do que muitos outros bairros. O maior barulho hoje é referente a ônibus circular, mas não está tão barulhento como outros bairros que já estão piores que o centro em termos de movimento. (E)	O centro da cidade é menos barulhento e movimentado que outros bairros (E)

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

A - O centro traz boas recordações, mas não consideram habitá-lo mais (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1- <i>Nor.</i> - <i>Gostava muito! Meus filhos iam a pé para o Colégio São José, para o inglês, para a natação. Eu aproveitava o intervalo do almoço para fazer alguma compra no centro. Íamos ao clube, às sorveterias, papelaria, padaria, ginástica, missa na Catedral... tudo a pé. Era muito fácil e agradável. Atualmente não moraria mais no centro.</i>	<i>Atualmente não moraria mais no centro. Mas eu gostava muito! Meus filhos iam a pé para o Colégio São José, para o inglês, para a natação. Eu aproveitava o intervalo do almoço para fazer alguma compra no centro. Íamos ao clube, às sorveterias, papelaria, padaria, ginástica, missa na Catedral... tudo a pé. Era muito fácil e agradável. Tudo que precisávamos era encontrado lá naquele espaço, desde a manicure a uma quitanda de frutas e legumes, a padaria, a loja de sapatos... E eram lojas de pessoas conhecidas.... As pessoas nos conheciam, era uma grande e imensa família naquele centro. A praça era belíssima, havia outras praças próximas, no entorno. Tenho boas recordações, meus bisavós moravam na Rodrigues Alves, naquelas casas que ficam em</i>
6- <i>Cle.</i> - <i>morei alguns anos na década de 60, na época que eu também trabalhei no centro e era muito bom e muito agradável. Eu adorava morar lá no centro. Tudo que precisávamos era encontrado lá naquele espaço, desde a manicure a uma quitanda de frutas e legumes, a padaria, a loja de sapatos... E eram lojas de pessoas conhecidas.... As pessoas nos conheciam, era uma grande e imensa família naquele centro. A praça era</i>	

<p><i>belíssima, havia outras praças próximas, no entorno.</i></p> <p><i>7- Ism. - até que eu gostaria de morar no centro da cidade, mas se voltasse a ter tudo aquilo que eu tive na minha juventude... Mas, infelizmente, hoje é impraticável se morar no centro da cidade. É muito triste.</i></p> <p><i>9- Bar. - Mas tenho boas recordações, meus bisavós moravam na Rodrigues Alves, naquelas casas que ficam em cima de lojas e a gente sempre reunia a família inteira, que era bem grande, no Natal, aniversários, Pascoa... Todas as festas eram nessas casas lá em cima. Tive mais parentes que moraram lá, então tenho boas recordações do centro da cidade, tanto das casas como das lojas, dos passeios. Mas pra morar, hoje em dia já não moraria lá não.</i></p>	<p><i>cima de lojas e a gente sempre reunia a família inteira... Tive mais parentes que moraram lá, então tenho boas recordações do centro da cidade, tanto das casas como das lojas, dos passeios. Então, até que eu gostaria de morar no centro da cidade, mas se voltasse a ter tudo aquilo que eu tive na minha juventude... Mas, infelizmente, hoje é impraticável se morar no centro da cidade. É muito triste.</i></p>
--	---

B - O centro da cidade é inseguro (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>1- Nor. - Atualmente não moraria mais no centro, e acho que a noite é inseguro e deserto.</i></p> <p><i>2- Edl. - Mas hoje não moraria por essa falta de segurança (...) não tem segurança nenhuma de voltar pra sua casa e não ser assaltada no meio do caminho, né?!</i></p> <p><i>5- Rog. - Eu não moraria por causa da segurança</i></p> <p><i>6 - Cle - Infelizmente as questões de segurança e o custo que elas geram para os comerciantes, para os estabelecimentos, para os bancos transformaram em um espaço agora perigoso e triste, principalmente à noite</i></p> <p><i>8 - Dil. - (1a ideia) eu acho meio escuro a noite, eu gosto de ir de dia, mas a noite não... Não gostaria. Também pelo ambiente, acho meio perigoso... A Rodrigues Alves, o Calçadão a noite. Minha amiga mora lá em um prédio e ela disse que é bem perigoso de sair.</i></p> <p><i>10- Gio. - Eu não moraria no centro da cidade por ser uma área que só tem movimento durante o horário de comercio e a noite fica muito abandonado, né?! Então não é um lugar que passa segurança pra se transitar a noite, a partir ai de sete e meia, horas da noite (...) a noite se tornava um lugar deserto e um pouco perigoso de ir até a porta de casa, ficar por ali, entrar e sair, porque é bem abandonado.</i></p>	<p><i>Eu não moraria mais no centro, porque acho que a noite é inseguro e deserto... Não tem segurança nenhuma de voltar pra sua casa e não ser assaltada no meio do caminho, né?! Infelizmente, as questões de segurança e o custo que elas geram para os comerciantes, para os estabelecimentos, para os bancos, transformaram em um espaço agora perigoso e triste, principalmente à noite... É uma área que só tem movimento durante o horário de comercio e a noite fica muito abandonado, né?! Então não é um lugar que passa segurança pra se transitar a noite, a partir ai de sete e meia da noite... se tornava um lugar deserto e um pouco perigoso de ir até a porta de casa, ficar por ali, entrar e sair, porque é bem abandonado... O ambiente, acho meio perigoso... A Rodrigues Alves, o Calçadão a noite. Minha amiga mora lá em um prédio e ela disse que é bem perigoso de sair. Ficou muito comercial o centro da cidade, a noite ficou um lugar deserto, muito escuro, então eu não moraria não.</i></p>

11- Sil. - Ficou muito comercial o centro da cidade, a noite ficou um lugar deserto, muito escuro, então eu não moraria não	
---	--

C - O centro da cidade tem trânsito e barulho (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2- Edl. - O trânsito, o barulho.... Então, fica bem difícil	Eu não moraria mais no centro por conta barulho, principalmente, muito carro passando o tempo inteiro, muita gente... É... Hoje em dia já prefiro um lugar mais tranquilo, com menos pessoas, menos carros, mais coisa verde, mais silêncio, então já não moraria mais lá. Pra chegar na região central, a gente precisa pegar vias extremamente com trânsito, então isso acabava que eu perdia muito tempo do meu dia no trânsito, em congestionamento, pra conseguir me deslocar das minhas atividades principais
4- Kar. - Pra chegar na região central, a gente precisa pegar vias extremamente com trânsito, então isso acabava que eu perdia muito tempo do meu dia no trânsito, em congestionamento, pra conseguir me deslocar das minhas atividades principais	
5- Rog. - trânsito também, pra entrar e sair do imóvel	
9- Bar. - Barulho, principalmente, muito carro passando o tempo inteiro, muita gente... É... Hoje em dia já prefiro um lugar mais tranquilo, com menos pessoas, menos carros, mais coisa verde, mais silêncio, então já não moraria mais lá.	
10- Gio. - durante o dia acaba, como é um lugar de comércio concentrado, sendo muito barulhento, muito movimentado (...) durante o dia muito barulho, muito movimento.	

D - O centro da cidade tem prédios bons (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
3-Ant. - Eu morei ali na Quinze de Novembro e ali eu voltaria a morar sim, porque era gostoso, porque tem prédios bons ainda, é... eles são grandes, de cômodos grandes	Eu ainda moraria no centro da cidade. Eu morei ali na Quinze de Novembro e ali eu voltaria a morar sim, porque era gostoso, porque tem prédios bons ainda, é... eles são grandes, de cômodos grandes.

E - O centro da cidade é menos barulhento e movimentado que outros bairros (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
12 - Car. - Hoje está menos barulhento do que muitos outros bairros. O maior barulho hoje é referente a ônibus circular, mas não está tão barulhento como outros bairros que já estão piores que o centro em termos de movimento.	Eu moraria no centro da cidade sim, como já morei, tá?! Hoje está menos barulhento do que muitos outros bairros. O maior barulho hoje é referente a ônibus circular, mas não está tão barulhento como outros bairros que já estão piores que o centro em termos de movimento.

DSC – GRUPO B - PESSOAS QUE JÁ RESIDIRAM NO CENTRO DA CIDADE E HOJE NÃO RESIDEM MAIS

Questão 3: O que te leva a ir ao centro da cidade de Bauru atualmente?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
<p>1- <u>Nor.</u> - <u>Quando preciso, gosto de fazer compras (cosméticos, eletrodomésticos) na Batista, no início da manhã, quando ainda tem pouco movimento.</u> Estaciono o carro na Bandeirantes e caminho pelo centro. Antes ia na papelaria Jalovi, mas depois que abriu uma filial nos Altos da cidade, prefiro ir na outra loja. Também, nunca mais fui à missa na Catedral. E todos os anos fazíamos uma atividade com os alunos do primeiro ano do Curso de AU da UNESP e percorríamos toda a área central e caminhávamos ao longo da ferrovia. Mas, a cada ano, observávamos a área mais degradada.</p>	<p>(1a ideia) - Quando preciso, gosto de fazer compras (cosméticos, eletrodomésticos) na Batista, no início da manhã, quando ainda tem pouco movimento (A)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (A)</p>
<p>2- <u>Edl.</u> - <u>Na maior parte das vezes é para procurar alguma coisa que não tem no comércio aqui mais pra cima da cidade, mas hoje em dia é muito raro porque a gente acha tudo pela internet, então acabo não indo no centro da cidade pra nada na verdade, né?! E quando costumava frequentar o centro era mais para fazer compras quando não existia shopping, quando não tinha esse comércio que tem agora aqui pra cima, mas agora com todas essas facilidades a gente raramente vai numa Batista de Carvalho, por exemplo, que antes era o ícone de Bauru pra fazer compras, era um passeio agradável, que hoje infelizmente não é mais.</u></p>	<p>(1a ideia) - Na maior parte das vezes é para procurar alguma coisa que não tem no comércio aqui mais pra cima da cidade (B) (2a ideia) - hoje em dia é muito raro porque a gente acha tudo pela internet, então acabo não indo no centro da cidade pra nada na verdade, né?! (...) agora com todas essas facilidades a gente raramente vai numa Batista de Carvalho, por exemplo, que antes era o ícone de Bauru pra fazer compras, era um passeio agradável, que hoje infelizmente não é mais. (C)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos específicos relacionados ao comércio que não são encontrados na região onde vivem ou frequentam (B) Nada leva ao centro da cidade atualmente (C)</p>

<p>3- <i>Ant.</i> - <u>Comercio popular, que eu gosto de comprar, de ver o movimento das pessoas... Hmm... conhecer uma realidade da cidade. Eu ainda gosto muito do centro.</u></p>	<p>(1a ideia) - Comercio popular, que eu gosto de comprar (A)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (A)</p>
<p>4- <i>Kar.</i> - Bom, como eu não moro mais, então eu vou muito pouco ao centro, mas eu vou principalmente por atividades do dia a dia e <u>comércio... É... Acho que é isso.</u></p>	<p>(1a ideia) - comércio... É... Acho que é isso. (A)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (A)</p>
<p>5- <i>Rog.</i> - Bom, eu só vou no centro da cidade pra ir em <u>alguma loja ou comércio que não tenha na zona sul ou no shopping, por exemplo, camelô ou alguma loja específica que não tenha na região sul, daí eu vou no centro da cidade.</u> Aliás, eu odeio ir no centro da cidade.</p>	<p>(1a ideia)- eu só vou no centro da cidade pra ir em alguma loja ou comercio que não tenha na zona sul ou no shopping, por exemplo, camelô ou alguma loja específica que não tenha na região sul, daí eu vou no centro da cidade (B)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos específicos relacionados ao comercio que não são encontrados na região onde vivem ou frequentam (B)</p>
<p>6 - <i>Cle.</i> - Hoje eu só vou ao centro para compras muito específicas, eventualmente, <u>algumas lojas que só tem lá, que a gente está acostumado, que são especializados em determinados artigos e que você não tem uma similar na zona sul ou mais próximo da minha casa... É... e vou também em alguns eventos, por exemplo, na Casa Ponce Paz, que fica na Rua Antônio Alves, esquina com a Rua Ezequiel Ramos. La sempre temos eventos artísticos e eu vou bastante lá, inclusive durante o dia em reuniões com o pessoal que lá trabalha, da Casa de Cultura. É...e eventualmente vamos também a catedral quando há algum casamento, alguma missa especial, mas é muito raro, também como é rara agora a ida as feiras que acontecem aos domingos na Rua Gustavo Maciel, em pleno centro, que era um passeio que todo bauruense sempre gostou. Essa feira era fantástica, mesmo que você tivesse outras feiras durante a semana próxima a sua casa, sempre íamos a</u></p>	<p>(1a ideia) - Hoje eu só vou ao centro para compras muito específicas, eventualmente, algumas lojas que só tem lá, que a gente está acostumado, que são especializados em determinados artigos e que você não tem uma similar na zona sul ou mais próximo da minha casa... (B) (2a ideia) - É... e vou também em alguns eventos, por exemplo, na Casa Ponce Paz, que fica na Rua Antônio Alves, esquina com a Rua Ezequiel Ramos. La sempre temos eventos artísticos e eu vou bastante lá, inclusive durante o dia em reuniões com o pessoal que lá trabalha, da Casa de Cultura. É...e eventualmente vamos também a catedral quando há algum casamento, alguma missa especial, mas é muito raro (D)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos específicos relacionados ao comércio que não são encontrados na região onde vivem ou frequentam (B) O que leva ao centro são atividades culturais (D)</p>

<p>feira da Gustavo Maciel, que é o centro da cidade, que ainda hoje existe e é bastante frequentado.</p>		
<p><u>7 - Ism. - Bom, atualmente, nada me leva ao centro da cidade, porque tudo nós temos nos Altos da Cidade e nos shoppings que existem aqui. Então, as lojas não têm nada mais que ofereça pra gente. Hoje, só vamos no centro da cidade quando vamos em uma loja definida a algum produto que você precise, né?! E tem os bancos que ainda continuam... Banco do Brasil, Banco Santander, que era o antigo Banco do Estado de São Paulo, o Banespa e o Banco Real, que está lá ainda hoje e que virou Santander também. Então, precisa ter a necessidade de ser alguma coisa aí nesses bancos ou em alguma casa que tenha algum material que você necessite. Mas é muito triste mesmo nos dias normais a gente transitar por lá. A nossa Batista de Carvalho, aquele Calçada, poderia ser uma grande via comercial e não é.... Ficou uma coisa, assim, de baixa qualidade.... Vamos dizer assim. Quem comprava antigamente na Batista de Carvalho era bem abastado financeiramente.</u></p>	<p>(1a ideia) - Bom, atualmente, nada me leva ao centro da cidade, porque tudo nós temos nos Altos da Cidade e nos shoppings que existem aqui. Então, as lojas não têm nada mais que ofereça pra gente. (C)</p> <p>(2a ideia) - Hoje, só vamos no centro da cidade quando vamos em uma loja definida a algum produto que você precise, né?! (...) alguma casa que tenha algum material que você necessite (B)</p> <p>(3a ideia) - E tem os bancos que ainda continuam... Banco do Brasil, Banco Santander, que era o antigo Banco do Estado de São Paulo, o Banespa e o Banco Real, que está lá ainda hoje e que virou Santander também. Então, precisa ter a necessidade de ser alguma coisa aí nesses bancos (E)</p>	<p>Nada leva ao centro da cidade atualmente (C)</p> <p>O que leva ao centro são produtos específicos relacionados ao comércio que não são encontrados na região onde vivem ou frequentam (B)</p> <p>O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (E)</p>
<p><u>8- Dil. - No comércio, né?! Comprar coisas na parte de costura, tecidos... Gosto de passear também na Riachuelo, na Tanger... Mas mais tecidos mesmo... "Shoppinho"... Beber água de coco... Mais tecidos e sei lá, comprar uma calcinha, uma camiseta.</u></p>	<p>(1a ideia) - No comércio, né?! Comprar coisas na parte de costura, tecidos... Gosto de passear também na Riachuelo, na Tanger... Mas mais tecidos mesmo... "Shoppinho"... Beber água de coco... Mais tecidos e sei lá, comprar uma calcinha, uma camiseta. (A)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (A)</p>

<p>9- <i>Bar.</i> - Atualmente, eu vou muito pouco. Primeiro, agora nesse ano nem se fale, por causa da pandemia não fui nenhuma vez. Mas ano passado, deixa eu pensar.... <u>Eu vou muito pouco mesmo, é mais pra ir em loja de artesanato, que eu gosto muito da loja que tem lá, e uma loja ou outra de coisas pra casa, de utilidades assim, mas de resto, sinceramente, eu não vou mais lá.</u> Antigamente, eu ia muito.... Minha fase de adolescência assim, eu ia “batistar”, né?! Como a gente falava.... Passava a tardes lá andando sem rumo, indo de loja em loja, comprando tranqueiras e tal, mas hoje em dia já não vou mais.</p>	<p>(1a ideia) - Eu vou muito pouco mesmo, é mais pra ir em loja de artesanato, que eu gosto muito da loja que tem lá, e uma loja ou outra de coisas pra casa, de utilidades assim, mas de resto, sinceramente, eu não vou mais lá. (A)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (A)</p>
<p>10- <i>Gio.</i> - <u>Hoje eu vou ao centro da cidade raramente e apenas quando eu preciso por algum comércio, alguma coisa que eu preciso comprar, alguma coisa que eu vá consumir e que eu não encontro em outros comércios da cidade e eu acabo me deslocando até o centro... é... por pura obrigação, vamos dizer assim, porque é muito ruim de ir e de se locomover por ali, tanto a pé quanto de carro, é um lugar que pra estacionar é muito ruim, então eu evito ir até o centro e só vou em extrema necessidade mesmo, por algum produto que eu preciso consumir.</u></p>	<p>(1a ideia) - Hoje eu vou ao centro da cidade raramente e apenas quando eu preciso por algum comércio, alguma coisa que eu preciso comprar, alguma coisa que eu vá consumir e que eu não encontro em outros comércios da cidade e eu acabo me deslocando até o centro... é... por pura obrigação (...) só vou em extrema necessidade mesmo, por algum produto que eu preciso consumir. (B)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos específicos relacionados ao comércio que não são encontrados na região onde vivem ou frequentam (B)</p>
<p>11- <i>Sil.</i> - <u>O que me leva a ir ao centro são as compras, né?! O comércio é muito bom, o Calçadão também, então muitas lojas, né?! Porque banco tem tudo aqui “pra cima” onde eu moro, mas o comércio ainda é atrativo... Não tenho ido muito, né?! Porque divide um pouco com os shoppings também, mas é um lugar que tem um comércio muito forte, é um comércio forte da região, então leva a gente a</u></p>	<p>(1a ideia) - O que me leva a ir ao centro são as compras, né?! O comércio é muito bom, o Calçadão também, então muitas lojas, né?! (...) é um lugar que tem um comércio muito forte, é um comércio forte da região, então leva a gente a frequentá-lo por isso ai (A)</p>	<p>O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (A)</p>

frequenta-lo por isso ai, mas eu acho o centro com umas mudanças, umas inovações, ficaria muito mais atrativo, muito mais aconchegante.		
12- Car. - <u>Não vou muito ao centro...</u>	(1a ideia) - Não vou muito ao centro... (C)	Nada leva ao centro da cidade atualmente (C)

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

A - O que leva ao centro são produtos ligados ao comércio (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Nor. - <i>Quando preciso, gosto de fazer compras (cosméticos, eletrodomésticos) na Batista, no início da manhã, quando ainda tem pouco movimento.</i></p> <p>3-Ant. - <i>Comercio popular, que eu gosto de comprar</i></p> <p>4- Kar. - <i>comércio... É... Acho que é isso.</i></p> <p>8- Dil. - <i>No comércio, né?! Comprar coisas na parte de costura, tecidos... Gosto de passear também na Riachuelo, na Tanger... Mas mais tecidos mesmo... "Shoppinho" (...) Mais tecidos e sei lá, comprar uma calcinha, uma camiseta.</i></p> <p>9- Bar - <i>Eu vou muito pouco mesmo, é mais pra ir em loja de artesanato, que eu gosto muito da loja que tem lá, e uma loja ou outra de coisas pra casa, de utilidades assim, mas de resto, sinceramente, eu não vou mais lá.</i></p> <p>11- Sil. - <i>O que me leva a ir ao centro são as compras, né?! O comercio é muito bom, o Calçadão também, então muitas lojas, né?! (...) é um lugar que tem um comercio muito forte, é um comercio forte da região, então leva a gente a frequenta-lo por isso ai.</i></p>	<p><i>O que me leva a ir ao centro são as compras, né?! O comercio é muito bom, o Calçadão também, então muitas lojas, né?! é um lugar que tem um comercio muito forte, é um comercio forte da região, então leva a gente a frequenta-lo por isso ai... Comercio popular, que eu gosto de comprar... Comprar coisas na parte de costura, tecidos... Gosto de passear também na Riachuelo, na Tanger... Mas mais tecidos mesmo... "Shoppinho"... Também ir em loja de artesanato, que eu gosto muito da loja que tem lá, e uma loja ou outra de coisas pra casa, de utilidades assim, mas de resto, sinceramente, eu não vou mais lá. Quando preciso, gosto de fazer compras na Batista, no início da manhã, quando ainda tem pouco movimento.</i></p>

B - O que leva ao centro são produtos específicos relacionados ao comércio que não são encontrados na região onde vivem ou frequentam (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Edl. - Na maior parte das vezes é para procurar alguma coisa que não tem no comércio aqui mais pra cima da cidade.</p> <p>5- Rog. - Bom, eu só vou no centro da cidade pra ir em alguma loja ou comércio que não tenha na zona sul ou no shopping, por exemplo, camelô ou alguma loja específica que não tenha na região sul, daí eu vou no centro da cidade.</p> <p>6 - Cle. - Hoje eu só vou ao centro para compras muito específicas, eventualmente, algumas lojas que só tem lá, que a gente está acostumado, que são especializados em determinados artigos e que você não tem uma similar na zona sul ou mais próximo da minha casa...</p> <p>7 - Ism. - Hoje, só vamos no centro da cidade quando vamos em uma loja definida a algum produto que você precise, né?! (...) alguma casa que tenha algum material que você necessite.</p> <p>10- Gio - (1a ideia) Hoje eu vou ao centro da cidade raramente e apenas quando eu preciso por algum comércio, alguma coisa que eu preciso comprar, alguma coisa que eu vá consumir e que eu não encontro em outros comércios da cidade e eu acabo me deslocando até o centro... é... por pura obrigação (...) só vou em extrema necessidade mesmo, por algum produto que eu preciso consumir.</p>	<p>Hoje, eu vou ao centro da cidade raramente e apenas quando eu preciso por algum comércio, alguma coisa que eu preciso comprar, alguma coisa que eu vá consumir e que eu não encontro em outros comércios da cidade e eu acabo me deslocando até o centro... é... por pura obrigação...só vou em extrema necessidade mesmo, por algum produto que eu preciso consumir... Uma loja definida a algum produto que você precise, né?! Alguma casa que tenha algum material que você necessite... Que só tem lá, que a gente está acostumado, que são especializados em determinados artigos e que você não tem uma similar na zona sul ou mais próximo da minha casa, ou no shopping, por exemplo... Como camelô ou alguma loja específica que não tenha na região sul, daí eu vou no centro da cidade.</p>

C - Nada leva ao centro da cidade atualmente (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Edl. - hoje em dia é muito raro porque a gente acha tudo pela internet, então acabo não indo no centro da cidade pra nada na verdade, né?! (...) agora com todas essas facilidades a gente raramente vai numa Batista de Carvalho, por exemplo, que antes era o ícone de Bauru pra fazer compras, era um passeio agradável, que hoje infelizmente não é mais.</p> <p>7 - Ism. - Bom, atualmente, nada me leva ao centro da cidade, porque tudo nós temos nos Altos da Cidade e nos shoppings que existem aqui. Então, as lojas não têm nada mais que ofereça pra gente.</p> <p>12- Car. - Não vou muito ao centro...</p>	<p>Bom, atualmente, nada me leva ao centro da cidade, porque tudo nós temos nos Altos da Cidade e nos shoppings que existem aqui. Então, as lojas não têm nada mais que ofereça pra gente... Além disso, hoje em dia é muito raro porque a gente acha tudo pela internet, então acabo não indo no centro da cidade pra nada na verdade, né?! Agora com todas essas facilidades, a gente raramente vai numa Batista de Carvalho, por exemplo, que antes era o ícone de Bauru pra fazer compras, era um passeio agradável, que hoje infelizmente não é mais. Então, eu não vou muito ao centro...</p>

D - O que leva ao centro são atividades culturais (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>6 - Cle. - <i>É... e vou também em alguns eventos, por exemplo, na Casa Ponce Paz, que fica na Rua Antônio Alves, esquina com a Rua Ezequiel Ramos. Lá sempre temos eventos artísticos e eu vou bastante lá, inclusive durante o dia em reuniões com o pessoal que lá trabalha, da Casa de Cultura. É...e eventualmente vamos também a catedral quando há algum casamento, alguma missa especial, mas é muito raro.</i></p>	<p><i>No centro da cidade, eu vou em alguns eventos, por exemplo, na Casa Ponce Paz, que fica na Rua Antônio Alves, esquina com a Rua Ezequiel Ramos. Lá sempre temos eventos artísticos e eu vou bastante lá, inclusive durante o dia em reuniões com o pessoal que lá trabalha, da Casa de Cultura. É... E eventualmente vamos também à catedral quando há algum casamento, alguma missa especial, mas é muito raro.</i></p>

E - O que leva ao centro são atividades ligadas a prestação de serviços (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>7- Ism. - <i>E tem os bancos que ainda continuam... Banco do Brasil, Banco Santander, que era o antigo Banco do Estado de São Paulo, o Banespa e o Banco Real, que está lá ainda hoje e que virou Santander também. Então, precisa ter a necessidade de ser alguma coisa aí nesses bancos.</i></p>	<p><i>O que me leva a ir ao centro são os bancos que ainda continuam... Banco do Brasil, Banco Santander, que era o antigo Banco do Estado de São Paulo, o Banespa e o Banco Real, que está lá ainda hoje e que virou Santander também. Então, precisa ter a necessidade de ser alguma coisa aí nesses bancos.</i></p>

DSC – GRUPO C - PESSOAS QUE RESIDEM NO CENTRO DA CIDADE

Questão 1: Qual sua impressão sobre o centro da cidade de Bauru? É um local agradável ou desagradável? Poderia explicar por que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
1- Ros. - Para mim, o centro da cidade é um local agradável porque eu encontro tudo que eu preciso, <u>já estou acostumada.</u>	(1a ideia) - local agradável porque eu encontro tudo que eu preciso (A) (2a ideia) - já estou acostumada (B)	Encontro tudo que preciso no centro da cidade (A) Estou acostumada com o centro da cidade (B)
2- Vit. - <u>O centro da cidade para mim, que moro aqui, não é um local muito agradável pela quantidade de pessoas indo e vindo por causa de ônibus, por causa de trabalho, é... Até mesmo pessoas que estão indo comprar alguma coisa, então, assim, é uma grande quantidade de pessoas assim, que acaba incomodando um pouco pra quem mora ali e as vezes está querendo descansar, por conta do barulho, né?! Também um ponto negativo é a grande quantidade de morador de rua e alguns usuários de droga, que tem sempre pedindo dinheiro, ou mesmo você vê umas cenas de pessoas usando drogas nas praças ou até mesmo no centro né?! Daí isso não é muito agradável. Mas por outro lado, o que me atrai muito e o que deixa satisfeito de morar no centro é que, assim, tudo a menos de um quarteirão você consegue encontrar, é... desde uma agulha até, sei lá, um móvel ou qualquer outra coisa que você precisa, você acaba encontrando. Uma coisa que faltava era um mercado, mas desde que abriu o Confiança nas Nações e o Confiança no centro, acabou agregando assim um pouco mais e facilitou pra gente não ter que se deslocar até um outro mercado em outra área da cidade.</u>	(1a ideia) - O centro da cidade para mim, que moro aqui, não é um local muito agradável pela quantidade de pessoas indo e vindo por causa de ônibus, por causa de trabalho, é... Até mesmo pessoas que estão indo comprar alguma coisa, então, assim, é uma grande quantidade de pessoas assim (C) (2a ideia) - acaba incomodando um pouco pra quem mora ali e as vezes está querendo descansar, por conta do barulho, né?! (D) (3a ideia) - um ponto negativo é a grande quantidade de morador de rua e alguns usuários de droga, que tem sempre pedindo dinheiro, ou mesmo você vê umas cenas de pessoas usando drogas nas praças ou até mesmo no centro né?! Daí isso não é muito agradável. (E) (4a ideia) - o que me atrai muito e o que deixa satisfeito de morar no centro é que, assim, tudo a menos de um quarteirão você consegue encontrar, é... desde uma agulha até, sei lá, um móvel ou qualquer outra coisa que você precisa, você acaba encontrando. Uma coisa que faltava era um mercado, mas desde que abriu o Confiança nas Nações e o Confiança no centro, acabou agregando assim um pouco mais e facilitou pra gente não ter que se deslocar até um outro mercado em outra área da cidade. (A)	O centro da cidade é muito movimentado (C) O centro da cidade é barulhento (D) O centro da cidade é inseguro (E) Encontro tudo que preciso no centro da cidade (A)
3- Mar. - Bauru tem algumas características em função do sitio em que foi implantada e do traçado	(1a ideia) - Bauru tem algumas características em função do sitio em que foi implantada e do traçado	O centro da cidade não é bonito (F) O centro da cidade é

original em quadriculas, que tem as ruas bem regulares e até amplas, mas com pouquíssima arborização nas vias e praças públicas, muitas delas inclusive ocupadas por igrejas e órgãos públicos, que é o caso da atual Câmara Municipal, antiga cadeia, delegacia, correio, né?! Então isso passa uma imagem de monotonia e muita aridez, especialmente na cidade, que tem um clima muito quente. A produção arquitetônica também não é relevante, né?! Não temos grandes edifícios de destaque, exceto alguns edifícios da ferrovia que tem um grande potencial, inclusive todo pátio ferroviário, a linha férrea tem um grande potencial de desenvolver projetos, né?! Que valorizem a área central, só que esses edifícios atualmente estão muito ociosos, desocupados, vazios, muitos deles depredados, então reforça uma imagem de insegurança que o centro tem, principalmente pela ociosidade noturna. Na verdade, eu sempre acompanhei essa questão muito de perto, né?! Porque moradora do centro e trabalhando na prefeitura nessa questão, tentando incentivar esse tipo de ocupação noturna, a gente sempre identificou pelas estáticas que o centro da cidade não é a de maior criminalidade, mas tem essa imagem de insegurança, né?! Porque como ela fica muito ociosa, muito vazia a noite, passa essa imagem de que é uma área insegura. Mas, concluindo, pra mim, enquanto moradora, eu acho uma área agradável por ela ser um centro mais aberto, comparado com outras cidades do porte de Bauru, é... muitas vezes os centros originais da cidade, né, se pegar Ribeirão Preto, que eu conheço um pouco melhor assim, mas outras cidades que eu já passei...Campinas... tem um centro muito congestionado, muito densificado, isso daí causa um aspecto mais desagradável pra mim, né?! Tem a questão da ocupação, que é mais interessante, mas a alta densidade também é desagradável. No nosso caso, eu acho que o fato do centro ser um pouco mais aberto, mais arejado, também me traz uma sensação mais agradável, tá?!

original em quadriculas, que tem as ruas bem regulares e até amplas, mas com pouquíssima arborização nas vias e praças públicas, muitas delas inclusive ocupadas por igrejas e órgãos públicos, que é o caso da atual Câmara Municipal, antiga cadeia, delegacia, correio, né?! Então isso passa uma imagem de monotonia e muita aridez, especialmente na cidade, que tem um clima muito quente.

A produção arquitetônica também não é relevante, né?! Não temos grandes edifícios de destaque, exceto alguns edifícios da ferrovia que tem um grande potencial, inclusive todo pátio ferroviário, a linha férrea tem um grande potencial de desenvolver projetos, né?! Que valorizem a área central, só que esses edifícios atualmente estão muito ociosos, desocupados, vazios, muitos deles depredados, então reforça uma imagem de insegurança que o centro tem, principalmente pela ociosidade noturna **(F)**

(2a ideia) - pelas estáticas que o centro da cidade não é a de maior criminalidade, mas tem essa imagem de insegurança, né?!

Porque como ela fica muito ociosa, muito vazia a noite, passa essa imagem de que é uma área insegura. **(E)**

(3a ideia) - eu acho uma área agradável por ela ser um centro mais aberto, comparado com outras cidades do porte de Bauru (...) No nosso caso, eu acho que o fato do centro ser um pouco mais aberto, mais arejado, também me traz uma sensação mais agradável, tá?! **(G)**

inseguro **(E)**
O centro da cidade é aberto e arejado **(G)**

<p>4- <i>Marc.</i> - Eu acho agradável morar no centro por causa do conforto que ele me oferece, porque <u>eu conheço muita gente próxima, já sei quase tudo assim que eu vou buscar, então já é fácil pra mim, não preciso ficar quebrando muito minha cabeça e posso fazer tudo a pé.</u></p>	<p>(1a ideia) - eu conheço muita gente próxima, já sei quase tudo assim que eu vou buscar, então já é fácil pra mim, não preciso ficar quebrando muito minha cabeça (B)</p>	<p>Estou acostumada com o centro da cidade (B)</p>
<p>5- <i>Ali.</i> - Eu não sei se chega a ser uma impressão desagradável que eu tenho, mas ela também não é agradável. É... <u>Penso que poderia ser mais bem cuidado, né?! Mais revitalizado, mais bonito.</u></p>	<p>(1a ideia) - Penso que poderia ser mais bem cuidado, né?! Mais revitalizado, mais bonito. (F)</p>	<p>O centro da cidade não é bonito (F)</p>
<p>6- <i>Pau.</i> - Local desagradável porque há muita violência.</p>	<p>(1a ideia) - há muita violência. (E)</p>	<p>O centro da cidade é inseguro (E)</p>
<p>7- <i>Ade.</i> - <u>Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Morar no centro é ótimo, eu considero como ótimo morar no centro... Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil.</u></p>	<p>(1a ideia) - Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Morar no centro é ótimo, eu considero como ótimo morar no centro... Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil. (A)</p>	<p>Encontro tudo que preciso no centro da cidade (A)</p>
<p>8 - <i>Dan.</i> - <u>É agradável pelas inúmeras lojas que tem, tudo tá perto, um monte de bancos, mas o barulho... É... no centro não tem silêncio, né?! Depois das 22h as pessoas acham que por ser centro da cidade não tem moradores, não tem pessoas que moram por aqui e é desagradável nesse ponto mesmo, pelo barulho que tem aqui, é muita poluição sonora e é isso.</u></p>	<p>(1a ideia) - É agradável pelas inúmeras lojas que tem, tudo tá perto, um monte de bancos (A) (2a ideia) - mas o barulho... É... no centro não tem silêncio, né?! Depois das 22h as pessoas acham que por ser centro da cidade não tem moradores, não tem pessoas que moram por aqui e é desagradável nesse ponto mesmo, pelo barulho que tem aqui, é muita poluição sonora e é isso. (D)</p>	<p>Encontro tudo que preciso no centro da cidade (A) O centro da cidade é barulhento (D)</p>
<p>9 - <i>Van</i> - <u>A minha impressão sobre o centro da cidade de Bauru é o seguinte.... Eu acho assim, tem muito camelo, horrível pra passar, a gente fica apertado, o espaço fica pequeno, os camelos nem mais desmontam as barracas, eles deixam as barracas de um dia para o outro. Eu respeito, eu sei que eles têm que trabalhar, que eles estão pagando taxa para prefeitura e tudo, mas o pedestre não consegue andar na calçada tranquilamente porque estão sentados e atrapalhando. O centro de Bauru não é arborizado,</u></p>	<p>(1a ideia) - A minha impressão sobre o centro da cidade de Bauru é o seguinte.... Eu acho assim, tem muito camelo, horrível pra passar, a gente fica apertado, o espaço fica pequeno, os camelos nem mais desmontam as barracas, eles deixam as barracas de um dia para o outro. Eu respeito, eu sei que eles têm que trabalhar, que eles estão pagando taxa para prefeitura e tudo, mas o pedestre não consegue andar na calçada tranquilamente porque estão sentados e atrapalhando. (C)</p>	<p>O centro da cidade é muito movimentado (C) O centro da cidade não é bonito (F)</p>

<p><u>eu acho que deveria ter mais arvores, eu acho que deveria ter “bebedor” na rua, nas calçadas... E...A minha impressão é que o centro da cidade é muito feio. Essa é minha opinião.</u></p>	<p>(2a ideia) - O centro de Bauru não é arborizado, eu acho que deveria ter mais arvores, eu acho que deveria ter “bebedor” na rua, nas calçadas... E...A minha impressão é que o centro da cidade é muito feio. Essa é minha opinião. (F)</p>	
<p>10 - Pat. - <u>Eu gosto de morar aqui, porque com eu te falei, eu nasci no centro e nasci em uma casa pequenininha e depois meu pai comprou a casa que a gente está até hoje, que eu mudei pra cá com seis meses. Então, eu consegui, assim, passar por vários momentos aqui nessa rua, conhecendo aí o bairro. Já foi bem melhor, antigamente era mais tranquilo, é... A gente podia, assim, ficar na área conversando, não tinha, assim, o perigo que tem hoje.</u></p> <p><u>Eu ainda gosto de morar aqui porque facilita muito o transporte, é próximo de vários lugares, temos aí quatro ou cinco mercados próximos daqui, que me facilita bastante, é perto do meu trabalho também,</u> que eu trabalho aqui no Unisagrado, que é bem pertinho.</p> <p><u>Eu gosto sim, mas tem essa questão ai da segurança, que não está bom. A gente percebe aqui no centro, principalmente à noite, um perigo constante, né?! Muitos noias na rua, né?! Droga, prostituição, a gente vê bastante aqui porque as Nações Unidas ficam na esquina da minha casa. Então, assim, essa parte realmente é bem complicada, né?! A segurança, a polícia, ela não tá muito presente aqui no centro não pelo que a gente percebe, tá bom?! E o barulho também que as vezes incomoda um pouco, principalmente das avenidas porque eu moro perto de um cruzamento, então existe um barulho.</u> Mas, assim, hoje eu mudaria para um bairro que não fosse muito longe porque eu acostumei bastante a morar no centro pela facilidade.</p>	<p>(1a ideia) - Eu gosto de morar aqui, porque com eu te falei, eu nasci no centro e nasci em uma casa pequenininha e depois meu pai comprou a casa que a gente está até hoje, que eu mudei pra cá com seis meses. Então, eu consegui, assim, passar por vários momentos aqui nessa rua, conhecendo aí o bairro. (B)</p> <p>(2a ideia) - Eu ainda gosto de morar aqui porque facilita muito o transporte, é próximo de vários lugares, temos aí quatro ou cinco mercados próximos daqui, que me facilita bastante, é perto do meu trabalho também (A)</p> <p>(3a ideia) - tem essa questão ai da segurança, que não está bom. A gente percebe aqui no centro, principalmente à noite, um perigo constante, né?! Muitos noias na rua, né?! Droga, prostituição, a gente vê bastante aqui porque as Nações Unidas ficam na esquina da minha casa. Então, assim, essa parte realmente é bem complicada, né?! A segurança, a polícia, ela não tá muito presente aqui no centro não pelo que a gente percebe, tá bom?! (E)</p> <p>(4a ideia) - E o barulho também que as vezes incomoda um pouco, principalmente das avenidas porque eu moro perto de um cruzamento, então existe um barulho (D)</p>	<p>Estou acostumada com o centro da cidade (B)</p> <p>Encontro tudo que preciso no centro da cidade (A)</p> <p>O centro da cidade é inseguro (E)</p> <p>O centro da cidade é barulhento (D)</p>
<p>11- Mat. - <u>A minha impressão por morar no centro de Bauru é que eu acho um lugar muito agitado, né?! Como eu moro perto das Nações, é bem agitado, sempre tem carros passando, barulho...</u> Mas eu gosto sim, eu acho bem agradável. Nunca tive problema pra reclamar, alguma coisa do tipo... Eu acho que no meu quarto principalmente, não faz tanto</p>	<p>(1a ideia) - A minha impressão por morar no centro de Bauru é que eu acho um lugar muito agitado, né?! Como eu moro perto das Nações, é bem agitado (C)</p> <p>(2a ideia) sempre tem carros passando, barulho... (D)</p>	<p>O centro da cidade é muito movimentado (C)</p> <p>O centro da cidade é barulhento (D)</p>

barulho... É mais perto da rua, mais perto da frente da casa. Eu gosto... Eu acho bem agradável sim.		
12 - <i>Dir.</i> - Moro no centro de Bauru há muitos anos. Sempre gostei. <u>Perto de tudo. Mas atualmente, estou achando muito barulho. Esta me deixando a desejar.</u>	(1a ideia) - Perto de tudo. (A) (2a ideia) atualmente, estou achando muito barulho. Esta me deixando a desejar. (D)	Encontro tudo que preciso no centro da cidade (A) O centro da cidade é barulhento (D)

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

A - Encontro tudo que preciso no centro da cidade (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- <i>Ros.</i> - local agradável porque eu encontro tudo que eu preciso.</p> <p>2- <i>Vit.</i> - o que me atrai muito e o que deixa satisfeito de morar no centro é que, assim, tudo a menos de um quarteirão você consegue encontrar, é... desde uma agulha até, sei lá, um móvel ou qualquer outra coisa que você precisa, você acaba encontrando. Uma coisa que faltava era um mercado, mas desde que abriu o Confiança nas Nações e o Confiança no centro, acabou agregando assim um pouco mais e facilitou pra gente não ter que se deslocar até um outro mercado em outra área da cidade.</p> <p>7- <i>Ade.</i> - Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Morar no centro é ótimo, eu considero como ótimo morar no centro... Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil.</p> <p>8 - <i>Dan.</i> - É agradável pelas inúmeras lojas que tem, tudo tá perto, um monte de bancos.</p> <p>10- <i>Pat.</i> - Eu ainda gosto de morar aqui porque facilita muito o transporte, é próximo de vários lugares, temos aí quatro ou cinco mercados próximos daqui, que me facilita bastante, é perto do meu trabalho também.</p>	<p>O centro da cidade é agradável porque eu encontro tudo que eu preciso... Perto de tudo... O que me atrai muito e o que deixa satisfeito de morar no centro é que, assim, tudo a menos de um quarteirão você consegue encontrar, é... desde uma agulha até, sei lá, um móvel ou qualquer outra coisa que você precisa, você acaba encontrando. Uma coisa que faltava era um mercado, mas desde que abriu o Confiança nas Nações e o Confiança no centro, acabou agregando assim um pouco mais e facilitou pra gente não ter que se deslocar até um outro mercado em outra área da cidade... É agradável pelas inúmeras lojas que tem, tudo tá perto, um monte de bancos. Eu ainda gosto de morar aqui porque facilita muito o transporte, é próximo de vários lugares, temos aí quatro ou cinco mercados próximos daqui, que me facilita bastante, é perto do meu trabalho também. Assim, eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Morar no centro é ótimo, eu considero como ótimo morar no centro... Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil.</p>

12- Dir. - Perto de tudo.	
---------------------------	--

B - Estou acostumada(o) com o centro da cidade (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Ros. - <i>já estou acostumada.</i></p> <p>4 - Marc. - <i>eu conheço muita gente próxima, já sei quase tudo assim que eu vou buscar, então já é fácil pra mim, não preciso ficar quebrando muito minha cabeça.</i></p> <p>10- Pat. - <i>Eu gosto de morar aqui, porque com eu te falei, eu nasci no centro e nasci em uma casa pequenininha e depois meu pai comprou a casa que a gente está até hoje, que eu mudei pra cá com seis meses. Então, eu consegui, assim, passar por vários momentos aqui nessa rua, conhecendo aí o bairro.</i></p>	<p><i>O centro da cidade é agradável porque eu já estou acostumada... Eu conheço muita gente próxima, já sei quase tudo assim que eu vou buscar, então já é fácil pra mim, não preciso ficar quebrando muito minha cabeça. Assim, eu gosto de morar aqui, porque com eu te falei, eu nasci no centro e nasci em uma casa pequenininha e depois meu pai comprou a casa que a gente está até hoje, que eu mudei pra cá com seis meses. Então, eu consegui, assim, passar por vários momentos aqui nessa rua, conhecendo aí o bairro.</i></p>

C - O centro da cidade é muito movimentado (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Vit. - <i>O centro da cidade para mim, que moro aqui, não é um local muito agradável pela quantidade de pessoas indo e vindo por causa de ônibus, por causa de trabalho, é... Até mesmo pessoas que estão indo comprar alguma coisa, então, assim, é uma grande quantidade de pessoas assim.</i></p> <p>9- Van. - <i>A minha impressão sobre o centro da cidade de Bauru é o seguinte.... Eu acho assim, tem muito camelo, horrível pra passar, a gente fica apertado, o espaço fica pequeno, os camelos nem mais desmontam as barracas, eles deixam as barracas de um dia para o outro. Eu respeito, eu sei que eles têm que trabalhar, que eles estão pagando taxa para prefeitura e tudo, mas o pedestre não consegue andar na calçada tranquilamente porque estão sentados e atrapalhando.</i></p> <p>11- Mat. - <i>A minha impressão por morar no centro de Bauru é que eu acho um lugar muito agitado, né?! Como eu moro perto das Nações, é bem agitado</i></p>	<p><i>O centro da cidade de Bauru é desagradável pela quantidade de pessoas indo e vindo por causa de ônibus, por causa de trabalho, é... Até mesmo pessoas que estão indo comprar alguma coisa, então, assim, é uma grande quantidade de pessoas assim. Além disso, a minha impressão sobre o centro da cidade de Bauru é o seguinte.... Eu acho assim, tem muito camelô, horrível pra passar, a gente fica apertado, o espaço fica pequeno, os camelôs nem mais desmontam as barracas, eles deixam as barracas de um dia para o outro. Eu respeito, eu sei que eles têm que trabalhar, que eles estão pagando taxa para prefeitura e tudo, mas o pedestre não consegue andar na calçada tranquilamente porque estão sentados e atrapalhando. A minha impressão por morar no centro de Bauru é que eu acho um lugar muito agitado, né?! Como eu moro perto das Nações, é bem agitado.</i></p>

D - O centro da cidade é barulhento (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Vit. - acaba incomodando um pouco pra quem mora ali e as vezes está querendo descansar, por conta do barulho, né?!</p> <p>8- Dan. - mas o barulho... É... no centro não tem silencio, né?! Depois das 22h as pessoas acham que por ser centro da cidade não tem moradores, não tem pessoas que moram por aqui e é desagradável nesse ponto mesmo, pelo barulho que tem aqui, é muita poluição sonora e é isso.</p> <p>10- Pat. - E o barulho também que as vezes incomoda um pouco, principalmente das avenidas porque eu moro perto de um cruzamento, então existe um barulho.</p> <p>11 - Mat. - sempre tem carros passando, barulho...</p> <p>12- Dir. - atualmente, estou achando muito barulho. Está me deixando a desejar.</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável pelo barulho... É... no centro não tem silencio, né?! Depois das 22h as pessoas acham que por ser centro da cidade não tem moradores, não tem pessoas que moram por aqui e é desagradável nesse ponto mesmo, pelo barulho que tem aqui, é muita poluição sonora e é isso. Então, acaba incomodando um pouco pra quem mora ali e as vezes está querendo descansar, por conta do barulho, né?! Principalmente das avenidas, porque eu moro perto de um cruzamento, então existe um barulho... sempre tem carros passando... Assim, atualmente, estou achando muito barulho. Está me deixando a desejar.</p>

E - O centro da cidade é inseguro (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Vit. - um ponto negativo é a grande quantidade de morador de rua e alguns usuários de droga, que tem sempre pedindo dinheiro, ou mesmo você vê umas cenas de pessoas usando drogas nas praças ou até mesmo no centro né?! Daí isso não é muito agradável.</p> <p>3- Mar.- pelas estáticas que o centro da cidade não é a de maior criminalidade, mas tem essa imagem de insegurança, né?! Porque como ela fica muito ociosa, muito vazia a noite, passa essa imagem de que é uma área insegura.</p> <p>6- Pau. - há muita violência.</p> <p>10- Pat. - tem essa questão ai da segurança, que não está bom. A gente percebe aqui no centro, principalmente à noite, um perigo constante, né?! Muitos noias na rua, né?! Droga, prostituição, a gente vê bastante aqui porque as Nações Unidas ficam na esquina da minha casa. Então, assim, essa parte realmente é bem complicada, né?! A segurança, a polícia, ela não tá muito presente aqui no centro não pelo que a gente percebe, tá bom?!</p>	<p>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque há muita violência. Assim, tem essa questão ai da segurança, que não está bom. A gente percebe aqui no centro, principalmente à noite, um perigo constante, né?! Muitos noias na rua, né?! Droga, prostituição, a gente vê bastante aqui porque as Nações Unidas ficam na esquina da minha casa. Então, assim, essa parte realmente é bem complicada, né?! A segurança, a polícia, ela não tá muito presente aqui no centro não pelo que a gente percebe, tá bom?! Grande quantidade de morador de rua e alguns usuários de droga, que tem sempre pedindo dinheiro, ou mesmo você vê umas cenas de pessoas usando drogas nas praças ou até mesmo no centro né?! Daí isso não é muito agradável. Ainda que, pelas estáticas, o centro da cidade não é a de maior criminalidade, mas tem essa imagem de insegurança, né?! Porque como ela fica muito ociosa, muito vazia a noite, passa essa imagem de que é uma área insegura.</p>

F - O centro da cidade não é bonito (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>3- Mar. - <i>Bauru tem algumas características em função do sítio em que foi implantada e do traçado original em quadriculas, que tem as ruas bem regulares e até amplas, mas com pouquíssima arborização nas vias e praças públicas, muitas delas inclusive ocupadas por igrejas e órgãos públicos, que é o caso da atual Câmara Municipal, antiga cadeia, delegacia, correio, né?! Então isso passa uma imagem de monotonia e muita aridez, especialmente na cidade, que tem um clima muito quente. A produção arquitetônica também não é relevante, né?! Não temos grandes edifícios de destaque, exceto alguns edifícios da ferrovia que tem um grande potencial, inclusive todo pátio ferroviário, a linha férrea tem um grande potencial de desenvolver projetos, né?! Que valorizem a área central, só que esses edifícios atualmente estão muito ociosos, desocupados, vazios, muitos deles depredados, então reforça uma imagem de insegurança que o centro tem, principalmente pela ociosidade noturna.</i></p> <p>5- Ali. - <i>Penso que poderia ser mais bem cuidado, né?! Mais revitalizado, mais bonito.</i></p> <p>9- Van. - <i>O centro de Bauru não é arborizado, eu acho que deveria ter mais árvores, eu acho que deveria ter “bebedor” na rua, nas calçadas... E...A minha impressão é que o centro da cidade é muito feio. Essa é minha opinião.</i></p>	<p><i>O centro da cidade de Bauru é desagradável porque penso que poderia ser mais bem cuidado, né?! Mais revitalizado, mais bonito. O centro de Bauru também não é arborizado... Eu acho que deveria ter mais árvores, eu acho que deveria ter “bebedor” na rua, nas calçadas... E...A minha impressão é que o centro da cidade é muito feio. Essa é minha opinião. Além disso, Bauru tem algumas características em função do sítio em que foi implantada e do traçado original em quadriculas, que tem as ruas bem regulares e até amplas, mas com pouquíssima arborização nas vias e praças públicas, muitas delas inclusive ocupadas por igrejas e órgãos públicos, que é o caso da atual Câmara Municipal, antiga cadeia, delegacia, correio, né?! Então isso passa uma imagem de monotonia e muita aridez, especialmente na cidade, que tem um clima muito quente. A produção arquitetônica também não é relevante, né?! Não temos grandes edifícios de destaque, exceto alguns edifícios da ferrovia que tem um grande potencial, inclusive todo pátio ferroviário, a linha férrea tem um grande potencial de desenvolver projetos, né?! Que valorizem a área central, só que esses edifícios atualmente estão muito ociosos, desocupados, vazios, muitos deles depredados, então reforça uma imagem de insegurança que o centro tem, principalmente pela ociosidade noturna.</i></p>

G - O centro da cidade é aberto e arejado (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>3- Mar. - <i>eu acho uma área agradável por ela ser um centro mais aberto, comparado com outras cidades do porte de Bauru (...) No nosso caso, eu acho que o fato do centro ser um pouco mais aberto, mais arejado, também me traz uma sensação mais agradável, tá?!</i></p>	<p><i>O centro da cidade é agradável por e ser um centro mais aberto, comparado com outras cidades do porte de Bauru ... No nosso caso, eu acho que o fato do centro ser um pouco mais aberto, mais arejado, também me traz uma sensação mais agradável, tá?!</i></p>

DSC – GRUPO C - PESSOAS QUE RESIDEM NO CENTRO DA CIDADE

Questão 2: Você gosta de morar no centro da cidade de Bauru? Poderia explicar por que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
1- <i>Ros.</i> - <u>Gosto muito de morar no centro da cidade porque eu tenho acesso a tudo que eu preciso, então pra mim, está ótimo.</u>	(1a ideia) - Gosto muito de morar no centro da cidade porque eu tenho acesso a tudo que eu preciso, então pra mim, está ótimo. (A)	Região acessível e perto de tudo (A)
2- <i>Vit.</i> - Eu não gosto, pelos motivos que já falei, mas <u>eu moro porque minha mãe gosta.</u>	(1a ideia) - eu moro porque minha mãe gosta (B)	Proximidade de familiares (B)
3- <i>Mar.</i> - Sim. Estou aqui há 40 anos, desde que me casei, se bem que eu morava no Higienópolis que é uma área também bem próxima ao centro, né?! Mas vim morar aqui na Bandeirantes com a Treze de Maio, praticamente dentro da área central, o que foi até <u>muito interessante porque era próximo da minha sogra e também muito próximo da minha mãe, que me deram muito apoio quando eu tive as crianças... Tive três filhos, então me ajudaram muito nessa parte de apoio, né?! Na criação deles, enquanto eu tava trabalhando, as duas me deram sempre muito apoio e quando eles entraram na escola, primeiro na pré escola e depois na escola regular, eu sempre procurei escolas muito próximas, então o “ir buscar as crianças”, que era a sogra e a minha mãe que faziam sempre com muita facilidade porque estavam aqui próximos de casa. Foram estudar no colégio São José, que além de ser uma boa escola, a gente também poderia ir a pé, né?! Também depois que eles adquiriram certa autonomia, iam sozinhos. O inglês era virando a esquina, o balé e a natação era no Tênis, também a duas quadras de casa. <u>Então, todas essas atividades de ensino e de lazer eram feitas muito próximas de casa. A única coisa que eu sempre senti muita falta era realmente de espaços livres, né?! De praças, de playgrounds, que daí eu tinha que me deslocar até mais pra zona sul,</u></u>	(1a ideia) - muito interessante porque era próximo da minha sogra e também muito próximo da minha mãe, que me deram muito apoio quando eu tive as crianças... Tive três filhos, então me ajudaram muito nessa parte de apoio, né?! (B) (2a ideia) - Então, todas essas atividades de ensino e de lazer eram feitas muito próximas de casa. (A) (3a ideia) - A única coisa que eu sempre senti muita falta era realmente de espaços livres, né?! De praças, de playgrounds, que daí eu tinha que me deslocar até mais pra zona sul, lá no Bosque da Comunidade, onde a gente levava as crianças para brincar na areia, brincar no parquinho ou fazer caminhada, então isso eu sinto bastante falta aqui na área central. (C)	Proximidade de familiares (B) Região acessível e perto de tudo (A) Faltam espaços livres de lazer (C)

<p><u>lá no Bosque da Comunidade, onde a gente levava as crianças para brincar na areia, brincar no parquinho ou fazer caminhada, então isso eu sinto bastante falta aqui na área central.</u></p>		
<p><u>4- Marc. - Eu gosto porque é tudo fácil, eu já fui criada no centro, já conheço tudo, vou a pé em tudo. Tem a parte de hospital, a parte de comercio, a parte de tudo fácil.</u></p>	<p>(1a ideia) - Eu gosto porque é tudo fácil, eu já fui criada no centro, já conheço tudo, vou a pé em tudo. Tem a parte de hospital, a parte de comercio, a parte de tudo fácil. (A)</p>	<p>Região acessível e perto de tudo (A)</p>
<p><u>5- Ali. - Eu gosto de morar no centro sim. Embora já tenha passado por outros momentos, já tenha oscilado nesse sentido, porque eu moro aqui há mais de vinte anos, então já tiveram momentos que eu não gostei, né?! E eu acho que muito disso estava relacionado ao grande fluxo de carros, mas atualmente eu considero que eu gosto, né?! E parando para pensar agora nessa questão do fluxo de carros, eu não sei se o fluxo de carros diminuiu aqui no centro ou se em outros lugares aumentou, né?! E aí acabou ficando parecido... Mas essa foi uma questão que já me incomodou, mas hoje já não me incomoda mais. <u>E eu gosto de morar no centro, eu considero um lugar seguro para morar... é... e é muito fácil, muito prático, né?! Tem muitas coisas por perto, muitas coisas que da pra fazer caminhando, fazer a pé, não precisa de carro, então eu gosto.</u></u></p>	<p>(1a ideia) - eu gosto de morar no centro, eu considero um lugar seguro para morar (D) (2a ideia) - é muito fácil, muito prático, né?! Tem muitas coisas por perto, muitas coisas que da pra fazer caminhando, fazer a pé, não precisa de carro, então eu gosto. (A)</p>	<p>Região segura (D) Região acessível e perto de tudo (A)</p>
<p><u>6- Pau. - Sim, porque é perto de tudo.</u></p>	<p>(1a ideia) é perto de tudo. (A)</p>	<p>Região acessível e perto de tudo (A)</p>
<p><u>7- Ade.- Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Morar no centro é ótimo, eu considero como ótimo morar no centro... Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil.</u></p>	<p>(1a ideia) - Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. (...) Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil. (A)</p>	<p>Região acessível e perto de tudo (A)</p>
<p><u>8 - Dan. - Eu gosto de morar no centro pelo ponto de ter tudo perto, né?! Tudo próximo... Banco, lojas, tudo que você precisar tem aqui no centro... Mercado, padaria... É...</u></p>	<p>(1a ideia) -Eu gosto de morar no centro pelo ponto de ter tudo perto, né?! Tudo próximo... Banco, lojas, tudo que você precisaria tem aqui no centro... Mercado, padaria... É... Então</p>	<p>Região acessível e perto de tudo (A)</p>

<p><u>Então é isso, pela comodidade de ter tudo assim, perto de você.</u></p>	<p>é isso, pela comodidade de ter tudo assim, perto de você. (A)</p>	
<p>9 - Van - Olha, eu moro já no centro da cidade tem anos e eu não gosto de morar no centro da cidade não. Apesar de ter toda a facilidade de ter bancos, supermercados e ter lojas para eu poder fazer compras a hora que eu quiser, <u>eu não gosto por causa do barulho. Na época natalina, fica aberto o comercio até tarde, até os camelos desmontarem as barracas, fazem barulho, depois montam muito cedo e o barulho é constante, tá?! Então não gosto.</u></p>	<p>(1a ideia) - eu não gosto por causa do barulho. Na época natalina, fica aberto o comercio até tarde, até os camelos desmontarem as barracas, fazem barulho, depois montam muito cedo e o barulho é constante, tá?! (E)</p>	<p>Região barulhenta e agitada (E)</p>
<p>10 - Pat. - Eu gosto de morar no centro. De uma maneira geral, podemos dizer que eu tenho 80% de satisfação de morar no centro, é... embora tenha <u>essa questão aí da segurança, que não é muito boa, né?! A gente vê aí muitas questões, a noite principalmente, que não dá pra você ficar na calçada... Se você for, assim, até em lugar perto daqui, em lugares próximos, por exemplo o Boulevard aqui... Eu moro a cinco quadras do Boulevard, do shopping, bem pertinho, só que pra voltar à noite, por exemplo, não da. Se a gente for a tarde a pé é tranquilo, só que a noite assim não dá, tem que ir de carro mesmo ou se você está sem carro, você acaba voltando pra casa com motorista de aplicativo porque é bem perigoso mesmo. Mas de uma maneira geral eu gosto, então digamos 80% <u>eu tenho satisfação de morar aqui no centro pelas facilidades que tem e também, assim, é muito fácil de você se dirigir pra vários bairros praticamente. Então você pode ir pra qualquer bairro daqui da minha casa que não é tão longe...</u> assim, digamos que você não precisa atravessar a cidade... Bauru não é tão grande, mas mesmo assim, as vezes faz a diferença.</u></p>	<p>(1a ideia) - essa questão aí da segurança, que não é muito boa, né?! A gente vê aí muitas questões, a noite principalmente, que não dá pra você ficar na calçada... Se você for, assim, até em lugar perto daqui, em lugares próximos, por exemplo o Boulevard aqui... Eu moro a cinco quadras do Boulevard, do shopping, bem pertinho, só que pra voltar à noite, por exemplo, não da. Se a gente for a tarde a pé é tranquilo, só que a noite assim não dá, tem que ir de carro mesmo ou se você está sem carro, você acaba voltando pra casa com motorista de aplicativo porque é bem perigoso mesmo. (F) (2a ideia) - eu tenho satisfação de morar aqui no centro pelas facilidades que tem e também, assim, é muito fácil de você se dirigir pra vários bairros praticamente. Então você pode ir pra qualquer bairro daqui da minha casa que não é tão longe. (A)</p>	<p>Região insegura (F) Região acessível e perto de tudo (A)</p>
<p>11- Mat. - <u>Eu gosto de morar aqui no centro, principalmente porque sempre tem coisas muito perto... Sempre tem mercado, farmácia, né?! Tem o Shopping aqui perto... Sempre tem lugares que a gente pode visitar e eu acho isso bem legal. É fácil o acesso, né?! A esses lugares... E eu gosto disso, eu acho um ponto muito forte aqui de morar</u></p>	<p>(1a ideia) - Eu gosto de morar aqui no centro, principalmente porque sempre tem coisas muito perto... Sempre tem mercado, farmácia, né?! Tem o Shopping aqui perto... Sempre tem lugares que a gente pode visitar e eu acho isso bem legal. É fácil o acesso, né?! (A)</p>	<p>Região acessível e perto de tudo (A)</p>

no centro, né?! Tem o Calçadão aqui em cima.... Eu acho bem legal.		
12 - <i>Dir.</i> - <u>Está me deixando a desejar...Pretendo vender a minha casa... Ir para um lugar mais calmo.</u>	(1a ideia) Pretendo vender a minha casa... Ir para um lugar mais calmo. (E)	Região barulhenta e agitada (E)

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

A - Região acessível e perto de tudo (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- <i>Ros.</i> - <i>Gosto muito de morar no centro da cidade porque eu tenho acesso a tudo que eu preciso, então pra mim, está ótimo.</i></p> <p>3- <i>Mar.</i> - <i>Então, todas essas atividades de ensino e de lazer eram feitas muito próximas de casa.</i></p> <p>4- <i>Marc.</i> - <i>Eu gosto porque é tudo fácil, eu já fui criada no centro, já conheço tudo, vou a pé em tudo. Tem a parte de hospital, a parte de comercio, a parte de tudo fácil.</i></p> <p>5- <i>Ali.</i> - <i>é muito fácil, muito prático, né?! Tem muitas coisas por perto, muitas coisas que dá pra fazer caminhando, fazer a pé, não precisa de carro, então eu gosto.</i></p> <p>6- <i>Pau.</i> - <i>é perto de tudo.</i></p> <p>7- <i>Ade.-</i> <i>Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. (...) Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil.</i></p> <p>8- <i>Dan.</i> - <i>Eu gosto de morar no centro pelo ponto de ter tudo perto, né?! Tudo próximo... Banco, lojas, tudo que você precisar tem aqui no centro... Mercado, padaria... É... Então é isso, pela comodidade de ter tudo assim, perto de você.</i></p> <p>10 - <i>Pat.</i> - <i>eu tenho satisfação de morar aqui no centro pelas facilidades que tem e também, assim, é muito fácil de você se dirigir pra vários bairros praticamente. Então você pode ir pra qualquer bairro daqui da minha casa que não é tão longe.</i></p>	<p><i>Eu gosto muito de morar no centro porque tudo que você precisa, você tem por perto. Você precisa de uma farmácia, você precisa de um mercado, um posto de gasolina, igreja, um jardim.... Então é tudo mais próximo do que morar em um lugar distante, em um bairro distante aí. Evita muitos problemas e tem muitas facilidades pra gente... Tudo que você vai fazer é mais fácil. Banco, lojas, tudo que você precisar tem aqui no centro... Mercado, padaria... É... Então é isso, pela comodidade de ter tudo assim, perto de você. Tem o Shopping aqui perto... Sempre tem lugares que a gente pode visitar e eu acho isso bem legal. É fácil o acesso, né?! Eu gosto porque é tudo fácil, eu já fui criada no centro, já conheço tudo, vou a pé em tudo... muitas coisas que da pra fazer caminhando, fazer a pé, não precisa de carro, então eu gosto. Além disso, todas as atividades de ensino e de lazer podem ser feitas muito próximas de casa. Assim, eu tenho satisfação de morar aqui no centro pelas facilidades que tem e também, assim, é muito fácil de você se dirigir pra vários bairros praticamente. Então você pode ir pra qualquer bairro daqui da minha casa que não é tão longe.</i></p>

11- Mat. - *Eu gosto de morar aqui no centro, principalmente porque sempre tem coisas muito perto... Sempre tem mercado, farmácia, né?! Tem o Shopping aqui perto... Sempre tem lugares que a gente pode visitar e eu acho isso bem legal. É fácil o acesso, né?!*

B - Proximidade de familiares (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2- Vit. - <i>eu moro porque minha mãe gosta.</i>	<i>Eu gosto de morar no centro porque é próximo da minha sogra e também muito próximo da minha mãe, que me deram muito apoio quando eu tive as crianças... Tive três filhos, então me ajudaram muito nessa parte de apoio, né?! Enfim, eu moro porque minha mãe gosta.</i>
3- Mar. - <i>muito interessante porque era próximo da minha sogra e também muito próximo da minha mãe, que me deram muito apoio quando eu tive as crianças... Tive três filhos, então me ajudaram muito nessa parte de apoio, né?!</i>	

C - Faltam espaços livres de lazer (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
3- Mar. - <i>A única coisa que eu sempre senti muita falta era realmente de espaços livres, né?! De praças, de playgrounds, que daí eu tinha que me deslocar até mais pra zona sul, lá no Bosque da Comunidade, onde a gente levava as crianças para brincar na areia, brincar no parquinho ou fazer caminhada, então isso eu sinto bastante falta aqui na área central.</i>	<i>Eu não gosto de morar no centro porque eu sempre senti muita falta de espaços livres, né?! De praças, de playgrounds, que daí eu tinha que me deslocar até mais pra zona sul, lá no Bosque da Comunidade, onde a gente levava as crianças para brincar na areia, brincar no parquinho ou fazer caminhada, então isso eu sinto bastante falta aqui na área central.</i>

D - Região segura (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
5- Ali. - <i>eu gosto de morar no centro, eu considero um lugar seguro para morar.</i>	<i>Eu gosto de morar no centro porque considero um lugar seguro para morar.</i>

E - Região barulhenta e agitada (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
9- Van. - <i>eu não gosto por causa do barulho. Na época natalina, fica aberto o comercio até tarde, até os camelos desmontarem as barracas, fazem barulho, depois montam muito cedo e o barulho é constante, tá?!</i>	<i>Eu não gosto de morar no centro por causa do barulho. Na época natalina, fica aberto o comercio até tarde, até os camelos desmontarem as barracas, fazem barulho, depois montam muito cedo e o barulho é constante, tá?! Então pretendo vender a minha casa... Ir para um lugar mais calmo.</i>
12- Dir. - <i>Pretendo vender a minha casa... Ir para um lugar mais calmo.</i>	

F - Região insegura (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>10- Pat. - essa questão aí da segurança, que não é muito boa, né?! A gente vê aí muitas questões, a noite principalmente, que não dá pra você ficar na calçada... Se você for, assim, até em lugar perto daqui, em lugares próximos, por exemplo o Boulevard aqui... Eu moro a cinco quadras do Boulevard, do shopping, bem pertinho, só que pra voltar à noite, por exemplo, não dá. Se a gente for a tarde a pé é tranquilo, só que a noite assim não dá, tem que ir de carro mesmo ou se você está sem carro, você acaba voltando pra casa com motorista de aplicativo porque é bem perigoso mesmo.</i></p>	<p><i>Eu não gosto de morar no centro por conta dessa questão aí da segurança, que não é muito boa, né?! A gente vê aí muitas questões, a noite principalmente, que não dá pra você ficar na calçada... Se você for, assim, até em lugar perto daqui, em lugares próximos, por exemplo o Boulevard aqui... Eu moro a cinco quadras do Boulevard, do shopping, bem pertinho, só que pra voltar à noite, por exemplo, não dá. Se a gente for a tarde a pé é tranquilo, só que a noite assim não dá, tem que ir de carro mesmo ou se você está sem carro, você acaba voltando pra casa com motorista de aplicativo porque é bem perigoso mesmo.</i></p>

DSC – GRUPO C - PESSOAS QUE RESIDEM NO CENTRO DA CIDADE

Questão 3: Você sente necessidade de buscar outras regiões da cidade para atender as atividades do seu dia-a-dia? Pode dizer quais?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS-CENTRAIS	ANCORAGEM
<p>1- Ros. - Com certeza, eu tenho a necessidade de buscar outras atividades do dia-a-dia. <u>Tem vez que eu preciso ir em farmácias de formulas, que aqui perto não tem, ao supermercado comprar mercadorias que aqui em volta eu não encontro, as vezes não tem, né? E também à médicos, que são bem longe pra gente.</u> Então, essas são as prioridades maiores, né?! Talvez pela a idade que nós temos aqui em casa, então fica mais difícil, mas o resto a gente vai levando.</p>	<p>(1a ideia) Tem vez que eu preciso ir em farmácias de formulas, que aqui perto não tem, ao supermercado comprar mercadorias que aqui em volta eu não encontro, as vezes não tem, né? (A) (2a ideia) E também à médicos, que são bem longe pra gente. (B)</p>	<p>O que leva a outras regiões são produtos ligados ao comércio (A) O que leva a outras regiões são atividades ligadas a prestação de serviços (B)</p>
<p>2- Vit. - <u>O que me faz deslocar um pouco do centro é mesmo pra sair com amigos, lazer, restaurante, bar, que a gente não encontra muito no centro da cidade, né?! Comida boa, lugar agradável, calmo, isso não tem no centro, então, assim, o centro mesmo é um lugar que facilita assim na vida, mas em questão de lazer e, sei lá, coisas de qualidade, a gente acaba tendo que se deslocar do centro para outras áreas da cidade mesmo.</u></p>	<p>(1a ideia) O que me faz deslocar um pouco do centro é mesmo pra sair com amigos, lazer, restaurante, bar, que a gente não encontra muito no centro da cidade, né?! Comida boa, lugar agradável, calmo, isso não tem no centro, então, assim, o centro mesmo é um lugar que facilita assim na vida, mas em questão de lazer e, sei lá, coisas de qualidade, a gente acaba tendo que se deslocar do centro para outras áreas da cidade mesmo. (C)</p>	<p>O que leva a outras regiões são atividades ligadas ao lazer (C)</p>
<p>3- Mar. - Com relação a compras, eu sempre procurei privilegiar o comercio da área central, mas com o passar dos anos, esse tipo de comercio foi esvaziando aqui do centro e se deslocando para a zona sul. <u>Então, comercio de roupas mais finas, calçados, presentes, moveis, é... e mesmo mercado, eu acabo usando bastante a zona sul, eu tenho que me deslocar porque aqui a região central não oferece muitas dessas opções. E uma coisa que eu sinto muita falta é de atividade noturna, né?! Então, se a gente quer comer</u></p>	<p>(1a ideia) Com relação a compras, eu sempre procurei privilegiar o comercio da área central, mas com o passar dos anos, esse tipo de comercio foi esvaziando aqui do centro e se deslocando para a zona sul. Então, comercio de roupas mais finas, calçados, presentes, moveis, é... e mesmo mercado, eu acabo usando bastante a zona sul, eu tenho que me deslocar porque aqui a região central não oferece muitas dessas opções. (A) (2a ideia) E uma coisa que eu sinto muita falta é de atividade noturna, né?! Então, se a gente quer comer fora, tomar uma cerveja, comer um petisco, a</p>	<p>O que leva a outras regiões são produtos ligados ao comércio (A) O que leva a outras regiões são atividades ligadas ao lazer (C)</p>

<p><u>fora, tomar uma cerveja, comer um petisco, a gente não tem esse tipo de opção aqui na zona central, a gente tem que se deslocar realmente.</u></p>	<p>gente não tem esse tipo de opção aqui na zona central, a gente tem que se deslocar realmente. (C)</p>	
<p><u>4- Marc. -Não, eu não preciso. Eu acho tudo aqui no centro mesmo, então eu já nem vou procurar em outros lugares porque eu consigo encontrar tudo aqui.</u></p>	<p>(1a ideia) Não, eu não preciso. Eu acho tudo aqui no centro mesmo, então eu já nem vou procurar em outros lugares porque eu consigo encontrar tudo aqui. (D)</p>	<p>Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade (D)</p>
<p><u>5- Ali. - Atualmente, como eu trabalho em uma outra região, então às vezes, assim, eu acabo fazendo coisas do dia-a-dia nesse trajeto, então às vezes eu acabo fazendo em outra região, mas não é uma necessidade. Em outros tempos, eu acho que eu fazia muito mais coisas aqui no centro mesmo, né?! Então se eu precisava de alguma coisa, de alguma coisa que tinha em loja do centro, eu ia... é... farmácia, papelaria, coisas assim, né?! Eu sempre fui aqui no centro mesmo e a pé, né?! Eu dava uma corridinha lá e ia, era uma caminhada curta, então <u>necessidade de outras coisas fora do centro, eu não sinto, né?! Mais ainda agora que abriu o supermercado, que era o que a gente estava mais acostumado a fazer compras, então abriu agora aqui no centro... Então tudo que a gente precisa tem por aqui. O que acontece, de as vezes não fazer por aqui é por conta de trabalhar em outro lugar e acabar resolvendo alguma coisa nesse momento assim, durante esse trajeto, mas tudo que precisa tem aqui.</u></u></p>	<p>(1a ideia) então necessidade de outras coisas fora do centro, eu não sinto, né?! Mais ainda agora que abriu o supermercado, que era o que a gente estava mais acostumado a fazer compras, então abriu agora aqui no centro... Então tudo que a gente precisa tem por aqui. (D)</p>	<p>Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade (D)</p>
<p><u>6- Pau. - Não sinto necessidade nenhuma porque é perto de tudo.</u></p>	<p>(1a ideia) Não sinto necessidade nenhuma porque é perto de tudo. (D)</p>	<p>Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade (D)</p>
<p><u>7- Ade.- Às vezes você tem, por exemplo, um médico no Altos da Cidade e você tem a necessidade de ir até lá, quer dizer, tá fora do centro e aí você tem que ir nesse local, mas é uma coisa esporádica, não é uma coisa como o centro, que você quase está todo dia lá. <u>Então tem sim a necessidade as vezes de ir em um consultório médico ou uma coisa que você não acha no centro e a</u></u></p>	<p>(1a ideia) Às vezes você tem, por exemplo, um médico no Altos da Cidade e você tem a necessidade de ir até lá, quer dizer, tá fora do centro e aí você tem que ir nesse local (...) Então tem sim a necessidade as vezes de ir em um consultório médico ou uma coisa (B)</p>	<p>O que leva a outras regiões são atividades ligadas a prestação de serviços (B)</p>

<p>loja tá lá no Altos, mas é esporádico. Pra mim, o que vale mesmo é o centro da cidade.</p>		
<p><u>8 - Dan. - Sim, eu busco outras regiões da cidade em relação, as vezes, a mercado, porque eu prefiro ir em outro mercado do que o que tem aqui no centro... É... Academia, por exemplo, eu vou em outra região, não aqui no centro... É... Salão de beleza... É... Essas partes mesmo.</u></p>	<p>(1a ideia) Sim, eu busco outras regiões da cidade em relação, as vezes, a mercado, porque eu prefiro ir em outro mercado do que o que tem aqui no centro... (A) (2a ideia) É... Academia, por exemplo, eu vou em outra região, não aqui no centro... É... Salão de beleza... É... Essas partes mesmo (B)</p>	<p>O que leva a outras regiões são produtos ligados ao comércio (A) O que leva a outras regiões são atividades ligadas a prestação de serviços (B)</p>
<p><u>9 - Van - Olha, as atividades do dia-a-dia, como trabalho, é... moradia... Eu gostaria de morar em um lugar mais calmo, sem ser o centro da cidade. E hoje em dia, todos os bairros aqui de Bauru tem bancos, tem supermercados e te lojas que atenderiam as minhas necessidades tranquilamente. Então, não busco e não acho que quem não mora aqui precisa buscar o centro também.</u></p>	<p>(1a ideia) Então, não busco e não acho que quem não mora aqui precisa buscar o centro também. (D)</p>	<p>Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade (D)</p>
<p><u>10 - Pat. - Sim, eu busco sim. Por exemplo, supermercados, as vezes eu acabo indo em supermercados de bairros diferentes, no Altos da Cidade, as vezes ali no Jardim Contorno, que eu gosto bastante de ir no Confiança ali... Flex... Que fica ali, próximo da Servimed, aquela região ali, eu gosto. E também, as vezes.... Agora na pandemia nós não estamos saindo muito, mas eu gosto <u>quando a gente tem algo pra fazer a noite... Um restaurante, um barzinho, que eu gosto bastante de frequentar, e ai acabo indo mesmo para outros bairros, né?! Aqui, por exemplo, é... Na Getúlio Vargas, algum restaurante ali ou então tem um barzinho também que fica ali na Rua Bernardino de Campos, que é o Napoleão Bar, que é um pub assim, que toca música ao vivo e, assim, eu frequento bastante... É um pouquinho longe daqui, mas vale a pena. É mais assim nesses pontos... Padaria também as vezes eu quero algo diferenciado, então também eu acabo indo para uma padaria que seja um pouco mais distante... Doce Momento, que fica lá no Altos da Cidade...Copacabana, né?! Então, também eu me dirijo sim</u></u></p>	<p>(1a ideia) Por exemplo, supermercados, as vezes eu acabo indo em supermercados de bairros diferentes, no Altos da Cidade, as vezes ali no Jardim Contorno, que eu gosto bastante de ir no Confiança ali... (...) Padaria também as vezes eu quero algo diferenciado, então também eu acabo indo para uma padaria que seja um pouco mais distante...(..) e tem uma feira noturna ali perto da Getúlio Vargas, na Fuas de Mattos Sabino, que fica ali no Jardim América, né?! E eu preciso comprar algumas coisas assim, que vende em feira... Eu gosto... Alguns legumes mais fresquinhos, ovo... E eu vou lá agora... É um pouquinho longe, mas vale a pena. (A) (2a ideia) quando a gente tem algo pra fazer a noite... Um restaurante, um barzinho, que eu gosto bastante de frequentar, e ai acabo indo mesmo para outros bairros, né?! (C)</p>	<p>O que leva a outras regiões são produtos ligados ao comércio (A) O que leva a outras regiões são atividades ligadas ao lazer (C)</p>

<p>praticamente, digamos que umas duas, três vezes por semana, eu vou para outros bairros, me dirijo para outros bairros mesmo. Mas, assim, depois do serviço, depois do trabalho, porque, como eu disse pra você, eu trabalho próximo da minha casa, então depois do trabalho assim, eu acabo indo buscar algumas coisas diferentes em outros bairros pra fazer compra, né?! Então, que nem, agora por exemplo, <u>eu sei que tem uma feira noturna ali perto da Getúlio Vargas, na Fuas de Mattos Sabino, que fica ali no Jardim América, né?! E eu preciso comprar algumas coisas assim, que vende em feira... Eu gosto... Alguns legumes mais fresquinhos, ovo... E eu vou lá agora... É um pouquinho longe, mas vale a pena.</u></p>		
<p>11- <i>Mat.</i> - Olha, eu acho que uma necessidade assim de buscar outro lugar, eu acho que não... Não é algo que eu necessito, que eu preciso realmente.</p>	<p>(1a ideia) Olha, eu acho que uma necessidade assim de buscar outro lugar, eu acho que não... Não é algo que eu necessito, que eu preciso realmente. (D)</p>	<p>Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade (D)</p>
<p>12 - <i>Dir.</i> - <u>Não, aqui tem tudo...</u></p>	<p>(1a ideia) Não, aqui tem tudo... (D)</p>	<p>Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade (D)</p>

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD 2

A - O que leva a outras regiões são produtos ligados ao comércio (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Ros. - <i>Tem vez que eu preciso ir em farmácias de formulas, que aqui perto não tem, ao supermercado comprar mercadorias que aqui em volta eu não encontro, as vezes não tem, né?</i></p> <p>3- Mar. - <i>Com relação a compras, eu sempre procurei privilegiar o comercio da área central, mas com o passar dos anos, esse tipo de comercio foi esvaziando aqui do centro e se deslocando para a zona sul. Então, comercio de roupas mais finas, calçados, presentes, moveis, é... e mesmo mercado, eu acabo usando bastante a zona sul, eu tenho que me deslocar porque aqui a região central não oferece muitas dessas opções.</i></p> <p>8 - Dan. - <i>Sim, eu busco outras regiões da cidade em relação, as vezes, a mercado, porque eu prefiro ir em outro mercado do que o que tem aqui no centro...</i></p> <p>10 - Pat. - <i>Por exemplo, supermercados, as vezes eu acabo indo em supermercados de bairros diferentes, no Altos da Cidade, as vezes ali no Jardim Contorno, que eu gosto bastante de ir no Confiança ali... (...) Padaria também as vezes eu quero algo diferenciado, então também eu acabo indo para uma padaria que seja um pouco mais distante...(...) e tem uma feira noturna ali perto da Getúlio Vargas, na Fuas de Mattos Sabino, que fica ali no Jardim América, né?! E eu preciso comprar algumas coisas assim, que vende em feira... Eu gosto... Alguns legumes mais fresquinhos, ovo... E eu vou lá agora... É um pouquinho longe, mas vale a pena.</i></p>	<p><i>Eu busco outras regiões da cidade com relação a compras... Eu sempre procurei privilegiar o comercio da área central, mas com o passar dos anos, esse tipo de comercio foi esvaziando aqui do centro e se deslocando para a zona sul. Então, comercio de roupas mais finas, calçados, presentes, móveis, é... e mesmo mercado, eu acabo usando bastante a zona sul, eu tenho que me deslocar porque aqui a região central não oferece muitas dessas opções... eu prefiro ir em outro mercado do que o que tem aqui no centro... comprar mercadorias que aqui em volta eu não encontro, as vezes não tem, né? Às vezes eu acabo indo em supermercados de bairros diferentes, no Altos da Cidade, as vezes ali no Jardim Contorno, que eu gosto bastante de ir no Confiança ali... Padaria também as vezes eu quero algo diferenciado, então também eu acabo indo para uma padaria que seja um pouco mais distante. Tem uma feira noturna ali perto da Getúlio Vargas, na Fuas de Mattos Sabino, que fica ali no Jardim América, né?! E eu preciso comprar algumas coisas assim, que vende em feira... Eu gosto... Alguns legumes mais fresquinhos, ovo... E eu vou lá agora... É um pouquinho longe, mas vale a pena. Também tem vez que eu preciso ir em farmácias de fórmulas, que aqui perto não tem.</i></p>

B - O que leva a outras regiões são atividades ligadas a prestação de serviços (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1- Ros. - <i>E também à médicos, que são bem longe pra gente.</i></p> <p>7- Ade. - <i>Às vezes você tem, por exemplo, um médico no Altos da Cidade e você tem a necessidade de ir até lá, quer dizer, tá fora do centro e aí você tem que ir nesse local (...)</i> Então</p>	<p><i>Eu busco outras regiões da cidade com relação à médicos, que são bem longe pra gente. Então, tem sim a necessidade as vezes de ir em um consultório médico... Às vezes você tem, por exemplo, um médico no Altos da Cidade e você tem a necessidade de ir até lá, quer dizer, tá fora do centro e aí você tem que ir nesse local. Além</i></p>

<p><i>tem sim a necessidade as vezes de ir em um consultório médico ou uma coisa.</i></p> <p>8- Dan. - <i>É... Academia, por exemplo, eu vou em outra região, não aqui no centro... É... Salão de beleza... É... Essas partes mesmo</i></p>	<p><i>disso, academia, por exemplo, eu vou em outra região, não aqui no centro... É... Salão de beleza... É... Essas partes mesmo.</i></p>
---	--

C - O que leva a outras regiões são atividades ligadas ao lazer (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>2- Vit. - <i>O que me faz deslocar um pouco do centro é mesmo pra sair com amigos, lazer, restaurante, bar, que a gente não encontra muito no centro da cidade, né?! Comida boa, lugar agradável, calmo, isso não tem no centro, então, assim, o centro mesmo é um lugar que facilita assim na vida, mas em questão de lazer e, sei lá, coisas de qualidade, a gente acaba tendo que se deslocar do centro para outras áreas da cidade mesmo.</i></p> <p>3- Mar. - <i>E uma coisa que eu sinto muita falta é de atividade noturna, né?! Então, se a gente quer comer fora, tomar uma cerveja, comer um petisco, a gente não tem esse tipo de opção aqui na zona central, a gente tem que se deslocar realmente</i></p> <p>10- Pat. - <i>quando a gente tem algo pra fazer a noite... Um restaurante, um barzinho, que eu gosto bastante de frequentar, e ai acabo indo mesmo para outros bairros, né?!</i></p>	<p><i>O que me faz deslocar um pouco do centro é mesmo pra sair com amigos, lazer, restaurante, bar, que a gente não encontra muito no centro da cidade, né?! Comida boa, lugar agradável, calmo, isso não tem no centro, então, assim, o centro mesmo é um lugar que facilita assim na vida, mas em questão de lazer e, sei lá, coisas de qualidade, a gente acaba tendo que se deslocar do centro para outras áreas da cidade mesmo. Assim, uma coisa que eu sinto muita falta é de atividade noturna, né?! Então, se a gente quer comer fora, tomar uma cerveja, comer um petisco, a gente não tem esse tipo de opção aqui na zona central, a gente tem que se deslocar realmente... Um restaurante, um barzinho, que eu gosto bastante de frequentar, e ai acabo indo mesmo para outros bairros, né?</i></p>

D - Não há necessidade de procurar outras regiões da cidade (Ancoragem)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>4- Marc. - <i>Não, eu não preciso. Eu acho tudo aqui no centro mesmo, então eu já nem vou procurar em outros lugares porque eu consigo encontrar tudo aqui.</i></p> <p>5- Ali. - <i>então necessidade de outras coisas fora do centro, eu não sinto, né?! Mais ainda agora que abriu o supermercado, que era o que a gente estava mais acostumado a fazer compras, então abriu agora aqui no centro... Então tudo que a gente precisa tem por aqui.</i></p> <p>6- Pau. - <i>Não sinto necessidade nenhuma porque é perto de tudo.</i></p>	<p><i>Não, eu não preciso me deslocar para outras regiões da cidade. Eu acho tudo aqui no centro mesmo, então eu já nem vou procurar em outros lugares porque eu consigo encontrar tudo aqui. Então, necessidade de outras coisas fora do centro, eu não sinto, né?! Mais ainda agora que abriu o supermercado, que era o que a gente estava mais acostumado a fazer compras, então abriu agora aqui no centro... Então tudo que a gente precisa tem por aqui... É perto de tudo. Então, não busco e não acho que quem não mora aqui precisa buscar o centro também ... Não é algo que eu necessito, que eu preciso realmente. Aqui tem tudo...</i></p>

9- Van. - *Então, não busco e não acho que quem não mora aqui precisa buscar o centro também.*

11- Mat. - *Olha, eu acho que uma necessidade assim de buscar outro lugar, eu acho que não... Não é algo que eu necessito, que eu preciso realmente.*

12 - Dir. -*Não, aqui tem tudo...*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
respeita as resoluções 466/2012 e 510/2016

NOME DO PARTICIPANTE:

DATA DE NASCIMENTO: __/__/____. IDADE: ____

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: _____ Nº _____

GÊNERO: M () F ()

ENDEREÇO:

BAIRRO: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ FONE: _____.

Eu, _____,

declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: POR UM RESGATE DO ESPACO PÚBLICO: UM OLHAR PARA A PAISAGEM DA REGIÃO CENTRAL DE BAURU/SP, que tem por objetivo pesquisar a percepção do centro da cidade Bauru/SP como uma metodologia para leitura da paisagem. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição – que será guardado por dois (02) anos e será posteriormente eliminada. Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Salientamos que suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome ou qualquer uma das empresas que seja mencionado, em qualquer fase do estudo. Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato/email do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. O projeto de pesquisa será conduzido por **Maria Fernanda Serrano Sartori**, do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo,

orientada pelo Profa. Dra. Norma Regina Truppel Constantino, pertencente ao quadro docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design /UNESP/Bauru. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação de: Dissertação de Mestrado observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. Fui esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Bauru, _____ de _____ de _____.

_____.

Assinatura do participante

Assinatura: _____

Orientadora/RG: 964478-4

Prof. (ª) Dra. Norma Regina Truppel Constantino

Endereço: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Campus Bauru. Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa – Bauru/SP Tel: 3103-6059

E-mail: norma.rt.constantino@unesp.br

Assinatura: _____

Pesquisador Responsável/RG: 46.749.705-9

Nome: Maria Fernanda Serrano Sartori

Endereço: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Campus Bauru. Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa – Bauru/SP Tel: (14) 3103-6059

E-mail: fernandassartori@gmail.com